

▲ ▲ CRISE SISTÊMICA ▲ ▲

veredas estratégicas

Marcelo Leal (ORG.)



OUTRAS
EXPRESSÕES

*Aos camponatos do mundo, esses teimosos
que nos garantem alimentos, sabedoria e esperança
para cuidar da Terra, nossa casa comum.*

*À Fundação Rosa Luxemburgo,
aliada da luta camponesa e popular.*

*À companheira Leile Teixeira, pela maravilhosa
companhia na construção deste livro. Exemplo
de humildade, inteligência orgânica e disciplina.*

*A Rubia Steffens, por me ensinar que uma deficiência
não impõe limite às capacidades humanas.*

*À minha avó, Sr.^a Sebastiana da Silva Leal,
vítima da COVID-19, pelo exemplo de
humildade, fé na vida e a mesa farta.*

CRISE SISTÊMICA



veredas estratégicas

Marcelo Leal (ORG.)

Sumário

Este livro é resultado da sistematização dos Seminários Estratégicos da Realidade Brasileira, produzido com apoio da Fundação Rosa Luxemburgo através do Projeto Seminários Virtuais em Assuntos Estratégicos.

REALIZAÇÃO

Associação Nacional da Agricultura Camponesa
Movimento dos Pequenos Agricultores

ORGANIZAÇÃO

Marcelo Leal Teles da Silva

SISTEMATIZAÇÃO

Leile Silvia Candido Teixeira (coordenação), Elaine Martins Moreira, Maria Angelica Paixão Frazão, Rebecca Tillmann Pompe Scholler Pires e Andreza dos Santos Araujo

GRUPO DE ESTUDO MOVIMENTOS DOS PEQUENOS AGRICULTORES

Josineide Costa, Leomárcio Silva, Rafaela Alves, Maria José da Costa, Frei Sérgio Görden, Raul Krauser e Marcelo Leal Teles da Silva

COORDENAÇÃO GERAL DOS SEMINÁRIOS

Josineide Costa

ASSESSORIA TÉCNICA EM COMUNICAÇÃO

Rubia Steffens
Marcos Antônio Corbari

REVISÃO ORTOGRÁFICO-GRAMATICAL

Alana Ferreira

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Fábio Marinho

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

C932 Crise sistêmica : veredas estratégicas / Marcelo Leal Teles da Silva (org). --1.ed.-- São Paulo : Outras Expressões, 2020.
129 p.

Este livro é resultado da sistematização dos Seminários Estratégicos da Realidade Brasileira, produzido com apoio da Fundação Rosa Luxemburgo através do Projeto Seminários Virtuais em Assuntos Estratégicos. ISBN 978-65-87389-08-0

1. Democracia liberal - Crise. 2. Lutas de classe. 3. Campesinato. 4. Crise - Economia política. 5. Mundo do trabalho. I. Silva, Marcelo Leal Teles de. II. Título.

CDU 321.8

Catalogação na Publicação:
Eliane M. S. Jovanovich CRB 9/1250

Apresentação	7
CAPÍTULO 1 Crise das democracias liberais e poder de Estado	
Virgínia Fontes	15
CAPÍTULO 2 Mundo do trabalho	
Cézar Maranhão	31
CAPÍTULO 3 Ideologia e ascensão conservadora	
Pastor Henrique Vieira	43
Mauro Iasi	54
CAPÍTULO 4 Ecologia e luta de classes	
Marildo Menegat	69
Enrique Ortega	84
Leonardo Boff	118
CAPÍTULO 5 Campesinato, soberania alimentar e abastecimento popular	
Jan Douwe van der Ploeg	135
Paulo Petersen	150
CAPÍTULO 6 Economia política da crise	
Paulo Nakatani	171
Márcio Pochmann	182
CAPÍTULO 7 Geopolítica	
Monica Brukmann	197
Elias Jabbour	226
José Luis Fiori	249
Autoras e autores	279

Apresentação

O ano de 2020 marcou a história. A civilização capitalista foi apanhada em uma de suas maiores crises. Aspectos antes, aparentemente, isolados, confluíram gerando uma crise de novo tipo e evidenciando a indissociabilidade entre exploração da força de trabalho em escala mundial e a destruição da Biosfera sob o domínio do Modo de Produção Capitalista em sua fase imperialista e senil.

Em julho de 2018, nosso Movimento assinalava que estávamos vivenciando um período de transição¹, que resultaria em profundas crises e tensões e trazia a exigência da retomada da construção estratégica na esquerda brasileira e Latino-americana. Sumariamente, caracterizamos o período de transição, considerando sete elementos:

1. Crise estrutural do capital sob predomínio do capital financeiro e fictício;
2. Profunda mudança no mundo trabalho (revolução 4.0) e impacto no proletariado;
3. Tendência à multipolaridade de poder através da emergência da China como potência econômica;
4. Esgotamento das democracias liberais;
5. Ascensão conservadora e neofascista associada a novas modalidades de guerras, as guerras híbridas;
6. Aceleração do controle do território e controle dos recursos naturais, que levaria à destruição da natureza, tensões e conflitos entre os povos e o imperialismo;

¹ MPA. Seminário Nacional de Estratégia Camponesa Katison de Souza. Síntese Política. Caruaru, 2018.

7. E no Brasil, o fim do pacto da Nova República (Constituição de 1988) e a derrota da estratégia do campo progressista baseada na combinação da via eleitoral, neodesenvolvimentismo e pacto nacional de conciliação de classes.

À época, muitos analistas já indicavam a possibilidade de crise no mercado de capitais de igual ou maior envergadura que a crise ocorrida em 2008. Era uma questão de tempo, diziam.

Todo esse quadro de análise era acompanhado pelo refluxo na luta de massas, no Brasil, e em Nuestra América. Os bons ventos vindos do México e Argentina indicavam a possibilidade de resistir ao neoliberalismo. Contudo distante de marcar uma nova onda de governos progressistas e lutas de massas.

No final de 2019, ocorre na Bolívia um golpe de tipo clássico, assaltando o poder do Movimento ao Socialismo (MAS) e derrubando o governo de Evo Morales. Por outro lado, no mesmo período, irrompem potentes mobilizações de massas no Equador, Chile, Colômbia e Haiti, indicando a emergência de forças sociais capazes de fazer frente à agenda neoliberal. Ao apagar das luzes de 2019, chegavam da China notícias de um vírus perigoso com alta capacidade infectocontagiosa.

O ano de 2020 se inicia com as lutas de massas pulsando no Chile e Colômbia, sinais de esperança, até que em março, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declara pandemia global causada pela doença COVID-19.

Atônitos, sejamos sinceros, vimos o mundo parar. Cidades e grandes aglomerados humanos foram isolados, viagens e voos cancelados, paralisia em cadeias globais, os preços do petróleo caem a níveis negativos, fronteiras fechadas e o drama da morte em cenário de

guerra biológica, sem direito a despedidas e culto, produz comoção generalizada no ambiente social.

Jorraram análises. Alguns projetaram a necessidade de uma espécie de comunismo global que tecesse o mínimo de cooperação internacional para enfrentar a pandemia; outros, prediziam que a humanidade elevaria seu apreço à vida e que se inaugurava uma nova fase; os mais pessimistas alertavam que se tratava de um gigantesco laboratório de confinamento e controle social global. Por algumas semanas, Michel Foucault voltou a ser lido e citado.

Mas com o passar dos meses, a realidade foi se desdobrando segundo a crueza capitalista.

A cooperação internacional para o enfrentamento da crise, se não existente, foi extremamente rara e pontual. O que imperou foi o papel dos Estados Nacionais irrigando bancos e empresas e os salvando da crise. A produção da vacina se transformou em verdadeira peça na disputa geopolítica internacional. A narrativa das causas da crise não ultrapassou o grau de um ingrediente a mais na guerra geopolítica entre Estados Unidos (EUA) e China.

A intervenção estatal na economia, de modo especial na Europa e EUA, trouxe à baila o debate sobre o fim do neoliberalismo e a volta de políticas desenvolvimentistas de tipo keynesianas. Contudo uma certa recuperação do papel do Estado para o enfrentamento da pandemia e da crise econômica não nos permite caracterizar, até o momento, o enterro da fase neoliberal, principalmente, como política hegemônica para o terceiro mundo e a periferia do capital.

Na América Latina, sem revoluções sociais e câmbios políticos no poder de Estado, há escassas possibilidades de guinada na agenda neoliberal por parte das elites locais promovendo a recuperação do

papel do Estado. O mais provável é que nos marcos da acumulação mundial (e a necessidade de recomposição da taxa de lucro das economias centrais), será inaugurada uma radicalização da acumulação via “recolonização” nua e crua com reprimarização da economia (extrativismo e desindustrialização), acompanhada de rapinagem, fome e violência.

As economias dependentes e a superexploração característica dos países latinos serão impactadas pelas novas tecnologias da revolução 4.0, que atuará como uma verdadeira centrífuga expelindo trabalhadores dos processos produtivos e acelerando a precarização e o aumento da jornada de trabalho, impactando na já deteriorada organização operária e do proletariado em geral. Levantes ali e acolá, especialmente, dos trabalhadores por aplicativos, indicam possibilidade e trazem à tona o tamanho do desafio político-organizativo do proletariado urbano.

A essa altura é mais factível afirmar que, mais que inaugurar uma nova fase histórica (ou fazer saltar novas qualidades no capitalismo mundial), a pandemia e a crise econômica em curso fazem acelerar a consolidação das características do período em transição inaugurado, ao nosso ver, em 2008.

Fica evidente que a pandemia operou como um catalizador, um acelerador histórico, cujos desdobramentos deste novo período ainda são uma grande incógnita.

Num primeiro nível, a privatização e mercantilização do direito à saúde e a inexistência de estruturas internacionais capazes de coordenar um plano de ação entre os países potenciaram os efeitos da pandemia. Mas em um sentido mais profundo, as raízes da crise sistêmica que vivemos residem na superconcentração da população em centros urbanos acoplados internacionalmente aos fluxos incessantes

de mercadoria e pessoas, destruição sistemática dos ecossistemas naturais e agricultura industrial em escala global.

Retomando de onde começamos, a simultaneidade de crises gera um novo quadro de dilemas e desafios históricos que funde, sob a mesma base material e histórica, a crise econômica e social com a crise ecológica. A exploração do trabalho, a concentração e centralização de capital, a brutal desigualdade, as guerras e a destruição das bases físicas e ecológicas encontram sua causa comum no Modo de Produção Capitalista e no seu modo de vida.

Neste quadro, da construção de um projeto que supere a crise civilizatória produzida pelo capitalismo, depende não somente a liberdade dos povos, mas a continuidade das bases ecológicas para a reprodução da vida humana.

É uma exigência histórica a construção de um pensamento revolucionário que articule científica e culturalmente a economia e a ecologia. Tal qual como afirma Chenais,

isso só poderá ser feito no quadro de uma crítica renovada do capitalismo que vincularia, de forma indissociável, a exploração dos dominados pelos possuidores de riqueza e a destruição da natureza e da biosfera. Esse objetivo teórico é partilhado por outros além de nós, mas ainda está longe de fazer parte das posições comuns a todos os marxistas ou ao conjunto das correntes revolucionárias.²

O sentido do desenvolvimento do projeto Chinês e a reação dos EUA são peças centrais no tabuleiro. A transição energética se conformou como um dos eixos centrais na disputa geopolítica mundial.

² https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/16chesnais.pdf. Acessado em 04/12/2020.

As eleições de Joe Biden, nos EUA, e as metas ambientais chinesas apontam nesta direção.

Contudo as soluções estão circunscritas aos aspectos tecnológicos, numa perspectiva de que o desenvolvimento científico e tecnológico pode resolver, indefinidamente, as contradições homem-natureza de maneira independente das condições ecológicas finitas em que operam.

Esta racionalidade é dominante tanto nas ciências econômicas burguesas quanto no seio do marxismo. E destaca o tamanho do desafio em superar a racionalidade metafísica que marca o debate atual:

o pensamento metafísico na relação entre o homem e natureza ou privilegia o aspecto ‘natureza’ e, neste caso, a perspectiva redundante no sombrio vaticínio da aniquilação humana, ou acentua o valor dos ‘homens’, e o horizonte se tingiu do róseo das esperanças infalíveis.³

Ao nosso ver, Álvaro Vieira Pinto faz uma formulação definitiva e nos dá a moldura dialética para o debate das relações sociedade-natureza.

A abertura e o reconhecimento de que modos de produção pré-capitalistas, não mediados pela racionalidade moderna e de mercado, representam substância material e espiritual podem impulsionar a transição rumo a formações sociais, totalidades historicamente concretas de modos de produção e vida, com sentido socialista e ecológico, é aspecto altamente relevante. Os campesinatos representam mais de 40% da população mundial e inúmeros estudos revelam seu papel fundante na construção da Soberania Alimentar e na construção de um biopoder com base em relações ecológicas com a Biosfera.

3 Pinto, Álvaro Vieira. *O Conceito de Tecnologia*. Vol. I. Rio de Janeiro. Contraponto, 2005.

Tomamos partido de que a direção do projeto chinês não está dada. Temos que o sentido está aberto e em disputa: o projeto chinês poderá aprofundar a tragédia da crise sistêmica que vivemos ou representar uma solução orgânica socialista e ecológica que abrirá as portas para uma nova época histórica.

Neste complexo contexto, foram organizados sete seminários virtuais, entre junho e novembro de 2020, na perspectiva de compreender o período histórico, o porvir e as tendências da luta, cujos debates estão sistematizados neste livro.

Para finalizar o quadro geral sob o qual esta obra foi construída, ocorreram eleições municipais no Brasil que demonstraram a força do discurso conservador, apesar de indicar uma derrota neofacista e as dificuldades de progresso eleitoral da esquerda.

Na América Latina, o impressionante movimento de massas chileno avançou rumo a uma constituinte que deve abrir novas possibilidades econômicas, sociais e políticas para suas lutas. O Movimento ao Socialismo, após um ano de resistência de massa, voltou ao governo através das eleições.

O que caracteriza essas duas vitórias foi a luta de massas como construtoras e antessala da conquista institucional. Por outro lado, as esquerdas no Brasil continuam no mesmo patamar estratégico, com uma inovação de método e comunicação aqui e acolá e a emergência de algumas lideranças jovens. Continuam a depositar as esperanças no processo eleitoral, operando todos os esforços de engajamento militante nas campanhas eleitorais em vistas da eleição de um governo progressista.

Entendemos que a eleição de um governo progressista, para além de ser desejável, é um requisito fundamental que deve compor a retomada estratégica das esquerdas brasileiras e Latino-americanas.

Entretanto a construção de um governo popular deve estar inserida num quadro estratégico mais amplo combinado com reconstrução programática, recomposição organizativa junto às classes populares com base no poder popular, criando as bases para a luta de massas que altere a correlação de forças e forme um bloco capaz de conduzir e defender reformas acumulativas e mudanças estruturais.

A pouca propensão a reformas estruturais desafia os governos progressistas que viabilizaram seus governos em cenário de crescimento econômico do início dos anos 2000. O quadro de crise sistêmica impõe retomada estratégica, profundidade e radicalidade de soluções sob o risco dos novos governos ficarem ainda mais aquém frente às necessidades históricas e catapultar as esquerdas e o bloco popular a uma crise ainda maior do que essa que estamos vivenciando.

É como disse Mônica Bruckmann: ou inventamos ou erramos⁴. A crise sistêmica e os desafios do tempo histórico exigem veredas estratégicas.

Marcelo Leal
Dezembro de 2020
Sarandi, RS

⁴ Bruckmann, Mônica. *Ou inventamos ou erramos: a nova conjuntura latino-americana e o pensamento crítico*. Tese de doutorado. Niterói, RJ.

Crise das democracias liberais e Poder de Estado

Virgínia Fontes

Não podemos permitir que o isolamento físico se transforme em isolamento social. É tempo de reafirmar nossos laços de maneira sólida e cotidiana.

O historiador trabalha com passado e presente. Não é um especialista em fazer previsões. O momento atual, especialmente, apresenta muitas dificuldades para projeções políticas.

Reconvertamos nosso grupo de pesquisa em grupo¹ de intervenção na conjuntura. Consideramos um dever, pois como pesquisadores, dispomos de acúmulo teórico, meios e metodologia de pesquisa para estudar e acompanhar os movimentos das classes dominantes no Brasil.

Vou começar com a minha própria pesquisa, pois trata da configuração central do capitalismo contemporâneo: tanto do ponto de vista da relação capital e trabalho quanto do ponto de vista das formas de dominação exercidas no capitalismo contemporâneo. Esse conjunto é o que chamamos de placas tectônicas ou os movimentos do capital que nem sempre estão muito visíveis.

¹ Grupo de Trabalho e Orientação – GTO: www.grupodetrabalhoeorientação.com.br e no site Esquerda Online, coluna “Andar de Cima” <https://esquerdaonline.com.br/colunistas/andar-de-cima/>.

É fundamental considerar que não estamos enfrentando uma crise do capital, mas novamente uma crise do capitalismo. Crise do capital² é quando o capital não consegue reproduzir a sua acumulação de maneira expandida. Isto acontece quando o capital atinge picos agudos de crise econômica e/ou quando as massas populares entram em movimento. Tendencialmente, uma crise do capital ocorre quando as massas populares entram em movimento brechando as condições de recomposição capitalista.

Neste quadro, prefiro afirmar que estamos vivendo mais uma crise capitalista, em que as burguesias procuram beneficiar-se dela lançando os custos da crise que promoveram sobre as costas das classes trabalhadoras.

A crise que estamos vivendo é uma crise econômica e sanitária acopladas. A crise econômica já estava anunciada há pelo menos dois anos. Mesmo os economistas burgueses já a consideravam, só não se sabia qual seria o detonador. Esta crise decorreria, pois, nas últimas crises. Ao invés de haver queima de capitais houve, na verdade, uma doação de recursos públicos para os grandes capitais. As crises capitalistas normalmente ocorrem por excesso de capitais e não por escassez, por excesso de capitais concentrado e centralizado em mãos de poucos proprietários. Esta massa de capitais não consegue valorizar-se na proporção que exige. Essa não valorização gera crises. E quando gera crises, as formas de se sair delas têm sido dramáticas, pois os Estados capitalistas vêm garantindo transferência de recursos públicos para o capital, aumentando ainda mais a massa de capitais que precisa valorizar-se. Para permitir que se valorizem, extorquem

² Para mais detalhes sobre a crise do capital e a crise do capitalismo, assistir ao vídeo na TV Boitempo: <https://www.youtube.com/channel/UCzfw0utuEVxc4D6ggXcqjQ>.

brutalmente as classes trabalhadoras urbanas e rurais. Assistimos, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, acentuada expropriação dos trabalhadores do campo em suas múltiplas formas.

Estas expropriações ocorreram por inúmeras razões: para a construção de barragens, projetos de mineração e de variadas infraestruturas, ou simplesmente pelo avanço das grandes propriedades agrícolas por meio da grilagem e expulsão dos trabalhadores. A expropriação é intensa no mundo e no Brasil. Isto indica o aumento do número de trabalhadores que precisa vender sua força de trabalho e não têm condições de garantir nem mesmo uma parcela de sua subsistência a partir da produção direta de meios de vida, convertidos em mecanismos de exploração do trabalhador, ou seja, em capital.

Para compreender as placas tectônicas do capitalismo contemporâneo, temos que entender que já vivíamos em situação de hiperconcentração e centralização de capital e com uma extensão inaudita do número de trabalhadores que precisam vender sua força de trabalho, com ou sem emprego, com ou sem acesso à garantia da sobrevivência, segundo a configuração de cada país.

A sistemática expropriação dos povos do campo favoreceu a implementação de uma concorrência entre os trabalhadores de novo tipo, pois normalmente os trabalhadores concorrem no mesmo espaço territorial ou social. Por exemplo: os trabalhadores brasileiros não concorrem diretamente com trabalhadores chineses ou estadunidenses, pois eles estão em mercados de trabalho diferentes. O processo de concentração e centralização do capital ocorre a partir de novos mecanismos e da velocidade de circulação de capitais entre os países. Na atualidade, é o próprio capital que inventa a competição entre os trabalhadores, deslocando-se de um país para outro, exigindo barateamento da força de trabalho, menos direitos, redução do custo

do país e menos burocracias. Ou seja, menos mecanismos de controle democráticos sobre o grande capital. Caracteriza-se, portanto, como uma expropriação secundária, ocasionando a perda de direitos associada à venda da força de trabalho e às novas formas de subordinação dos trabalhadores ao capital, ou seja, formas precarizadas. Atualmente, no Brasil, quase metade dos trabalhadores não possuem qualquer forma de contrato e direitos.

Politicamente, isto significa mudanças nas formas de organização da vida social. Essa massa crescente de trabalhadores sem direitos ou com poucos direitos opõe-se à classe de trabalhadores com direitos ou mais direitos, fragmentando a classe trabalhadora sindicalizada (organizada), dificultando a organização da classe trabalhadora. Em outras palavras, o processo de expropriação secundária integra o processo de luta de classes. O capital avança sobre a classe trabalhadora desmantelando suas conquistas e impondo outras formas.

A partir dos anos 50, temos uma estrutura proposta e idealizada capitalista, na forma de democracias representativas. Embora tendo acenado como ideal, este modelo nunca valeu para todos os países, a exemplo do Brasil, que sofreu golpe de Estado empresarial-militar, em 1964, e instaurou a ditadura, que terminou, efetivamente, em 1988, com a Constituinte, assegurada pelas eleições diretas, de 1989.

Mesmo a nova Constituição Federal, não obstante suas conquistas, era considerada por nós como um copo meio cheio ou um copo meio vazio. Mesmo esses direitos, frutos da Constituição, um dia após sua promulgação já estavam sob ataque das classes dominantes. Nós assistimos, durante toda a década de 1990, à perda de direitos e ao avanço das formas organizativas empresariais para contenção e controle dos trabalhadores.

As burguesias internacionais sob a liderança dos Estados Unidos, o principal país imperialista, mas não o único país imperialista, estabeleceu uma nova forma de conexão interburguesa, conexão que envolvia a multiplicação de entidades associativas empresariais sem fins lucrativos, seja para a defesa de interesses setoriais ou para fazer frente aos sindicatos. Estas entidades defendem, formulam e exigem políticas para os setores burgueses. Organizam-se no âmbito nacional e internacional. A propriedade das empresas passou a contar com elementos estrangeiros entrando e saindo da composição. É importante saber que quanto mais avança o processo de concentração e centralização de capital, mais alguns poucos capitalistas passam a ser donos de empresas e ramos produtivos diferentes, comércio e bancos. Para isso, constituem empresas *holding*, que são empresas que não produzem nada, apenas existem para controlar outras, são empresas de propriedade podendo conformar fundos ou permitir que fundos financeiros possam ter participação na sua propriedade. Temos aí um salto a partir daquilo que Lênin chamava de união íntima entre capital industrial e bancário (característico do capital financeiro), para hoje se atingir uma fusão pornográfica das diversas frações do capital, convertendo-as em formas de extrema centralização e concentração da propriedade tornada quase abstrata, ou seja, propriedade da propriedade. Prefiro referir-me ao termo desta forma, em vez de defini-lo apenas como financeirizado, pois o capital é uma relação social.

Esta relação social consiste no movimento de concentração e centralização de riquezas naturais e produzidas em poucas mãos. Esta concentração gera expropriação das parcelas crescentes da população em relação aos bens em geral e os converte em capital, ou seja, em meios para extrair mais valor. Ele não se expande apenas pela venda

especulativa de papéis. É a partir da extração de mais-valor que ele acumula e se expande. A concentração de capital em forma de papéis aumenta o seu poder de impor mecanismos de extração de mais-valor.

Estas entidades associativas atravessam os espaços nacionais. São de base anglo-saxônicas e aparecem paralelas ao Estado. Ao mesmo tempo integram os Estados, pois formulam leis, práticas, integram comitês consultivos e definem as políticas. Ainda na década de 1980/90, estruturam-se outras entidades para formar quadros políticos para a burguesia e também para intervir nas formas de luta da classe trabalhadora com o objetivo de impedir que a emergência das lutas populares possa vir a atacar diretamente o capital.

Esta estratégia não é feita aleatoriamente. Os organismos internacionais, como o Banco Mundial, têm formulado diretrizes para este tipo de trabalho. Repare que há entidades sem fins lucrativos e organismos internacionais interestatais voltados para a expansão do capitalismo.

No caso brasileiro, propagandeou-se que a sociedade civil é neutra, sem a presença do mercado e a intervenção do Estado, tudo podendo resolver-se através dela própria, sociedade civil, uma definição liberal. É como se houvesse algum espaço da vida social, numa sociedade capitalista, que não esteja sob o tacão do Estado e as imposições do mercado e do capital, diferente da formulação gramsciana que aponta a sociedade civil como lugar da luta de classes. Ao mesmo tempo, a formulação de Gramsci aponta ainda que estas entidades não estão desvinculadas do Estado, pelo contrário, integram e servem de meio para que o Estado aumente seu alcance para responder às demandas da reprodução do capital sob a hegemonia burguesa. Isso ocorre, por exemplo, quando um setor ou agrupamento da classe dominante convence as classes dominadas de que é a saída, ou a única saída, legitimando o controle e a direção do Estado.

Para se ter uma noção da expansão desses aparelhos privados de hegemonia, em 1990, havia entre 100 a 120 mil entidades sem fins lucrativos; no final dos anos 1990, já eram 200 mil; e na última pesquisa do IPEA, já eram de 820 mil entidades sem fins lucrativos. Nem todas empresariais, não temos estatística para isso, mas elas conformam algo próximo a 10% do total. O avanço das entidades empresariais, tendencialmente, mina as bases da representação parlamentar, pois tende a deslocar o eixo de atuação empresarial da atuação pública para atuação privada dentro do setor público.

Feitos estes comentários, retornaremos ao terreno da crise que estamos vivendo.

A razão primeira da atual pandemia tem por base a expansão do capitalismo que, portanto, impõe o avanço da fronteira agrícola de maneira bárbara, a partir do confinamento de animais e da redução dos espaços naturais silvestres, aumentando a exposição humana a vírus de outras espécies. Já tivemos algumas epidemias e agora estamos vivendo a primeira grande pandemia a qual estamos sujeitos devido à forma de expansão capitalista. A disseminação da pandemia ocorre pelos fluxos de transportes de bens e pessoas pelo mundo.

Esta pandemia mostra, imediatamente, a precariedade das condições sanitárias da maioria da população em todo o planeta, que resulta de uma devastação deliberada das políticas universais por parte dos organismos internacionais do capital, assim como pelos governos e Estados capitalistas, pelos aparelhos privados de hegemonia burguesa, no intento de converter as políticas em seguro, *voucher*, bônus, *ticket* saúde – mercadoria.

Esta precarização dos serviços de saúde, no mundo inteiro, demonstra o abandono dos procedimentos de prevenção e prevenção ativa. É sugestivo ver como Cuba, mesmo sem dinheiro, enfrentou a

pandemia. Outra experiência a ser estudada é como a China, com 1,2 bilhões de habitantes, fechou todo um estado (província de Hubei) com mais de 60 milhões de habitantes e uma capital (cidade de Wuhan) com mais de 12 milhões de habitantes. A ousadia em fechar estados e cidades industriais inteiras foi fundamental para o êxito no controle da pandemia. Os estados capitalistas recusaram-se a fechar cidades e a paralisar atividades produtivas. Assim, viram os números de contaminados pela pandemia explodir em meio à sua população.

Estados Unidos e Brasil são os mais atingidos pela pandemia. O disparador da crise que foi uma pandemia ocorreu em meio a uma crise econômica, mas impulsionou uma crise econômica um pouco diferente a partir da parada de parcela do processo produtivo. Do ponto de vista social, isso significa desemprego massivo. As burguesias estão enfrentando a crise, repetindo de maneira mecânica a maneira como enfrentam as crises capitalistas: demitindo, retirando direitos e transferindo capital para as grandes empresas. Em outros termos, isso ainda significa, dramaticamente, aprofundar a crise social e aumentar as tensões dessa massa concentrada de capitais que precisa cada vez mais expropriar para poder valorizar-se, mesmo em proporções menores do que pretendia.

Vale lembrar que o boletim da Organização Internacional do Trabalho (OIT), publicado em 30 de junho, dizia que, no primeiro trimestre, perderam-se 155 milhões de empregos em tempo integral. Estima-se, pois, atingir para o segundo semestre 14% da população mundial ou 400 milhões de empregos de tempo integral. É de se conjecturar, portanto, que a crise social que está a caminho não é pequena. Além disso, a OIT enfatiza que os impactos desses processos são bastante desproporcionais sobre as mulheres, para as quais não apenas o volume de trabalho cresceu durante a pandemia nos

ambientes domésticos, mas também a violência doméstica e outras. Além disso, as mulheres são a maior parte do contingente da força de trabalho precarizado. Acrescenta-se ainda que, no Brasil, o impacto será maior sobre mulheres e homens negros, sem mencionar o impacto da própria pandemia que atingirá bairros pobres, negros, indígenas e mulheres.

Temos um cenário em que a precarização que resulta das expropriações secundárias, ou seja, das classes trabalhadoras sem direitos, e que se acelerou, passa a ser operada de maneira selvagem a partir de experimentos com trabalho remoto, especialmente perversos. Assim, talvez o ambiente onde estes impactos são maiores seja o ambiente da educação.

Enquanto isso, as classes dominantes receberam mais de um trilhão de reais, sem contar que, no caso brasileiro, parcela da burguesia com acesso direto à presidência exigiu que suas atividades fossem consideradas como atividades essenciais, obtendo tal concessão do governo federal e dos governos estaduais. O que torna a situação ainda mais chocante é o fato de sabermos que dois setores especialmente alvos de contaminação em situação de pandemias, como mineração e frigoríficos, foram reabertos, continuam funcionando e obtendo lucros. São, portanto, setores de extrema contaminação para os trabalhadores, sem contar a distribuição de lucros faraônicos durante o período da pandemia. Aponta, ainda, o informe do grupo Grain chamado *Agroimperialismo em tempos de COVID-19*³, que em 23 de abril, já sob a pandemia, a Nestlé distribuiu 8 bilhões de dólares para seus proprietários e acionistas e listam outras empresas que fizeram o mesmo, a exemplo da Amazon. Esta, aproveitando a circunstância

3 <https://www.grain.org/es/article/6510-agroimperialismo-em-tempos-de-covid-19>

da pandemia, passou a ser a maior empresa de entrega de produtos a domicílio e que teve o patrimônio líquido do seu proprietário, Jeff Bezos, aumentado em 24 bilhões de dólares.

Repare que estamos vivendo uma situação exclusiva. A pergunta é: o que era o normal? Há uma normalidade a retomar? Queremos retomar essa normalidade?

O normal que tínhamos era a expansão do capital imperialista, que se expande penalizando fortemente as classes trabalhadoras – e as classes trabalhadoras de todos os tipos –. Há, infelizmente, alguns trabalhadores que se imaginam salvos por terem contratos e direitos, mas não perceberam que os direitos estão sendo solapados nos últimos 30 anos.

Qual era, então, nossa política normal, anterior à pandemia? Voltando agora ao Brasil, temos uma história complexa. Nos desdobramentos pós 2013, no qual a emergência de massas populares, sobretudo jovens com trabalhadores sem contrato, mostrou que não havia nem da parte do Estado, nem da parte do governo e do partido que estava no governo, e tampouco da parte das burguesias, condições de controle direto desses trabalhadores. Essa situação de 2013 é uma situação bastante complexa. Mostra que havia um avanço popular, mas que se exigia o quê? Igualdade social. Igualdade social talvez seja a coisa mais perigosa para o capital. O que esta juventude pedia? Ela não era tão politizada para exigir uma revolução, mas era suficientemente politizada para exigir saúde, educação e transporte público padrão FIFA, igual para todos. Essa não era uma questão pequena.

As entidades, os aparelhos privados de hegemonia burguesa não conseguiram segurar as manifestações. Mesmo a Rede Globo não conseguiu controlá-las, apesar de se referir aos manifestantes como vândalos. A própria violência policial que foi brutal, no país inteiro,

e que começou escandalosamente em São Paulo, contribuiu para o movimento crescer. Assistimos, então, à entrada, no meio dessas manifestações, de grupos de extrema direita que estavam sendo nutridos pelos aparelhos privados de hegemonia, que constituíram a base da violência, aprofundando, ainda, o descrédito dos partidos políticos que já dava sinais ao longo daquele período.

O governo Dilma não conseguiu assumir o protagonismo junto a essas massas populares. Na verdade, acredita-se que ela não tenha conseguido entender o que estava acontecendo. Durante algum tempo, as classes dominantes também ficaram perdidas. Imediatamente, a Rede Globo esforça-se por direcionar os eventos para a questão da corrupção e outros interesses não tão expostos assim. Porém, e principalmente, o grosso das burguesias começam a destinar um espaço maior para a extrema direita, que ganha protagonismo na disputa pela direção dos movimentos, mesmo não sendo ainda o maior grupo.

O ano de 2013 mostra que aquelas manifestações não poderiam ser contidas. Evidencia, ao mesmo tempo, a presença da violência como forma de contenção popular. O primeiro grande ato de grande violência é o impeachment de 2016, o golpe de 2016. Assistimos, na esteira dos fatos, a truculência policial crescente sob o governo Temer, agora associado ao elogio e à defesa pública da violência de cunho fascista na campanha, na eleição e agora na presidência de Jair Bolsonaro. Em suma, frente ao crescimento dessas massas de trabalhadores, os movimentos burgueses, que até então achavam que era possível conter essas massas, descobrem e reagem a elas aumentando o teor fascista da sua intervenção. Aumentam, igualmente, a violência policial institucional e, eventualmente, as Forças Armadas. Basta recordarmos que isto não ocorreu apenas no Brasil. Estávamos diante do panorama das chamadas revoluções coloridas, em que a emergência popular de-

fronta-se, por um lado, com formas de cooptação e, por outro, com formas de intimidação e, finalmente, com violência extrema.

É importante observar que estes processos são processos de luta de classes que se desdobram no momento em que a massa trabalhadora está organizada a partir de seu cotidiano, diferentemente do que ocorrera há 30 ou 40 anos com parcela substantiva dessas mesmas massas organizadas nas empresas (sindicatos). De certo modo, os trabalhadores rurais conhecem esses processos há mais tempo. As formas precarizadas que foram utilizadas, na atualidade, nas áreas urbanas, mimetizam muitas formas que, historicamente, foram utilizadas no campo brasileiro e também em outros lugares.

Esta é uma situação que carece de maior discussão, porém a configuração da política presente é a extensão eleitoral de governo protofascista, que se ampara na devastação do sistema partidário anterior, principalmente do PSDB e PT. Porém estamos nos referindo a um sistema cambaleante, que continua se arrastando com dificuldades. Esta extensão eleitoral da base social do governo é amparada, por um lado, pelas alas extremamente conservadoras da teologia da prosperidade, compostas por uma parcela das igrejas neopentecostais e da igreja católica e, de outro lado, o que chamamos de família (mistura de família com milícia) e com bandos armados, sejam policiais civis, militares e federais. A vinculação a estes setores responde pelo fato de Jair Bolsonaro querer controlar a Polícia Federal, inclusive esse é o motivo da saída do Sérgio Moro do governo. Esses seguranças privados ocupam boa parte do território brasileiro, no campo e na cidade, e são seguranças privados com alta tecnologia e grande controle.

O próximo ponto importante é o tema da comunicação. Em primeiro lugar, é importante salientar que nem toda a burguesia é fascista. Mas o terceiro ponto de sustentação do governo Bolsonaro é

o conjunto heterogêneo das burguesias brasileiras, cujo único ponto comum é garantir a extração de mais-valor e, portanto, retirar direitos das classes trabalhadoras.

Esse é o chão de sustentação de Jair Bolsonaro, que só foi possível constituir-se quando uma parcela expressiva das massas populares perdeu a confiança no sistema representativo – assim como naqueles que deveriam representá-los –, como é o caso dos partidos e que, de alguma maneira, não correspondem àquilo que deveriam ser seus objetivos. Isso é muito bem trabalhado por Gramsci ao analisar as razões da adesão de parcelas das classes trabalhadoras ao fascismo na Itália.

Muitos comentam que as tensões entre a Rede Globo e Bolsonaro são epidérmicas. A Globo quer um Bolsonaro com a política econômica do Bolsonaro, mas melhor comportado. A Globo não tem problemas com os fascismos de Bolsonaro, ela tem problemas com a evidência, com a explicitação do fascismo de Bolsonaro. Alguns analistas sugerem que a Globo e parcela das classes dominantes no Brasil estão reunindo agora a direita não fascista, a centro-direita, e convencendo uma parcela da esquerda a integrar uma grande frente, de modo a não retirar Bolsonaro, mas a conter suas expressões públicas referentes ao fascismo. Ao mesmo tempo, buscam assegurar uma certa condução para além da condução singularizada por Bolsonaro. Essa é uma interpretação que acreditamos não se tratar de uma interpretação falsa. Reconhecemos o quanto truculenta e não civilizada é esta tendência da Globo e da direita brasileira tradicional, numa tentativa de impedir que as lutas populares cresçam no enfrentamento ao fascismo/capitalismo.

Sobre a comunicação, enfatizamos que nós não temos, no país, uma comunicação pública. O que temos são redes monopolistas de televisão e o avanço de um tipo de comunicação por internet que é

extremamente perversa. Trata-se, portanto, de uma comunicação unilateral, que não abre espaços de debates e que se generaliza no país, principalmente por meio do WhatsApp. Nós nos referimos àquelas/es que estão em grupos de pessoas e que recebem informes que podem ser qualquer coisa. Esses informes são integrados como verdade, pois acreditam que “grupo”, no Whatsapp, seja um ambiente de confiança. Isso significa que não sabemos o que circula para cada setor da população atingida nesses grupos. O que sabemos hoje é que o WhatsApp é o principal meio de comunicação das famílias populares, já que também é possível, com o pacote de dados disponibilizado pelas empresas, telefonar a partir do aplicativo. Cabe-nos estudar este momento a fundo para enfrentarmos essas demandas em nossos cursos de formação, seja para criar novos grupos ou assegurar que nossa formação vá além das nossas trincheiras tradicionais.

Com relação à cultura e à educação, cabe destacar que está em curso, em plena pandemia, o aprofundamento da privatização da educação pública no Brasil, tanto da educação universitária quanto do ensino básico, a partir dos pacotes de educação remota que estão sendo empurrados – goela abaixo – nas populações.

Para concluir, não basta resistir ao fascismo, é preciso enfrentá-lo! A situação é tão dramática que está sendo aprofundada durante a pandemia. Seguramente, tanto o aumento da exploração como o das opressões de trabalhadores urbanos e rurais resultará numa sequência de lutas especialmente importantes, a começar pela questão ambiental, que não se limita à situação do campo. Por isso, é importante que a cidade saiba que a questão ambiental é a “água que sai na torneira”, é “a comida que se está comendo”. O segundo ponto a destacar é a questão do racismo que se intensifica, pois, infelizmente, serão homens e mulheres negras que sofrerão o maior impacto econômico, político

e social que já está em curso. As questões de gênero e, portanto, de um feminismo radical, devem voltar à cena. Como assinalamos anteriormente, as mulheres estão sendo triplamente exploradas nesse processo. Nesse conjunto, a massa de trabalhadores, com ou sem contratos, precisará defrontar-se com seus empregadores, na maioria das vezes invisíveis, principalmente nos trabalhos por plataforma. Em outras palavras, a luta de classes, atualmente, é composta por todas essas lutas, e nenhuma delas apresenta solução sob o capitalismo. Somente enfrentando o capitalismo essas lutas poderão avançar para patamares superiores. O que as burguesias e os Estados pretendem fazer é aumentar a repressão, aumentar a cooptação, sugerindo uma meritocracia. Assim, atrelados às estruturas do capitalismo estão meia dúzia de casos de mulheres ou negros e negras que são apresentados como modelos, ou até mesmo as experiências ambientais apresentadas como modelo. Enquanto isso, a boiada continua passando.

Acreditamos que as lutas ainda se intensificarão. Precisamos estar prontos não só para dirigi-las, mas para, sobretudo, estar com ela, estarmos juntos, sentir e sondar. Só assim enfrentaremos a violência que, pelo que tudo indica, só tende a crescer.

Mundo do trabalho

César Maranhão

Vou centrar a minha fala, principalmente, nas transformações atuais do mundo do trabalho. Mas, mesmo assim, tenho que, necessariamente, fazer algumas pontuações sobre o que estou considerando como trabalho.

Trabalho é um conceito geral e amplo, é uma energia vital humana para transformar o ambiente e adequá-lo às necessidades humanas. Ao fazer isso, a humanidade, ao longo da história, transformou a natureza e também transformou a si mesma, ampliando as possibilidades de suprir suas necessidades e, ao mesmo tempo, construir a subjetividade humana, construindo a condição humana. O homem ao se relacionar com a natureza, ao se relacionar com seu ambiente, também se autoconstrói pelo trabalho. O trabalho, nesse sentido, é matriz para suprir necessidades, mas também matriz para ampliar a liberdade humana.

Só que o trabalho não tem só essa característica positiva de construção, de autoconstrução da humanidade. Ele também assumiu, ao longo do processo histórico, condições que degradam a natureza humana, condições de exploração e precarização da vida humana. Não é à toa que a raiz da palavra trabalho vem de um antigo instrumento de tortura o *tripalium*¹. O trabalho tem essa contradição, ele é tanto

¹ *Tripalium*, em que *tri* significa três e *palum* traduz-se como vara. Assim, *tripalium* era um instrumento com três varas usado em torturas, na Roma Antiga.

instrumento da sociabilidade humana, da nossa humanidade, quanto também é o *lócus*, o lugar de degradação, de alienação, de desumanidades. Ele assume isso, principalmente, nas sociedades de classe, e a nossa sociedade, a sociedade capitalista, impulsiona essa contradição do trabalho. O trabalho, na sociedade capitalista, está numa condição na qual o trabalhador é explorado para que o fruto do seu trabalho seja acumulado pelas classes ociosas, pelas classes dominantes.

A sociedade capitalista, que é regida pelo signo da mercadoria, vai transformar gradativamente todas as produções humanas à sua imagem e semelhança, ou seja, todas as produções humanas serão passíveis de ser compradas e vendidas, serão passíveis de serem mercantilizadas.

As atividades humanas são subordinadas ao desígnio da mercadoria, subordinadas à mercantilização, à compra e à venda. É nessa sociedade que se desenvolve a forma de trabalho específica dela, o trabalho assalariado. O trabalho, livre das amarras do anterior processo de escravização ou servidão, coloca a cada cidadão a condição de portador da mercadoria força-de-trabalho e, com ela, em condições de poder vender e comprar mercadorias. Nessa sociedade, a exploração do trabalho alheio é encoberta por uma aparente igualdade entre detectores de mercadoria. Aparentemente, todos nós temos uma mercadoria para vender e comprar. O capitalista possui os meios de produção com os quais comanda o processo produtivo, e os trabalhadores, por sua vez, possuem a força de trabalho enquanto mercadoria para vender, e assim sobreviver.

Então, essa sociedade, apesar de ser uma sociedade da exploração, além de desenvolver a exploração da força de trabalho, essa exploração é encoberta por uma aparente igualdade de condições entre capitalistas e trabalhadores. Mas a gente sabe que essa aparente igualdade oculta uma brutal exploração da força de trabalho.

Falar em sociedade capitalista é falar em valorização do capital. Capital é igual, é sinônimo, de expansão de valor. Não existe capital que não procure o tempo todo expandir-se, e essa expansão só é possível, no capitalismo, pela exploração do trabalho.

Há duas formas que a gente conhece de intensificar a exploração do trabalho. Ou a partir da expansão da jornada de trabalho, ou a partir de uma intensificação da produtividade do trabalho. Essas são as duas formas mais conhecidas de expandir o valor do capital. Então, notem, se é necessário que o capital se expanda ao longo da história, essa expansão tem que ser sustentada, cotidianamente, pelo capitalismo por meio de uma exploração do trabalho, seja ela a partir de uma expansão da jornada do trabalho, seja a partir de uma intensificação da produtividade do trabalho.

Dito isso, vocês sabem que não existe sociedade capitalista que não seja também sociedade produtora de crises. E para entender a dinâmica atual do trabalho, é necessário que a gente entenda que as crises capitalistas são parte do sistema. Elas se desenvolvem de quando em quando, e elas são continuamente ultrapassadas pelo próprio capital. Como se o capital, através da crise, erguesse barreiras ao desenvolvimento da acumulação, da economia e, ao mesmo tempo, ele mesmo construisse formas de derrubar essas barreiras. A crise é um momento em que o capital, geralmente, desenvolve novas determinações, novos instrumentos, novas técnicas, novas tecnologias, para impulsionar a valorização do capital diante da crise, que é algo que emperra o desenvolvimento do capital, pois o capital desenvolve, o capitalismo desenvolve métodos para suplantar suas crises.

Vejam, só uma coisa para chamar a atenção, a crise capitalista é uma crise muito particular. A crise capitalista se dá pela falta de dinheiro. Eu não vou aqui explorar muito essa questão, mas ela não

se dá por uma escassez de produtos. A crise capitalista é, na verdade, uma crise por uma abundância de produtos. Produz-se tanto, tanto, que você gera uma crise de superprodução na qual você não consegue escoar os produtos, as mercadorias. E as crises são sucessivas no capitalismo.

Vejam, as primeiras crises capitalistas se desenvolveram lá no século XIX. Ao longo do processo histórico capitalista ocorreram várias crises, e a cada crise que era gerada pelo capital, que é gerada – não acabou esse processo – a cada crise que é gerada, o capital desenvolve novos métodos, novas tecnologias, novas formas para se valorizar e buscar retomar a produtividade do capital. Isso é essencial para entender, hoje, a dinâmica do trabalho. Por quê? Por que, atualmente, a gente está no meio de uma crise muito longa, uma crise capitalista que se desenvolve e que se espraia por todos os poros, por todas as esferas de desenvolvimento da acumulação capitalista. É uma crise forte, que rompe, praticamente, um período inteiro de desenvolvimento capitalista.

Vejam, o capitalismo do século XX, o chamado capitalismo monopolista, o capitalismo das grandes empresas monopólicas, das grandes sociedades anônimas, das grandes fusões de capital, esse capitalismo, de 1945, mais ou menos até 1975, ele se desenvolveu de uma forma muito específica. A produção estava voltada, principalmente, para uma mercadoria que foi essencial nessa época, e que fez com que o capitalismo pudesse expandir para todo o mundo, que é a mercadoria automóvel.

Para ser bem sintético, não tenho muito tempo aqui para desenvolver as características dessa etapa do capitalismo que ocorreu mais ou menos de 1945 a 1975, a meados da década de 1970. Foi um capitalismo centrado, principalmente, no controle, na subordinação do

operário fabril, do trabalhador, da indústria fabril. Todos os esforços de métodos, de tecnologias desenvolvidas pelas grandes empresas monopolistas dessa época, principalmente, nos Estados Unidos, desenvolveram todo um aparato para subordinar e controlar o trabalhador fabril para desenvolver uma cadeia de produção centrada, sobretudo, no automóvel.

Então, o trabalhador daquela época era um trabalhador que vestia macacão, um trabalhador que tinha seu emprego regido por leis, muitas das vezes conquistadas pela própria classe trabalhadora, através de lutas e resistência muito fortes, leis trabalhistas. Tinha a estrutura centrada num trabalho assalariado, que podemos chamar de trabalho assalariado formal, com contrato de trabalho. O centro do capitalismo estava em torno dessa industrialização das fábricas. Quando eu falo industrialização, eu estou falando em padronização, em mercantilização, em melhores métodos para se produzir e vender.

A partir de meados da década de 1970, temos essa configuração do capitalismo centrado no automóvel, centrado no trabalhador assalariado formal, centrado em regulações de leis trabalhistas que, vejam, não se desenvolvem da mesma forma no centro do capitalismo e na periferia do capitalismo.

O Ruy Mauro Marini² já tratou dessa questão mostrando que o nível de vida dos trabalhadores dos países imperialistas é um nível de vida com condições de trabalho e de vida muito maiores do que os trabalhadores superexplorados, que têm sua força de trabalho superexplorada nos países dependentes. O Ruy Mauro já tratou disso mostrando que há diferenciações. Eu não vou ter tempo aqui para

² Para aprofundar esse tema, ler mais em: MARINI, Ruy Mauro. *Dialética da Dependência: uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini*. Petrópolis: Vozes, Buenos Aires: CLACSO, 2000.

trabalhar essas diferenciações. No entanto a economia mundial, nessa época – meados da década de 1970 –, ela estava centrada em aspectos de um padrão de acumulação que se aproximava dessas condições: a mercadoria central automóvel, o trabalhador, o macacão, o operário fabril era o centro da economia, e toda uma legislação jurídica para controlar o trabalhador e também conceder alguns benefícios para reproduzir a força de trabalho, para fazer com que a força de trabalho permanecesse sadia.

Isso tudo passa a se transformar, passa a ter transformações imensas a partir de uma crise que se processa no núcleo do modo de produção capitalista, em meados da década de 1970, e que é uma crise devastadora. Vejam, devastadora não no sentido de que ela vai levar ao fim do capitalismo por ele mesmo. Essa é uma tese que nós já criticamos e já ultrapassamos, espero eu. E que ninguém caia nesse mito de que é possível que uma crise faça com que o capitalismo se autodestrua. O capitalismo não vai se autodestruir por uma crise dele próprio. Ele irá fazer transformações para tentar adequar a sua forma de valorização aos novos tempos.

É isso que o capitalismo fará a partir de meados da década de 1970. Os capitais mundiais promoverão transformações enormes, transformações que irão significar uma verdadeira contrarrevolução do capital com o trabalho. Uma crise tão profunda do capitalismo, que alguns autores falam, como István Mészáros fala, em uma crise estrutural do capital, ou seja, uma crise que afeta todos os poros e todas as esferas da produção capitalista. Para retomar às suas taxas de lucratividade e superar a crise, o capital terá que desenvolver várias transformações, muitas transformações, que atingirão o centro da economia capitalista. Então, eu vou aqui tentar resumir algumas dessas transformações que irão impactar, fundamentalmente, as trans-

formações que vemos hoje e que atingem as condições de vida e de trabalho da nossa classe trabalhadora, seja ela a classe trabalhadora dos países centrais ou a classe trabalhadora da periferia do capitalismo.

A primeira característica dessa nova época do capital é a introdução de novas tecnologias e novas técnicas de produção. Vejam, eu falei para vocês que uma das formas que o capital tem de desenvolver o seu processo de valorização é impulsionando a exploração do trabalho a partir de um alargamento da jornada de trabalho. Era assim que o capital fazia, principalmente, no século XIX. E nas nações dependentes, alarga-se o tempo de trabalho, fazendo com que as pessoas trabalhem 14, 16, 18 horas por dia, e era isso que acontecia no século XIX. A outra forma é intensificar a produtividade do trabalho, desenvolvendo novas tecnologias, novos métodos de trabalho que intensifiquem a produtividade, fazendo com que, por exemplo, os alimentos sejam mais baratos, que os alimentos que compõem a cesta básica do trabalhador sejam mais baratos. Então, entra também a necessidade de você produzir novas tecnologias no campo, introdução de novos maquinários no campo, introdução de novas tecnologias como a dos transgênicos, de agrotóxicos, de novas técnicas para produzir mais no campo. Por que isso faz com que a cesta, os alimentos que compõem a cesta básica do trabalhador caiam de preço, e também o valor da força de trabalho, que caia de preço.

Pois vejam, a gente tem, a partir da década de 1970, um movimento intenso de busca por novas tecnologias, de busca por novas técnicas de produção. No âmbito da fábrica, no âmbito fabril, isso é muito intenso. Isso se dá, principalmente, na revolução que houve no Japão com a fábrica da Toyota, conhecido por toyotismo³, que desenvolveu

3 David Harvey no livro *A condição pós-moderna*, São Paulo: Loyola, 1992, sustenta que essa reorgani-

o que muitos sociólogos do trabalho chamam de uma fábrica enxuta, uma produção que introduz novos maquinários e, ao mesmo tempo, expulsa trabalhadores, expulsa uma massa de trabalhadores dentro das fábricas. Ao mesmo tempo faz com que grande parte dessa população trabalhadora seja transformada em exército industrial de reserva, em trabalhadores que estarão desempregados. Assim, irão aceitar os trabalhos mais precários para conseguir sobreviver, conseguir vender sua força de trabalho, como a única forma que um trabalhador tem de se sustentar, ou uma das principais formas que o trabalhador tem de se sustentar hoje.

Então, uma das características dessa revolução que a sociologia do trabalho gosta de chamar de quarta revolução tecnológica, alguns têm falado em indústria 4.0, ou a quarta revolução industrial. Na verdade, o que a gente tem são transformações capitalistas essenciais no mundo fabril. Mas vocês vão ver que essas transformações se desdobram para outras esferas da produção capitalista, em geral. Eu vou tratar disso daqui a pouco. Vejamos, é uma fábrica que quer enxugar, é uma fábrica que quer diminuir o número de trabalhadores, é uma fábrica que quer flexibilizar os contratos, que quer estabelecer uma nova dinâmica de cooperação do trabalho. Você tem o desenvolvimento da mecatrônica, da informática, da nanotecnologia, dos novos materiais, da cibernética, da robótica⁴. Percebam como a crise capitalista é uma crise de superprodução, uma das características essenciais atuais do mundo capitalista. É que essa crise será suplantada a partir também de uma mercantilização, cada vez maior, de espaços que não eram

zação produtiva modificou a forma de acumulação do capital que passa a ser flexível, em oposição ou período anterior chamado pelo autor de fordista-keynesiano.

⁴ Sobre isso, ver: Ursula Hurs. *A Formação do Cibertariado*. Trabalho Virtual em um Mundo Real. São Paulo: Boitempo, 2018.

mercantis no capital. Espaços que não eram industrializados serão, cada vez mais, industrializados.

Portanto vejam, não vai ser só o operário de fábrica que vai sofrer com a introdução de novas tecnologias. Essa introdução de novas tecnologias irá desenvolver também, e principalmente, eu diria hoje, o setor de serviços.

Os trabalhadores do setor de serviços serão, gradativamente, proletarizados. Aquela conformação do capitalismo que centrava a produção no automóvel será substituída. Gradativamente, irá centrar a sua produção no celular. Vejam, a era digital do capitalismo não vai ser a era da comunicação livre, a era do conhecimento digital. Não. Vai ser a era da industrialização dos serviços. A gente vai ter mudanças nos serviços muito importantes, que vão exigir um tipo de trabalhador muito diferente daquele trabalhador da era do automóvel. Atualmente, o trabalhador tem que ser um trabalhador para suprir a necessidade do capital, um trabalhador extremamente flexível, um trabalhador que tenha condições de estar empregado, hoje e amanhã estará desempregado, e na semana que vem voltar a se empregar num novo emprego, um trabalhador que tenha mobilidade. Para que exista isso, veja, isso é essencial para que o capital suplante a sua crise, enfrente a sua crise, e consiga recuperar suas taxas de lucro, de lucratividade, manter as suas taxas de lucratividade. Ele vai exigir esse trabalhador precarizado. E isso não só na periferia do capitalismo, no centro do capitalismo também.

O que a gente está vendo hoje é a mundialização da superexploração do trabalho. Os trabalhadores do centro capitalista também estão sendo afetados pela intensificação do trabalho. O que isso exige? Isso exige um estado que seja ativo para destruir a legislação trabalhista e possibilitar que o capital se aproprie desses trabalhadores e intensifique

a exploração deles. Vejam, tanto os trabalhadores das fábricas, mais os trabalhadores do campo e, principalmente agora, os trabalhadores de serviços.

E a mediação fundamental para isso que vai ocorrer é, exatamente, o desenvolvimento da informática, da cibernética, da internet, que irá possibilitar novas formas de trabalho. E a sociedade do celular que substituiu a sociedade do automóvel irá colocar os equipamentos, e esse equipamento principal, o celular, como forma de mediar a relação de compra e venda da força de trabalho. O celular, hoje, e os aplicativos que são produzidos pela gestão de pessoas, pelas grandes empresas capitalistas, como a Google e outros, eles são a mediação hoje. Eles estão se transformando na mediação entre o trabalhador precarizado – que em sua maioria, hoje, está trabalhando nos serviços –, e a grande empresa monopolista do capital⁵. Vejam, para isso acontecer, para que o capital possa ter a liberdade para explorar ao máximo a força de trabalho, é necessário que sejam demolidas as conquistas históricas dos trabalhadores. É necessário que o Estado, e isso é importante de se frisar, que o Estado seja um ativo atacante, um ativo destruidor de legislações trabalhistas.

E isso a gente está vendo. No Brasil, nós tivemos que ter um golpe para que o Estado fosse ocupado pelas forças do capital e elas conseguissem, então, destruir as conquistas dos trabalhadores.

O governo Temer e o governo Bolsonaro estão atacando, fundamentalmente, as amarras que impedem a intensificação do trabalho, a mercantilização de áreas que não eram mercantis no capitalismo. Isso a gente pode falar das terras indígenas, das áreas comuns, as áreas públicas do Brasil que são expropriadas hoje e que, para o capital, isso

5 Sobre esse tema, assistir ao filme de Ken Loack, *Você não estava aqui*, 2019.

é essencial para manter o seu projeto. Então, o que a gente está vendo hoje é o que isso tem de consequência para o mundo do trabalho. O que estamos vendo é um trabalhador muito mais precarizado, mesmo na periferia, e mesmo no centro do capitalismo. Um trabalhador, hoje, que se tiver muita sorte, ele vai ter o privilégio de ser explorado, de ser explorado, e muito⁶. Por que os que não conseguem esse privilégio estarão catapultados na miserabilidade do desemprego.

É um ataque brutal às organizações dos trabalhadores, mas um ataque brutal que vem de um núcleo central do capital. Ele está ocorrendo mundialmente articulado. Para isso acontecer, é necessário que exista uma massa de trabalhadores disponíveis para o capital, disponíveis a se vender para uma exploração intensa. E isso tem produzido consequências extremamente nefastas para os trabalhadores.

Atualmente nós temos um perfil da classe trabalhadora no mundo, e também no Brasil, que a gente precisa estudar mais, que é um perfil de uma classe trabalhadora extremamente heterogênea, ela já foi, ela já era heterogênea, mas ela está ainda mais heterogênea, hoje.

Um perfil de intensa exploração do trabalho, um perfil de proletarização de trabalhadores de serviços que antes não eram proletarizados. Se a gente pega o perfil de profissionais liberais, eles passam a ser proletarizados. Médicos que hoje têm que ser... o médico que não nasceu rico, no Brasil, tem que se vender para planos de saúde de uma forma muito barata. E isso tem ocasionado uma degradação da força de trabalho extremamente nefasta.

Mas vejam, isso também tem produzido formas interessantes de organização desses trabalhadores pelo mundo. Na Europa, começam

6 Sobre isso, ler: Antunes, Ricardo. *O privilégio da Servidão – o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018.

a se organizar os trabalhadores de aplicativos. No Brasil, essa organização está ainda no começo, mas os trabalhadores, gradativamente, eu diria, com uma velocidade até um pouco mais rápida do que a gente previa, os trabalhadores estão conseguindo se reorganizar. Mas isso leva tempo, leva muito tempo, leva condições de organização sindical, de desenvolvimento de novas organizações.

Eu diria que essas são as grandes contradições que o mundo do trabalho está hoje centrado.

Ideologia e ascensão conservadora

Pastor Henrique Vieira

Queria começar de maneira mais conceitual, depois fazer uma análise de contexto, de conjuntura, e por fim terminar com algumas provocações, algumas contribuições. Na parte conceitual, que é introdutória, eu queria falar um pouco sobre possíveis definições de espiritualidade e de religião, para depois a gente entender a força conservadora no atual contexto.

Alguns teólogos, algumas teólogas, cientistas da religião, fazem uma distinção que eu considero muito importante entre espiritualidade e religião. A espiritualidade é quase uma dimensão intrínseca à experiência humana. A espiritualidade é quase como a arte, é uma expressão humana diante da potência e da fragilidade da vida. A espiritualidade, portanto, é uma dimensão profunda do coração humano, e que tem a ver com essa busca por sentido, por harmonia, por completude, essa busca profunda por si, pelo outro. Então a espiritualidade é tal qual, conforme eu falei anteriormente, a arte. É uma expressão humana diante da vida. A vida é uma potência e uma fragilidade ao mesmo tempo. A vida é repleta de potencialidades e de limites.

O ser humano não só vive, o ser humano sabe que vive. E ao saber que vive, abre uma margem impressionante de liberdade, mas também uma angústia. Uma angústia não no sentido deprimente,

uma angústia não no sentido autodestrutivo, uma angústia não no sentido desesperador. Mas uma angústia relacionada a essa dimensão da própria vida, de existir, saber que se existe. E ao se dar conta da existência, se perguntar pelo sentido de tudo isso. A espiritualidade transita nesse lugar da pergunta, da contemplação, da abertura, da busca insaciável por si, pelo outro e pela plenitude da vida.

A religião já seria uma espécie de sistematização histórica e cultural da espiritualidade. A espiritualidade é o impulso, a espiritualidade é a potência, a espiritualidade é a pergunta, a espiritualidade é a abertura. A religião¹ é o enquadramento disso numa liturgia, num rito, num código comportamental, numa determinada visão de mundo, num determinado regramento doutrinário. A espiritualidade, como uma dimensão constitutiva da experiência humana, e a religião, como uma produção histórica e cultural.

A conclusão que eu chego, ainda nessa parte conceitual, é que a religião, enquanto produção histórica e cultural, pode alimentar a espiritualidade. Ela pode dar espaço para a espiritualidade se desenvolver como busca por si, como busca pelo outro, como abertura permanente à vida, como desejo de vida plena para todas as pessoas. A religião pode ser algo que alimenta a espiritualidade. Porém a religião também pode ser algo que sufoca a espiritualidade. Existem formas religiosas que conseguem subtrair, retirar, anestesiar, limitar essa potência criadora, essa potência criativa da espiritualidade.

O fundamentalismo, o extremismo e o fanatismo seriam formas religiosas que conseguem subtrair o potencial aberto, criativo, criador,

¹ A religião, dentro dessa perspectiva, e é tão somente uma perspectiva, Leonardo Boff trabalha muito com ela, Frei Beto trabalha muito com ela, vários cientistas da religião trabalham a religião como uma produção histórica e cultural, que busca organizar a vida a partir dessa pulsão, desse impulso da espiritualidade.

inventivo da espiritualidade. Então, enquanto a espiritualidade abre, o fundamentalismo ou o extremismo, fecha. Enquanto a espiritualidade transita bem nas perguntas, o fundamentalismo, o extremismo, apresentam respostas absolutas, inquestionáveis, fora da história, que não são passíveis de revisão, de transformação ao longo do tempo.

Enquanto a espiritualidade propõe o diálogo, a pluralidade, entende a diversidade como riqueza da humanidade, o fundamentalismo, o extremismo, trabalham com uma certa visão totalitária de mundo, de expansão de uma determinada doutrina sobre todos os povos, sobre todos os corpos. Então, o fundamentalismo e o extremismo, e aqui eu não vou trabalhar essa distinção conceitual, vou quase que trabalhar como sinônimo, embora não seja bem assim.

Mas são formas religiosas muito mais centradas no dogma, na doutrina, do que propriamente numa experiência relacional, comunitária, de abertura permanente à vida e ao outro, ainda de forma muito conceitual. Se eu pego² esses conceitos e tento ler esses conceitos historicamente, se eu tento ler esses conceitos historicamente no ocidente, ou no Brasil, então eu vou ter que chamar a atenção para o caráter colonizador, eurocêntrico, patriarcal e racista do cristianismo hegemônico. Não tem como entender a dizimação sobre povos indígenas, quase quatro séculos de escravidão sobre o povo negro, a lógica colonizadora, sem o atravessamento do cristianismo como religião

² Eu falo aqui na condição de cristão. Eu falo aqui na condição de discípulo de Jesus Cristo, de Nazaré. Eu falo aqui na condição de alguém que é apaixonado pela tradição bíblica. Eu falo aqui na condição de alguém que lê a Bíblia percebendo a parceria que Deus tem com os oprimidos e as oprimidas da história. Eu falo na condição de alguém, tal qual Dom Pedro Casaldáliga, quando dizia que, em Jesus, Deus se fez carne e Deus se fez classe. Ou seja, Jesus é o corpo de Deus na história, e Jesus assume a experiência dos pobres, dos oprimidos e das oprimidas como espaço para a revelação do seu amor e do seu compromisso. Eu falo como cristão, mas eu preciso reconhecer que o cristianismo hegemônico, que o cristianismo institucional, foi uma força, é uma força colonizadora ao longo da história. (Trecho da fala de Henrique).

colonizadora, como religião que forneceu base ideológica para um projeto de tamanha violência. Então, eu preciso pegar esses conceitos, entendê-los historicamente. E olhando para o meu país e para a história do meu país, identificar que o cristianismo, durante muito tempo, serviu em vários aspectos. Ainda serve como uma força colonizadora.

Nesse sentido, eu retomo um pouquinho aqui a perspectiva da sociologia do conhecimento, ou até mesmo antes, do próprio Marx, quando a gente tem que entender o seguinte. As ideias não surgem do acaso, as ideias não têm força própria, as ideias são um produto da sociedade. Então, tudo isso é para dizer que, em muitos momentos, o pensamento religioso serviu para atender aos interesses políticos, sociais e econômicos das classes dominantes. Ou seja, a religião não está fora da história. A religião, conforme eu disse no início, é um produto da história.

Em muitos momentos, o que a gente percebe? Que a religião, ou as ideias religiosas predominantes num dado contexto histórico – são as ideias religiosas que servem à manutenção de uma determinada ordem – atendem, portanto, aos interesses de uma classe dominante que se beneficia desta ordem. Então, eu não estou dizendo que o fenômeno religioso é, em si, alienante. Seria um contrassenso, eu sou um religioso, eu falo a partir desse lugar, da mística revolucionária, da fé, da relação com a Bíblia, com a pessoa de Jesus. Mas eu reconheço que a religião, como produto histórico e cultural, ela pode servir à manutenção e à conservação de relações de opressão. Ela pode servir como uma narrativa que justifica uma determinada realidade desigual, que atende aos interesses de uma classe opressora.

Então, em muitos momentos, o cristianismo serviu como justificativa para uma determinada ordem de injustiça e de desigualdade. Eu trabalhei até agora com uma distinção entre espiritualidade e religião.

Eu entendo que a religião pode ser uma força revolucionária, mas também pode ser uma força reacionária e conservadora. Eu entendo que a religião é produto histórico e cultural, e que em determinados momentos, ela pode ser utilizada como mecanismo que justifica uma determinada realidade desigual, beneficiando aqueles e aquelas que se colocam no topo de uma determinada hierarquia social, econômica e política.

A partir dessa parte conceitual, eu olho para o Brasil de hoje e percebo que o imaginário religioso cristão, especialmente o imaginário religioso cristão evangélico, está servindo de base para uma ascensão conservadora. É preciso reconhecer isso.

Algumas observações são importantes: primeiro, que o campo evangélico é absolutamente plural, não é um partido coeso, não é um bloco monolítico, não produz consenso. O campo evangélico tem uma diversidade muito importante e que precisa ser considerada. Segunda observação: o campo evangélico cresce, especialmente, nas camadas populares, nas favelas e nas periferias do Brasil. Cresce no campo, mas cresce, especialmente, na cidade, nas grandes e médias cidades, nas periferias e nas favelas. O campo evangélico, além de ter um caráter plural, de não ser um bloco monolítico, e de ser majoritariamente popular, ele tem grande presença de mulheres e da população negra. Então também, além do aspecto econômico, da renda, é importante perceber esse aspecto de gênero e esse aspecto racial. O campo evangélico cresce no Brasil, sim. Cresce especialmente onde? Nas periferias, nos centros urbanos, embora cresça também no campo. Qual é o recorte social desse campo evangélico? É majoritariamente popular, com grande presença de mulheres da população negra. É isso que as pesquisas têm nos demonstrado, é isso que os dois últimos censos do IBGE têm nos demonstrado. Se o campo evangélico continuar cres-

cendo nessa proporção, muito provavelmente, em 2040, será a maior religião do Brasil, superando o catolicismo.

Existe conservadorismo no campo evangélico? A resposta, na minha opinião, é obviamente que sim. Eu estou tentando ser didático. Cada frase que eu estou colocando tem mil debates nela. Mas a ideia é colocar proposições para a gente conversar. O campo evangélico é majoritariamente conservador? É. Esse conservadorismo é muito diferente do conservadorismo presente no conjunto da sociedade brasileira? A minha resposta para isso é não. Então, o que eu quero reivindicar aqui é que é complexo o que nós temos que analisar. O campo evangélico é conservador, o seu conservadorismo me parece, em determinados pontos, mais acentuado do que o conjunto da sociedade brasileira, mas não considero tão diferente. Então eu vou colocar nesses termos, mais acentuado, e não tão diferente. Mais acentuado em três pontos: relacionado a gênero, sexualidade, direitos sexuais reprodutivos. Especialmente nesses três pontos, o conservadorismo presente no campo evangélico se demonstra mais acentuado do que o conservadorismo presente no conjunto da sociedade brasileira. É isso que algumas pesquisas temáticas têm nos demonstrado. Agora, esse campo evangélico majoritariamente conservador, ele não é um bloco monolítico. Então eu vou dar um exemplo.

A pesquisadora Julita Lemgruber³ fez uma pesquisa aqui, no Rio de Janeiro, a partir da Universidade Cândido Mendes, e ela fez a seguinte pergunta: Bandido bom é bandido morto. Você concorda com essa afirmação? O segmento religioso que mais rejeitou essa

3 Julita Lemgruber é socióloga, coordenadora do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Cândido Mendes, foi Diretora Geral do Departamento do Sistema Penitenciário e Ouvidora de Polícia no estado do Rio de Janeiro. É autora do livro “Crime, Polícia e Justiça no Brasil”, publicado pela editora Contexto. A pesquisa pode ser encontrada no link: <https://www.conjur.com.br/dl/73-cariocas-acreditam-direitos-humanos.pdf>

afirmação foi o segmento evangélico, no Rio de Janeiro. Só para ter uma dimensão da complexidade daquilo que nós estamos falando, então é um campo majoritariamente conservador. Em determinados pontos, um conservadorismo mais acentuado que o conservadorismo médio da população brasileira. Mas não é um bloco monopolístico, e se apresenta como majoritariamente popular. Também cabe dizer que, dentro desse guarda-chuva chamado campo evangélico, existem experiências organizadas e progressistas⁴.

Eu poderia voltar a 1962, na chamada Conferência do Nordeste. O que foi a Conferência do Nordeste? Um congresso realizado pelo campo evangélico da época, especialmente puxado pela igreja presbiteriana. O tema do Congresso era: ‘Cristo e o processo revolucionário brasileiro’. Era uma parcela do campo evangélico, no início da década de 1960, discutindo as reformas de base do governo Jango e defendendo a responsabilidade social da igreja na transformação estrutural da sociedade brasileira. Eu poderia voltar mais no tempo e identificar a presença. Queria registrar isso como um exemplo didático, registrar a presença de evangélicos pentecostais na base das ligas camponesas, na década de 1950 e na década de 1960. Mas eu não preciso ir lá, eu posso ir ao presente, olhar para o MTST, olhar para o MST, olhar para a experiência de vocês, do MPA, e perceber que existe presença evangélica em movimentos sociais lutando por moradia, por reforma agrária agroecológica e por aí vai. Por que eu estou dando esses exemplos, do passado e do presente?

Para reivindicar que existe uma pluralidade importante no campo evangélico, que existe um conservadorismo hegemônico. Mais do que

4 Existe o MEP, Movimento Evangélico Progressista, existe a frente de evangélicos pelo estado de direito, existe o coletivo fraterno de vozes pastorais e comunitárias pela democracia, existe a fécula, frente evangélica pela legalização do aborto, existe o MNE, Movimento Negro Evangélico, existe o coletivo evangelix, que é para tratar a questão da diversidade sexual, da identidade de gênero. (Trecho da fala de Henrique).

conservadorismo hegemônico ou prevalente, existem grupos. E esse ponto é muito importante. Existem grupos, muitas vezes, descolados da própria base, que têm poder político, poder econômico, e grande influência nos principais meios de comunicação. Isso não é detalhe. Existe uma relação entre força material e força imaterial. Ou seja, grupos que detêm poder econômico e consegue ter instrumentos objetivos para monopolizar ou quase monopolizar o sentido do que é ser evangélico no Brasil. Não é detalhe.

Muitas vezes eu vou em determinados lugares, especialmente centros universitários, e as pessoas olham para mim quase como um ser exótico, o que é muito ruim do ponto de vista, de qualquer ponto de vista que se escolha. Por quê? Porque no imaginário coletivo tem-se construído uma ideia de que evangélico é conservador, que pastor é fundamentalista, ponto. Porque os referenciais que aparecem para o conjunto da sociedade por meio dos grandes meios de comunicação indicam isso mesmo. E às vezes as pessoas nos questionam, ‘mas onde vocês estavam?’ Como se fosse uma questão apenas de ato de vontade, de desejo e omissão. Como se não houvesse uma grande desproporção na disputa de significado do que é ser cristão, do que é ser evangélico no Brasil. E essa desproporção tem a ver com condições absolutamente objetivas.

Se a gente ligar a televisão agora tem uma rede de televisão, a segunda maior do Brasil, que é de uma igreja. Então, é um debate profundo. Eu estou falando mais do próprio evangélico, porque é o meu lugar de fala. E porque eu acho que essa disputa tem que ser feita. Então, além de ter movimentos organizados dentro do campo evangélico que são progressistas, eu quero caminhar para o final da minha fala, fazendo uma outra provocação. Essa é mais complexa, essa é mais difícil, essa é mais polêmica, talvez.

Além dos movimentos evangélicos progressistas organizados, eu preciso aprender a ver. Essa é a proposição que eu quero fazer, eu sei que ela é passível de muitos questionamentos. Mas eu preciso aprender a ver dispositivos progressistas na espiritualidade evangélica popular, pentecostal e neopentecostal. Eu preciso, e não estou falando de um projeto revolucionário, consistente, programado, com tática, com estratégica, com ação política, não. Estou dizendo o seguinte: nessa espiritualidade popular, que enquanto a gente conversa, uma igreja é construída em algum lugar, essa espiritualidade popular não é algo que deve ser, digamos assim, alvo da nossa correção. Esse é um ponto que eu queria compartilhar com vocês. Eu acho que tem que haver muito cuidado, numa perspectiva eurocêntrica, colonizadora, civilizatória, para se lidar com o fenômeno religioso popular e, nesse caso, com o fenômeno religioso popular evangélico. Eu estou aqui reconhecendo. Eu estou reconhecendo que existem dispositivos conservadores na espiritualidade evangélica popular, que existem grupos políticos, não só pentecostais e neopentecostais, mas do protestantismo histórico, sustentando o governo da extrema direita. Por exemplo, a igreja batista, a igreja presbiteriana, do protestantismo histórico, têm posições fundamentais estratégicas no atual governo.

Portanto a minha fala não é nada corporativista, porque eu não tenho interesse em defender a igreja enquanto instituição, tal qual Desmond Tutu⁵ falava e fala, eu sou cristão, Deus não. Não tenho interesse em defender o cristianismo enquanto corporação, enquanto instituição. Mas eu estou querendo dizer o seguinte: se nós construirmos na nossa cabeça a seguinte ideia: democracia versus campo evangélico, versus campo cristão. Direitos humanos versus campo evangélico, campo

⁵ Desmond Mpilo Tutu é um arcebispo da Cidade do Cabo, África do Sul, da Igreja Anglicana, consagrado com o Prêmio Nobel da Paz, em 1984, por sua luta contra o Apartheid, em seu país natal.

cristão. Esquerda versus campo evangélico, campo cristão. Socialismo versus campo evangélico, campo cristão. Revolução socialista brasileira versus campo evangélico, campo cristão. Se nós consolidarmos na nossa mente esta polarização, na minha compreensão, nós perdemos, e perdemos de sete a um. Se nós entregarmos a narrativa da espiritualidade religiosa popular nas mãos da operação fundamentalista disso, se nós não nos colocarmos em convivência para entender, para ouvir, para dialogar, para conviver... Não é para chegar lá com um bê-a-abá da conversão daqueles que não entenderam o mundo ainda.

Dessa perspectiva civilizatória, para mim, ela se esgotou no tempo, e quem não entendeu isso, não entendeu a frase que uma vez o Caetano Veloso disse, muito provocativa: a religião sempre vence. Essa frase ficou na minha cabeça, numa entrevista que até ele fez comigo, e em determinado momento ele disse: a religião sempre vence. A gente pode aprofundar esse termo, mas você expulsa a religião pela porta da frente, ela quebra a janela, entra de novo e rearruma tudo. Uma perspectiva de revolução que anula a dimensão mística, uma perspectiva de revolução que entende que religião, necessariamente, é mecanismo alienatório, uma perspectiva de revolução que olha para o Brasil hoje, acha que o campo evangélico é o inimigo, o problema único da democracia brasileira. Essa perspectiva, para mim, está fadada ao fracasso.

O campo evangélico cresceu, nos últimos 20 anos. A democracia brasileira sempre foi patriarcal, racista, genocida e elitista. No limite, eu vou dizer que nem há democracia possível dentro dos marcos do capitalismo. Então, o que eu quero dizer é o seguinte, para tentar sistematizar e concluir o meu raciocínio. Espiritualidade é quase que... como poesia, desde que existe gente, existe poesia e existe espiritualidade. Religião é construção histórica e cultural que pode fomentar ou sufocar a espiritualidade. Religião, como produto social, pode

servir à manutenção de uma ordem opressora. As ideias religiosas de um determinado... as ideias dominantes religiosas de um determinado período histórico tendem a refletir nos interesses da classe dominante.

Contudo a religião também pode ser força contestatória e emancipadora, desprendida materialmente, revolucionária. E pode servir inclusive como elemento que impede personalismos que subtraem projetos populares. Eu costumo dizer o seguinte: quando a religião é para matar, ninguém mata tanto quanto a religião na história. Mas quando a religião é para produzir revolução, ela realmente produz exemplos históricos de comunidades, de povos, de pessoas⁶. E para concluir, a tese que eu vou dizer é a seguinte, é uma frase meio clichê e que, com o tempo, a gente pode desenvolver melhor. Esse é um modelo capitalista neoliberal de esvaziamento de políticas públicas e de espaços públicos de convivência, um modelo capitalista neoliberal de precarização das condições de trabalho, de aprofundamento da desigualdade social, e de utilização de mecanismos de violência para extermínio daqueles e daquelas que sobram. Portanto o neoliberalismo, necessariamente, vem com a produção de violência, para extermínio sistêmico dos corpos não-cidadãos, certo? Esse modelo que esvazia o sentido coletivo e comunitário da vida é a base para a ascensão fundamentalista e extremista no mundo e no Brasil.

Para mim, essa é a análise que a gente tem que se debruçar. O fundamentalismo cresce nesse vácuo profundo de ausência de um sentido mais coletivo e comunitário da vida. E é importante dizer o seguinte, estou me referindo ao fundamentalismo, não estou me referindo à religiosidade nem à espiritualidade. Por isso a distinção dos conceitos me parece tão importante. É nesse contexto – e agora

⁶ A exemplo de Pedro Casaldàliga, Irmã Dorothy, Dom Helder Câmara, Martin Luther King e por aí vai. Então, tem uma força religiosa que pode ser energia revolucionária no tempo. (Trecho da fala de Henrique).

vindo para o Brasil – que a simbologia cristã passa a ser, como já foi na maior parte do tempo, a que mais escondeu a origem favelada e periférica de Jesus de Nazaré do que qualquer outra. Eu costumo dizer que a Bíblia é uma tradição dos oprimidos historicamente interpretada pelos opressores.

E do ponto de vista da minha fé, se a gente retira a lente colonizadora que está sobre a Bíblia e resgata a lente dos oprimidos sobre a Bíblia, ela se torna força revolucionária na história. O Êxodo, os Profetas, o deserto e o homem de Nazaré, morto e ressurreto, são dispositivos belíssimos, na minha compreensão e convicção. São dispositivos de muita energia transformadora da realidade.

Por fim, as proposições que eu faço são: compreender o caráter profundo da espiritualidade como dimensão humana. Compreender que a religião, não necessariamente, é conservadora. Compreender que o avanço do capitalismo neoliberal abre espaço para o avanço de narrativas fundamentalistas e totalitárias. Compreender que sem diálogo com a espiritualidade popular – e eu falo diálogo, não falo tutela, não falo bê-a-bá de como deixar de ser crente, como deixar de ter fé –, sem um diálogo honesto com a espiritualidade popular, não há projeto revolucionário que se sustente na América Latina e no Brasil.

Mauro Iasi

É sempre um prazer, uma alegria ouvir Henrique Vieira. Uma pessoa que nos traz questões muito pertinentes. Um abraço para o Henrique!

Em várias oportunidades a gente discutiu com o MPA essa dimensão fundamental da estratégia, pensar o Brasil, pensar os caminhos da

revolução brasileira. E a gente está num momento conjuntural em que, se não tomar cuidado, a gente tem uma surpresa. Um certo espanto diante do movimento do real. E, a única coisa que a gente não pode fazer é se espantar com o real. O real tem sua dimensão e temos que começar a entendê-lo. E o espanto vem exatamente do fato de que a gente vê segmentos sociais respaldando uma direção política contrária aos seus interesses. E isso vem com uma certa incompreensão do que é a ideologia e como ela funciona. Por isso, eu pensei essa minha fala num caminho mais conceitual para depois a gente entrar nesse carço da conjuntura.

Por que eu acho que é uma discussão conceitual? Porque tem aí uma incompreensão da ideologia. A gente, no fundo, acha que ideologia é um conjunto de ideias que as pessoas assumem como suas; são impostas a elas. Então tem a ver com isso que falava o Henrique, porque a gente começa a achar o culpado. Quem é o culpado dessas ideias conservadoras terem aparecido? Então vamos agora pegar o fundamentalismo religioso, um certo corte da religião, para poder dizer que eles difundiram essas ideias, e as pessoas, inadvertidamente, aceitaram como suas e, de repente, viraram conservadoras.

Temos que tomar muito cuidado com essa leitura. Porque essa, por exemplo, é uma leitura que prevalece na Damaris, no núcleo do bolsonarismo, a guerra que eles fazem contra o chamado “marxismo cultural”. Eles também acreditam que o marxismo seja algo que as pessoas contaminam os outros através da difusão de ideias. Daí a escola sem partido, daí uma série de iniciativas da extrema direita para nos combater. Eles estão errados e nós, muitas vezes, erramos em acreditar que a ideologia é esse conjunto de ideias que por algum veículo massifica e contamina as pessoas. Vejam, ao mesmo tempo se registra que o fundamentalismo religioso é o grande vilão dessa

história. A Rede Globo há bem pouco tempo era isso. De repente, a Rede Globo passa a ser uma instituição democrática garantindo a ordem. Mas não é ela que difunde as ideias etc. e tal? Ora, isso traz em si uma compreensão equivocada do que vem a ser ideologia. Essa é uma compreensão da ideologia como um conjunto de ideias, valores e representações que são difundidas. Tendo a classe dominante muito poder para difundi-las, elas acabam sendo hegemônicas numa sociedade. E as pessoas se servem dessas ideias para pensar o mundo, muitas vezes, contrário à sua própria condição, à sua própria existência. Feliz, ou infelizmente, as coisas não são tão simples.

A ideologia não é um mero conjunto de ideias que são difundidas, que então os tempos vão difundir ideias conservadoras, na caricatura, e nós vamos difundir ideias progressistas: movimentos sociais, partidos e sindicatos, e vamos aí, na batalha das ideias, ver quem ganha. Não é bem assim. Então, vamos lá descascar esse problema. A primeira peça que nós colocamos é que, para Marx, está claro que as ideias são a expressão ideal de uma certa materialidade, na relação que os seres humanos estabelecem entre si para produzir sua vida. Entre as diferentes formas que o ser humano se relaciona para produzir sua vida. Ele produz o que comer, o que vestir, onde morar, mas ele também produz instrumentos, ele produz relações e ele produz representações.

Isso que o Vieira nos chamava atenção, com toda a razão, que a gente possa chamar de espiritualidade, de subjetividade, ou seja, a maneira como a gente se relaciona e produz representações sobre essas relações com a gente, com os outros, com a vida, com a morte, com a espiritualidade, etc. Isso vai formar um conjunto de representações, de ideias que formam uma consciência social de uma certa época. A peça que o Marx agrega e, isso para nós é importante, é que as ideias dominantes, numa certa sociedade, são as ideias da classe dominante. Mas as ideias da classe dominante são a expressão ideal de relações

materiais dominantes. Não são as ideias que fazem essa classe dominante, são as relações. As relações que fazem com que um se aproprie dos meios de produção, que contrate a força de trabalho do outro. É essa relação social e concreta, que é expressa num conjunto de ideias e representações, ela só expressa uma dominação, mas não cria uma dominação.

Essa visão, para nós, é um ponto de partida interessante para discutir a ideologia e o papel do conservadorismo hoje. Pelo fato de que não é um combate, simplesmente, de ideias. Mudar o mundo: não basta mudar as ideias, é necessário mudar o mundo de onde essas ideias partem. Por isso que o Marx vai caminhar no sentido da revolução, enquanto outros, naquela época, vão enveredar para várias formas de tentativa de convencimento, difusão de ideias, etc. para se mudar materialmente o mundo. Ora, quando isso se expressa no âmbito de um conjunto de ideias de uma classe dominante, produz um fenômeno que é a ideologia. Ela não é qualquer conjunto de ideias, ela tem uma função muito específica e, essa função, seguindo as pistas do Marx, é que eu queria aqui pontuar.

O Marx identifica cinco aspectos de como a ideologia funciona. Como esse conjunto de ideias, em se tratando de uma sociedade de classes, dividida em interesses antagônicos, como esse conjunto de ideias, essa consciência social, assume o papel de uma ideologia?

A primeira característica que a gente destaca é que a ideologia é um conjunto de representações de ideias. Mas ela tem, claramente, a função de encobrir, esconder. Marx usa o termo velar, impedir que seja visto. A ideologia é um conjunto de ideias que é como se fosse uma cortina, que encobre as determinações dos fenômenos e impede que você as veja.

O segundo aspecto que a ideologia opera é que ela inverte, ela produz uma inversão: e, exatamente, essa inversão é fundamental para

esconder as determinações. Eu vou dar um exemplo de inversão que aconteceu na discussão da abolição da escravatura, no Brasil, que me parece perfeito, que é trazido aqui pelo Clóvis Moura, no seu estudo *Rebeliões na Senzala*¹. Ele está tratando do Souza Carneiro, que é um conservador e está reclamando da lei do ventre livre, já no contexto da Abolição, da Lei Áurea de 1888. E ele está reclamando do quê? É melhor ouvir as palavras do Souza Carneiro para entender o que eu estou chamando de inversão ideológica: como a ideia pode inverter um fenômeno. Ele está dizendo o seguinte, eu vou ler as palavras dele: “O escravo é uma propriedade legítima quando foi mandado desapropriar pela Lei de 13 de Maio, que declara extinta a escravidão. Segue-se que isso não pode acontecer sem produzir graves injustiças, se não for acompanhado claramente de uma indenização correspondente ao valor dessa mesma propriedade. Sem isso, a mais bela das leis, por mais humanitária que seja, só pode vir ao mundo com uma das faces suja por uma enorme mancha de espoliação injusta”. Olha que legal esse conservador, né? Quer dizer: diante do fim da escravidão, ele está reclamando que o fim da escravidão pode cometer uma injustiça. Ora, a escravidão não está sendo identificada como injustiça – mas uma legalidade. E era legal. E ele precisa ser indenizado. Olha que inversão surpreendente! Quer dizer, o escravista precisa ser indenizado porque ele vai perder a propriedade dele. Já o negro não precisa ser indenizado pelos 300 anos que foi explorado. Mas ele precisa ser indenizado. Então, esse tipo de inversão que o próprio discurso produz, é típico da ideologia, quando o conjunto dos padrões se consideram classes produtivas e os trabalhadores apenas auxiliares dessa produção. Isso fará com que a gente tenha, portanto, um segundo mecanismo da

¹ Moura, Clóvis. *Rebeliões da Senzala* – quilombos, insurreições, guerrilhas. 5.ed. São Paulo: Anita Garibaldi, coedição com a Fundação Maurício Grabois, 2014.

ideologia, que é uma inversão. Os seres humanos são apresentados como mercadoria, a vida em segundo plano para o mercado ser o primeiro plano. São inversões em que a ideologia opera.

A terceira característica é a naturalização. Algo que é histórico, que é social e que é apresentado como se não fosse abstraído da história, retirado da sua história. Quando o Henrique Vieira nos fala: religião é histórica, se você tem uma coisa constituinte do ser humano, como a espiritualidade, a forma como essa espiritualidade foi sistematizada em cultos, dogmas, sistemas religiosos, só pode ser entendida na sua historicidade. Uma vez, o José Saramago brincou: ele passou no Brasil e viu um Templo onde estava escrito o título da igreja e embaixo: “fundado por Nosso Senhor Jesus Cristo”. É estranho né? Não sei se Jesus Cristo fundou aquela igreja, especificamente. Mas ao fazer isso, eu naturalizo. Eu vou lá para o paleolítico inferior e acho cristão. Mas não pode ter existido cristão no paleolítico inferior, porque Cristo vai esperar um pouquinho mais para nascer. A religiosidade que vai pegar essa espiritualidade e se transformar num sistema, só pode ser histórica. Quando eu a retiro da história, eu a naturalizo. Ao naturalizar, eu estou operando no campo da ideologia.

O quarto elemento que também foi bastante enfatizado aqui é a justificativa. O discurso ideológico não é uma compreensão de um fenômeno que busca suas determinações, suas consequências, que se espanta com os resultados e muda as atitudes. O discurso ideológico é uma tentativa de afirmar a necessidade do existente, de justificá-la, é uma defesa do existente. A ideologia não é uma crítica àquilo que está colocado, ela é algo que vai justificar que é assim, porque assim deve ser.

E, por último, mas não menos importante, o Marx trabalha a ideologia como algo que encobre, que inverte, que naturaliza, que justifica o real, apresentando o interesse particular como se fosse universal. E é isso que se conecta com o termo de classe. As ideias da

classe dominante são um enorme esforço para transformar a sua visão particular de mundo na visão universalmente aceita na sociedade. E a eficiência dela é quando os oprimidos aceitam, como sua, a ideia dos seus dominadores. É disso que nós estamos falando e é disso nosso espanto. Vejam, o que nós estamos falando não é que o conservadorismo existe no Brasil porque ele sempre existiu. O conservadorismo sempre foi uma marca presente na nossa formação social. O que nos espanta é segmentos populares marchando sobre ideias conservadoras, apoiando alternativas da extrema direita. Isso é o que nos espanta. Mas isso é o funcionamento da ideologia.

A ideologia, no seu pleno funcionamento, é a aceitação das ideias da classe dominante como se fossem nossas. Ora, a explicação do ‘por que isso ocorre?’, é porque nós não vivemos em outras relações sociais a não ser as que constituem essa sociedade. O campo popular não vive numa sociedade popular. Ainda que as suas condições de vida sejam particulares, nós temos que viver na sociedade do capital, nós temos que vender nossa força de trabalho, ganhar nosso salário, ir ao mercado, comprar os produtos do trabalho como se fossem mercadorias, pagar por elas o seu equivalente geral. E todos nós estamos vivendo sob essas condições.

Mesmo o MPA, que é revolucionário, tem que produzir alimento, tem que vender o alimento, comprar as roupas no mercado, ou seja, compartilha das relações que constituem essa sociedade. Todos estamos envolvidos nessa forma histórica. E ao estarmos envolvidos nessa forma histórica, nós somos socializados introjetando essas relações na forma de valores, representações, que a ela correspondem.

Ora, se isso é verdade, o grande dilema é quando é que isso quebra? Isso se quebra. A ideologia é muito poderosa. Ela se fundamenta nesse enraizamento das relações existentes, na forma de valores, mas ela se quebra porque a vida real entra em choque com essa representa-

ção que dela deriva. Aí entra um movimento interessante: se o mundo ficasse parado, a ideologia seria perfeita. Só que como a ideologia é um conjunto de representações de um mundo que está em movimento, quando o mundo se movimenta, as ideias, as representações, por vezes, entram em crise com o real movimentado. E o capital é uma sociedade que produz intrinsecamente crises, gerando os momentos nos quais as representações ideais se chocam com a realidade existente produzindo crises. Por que eu estou citando isso? Porque em grande parte o conservadorismo é uma reação apaixonada a essa crise. O conservadorismo aparece exatamente no momento, não do crescimento da estabilidade do modo de expansão capitalista, ele emerge sempre e, mais intensamente, nos momentos de crise. Nos momentos de crise, a classe dominante defende de forma mais enfática as suas ideias.

O interessante é que o Marx usa, nesse momento, certos temas bastante próximos do tema que estávamos discutindo aqui. O Marx vai falar: eles vão defender de forma sagrada; eles vão defender de forma hipócrita. Por que hipocrisia? Porque é o real desconectado da representação ideal. A antiga afirmação de que suas ideias correspondem ao real do mundo, à sua verdadeira substância, ficam agora ameaçadas, mas mesmo ameaçadas elas são reafirmadas, daí a época da hipocrisia que estamos vivendo.

O conservadorismo, em grande medida, é uma reação violenta a essa crise, que ameaça os valores, mas não é uma defesa dos valores, cuidado! Ela se expressa como uma defesa dos valores, mas na verdade é uma defesa da vida, da realidade, da forma social que quer se manter. Quem quer manter? A classe dominante. Daí o grande impasse. Por que setores da classe trabalhadora caem nessa armadilha e passam a defender isso? O que, na verdade, é o conservadorismo? O que é essa onda conservadora como muitas pessoas falam e que se apresentou de forma bastante evidente no Brasil?

Quando as pessoas começam a perguntar, de onde veio esse conservadorismo, como é que isso emergiu, em 2015, na forma de uma manifestação de extrema direita, como é que isso apareceu? É bom que a gente tome cuidado pra responder a essa questão com cautela. Ele não surgiu de lugar nenhum, ele sempre esteve lá. Como foi falado aqui, a sociedade brasileira é uma sociedade de via colonial, escravista, patriarcal, preconceituosa. O conservadorismo é uma marca constitutiva da nossa formação social. Ela sempre foi muito mais determinante do que o pensamento crítico, muito mais. É um erro, assim como é um erro generalizar evangélico igual a pensamento conservador. É um erro homogeneizar o conservadorismo. Há pensadores conservadores instigantes no Brasil, ainda que conservadores. O fato não é esse. O fato é que esse conservadorismo seja de forma mais liberal, – o Brasil é um país estranho. Liberal e conservador são uma coisa estranha. O liberalismo sempre foi uma coisa revolucionária, do ponto de vista capitalista. No Brasil, ele é uma doutrina conservadora – se o liberalismo é conservador no Brasil, o conservador propriamente dito se aproxima da extrema direita. Mas no momento da crise, essa reação violenta, a ordem real ou potencialmente em perigo, fazem com que emerja o conservadorismo enquanto um fenômeno.

Vejamos suas características: a primeira característica do conservadorismo, tal como se apresentou agora, ainda que partindo de uma visão que aplaina as diferenças do conservadorismo como forma mais geral, ele se apresenta com uma grande dose de irracionalismo. Isso se explica por que? Porque na origem do pensamento burguês, ele é revolucionário e, em grande medida, científico. Ele ajuda a compreender determinações do mundo em diferentes áreas. O próprio Marx se apoia, em grande medida, em economistas burgueses que constroem uma teoria da economia burguesa, constroem ciência. Quando a crise acirra, quando abre essa contradição e as ideias não mais correspon-

dem à realidade dos fatos, a classe dominante não pode se apoiar na ciência. Então ela tem uma reversão anti-científica, irracional. O irracionalismo é um fenômeno da crise do capital, da crise da sociabilidade burguesa, e isso está na base de autores marxistas como Carlos Nelson Coutinho, ou Sartre, ou Lukács.

Mas o irracionalismo – atenção ao primeiro ingrediente – o conservadorismo apresenta-se com um enorme irracionalismo. O mundo não faz sentido, a ciência não faz sentido, a ciência não explica o mundo, a filosofia não quer dizer nada, a teologia explica pouco. Um racionalismo geral é um refúgio da irracionalidade. A segunda característica é um enorme ressentimento. O que é o ressentimento? O ressentimento é uma dessas experiências subjetivas do ser humano, quando ele vivencia algo que não chega aos objetivos que ele imaginava poder alcançar. E a nossa sociedade é extremamente perversa em relação a isso. É uma livre concorrência entre todos: que você vai ser feliz, bem-sucedido, rico. E aí você acorda pobre e, você fala: de quem é a culpa disso? Da sociedade? É uma coisa meio abstrata. Então é minha. Eu não consegui chegar nisso. Eu não consegui chegar no grau de consumo que me permite ter um carro, uma casa, todas essas bobagens tecnológicas etc. e tal, ir à universidade, ter uma carreira, ser bem-sucedido. Então, enquanto eu projeto trajetórias de extremo sucesso, a minha vida vai virar um extremo fracasso. Tudo isso acumula um enorme ressentimento.

O Luís Gama, um abolicionista, tem uma frase que eu gosto muito. Ele fala assim: “o Brasil se assemelha a um povo de naufragos que vive esperando alguém vir aqui salvar a gente da ilha onde nos esqueceram”. Então, vejamos, o Brasil é uma enorme organização e um ressentimento de um país que era para dar certo e que nunca deu. Isso é um aspecto do conservadorismo que tem que ser levado em conta. Esse enorme ressentimento no Brasil se expressa de forma

muito forte. O Brasil que era para dar certo e não deu. Os principais exemplares dele é um cara que queria ser filósofo e não conseguiu nem ser astrólogo². Um cara que nunca ninguém conseguiu levá-lo a sério. Porque não é uma pessoa a ser levada a sério. Ele é um caçador de pato que vive nos Estados Unidos e não produziu conhecimento relevante nenhum. Mas ele não vai julgar isso pela qualidade do seu pensamento, é o mundo que não chegou à altura da sua enorme capacidade de pensar.

Isso vem junto com algo que é característico da onda conservadora, que é o preconceito. O preconceito é um exemplo de racionalismo, um pré-conceito. Antes de eu conhecer, antes de eu entender, antes de eu buscar as determinações reais eu já julgo. É um julgamento antecipado que vem junto com uma ação de contrariedade. O preconceito é estrutural do pensamento conservador, ele se funda numa visão preconceituosa do mundo. Isso tem a ver com outro aspecto que eu vou falar daqui a pouco que é “o outro”. Esse preconceito é uma expressão do irracionalismo e de uma característica típica do conservadorismo, que é o particularismo, o presentismo. Interessa o agora, ele é algo movido por paixões, uma resposta apaixonada ao que se apresenta. É algo que tem que estar dado agora, não existe o passado, não existe o futuro, é o agora, é o presentismo, o imediatismo.

Ah, e a crise brasileira? Temos que entender o seu passado colonial. O conservador já parou de ouvir. Porque ele tem um pré-conceito com isso. O passado não explica o presente. O que explica o presente é a ação, é agir agora, é mudar agora. Por isso que, muitas vezes, ele se disfarça de inovador, ele se apresenta como inovação, por conta desse imediatismo, por conta dessa crítica de tudo existente baseada na irracionalidade, no preconceito. Isso vai fazer com que essa ação se volte contra o outro, que é visto no lugar de inimigo. Eu preciso produzir

2 Refere-se a Olavo de Carvalho.

um inimigo para juntar esse ressentimento numa forma ativa de ser. Então, o outro tem que ser, tem que ser preconceituosamente estigmatizado. Então, ele é o outro, ele é o comunista, ele é o negro, ele é o índio, ele é o ecologista, ele é a mulher, ele é o feminismo. Eu tenho que estigmatizar isso para criar algo contra o que, ao combater, eu coesiono o bloco conservador, e faço dele um bloco politicamente ativo.

Por último, mas não menos importante, é a ênfase em valores. O conservadorismo se diz atacado por esse outro, mas o que, afinal, é atacado? É algo que ele considera, porque ele está navegando no terreno da ideologia como natural, como essencial, que são substâncias que se expressam nos valores que ele acha sagrado e imutáveis. Aí está o valor da pátria, aí está o valor da família, aí está o valor de uma certa interpretação da religião, aí está o valor de um certo comportamento ou práticas na sexualidade, na política etc. e tal.

Isso faz com que ele defenda radical e fundamentalmente esses valores como sendo ameaçados. Ele vê a sua vida ameaçada se esses valores estiverem ameaçados. Eu ameaço a família, e a ameaça à família é uma ameaça a ele, à sua família. Ainda que essa seja uma projeção, muitas vezes, em contradição com o real, a família dele é muito pouco próxima daquilo que ele acha que é o valor de família. Essas características gerais formam um comportamento. A pergunta é: porquê que isso tem uma função ideológica? Quando a classe trabalhadora sai em defesa irracionalmente, preconceituosamente, da propriedade, dos valores da família, colocando o seu próprio ressentimento – essa que é a peça que engancha os dois –. A classe trabalhadora tem uma “porrada” de motivos para o seu ressentimento. Mas ela explica o seu ressentimento pelo ataque à família, à propriedade, a uma coisa que ela não tem, mas ela vê como se fosse dela, porque ela está ressentida.

Então, o conservadorismo, politicamente, é uma manipulação do ressentimento popular para garantir os interesses da burguesia e não

desses segmentos populares. E aí que está o gancho. O conservadorismo se torna uma ideologia, porque ele apresenta o seu interesse particular, que é o de defesa da ordem capitalista da sociedade burguesa, como se fosse um interesse do conjunto da sociedade.

Ora, finalmente, é preciso refletir um pouco por que esse conservadorismo que está dado na sociedade brasileira ganhou impulso, saiu, emergiu no contexto que estamos falando. Nós temos, na verdade, dois fatores aí a serem compreendidos. O primeiro fator é a crise. O capital entrou em crise e dissolve as condições em que ele apoiava a sua ideologia. Quer dizer, o capitalismo funciona muito bem quando ele funciona, eu poderia dizer assim. Quer dizer, ele não funciona, ele entra em crise, ele produz um momento de crescimento, o máximo, uma superacumulação e uma crise. O que é a crise do capital? Ela é uma crise produzida pela abundância de capital, não pela sua carência. Quando o capital chega ao máximo do seu processo de acumulação, ele entra em crise e começa a se decompor. Isso gera desemprego, isso gera quebra de empresas, gera desorganização social, isso gera crises sociais e culturais, etc. e tal. Essa crise é o caldo de cultura para emergir essa reação.

Mas por que essa reação não é uma reação revolucionária? Porque, nessa crise, a classe trabalhadora não tem a percepção de que o capitalismo não funciona e passa, portanto, a ouvir mais aqueles que sempre falaram criticamente em relação ao capitalista e apontavam na direção do socialismo? Porque a classe trabalhadora e o conjunto popular, na sua extensão, são constituídos por sua experiência. O segundo fator que tem que ser colocado é o fracasso de uma estratégia. A estratégia democrática popular escolheu um caminho para a revolução brasileira e os protagonistas desse caminho o implementaram. Só que esse caminho passava por um processo de diluição das diferenças de classes, de pacto, de crença na ordem atual, na institucionalidade burguesa,

na possibilidade de chegar ao Estado burguês e usar o Estado burguês num longo processo de transformações gradativas.

A estratégia democrática popular fica treze anos no governo implementando um pacto e esse pacto desarma a classe trabalhadora da sua autonomia, da sua independência. Ele passa a acreditar que a sociedade capitalista é o caminho para que o crescimento da economia capitalista possa gerar a taxaçoão do Estado e a distribuição gradativa da riqueza em médio e longo prazo. E enquanto isso, a gente freia o conservadorismo, porque a gente não enfrenta de vez, a gente achou o *status* possível de transformação sem uma ruptura. Ora, isso desarmou a classe trabalhadora, e ela passa a vivenciar a crise do capitalismo como resultado dos governos democráticos e identifica o setor popular que estava no governo, como responsável por essa crise. E o seu ressentimento se dirige contra ela. Ora, está feita a festa. Quer dizer, a derrota dessa estratégia, a reversão do pacto pela ruptura que se produziu pela direita a partir de 2016 com o golpe, tudo isso fará com que a classe trabalhadora perca a antiga referência popular que tinha e seja capturada por uma referência conservadora.

A derrota dos governos de conciliação de classe, do longo ciclo de conciliação de classe, o impasse na estratégia democrática popular, somados à crise do capital, produz o efeito de que a classe trabalhadora vai orientar a sua ação, ou parte significativa, inclusive, para a direção do conservadorismo, e vai ser capturada pela extrema direita. Isso não é definitivo, a classe trabalhadora continua existindo, continua em crise, continua vivenciando os processos. E as ideias conservadoras rapidamente se mostram adequadas para os seus próprios interesses.

Mas o perigo disso é enorme, porque esse processo muito semelhante é que leva a alternativas fascistas, a alternativas de extrema direita, levou historicamente, e aqui no Brasil caminhamos nessa perigosa trilha.

Tem um poema que chama: “como nasce um conservador”, que eu acho que mostra um pouco aquela ideia que eu falei do ressentimento que talvez possa não ter ficado entendido. O conservador é uma manifestação bastante intensa de um ressentimento profundo, do que se queria ser e não conseguiu. A gente precisa tomar muito cuidado com nossos ressentimentos, porque eles podem ser usados pela extrema direita.

Então, antes de falar dos conservadores, vamos entender a situação que os produz. O que tolheu, calou, desarmou, impediu que fosse feito. Tudo isso é uma energia que é negada e que, quando explode, explode na forma de processos conservadores e reacionários. É isso.

Assim nasce o conservador

POEMA DE MAURO IASI

De todos os invernos	Do obscurantismo, de todo preconceito,
De todas as noites sangrentas	de tudo que te cega, de tudo que te cala,
De todos os infernos	de tudo que lhe tolhe, de tudo que recolhes,
De todos os céus desterrados de perdão.	de tudo que abdicas, de tudo que te falta.
De toda obediência burra	Um beijo o assusta,
Ao oficial, burocrata,	um abraço o enfurece,
À coroa, ao cetro,	a dúvida o enlouquece,
Ao papa, ao cura.	a razão se esvanece no vácuo.
De todo medo	Germina, assim, uma impotência tão grande,
“Agora não, ainda é cedo”,	que deforma as feições e torna tenso o corpo,
de todo gesto invertido para dentro,	o dedo em riste, a veia que salta no pescoço,
de toda palavra que morre na boca.	a boca transformada em latrina.
	Assim nasce o conservador.
	Ele teme tudo que é novo e se move.
	É um ser frágil, arrogante, assustado...
	e violento.

CAPÍTULO IV

Ecologia e luta de classes

Marildo Menegat

O tema que me foi proposto é, de fato, um tema muito atual. Ele, de certo modo, vai cruzar as nossas vidas por muitos e muitos anos. Mesmo que o capitalismo acabe, a destruição da natureza acompanhará os nossos destinos. Portanto é uma questão muito complexa. Eu vou tentar ser o mais didático possível, mas nem sempre isso será possível.

Um primeiro campo de questões pode ser produzido da seguinte forma: nós podemos tentar entender a relação entre a natureza do capitalismo e a natureza de outras sociedades, de outros tempos históricos. Esse tipo de aproximação comparativa ajuda a entender bem o que há de diferencial na relação que o capitalismo produz com a natureza, em que lugar o capitalismo coloca a natureza e, ao mesmo tempo, vai nos ajudar a entender que, mesmo que nós passamos a aprender muitas coisas com os povos do passado, uma solução da destruição que hoje é produzida em grande escala, da natureza, ela só pode ser pensada como algo novo. É algo ainda sem uma resposta. A primeira questão pode então ser guiada pela seguinte pergunta: os povos do passado também destruíram a natureza? Qual a razão de uma pergunta como essa? A razão de uma pergunta como essa é mostrar a nós, não só que vários povos do passado destruíram a natureza, mas nos mostrar também qual a razão da destruição da natureza hoje. Então, quando nós comparamos, por exemplo, experiências de vida, como a dos povos que viviam nessas terras que se tornaram o Brasil, antes da

chegada do homem branco – aquele que Davi Kopenawa chama de “o homem da mercadoria”, em seu belo livro *A Queda do Céu* – esses povos indígenas tinham uma sabedoria na sua relação com a natureza, que nós precisamos examinar de perto, pois não vamos encontrar essa sabedoria na relação que o capitalismo produziu com a natureza.

Para os povos indígenas, durante muito tempo na história humana, a natureza era tratada como se fosse uma grande mãe. Dela eram oriundas todas as formas de vida, inclusive, a vida humana. A vida humana era devida a alguma deusa da natureza, uma deusa da fertilidade, como era a dos povos da mesopotâmia. Este lugar da natureza como uma grande mãe produziu uma ética no interior desses povos, e é muito importante prestarmos atenção nessa ética.

Vocês sabem que o *ethos* é um costume comum, é um costume público, é um costume que nós produzimos para a vida pública, para a vida das relações que nós travamos com os outros fora das nossas casas. Então, essa ideia de que a natureza era uma mãe, que ela era um espaço acolhedor, ela constituía um *ethos*. O sentido básico desse *ethos*, dessa ética, era: não agredir a mãe. Não se agride aquilo que nos dá origem, a tua própria vida. Essa ideia é comum a muitos povos. Ela é comum aos nossos povos indígenas, ela é comum aos povos da antiguidade mesopotâmia, ela é comum durante muito tempo na Idade Média europeia, e ela era basicamente este ponto. Isso não significa que estes povos, que essas sociedades, não tenham produzido destruição da natureza. Ao longo da história humana, nós vamos encontrar destruições da natureza em vários lugares, em várias situações, mas isso coloca um limite nessa destruição da natureza, portanto, isso é uma primeira questão muito importante.

Na sociedade moderna – profundamente marcada por uma transformação nessa relação com a natureza –, a natureza já não é para nós

uma grande mãe; a natureza é para nós um objeto. No capitalismo, a natureza é um objeto. É um objeto a ser dominado. É um objeto a ser não apenas dominado, mas transformado. Logo mais eu aprofundo essa ideia. Isso é um primeiro aspecto muito importante. Nos nossos laços mais conscientes ou mais inconscientes, nós produzimos uma ruptura com o passado e nessa ruptura com o passado, nós nos tornamos profundamente alheios, alienados, com um pensamento que é um pensamento-base fundamental: que é a nossa origem. A nossa origem depende da natureza, a nossa origem é a natureza. Portanto a natureza deve ser cuidada. Como vocês falavam na canção que cantavam agora há pouco, num poema que alguém declamou, a terra precisa ser cuidada. Este fato foi perdido com a origem do capitalismo.

Uma segunda questão, ainda nesse campo de comparação com a relação com a natureza de outros povos, de outras épocas históricas: eu falava que muitos povos produziram a destruição da natureza. Isso é muito comum. Isso depende de muitas variáveis, de mudanças ecológicas, de períodos longos de seca, isso depende de crescimentos demográficos, isso depende de conquistas de povos por grandes impérios. Vários fatores levaram à destruição da natureza. Um fator, no passado, produziu destruição da natureza do qual nós devemos prestar atenção, porque ele também atua no presente. São formas de fé muito cega que impedem os indivíduos de enxergar.

Este elemento que eu chamava atenção, que é essencial para nossa existência, é como nós cuidamos da natureza. Eu vou contar um exemplo para vocês, que é o exemplo dos moradores da ilha de Páscoa. A ilha de Páscoa pertence ao Chile. Ela fica mais ou menos a mil e trezentos quilômetros mar adentro. Ela é um pequeno conjunto de ilhas, um arquipélago que, pelo que se sabe, teria sido colonizada por povos da polinésia há mais ou menos mil anos. Estes povos tinham uma crença,

eles produziam um tipo de escultura, um *totem*, chamado Moais. Os Moais eram formas desses povos homenagearem seus espíritos. Essas ilhas eram muito pequenas, e eles vão produzindo esculturas, esses Moais, esses totens, para agradecer a esses deuses. Quanto mais eles produziam essas esculturas – hoje, na ilha de Páscoa, há em torno de 800 dessas esculturas – mais a ilha ia perdendo a sua vegetação. E quanto mais a ilha ia perdendo a sua vegetação, mais e maiores eram as esculturas que esses povos, que viviam nelas, produziam. Acreditavam que quanto maior fossem essas esculturas, mais próximos eles estariam dessas divindades e mais essas divindades poderiam ajudá-los. Veja só que autoengano impressionante. Eles acreditavam que, ao destruir a natureza para homenagear os seus deuses, as suas divindades, essas divindades poderiam repor essa natureza que um dia foi destruída. E quanto mais eles homenageavam as divindades, mais eles destruíam a natureza e menos ela era repostada.

Portanto esse tipo de pensamento que eu chamo de um pensamento fechado, é um fechamento fundamentalista, um tipo de pensamento tautológico. Ele é também muito importante para nós entendermos o que eu vou falar sobre essa relação entre natureza e capitalismo. Por que esse tipo de pensamento fundamentalista? Como era, por exemplo, o pensamento dos moradores da ilha de Páscoa? Ele é um pensamento cego? Por que ele não nos ajuda a entender a destruição que nós mesmos produzimos? Bom, então, se nós podemos extrair algo de muito relevante nessa relação com os povos do passado, na questão da relação com a natureza, parece-me que essas questões passam, mais ou menos, por algo como falei até agora.

O que o capitalismo faz de diferente? A primeira questão importante que o capitalismo faz de diferente em relação a esses povos é nos posicionar de forma radical fora da natureza. A sociedade cristã

moderna, a sociedade que surge a partir da Reforma Protestante, do início do capitalismo, no século XV, XVI, essa sociedade, cujo centro é a Europa, vai separar radicalmente o humano da natureza. Ao nos separar tão profundamente da natureza, a natureza deixa de ser uma mãe, ela deixa de ser aquilo que nos acolhe, deixa de ser aquilo que nós devemos a nossa origem e devemos cuidar, para se tornar meramente um objeto. Por que, para o capitalismo, transformar a natureza em objeto é essencial? Por uma razão muito simples: vocês, já a essa altura da vida, sabem que todas as nossas formas de existência no capitalismo passam, necessariamente, por duas mediações.

No capitalismo, todas as necessidades humanas se transformam em mercadorias e tudo se transforma em mercadoria para que depois se transforme em dinheiro. Portanto, num sistema de vida social em que tudo é mercadoria, e que tudo precisa se transformar em dinheiro, a natureza é um objeto para se transformar em mercadoria. A natureza é um grande laboratório, um grande mundo objetivo em que a função básica dela é servir justamente de matéria-prima para a transformação humana em mercadorias. Observem que isso que estou explicando, não necessariamente as mercadorias, elas cumprem a função de realizar necessidades humanas. As mercadorias podem ter vários sentidos, por exemplo, uma mercadoria que é difícil nós explicarmos sua necessidade humana são as bombas, ou mais duro ainda: os artefatos nucleares, como as bombas nucleares. Essas bombas, os armamentos, todos eles exigem imensa transformação de matéria. Nós precisamos transformar a natureza para produzir esses artefatos de destruição. E não obstante esses artefatos de destruição, apesar de serem mercadorias, e mercadorias muito caras, eles não são necessários humanamente.

Mas então vejam, o capitalismo transforma a natureza em objeto, e ele transforma a natureza em objeto porque ele precisa transformar

tudo em mercadoria. E ele precisa transformar tudo em mercadoria, porque o único sentido, o sentido mais profundo do capitalismo é transformar dinheiro em mais dinheiro. Essa é a lei básica, é o princípio supremo, é o grande imperativo categórico da sociedade capitalista. Portanto vejam, no *ethos* do capitalismo, nós encontramos apenas essa lei: transformar dinheiro em mais dinheiro. Como essa lei é a lei suprema, e para poder transformar dinheiro em mais dinheiro, tudo deve ser mercadoria, tudo deve ser transformado em mercadoria. Não é possível olhar para a natureza como um espaço de cuidado.

Vejam, ao aceitarmos esse imperativo, nós nos cegamos. É verdade, nós achamos que a natureza é infinita, nós achamos que a natureza é interminável, se vocês me permitem. Nós achamos que a natureza é incomensurável. Quando nós olhamos e começamos a contar os grãos de areia de uma praia, essa mesma infinitude dos grãos de areia de uma praia nos parece ser a natureza enquanto um todo. Mas, não obstante essa nossa fé otimista de que a natureza é interminável, a natureza tem fim.

Portanto vejam, isso aqui é uma terceira ideia importante, e uma mudança que o capitalismo produz. Ele muda o lugar da natureza, ele torna a natureza um objeto, e ele precisa tornar a natureza um objeto porque o fim único, o fim básico do capitalismo é transformar dinheiro em mais dinheiro, e para que ele possa transformar dinheiro em mais dinheiro, ele precisa fazer com que tudo seja mercadoria, tudo seja vendável, tudo precisa ser vendável. E ao produzir essa forma imperativa de relação com a natureza, nós nos tornamos cegos, porque nós achamos que a natureza é infinita, mas ela não é.

Indo um pouco mais adiante neste raciocínio: toda sociedade humana produz, então, um metabolismo com a natureza, é o que eu tenho falado até agora. Todo grupo humano é um grupo associado.

Nós, seres humanos, só podemos viver em sociedade. Para a nossa espécie é impossível viver isoladamente, nós precisamos uns dos outros. Nós somos gregários, por definição. Nós não somos individualistas por instinto, isso é falso. Nós, por instinto, precisamos nos agregar aos outros, nós precisamos conviver com os outros, nós somos uma espécie sociável. Portanto nós, como um grupo sociável, realizamos esse metabolismo com a natureza, nós precisamos trocar com a natureza tudo aquilo que é fundamental para continuarmos existindo. Então vejam, ao trocarmos com a natureza, nós produzimos um metabolismo que é um metabolismo social, mediado socialmente. Os animais só fazem o metabolismo quando precisam comer, procuram na natureza a comida conforme a natureza lhes oferece. Nós, seres humanos, ao procurarmos o alimento, precisamos produzi-lo socialmente, como a comida, por exemplo. Nós, seres humanos, ao morarmos, precisamos transformar as formas acolhedoras da natureza em casas, em habitações. Portanto essa mediação social que nós produzimos com a natureza permite dar uma qualificação a esse metabolismo. Essa mediação social vai explicar para nós o sentido desse metabolismo com a natureza.

No capitalismo, a mediação social é, basicamente, a busca por dinheiro e mais dinheiro. Portanto, socialmente, não somos uma forma social gregária, nós somos uma forma individualista competitiva. Todos nós somos construídos socialmente para buscar transformar dinheiro em mais dinheiro. Todos nós somos formados nessa lógica competitiva e, como nós somos formados nessa lógica competitiva e cega, como eu já falei, a nossa mediação com a natureza não é um metabolismo para realizar a nossa existência como seres vivos, seres sociais. Em nossa relação com a natureza, o metabolismo serve apenas para transformar esse dinheiro em mais dinheiro, produzir merca-

dorias. Portanto vejam, esse metabolismo que nós realizamos com o capitalismo – que é apenas para produzir mercadorias –, ele se torna alheio, alienando as nossas necessidades. Nós exploramos a natureza, nós destruimos a natureza, mas não para nos tornarmos mais felizes, não para nos tornarmos uma espécie mais capaz, não para ficarmos bem uns com os outros, mas apenas para, a partir dessa destruição, ampliar a acumulação de capital.

Então vejam, no capitalismo, esse metabolismo com a natureza é um metabolismo alienado. Ele é alienado, no sentido mais simples da palavra. Ele é alheio a nossa consciência, ele é cego, nós agimos cegamente em relação aos nossos próprios interesses. Nessa relação, neste metabolismo cego com a natureza, nós nos organizamos, nós vivemos socialmente de costas à natureza. O capitalismo é uma sociedade urbana. Ele tende a fazer com que a humanidade toda imigre para as cidades, porque é nas cidades que o capital produz indústrias, é na cidade que ele produz e cria a circulação de mercadorias, é na cidade que ele pode nos tornar mais dependentes do dinheiro. Na cidade, você não tem um vaso para plantar uma batata, na cidade, você depende basicamente de comprar tudo o que você precisa, a cidade é uma prisão para as necessidades humanas. Ninguém pode viver, na cidade, sem algum dinheiro, até quem esmola na cidade precisa pedir um dinheiro. O capitalismo nos separa da natureza, ele nos leva a viver em cidades. E quando nós vivemos em cidades, as nossas necessidades básicas, os produtos com os quais nós realizamos as nossas necessidades, os nossos alimentos, eles precisam chegar de fora. Por isso ele precisa organizar a agricultura que produz os alimentos para quem vive na cidade, de forma mercantil, de forma industrial.

Mas o que eu quero chamar a atenção é que, ao trazer os alimentos do campo para a cidade, nós criamos o que Marx chama de uma ruptura com o metabolismo natural que todos os seres produzem com

a natureza. Veja, na natureza como um todo, tudo que alguém retira dela, que um animal retira dela, ele devolve. Observe como as fezes dos animais são excelentes adubos. Nós, seres humanos, na medida em que nós rompemos essa relação metabólica com a natureza, nós vivemos às costas da natureza, nós somos alheios à importância da natureza na nossa existência.

Para nós, seres humanos, tudo aquilo que retiramos da natureza vira lixo. Pilhas e pilhas de lixo. O lixo é o grande monumento da ruína que nós produzimos na relação com a natureza. O lixo é a encarnação perfeita do grande *totem* que o capitalismo produz na sua destruição da natureza. Vejam, aquilo que devia voltar para a natureza e continuar alimentando a sua existência e nos alimentando dentro da existência da natureza, no capitalismo é rompido. Essa ruptura metabólica é um elemento fundamental para pensarmos o tema da destruição da natureza hoje. Essa ruptura metabólica vai afetar a agricultura. Eu tenho consciência de que eu estou falando para uma comunidade de agricultores, de pequenos agricultores. A ruptura metabólica é uma questão para a agricultura, no capitalismo, pois vamos exaurindo a terra. Cada vez mais retiramos da terra os seus recursos, porque a terra é um ser vivo, e enquanto ser vivo ela precisa ser alimentada. Na medida em que nós tiramos e isso não volta mais para a terra, vira lixo, a terra vai ficando subnutrida, vai ficando completamente esquelética.

Para o capitalismo isso é muito importante, porque nesse espaço que eu estou chamando de ruptura metabólica, vai-se produzir uma série enorme de mercadorias, que será empurrada para os agricultores, que são os adubos, que são os “defensivos agrícolas”. Nessa nossa época, são também as sementes, os organismos geneticamente modificados. Tudo isso vai alterando profundamente aquilo que era uma forma natural, uma forma entrópica de desenvolvimento da vida.

Vejam, na medida em que se produz toda essa avalanche de uma ruptura metabólica sendo ocupada por um mercado, o capitalismo está realizando o seu fim, mas não a humanidade. O capitalismo realiza seu fim porque, por algum tempo, nós podemos adubar a terra com produtos químicos, nós podemos usar alguns adubos químicos de forma eficiente durante algumas décadas, mas não durante o tempo todo. Nessa toada, nessa ideia que eu estou aqui desenvolvendo, observem, o capitalismo exaure e vende remédios. Os adubos são os remédios, é uma farmácia, uma farmacologia que o capital cria para sanar um ente vivo que é a terra, que está ficando cada vez mais doente.

Desde o século XIX, desde final do XIX, essas ideias que eu estou aqui desenvolvendo para vocês foram ganhando uma dimensão imensa, elas foram ganhando o planeta. Observem que coincidência curiosa: quando o capitalismo, na Europa, desenvolve forças produtivas poderosas, como a máquina a vapor, com ela a siderurgia, ele poderá criar meios de transporte muito rápidos e potentes como o trem. No século XIX, o trem foi uma grande invenção. Vai inventar formas de transporte marítimo muito rápidos como os barcos a vapor. Com esses meios de transporte, o capitalismo vai se espalhar pelo mundo inteiro e não haverá um único canto do planeta que ele não vai alcançar. No final do século XIX, observem a coincidência, os americanos estão tomando o velho oeste, exterminando indígenas. A ocupação do oeste americano e o extermínio de indígenas, no oeste americano, é contemporâneo da expansão argentina para a Patagônia. E este extermínio de indígenas da Patagônia pelos argentinos é contemporâneo da expansão brasileira para o oeste paulista e a penetração nos seringais da Amazônia em busca de látex para fazer pneus de automóvel. Na mesma época em que os brasileiros estão começando a destruir de forma mais intensa a Amazônia, os russos

estão ocupando as Estepes¹. Os europeus estão destruindo partes impressionantes da África e dominando a Ásia. Nenhum canto do mundo foi poupado dessa destruição.

A partir do final do século XIX, as primeiras grandes e impactantes mudanças climáticas podem ser vistas nitidamente. Um fenômeno que até hoje nos assola, como o *El Niño*, é um produto dessa expansão do capitalismo do final do século XIX. Ele é parte desse processo que eu estou aqui descrevendo.

Observem, o capital se espalhou pela superfície da terra. A terra inteira se torna para ele um objeto de dominação. Não foi apenas a superfície da terra que o capital dominou. Na mesma época, a indústria precisava de combustíveis e já não era mais possível fazer a máquina funcionar apenas com lenha. Há algum tempo, a Europa cavava as entranhas da terra em busca de carvão. Na medida em que vai passando os anos, a busca de carvão vai ficando cada vez mais profunda, cada vez mais as minas vão ficando fundas. E, logo depois, foi descoberto o petróleo. No final do século XIX, o petróleo começa a ser usado como um combustível. E vocês sabem o que vem junto com o petróleo: guerras, destruição e cada vez mais a produção de máquinas mais poderosas. Vejam, isso que o capitalismo produz, essa ocupação que ele produz do planeta vai tornando isso que eu chamava a atenção de vocês sobre uma “ruptura metabólica” em um imenso problema. A natureza parece para nós infinita. Parece que ela não morre, parece que ela não tem fim, mas ela tem fim.

Na década de 1970, a própria burguesia, o próprio capital, começa a reconhecer que talvez haja limites no desenvolvimento. Um grupo de empresários, intelectuais e cientistas reunidos em Roma, produziu um

¹ Estepes era uma região da Ásia Central dominada pelos russos entre os séculos XVIII e XIX.

relatório chamado “Os Limites do Desenvolvimento”². Este relatório já é uma primeira exumação de que essa expansão abrasadora do capitalismo do final do século XIX e ao longo século XX chegava a um ponto que tornava a vida do planeta muito, mas muito ameaçada. Vejam, 1970 são quase cinco décadas atrás. Depois desse relatório dos Limites do Desenvolvimento, nós vamos ter uma mudança fundamental do que eu estou falando aqui, que é uma mudança profunda da própria estrutura do capital, do capitalismo.

Vocês sabem que o que permite produzir valor, o que dá valor às coisas é medida de trabalho humano que está presente na criação de cada coisa. Na medida em que o capitalismo vai produzindo máquinas cada vez mais poderosas, as máquinas vão fazendo o que os homens e as mulheres faziam antigamente. Um produto produzido só por máquinas, ele não tem valor. A partir dos anos 1970, cada vez mais o capitalismo começou a usar máquinas, máquinas poderosas, para produzir mercadorias. E como ele usava máquinas, a presença de trabalho humano no valor de cada mercadoria era muito pequeno. Como o valor de cada mercadoria era muito pequeno, o capital, para poder compensar essa diminuição de valor de cada mercadoria, precisou aumentar a quantidade de mercadorias. Aumentar a quantidade de mercadorias é, nada mais, nada menos que produzir, produzir, produzir. Se antes uma geladeira tinha o valor de 3, 10, 15 trabalhadores, durante 4, 5 jornadas; se eram necessários 10 trabalhadores trabalhando 4 dias, quando a máquina fez essa geladeira sozinha, isso desapareceu, quando a máquina fez isso sozinha, isso desapareceu. E na medida em que isso desaparece, para poder garantir que as coisas ainda tenham algum valor, para poder vender uma geladeira com

² Documento publicado em 1972 por cientista e economistas do chamado Clube de Roma.

algum valor, porque o preço dela vai cair, vai ser necessário produzir muitas geladeiras.

Quem tem uma idade um pouco maior vai se lembrar que, antigamente, um automóvel era um artigo muito caro. Era muito caro, porque a presença de trabalho humano na criação desse automóvel era enorme. Hoje em dia, o automóvel é uma coisa bem mais acessível. Ele é mais acessível porque a presença de trabalho humano nele é pequena, mas para que esse automóvel com menos valor seja de fato rentável, é necessário produzir milhares, milhões de automóveis. Vejam, o que eu estou dizendo para vocês é que o capitalismo, desde o final da Segunda Guerra Mundial, mas, principalmente, a partir da década de 1970, vai se transformar numa sociedade de consumo de massas. Essa sociedade de consumo de massas é, nada mais, nada menos, do que uma sociedade em que cada vez mais as coisas têm menos trabalho humano e, quanto menos trabalho humano, mais coisas o capital precisa produzir para poder produzir o seu lucro, para poder transformar dinheiro em mais dinheiro. Então vejam, com isso, torna-se inevitável que a natureza se esgote.

Essa mesma lógica que está utilizando robôs para produzir automóveis, vejam que dado curioso: olha que dado impressionante, em 1945, quando terminou a Segunda Guerra Mundial, um trabalhador, se ele pudesse sozinho construir um carro, um automóvel, ele ia gastar um ano. E, em 1996, este mesmo trabalhador, se ele pudesse construir um carro sozinho, em um ano, poderia construir 6 carros. Vejam que salto a produtividade do trabalho deu. Vejam que salto a técnica deu para o mundo do trabalho. E quanto mais a técnica entrou para o mundo do trabalho, mais ela jogou para fora os seres humanos, que irão se tornar massas sobrantes pelas ruas das cidades, pelos campos a fora. Mas essa mesma lógica, e era isso que eu queria falar para vocês, ela passa a ser usada também na agricultura.

A agricultura, a partir da década de 1960, depois da Segunda Guerra Mundial, vai cada vez mais se situar naquele tripé: “defensivos agrícolas”, adubos químicos e maquinaria. Hoje em dia, essa organização cada vez mais artificial da agricultura pode produzir campos e campos semeados apenas por máquinas controladas por GPS. Portanto vejam, nós não apenas estamos vivendo uma época em que o capital elimina o trabalho humano, joga o ser humano para fora do processo de produção, como o capital coloniza completamente a produção agrícola e, ao colonizar a produção agrícola, precisa produzir quantidades imensas, imensas, imensas, imensas de mercadoria para poder sustentar a sua valorização, a sua acumulação. Não há planeta que suporte isso.

A partir da década de 1980 e 1990, a ideia de que nós tínhamos chegado no limite do planeta vai se tornar uma realidade acachapante. Podemos medir essa realidade por muitas coisas. Nós podemos medi-la pela mudança climática, pelo aquecimento global, pela destruição de florestas e dos rios, pela escassez de água, pelo crescimento de desertos, etc. Para se ter uma ideia do que eu estou falando aqui e eu já vou encaminhando a minha fala para a conclusão, observem os biomas que compõem a natureza no Brasil, observem, por exemplo, a Amazônia. Um dos estudos mais importantes sobre a Amazônia, justamente, sustentava a ideia de que aquela floresta não poderia ser utilizada de forma intensiva para a produção de mercadorias. Aquela floresta precisava ser respeitada na sua forma, mais ou menos, fechada de existir. Aquela quantidade imensa de árvores exigia uma quantidade grande de água. Água e árvores eram um equilíbrio necessário para a Amazônia. E, na medida em que se destruiriam as árvores, as águas também começariam a desaparecer. E, essas teorias, todas elas trabalhavam com a ideia de que uma floresta, como a Amazônia,

teria um ponto que seria o ponto limite a partir do qual ela produziria uma inflexão. Calculava-se se era possível destruir 15, 20, 25% da floresta e ela ainda continuar o seu ecossistema. Vários autores, recentemente, falam que este ponto de inflexão da Amazônia pode ter sido ultrapassado.

Vejam o Pantanal. Outro ecossistema que forma a nossa natureza e o que nós vemos hoje, no Pantanal, não é apenas o desastre de ações criminosas que vão tocar fogo, mas é também um limite em que o conjunto daquele ecossistema chegou, em que o ar, a umidade do ar vai ficando cada vez mais baixa. Olhem um ecossistema, como a Mata Atlântica, que faz parte desse processo de colonização do Brasil, hoje, restam apenas 7% da Mata Atlântica. Olhem para o sul parte do Pampa já começa a se desertificar. Portanto vejam, minhas camaradas e meus camaradas camponeses, a luta por uma agricultura camponesa é uma luta pela vida, é uma luta pela preservação da natureza, porque o que o capital faz é colonizar a natureza em largas proporções, em grandes doses. E ele precisa fazer isso porque a escala do capital, a escala de acumulação do capital, é cada vez mais esse desastre que eu estava aqui descrevendo.

A última ideia que eu vou sustentar aqui, e concludo, será muito rápida. É que a crise ecológica é também a crise do capitalismo, uma não é a causa da outra, mas elas coincidiram. Esse espaço de destruição que eu descrevi aqui e creio, a minha descrição foi muito pálida diante do que é a realidade, foi muito distante diante do que é de fato a realidade. Essa destruição da natureza coincide com um momento da mais grave crise do capitalismo. O capitalismo entra, a partir de 2008, 2009, numa crise muito profunda. Nessa crise muito profunda que o capitalismo entra, salvar a humanidade e salvar a natureza é a mesma coisa. E para salvar a humanidade e salvar a natureza, nós

temos que finalmente, destruir o capital. Nós não temos mais outra escolha. Vejam, nós temos que mexer não apenas nos problemas da distribuição da riqueza que o capitalismo produz. É verdade, o capitalismo sempre foi uma sociedade injusta, mas o problema do capital não é apenas distribuir de forma injusta a riqueza que ele produz. O problema do capital é que ele é uma forma de produção, ele é um modo de produção altamente destrutivo. O que nós temos que modificar é o modo de produzir, e não existe nada mais importante do que o modo de produzir alimentos. Nós precisamos reestabelecer, na forma de produção de alimentos, o metabolismo com a natureza. Nós temos que criar uma forma social em que o seu metabolismo com a natureza não seja mediado pela imposição da busca de transformar dinheiro em mais dinheiro. Nós temos que produzir metabolismo com a natureza em que o sentido dele não seja transformar a natureza num objeto, uma base, uma matéria-prima de uma mercadoria. Essas ideias são ideias muito caras para quem quer produzir um futuro. E eu acredito que eu estou falando para pessoas que querem de fato criar um futuro.

Enrique Ortega

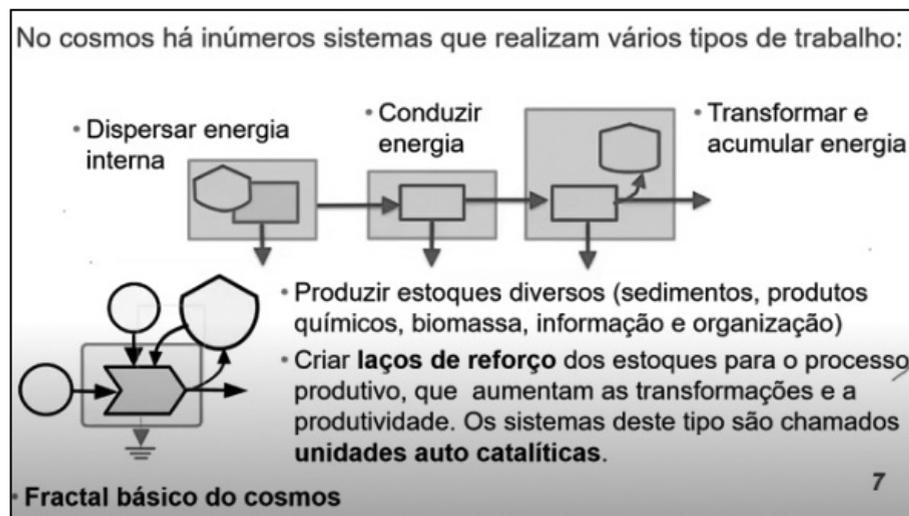
Meu tema será a crise global vista desde a ecologia de sistemas. Para a ecologia de sistemas, o desenvolvimento sustentável é possível, mas requer várias coisas: produção com recursos renováveis, consumo moderado, reciclagem dos resíduos e população ajustada ao meio.

Vamos ver como funciona a relação campo-cidade no desenvolvimento sustentável. Temos o campo, no campo temos áreas preservadas com mata nativa, a produção agrícola, pecuária e florestal e

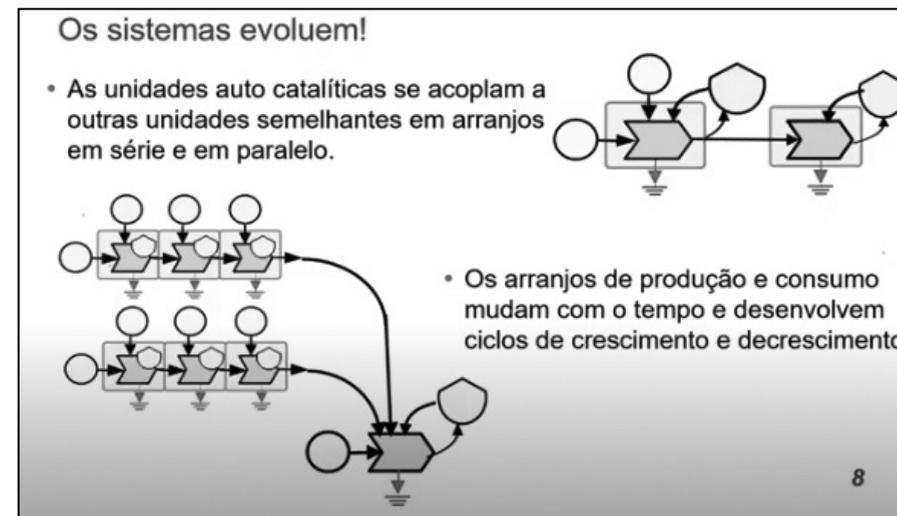
consumidores locais. O campo vai interagir com os consumidores de vilas, de cidades, de metrópoles, com serviços ambientais que a mata nativa produz e com alimentos, fibras e energia. E vai receber da cidade produtos e serviços de economia urbana e efluentes, emissões e resíduos que o espaço de vegetação nativa pode absorver e transformar para convertê-los em nutrientes. Mas esse funcionamento tem condições: implica em planejamento regional, espaço suficiente de vegetação nativa para fornecer serviços ecossistêmicos, distâncias curtas para possibilitar preços baixos e reciclagem, preço justo tendo como referência um modelo ecológico e socialmente justo, e com muito autocontrole e auto-organização.

O desenvolvimento sustentável existe e ainda sobrevive em comunidades rurais de muitos países. Pode ser a base da organização social sustentável no futuro. Quais são os princípios teóricos, a filosofia política, as estratégias, as metas e as ações da ecologia de sistemas? Ela tem como base a termodinâmica. A primeira lei da termodinâmica: nos sistemas fechados a energia total se conserva. A soma das energias de um sistema é constante, mas o perfil energético muda com o tempo, atendendo às regras da transformação da energia potencial. O mesmo princípio se aplica à matéria: ela se conserva, mas muda. A informação é uma propriedade associada à matéria e à energia, mas diferentemente delas, ela se perde e deve ser repostada. A informação exige tempo para ser criada, mantida e aprimorada. Um trabalho que consome energia potencial, mas que vale muito a pena! A informação de boa qualidade é a base da auto-organização e possibilita a transição a novos estágios de evolução.

A energia e a matéria manifestam-se como: a) energia com potencial útil (“exergia”); b) trabalho realizado (“emergia”); e c) energia que se degrada no processo de transformação, energia potencial (“calor



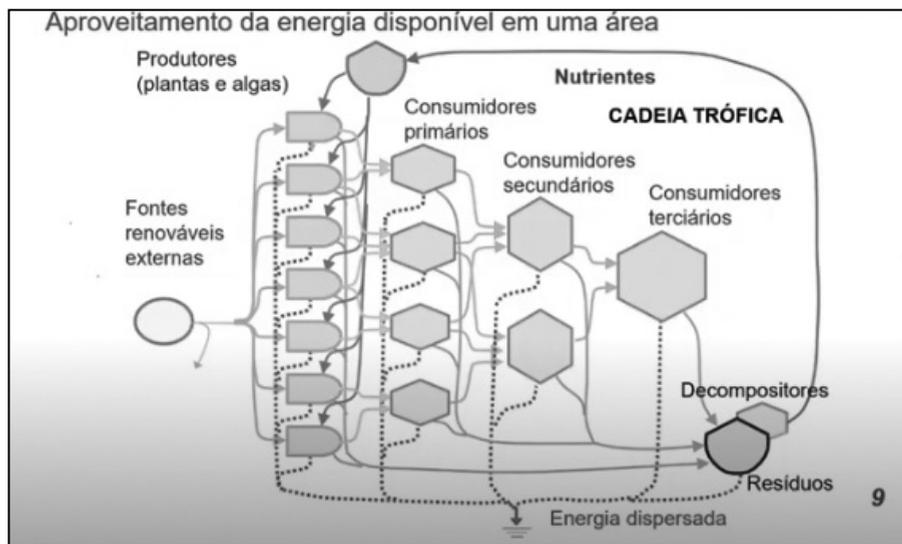
dispersado”) e tem uma regra, a regra diz que a exergia se converte em trabalho e calor de baixa intensidade. A soma das energias é constante, mas o perfil delas varia muito com o tempo. Então, podemos partir de uma grande quantidade de exergia (energia potencial), mas com o tempo, ela vai mudando. Vai produzindo trabalho (emergia), mas também vai se degradando. A emergia é trabalho realizado. O que é esse trabalho realizado nos ecossistemas da biosfera? Compostos químicos e bioquímicos, estruturas físicas, informação e auto-organização, vida em várias formas. Os acúmulos de emergia sofrem destruição ao longo do tempo. A exergia (energia potencial) vai sendo transformada em energia degradada (calor) e trabalho realizado. E agora vamos ver o trabalho como acúmulo. Na biosfera, há forças que criam acúmulos e forças que os consomem. A formação desses estoques pode levar meses, décadas, séculos ou milhares, milhões, bilhões de anos. Os acúmulos realizam funções ecológicas que beneficiam os ecossistemas e a biosfera. Constituem a riqueza da Terra! As forças que destroem



os acúmulos podem causar extinções! Há muitas extinções ao longo da história da Terra. Hoje, estamos na sexta extinção em massa que se deve à ação humana.

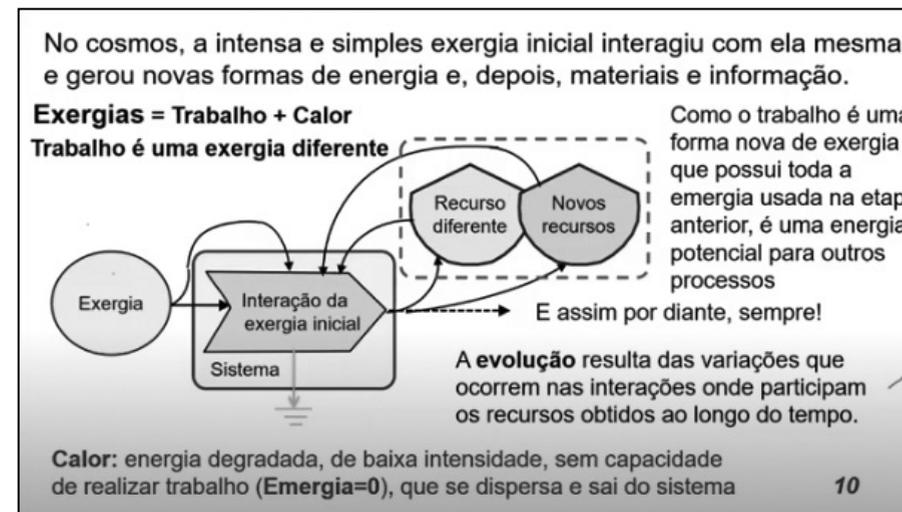
No cosmos, há inúmeros sistemas que realizam vários tipos de trabalho. Eles dispersam energia interna, conduzem energia, transformam e acumulam energia. Produzem estoques diversos como sedimentos, produtos químicos, biomassa, informação e organização e, muito importante: os estoques criam laços de retroalimentação. Esses laços de reforço dos estoques para o processo produtivo aumentam as transformações e a produtividade. Os sistemas desse tipo são chamados “unidades autocatalíticas”. E esse é a estrutura do fractal básico do cosmos e atende à lei da termodinâmica: exergia vai gerar trabalho e calor de baixa intensidade que se dissipa.

Os sistemas evoluem! As unidades autocatalíticas acoplam-se a outras unidades semelhantes em arranjos em série e em paralelo. Os arranjos de produção e consumo mudam com o tempo e desenvolvem ciclos de crescimento e decrescimento.



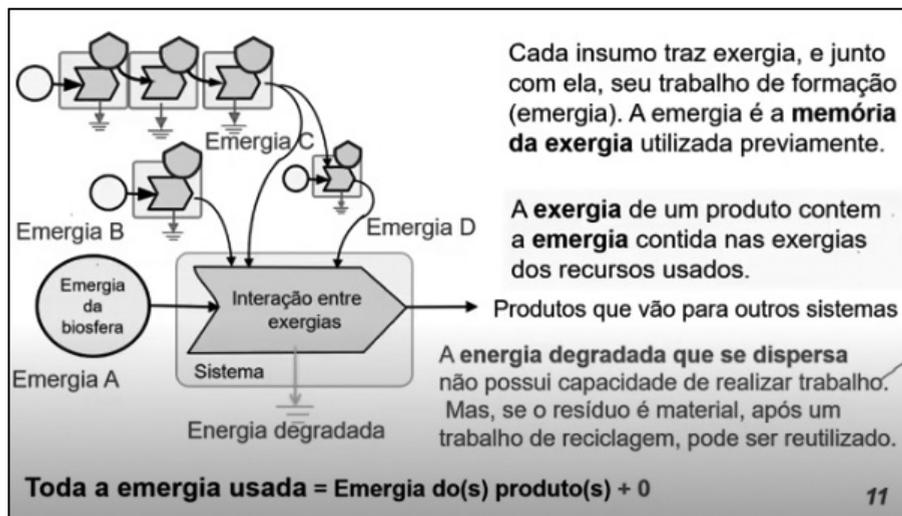
Como se aproveita a energia disponível em uma área? Existem as fontes renováveis externas que são aproveitadas pelos produtores (plantas e algas que fazem fotossínteses) que dispersam energia usada e produzem biomassa, que é aproveitada pelos consumidores primários, secundários e os terciários. Todos eles geram resíduos. E estes resíduos ainda contêm energia potencial que pode ser aproveitada pelos decompositores que retornam nutrientes ao sistema. Estes nutrientes permitem que o sistema se reative e entre no novo ciclo de produção. Essa seria uma cadeia trófica baseada em recursos renováveis naturais.

No cosmos, a intensa e simples exergia inicial interagiu com ela mesma e gerou novas formas de energia e, depois, materiais e informação. A exergia inicial, primordial, teve interação com ela mesma e produziu energias diferentes. E essas energias diferentes interagem no processo e formam novos recursos, e assim por diante esse processo, e continua sempre. A evolução resulta das variações que ocorrem nas



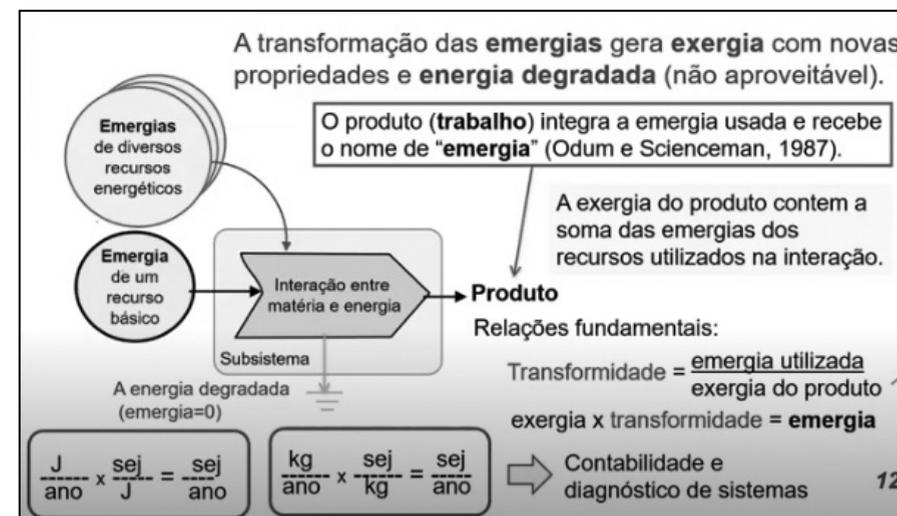
interações em que participam os recursos obtidos ao longo do tempo. Então, as exergias vão gerar trabalho + calor. O calor é energia degradada, de baixa intensidade, sem capacidade de realizar trabalho (a sua energia é zero), ele se dispersa e sai do sistema. Por outro lado, como o trabalho é uma forma nova de exergia que possui toda a energia usada na etapa anterior, é uma energia potencial que pode ser usada em outros processos da rede de transformação de energia. O trabalho é uma exergia diferente e também é energia usada previamente.

Cada insumo traz exergia e junto com ela seu trabalho de formação (energia). A energia é a memória da exergia utilizada previamente. Então, vamos ver outro processo. Energia A da biosfera entra no sistema e vai se degradar. Mas antes de produzir, vai precisar de energia do recurso B, energia do recurso C e energia do recurso D. Então, essas energias são todas as exergias que foram incorporadas nos processos que levaram à produção dos produtos B, C e D. São produzidos recursos que vão para outros sistemas. A exergia do produto



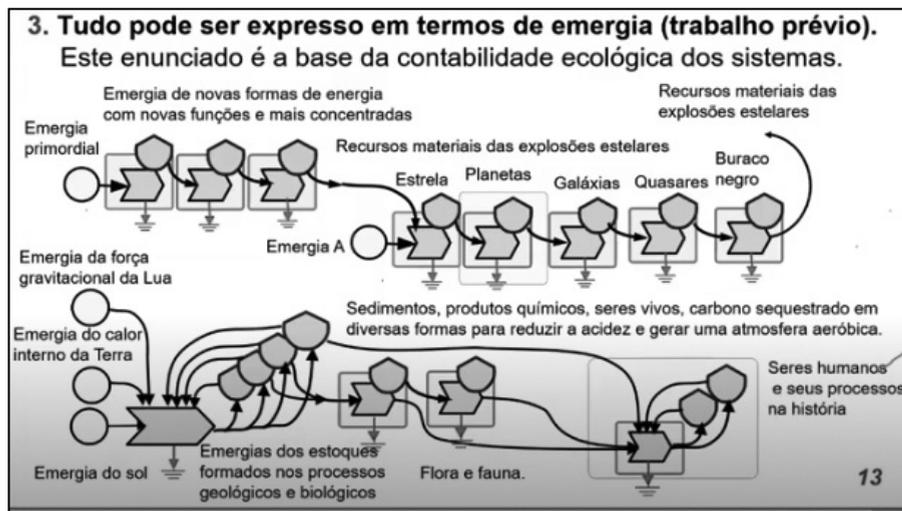
contém toda a emergia contida nas exergias dos recursos utilizados. A emergia degradada que se dispersa não possui capacidade de realizar trabalho. Mas se o resíduo é material, após um trabalho de reciclagem, pode ser reutilizado. Toda a emergia usada vai ser igual à emergia dos produtos. E no calor dissipado não sai nada de emergia.

A transformação das energias gera exergia com novas propriedades, novos usos, e também emergia degradada que não tem uso. A emergia de um recurso básico se combina com energias de diversos recursos energéticos para produzir um produto. E nesse produto, a exergia dele contém a soma das energias dos recursos utilizados na interação. O produto, trabalho, integra a emergia usada e recebe o nome de emergia. Relações fundamentais: a transformidade é um parâmetro que se obtém ao dividir a emergia utilizada no processo pela exergia do produto. Essa propriedade, a transformidade, nos permite converter exergia em emergia na contabilidade emergética. Então, um fluxo de energia em Joule, por ano, multiplica-se pela transformidade

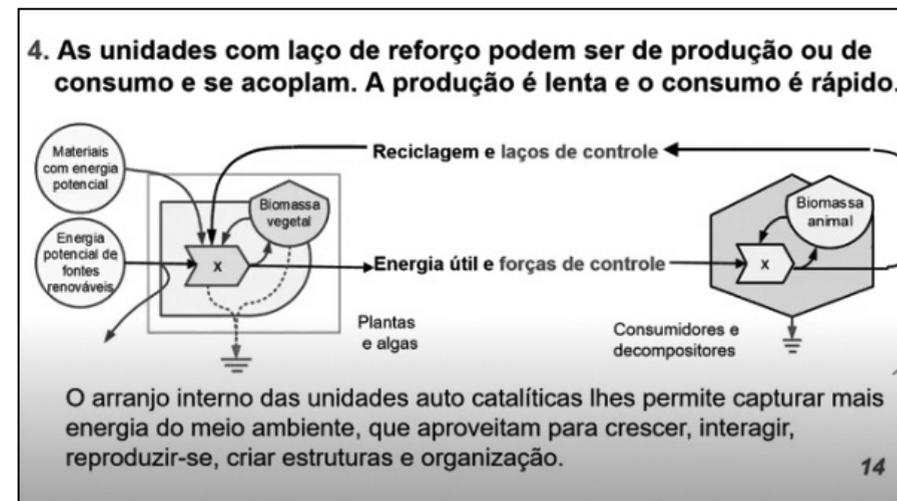


para obter um fluxo de emergia por ano. E se nós temos um fluxo de massa anual se faz o mesmo processo, multiplica-se pela transformidade em massa para obter fluxo de emergia. E isso permite ter todas as contribuições que participam em um processo nos mesmos termos. Dessa forma, podemos somá-los, compará-los, entre si, e com outros sistemas. Essa é a base da contabilidade e o diagnóstico de sistemas, que eu não vou falar nessa exposição, simplesmente coloco aqui porque é importante para o futuro.

Tudo pode ser expresso em termos de emergia, trabalho prévio. Este enunciado é a base da contabilidade ecológica dos sistemas. Temos aqui um processo em que entra emergia primordial. Temos energias das várias formas de exergia, com novas funções mais concentradas que se produzem nas primeiras etapas do universo, e a emergia fica tão concentrada que explode. E os recursos materiais dessas explosões são diferentes. Essa poeira cósmica vai formando agregados e compõe estrelas e planetas que interagem e um conjunto muito grande de



planetas formam as galáxias. As galáxias, um conjunto muito grande delas, formam os Quasares. E os Quasares são atraídos por buracos negros que são sumidouro de energia e matéria. Produzem recursos materiais das explosões estelares e, dessa forma, o universo se recicla. Vamos ver o que acontece em nosso planeta. Na superfície do planeta denominada biosfera existem 3 energias atuando: energia da força gravitacional da lua, a energia do calor interno da terra e a energia da radiação solar. E ao longo de milhões de anos, os processos de interação foram formando muitos estoques, estoques geológicos e biológicos, e sequestro de carbono. Esses recursos são aproveitados pela flora e a fauna que estabelecem um laço de reciclagem, mas atualmente são aproveitados pelos seres humanos. E os seres humanos já não conseguem reciclar e estão dependendo de recursos do último estágio da produção de acúmulos, que são recursos não renováveis. Temos aqui, então, seres humanos e seus processos históricos, que seriam outra história para contar. Talvez uma história, versão resumida, vou colocar no final dessa apresentação.



As unidades com laço de reforço podem ser de produção ou de consumo e se acoplam. A produção é lenta e o consumo é rápido. Temos, do lado esquerdo, plantas e algas; do lado direito, consumidores e decompositores. E o que transferem? Energia útil e forças de controle, que reciclam nutrientes e laços de controle. Ou seja, os estratos baixos da cadeia também têm opções de controle sobre os níveis maiores, só que precisam de união, de entendimento, de percepção do que está ocorrendo. O arranjo interno das unidades autocatalíticas lhes permite capturar mais energia do meio ambiente que aproveitam para crescer, interagir, reproduzir-se, evoluir, criar estruturas e organização.

As unidades autocatalíticas interagem para transformar a energia potencial disponível e formam estruturas hierárquicas, redes de transformação de energia ou cadeias tróficas. O sistema mostrado usa energias e materiais renováveis, mas para ele ser sustentável a produção e o consumo deveriam permitir a regeneração dos recursos do sistema. As redes concentram exergia e materiais ao longo da cadeia trófica.

5. As unidades auto catalíticas interagem para transformar a energia potencial disponível e formar estruturas hierárquicas (“redes de transformação de energia ou cadeias tróficas”)

O sistema mostrado no diagrama usa energias e materiais renováveis.

Mas para ser sustentável a produção e o consumo devem permitir a regeneração dos recursos do sistema.

As redes concentram exergia e materiais ao longo da cadeia. Os recursos do meio ambiente são aproveitados e geram produtos e resíduos que podem ser usados localmente, reciclados ou dispersados.

15

Os recursos do meio ambiente são aproveitados e geram produtos e resíduos que podem ser usados localmente, reciclados, ou dispersados.

Se as unidades autocatalíticas se associam, as redes resultantes maximizam o uso da energia do meio, mas existem limitações! O crescimento não pode ser infinito. O crescimento de um subsistema é viável somente se não prejudica o desempenho do ecossistema do entorno, pois as funções do ambiente garantem o equilíbrio e a sobrevivência do sistema. Deve haver área para preservar a biodiversidade e dar tempo suficiente à regeneração dos recursos, não apenas favorecer um subsistema. A história revela que, ao se mexerem com o ideal, os sistemas colapsam. Colapsos, exemplos, povos mesopotâmicos, alguns povos da Grécia, maias, romanos, etc. Porém existem sistemas com desenvolvimento sustentado, os comunais dos Andes, da Amazônia, os agricultores da China, Corêa, Japão, que têm 4 mil anos de operação, mas que hoje estão ameaçados pela expansão final do capitalismo.

Se as unidades auto catalíticas se associam, as redes resultantes maximizam o uso da energia do meio. Mas existem limitações!

O crescimento de um subsistema é viável somente se não prejudica o desempenho do ecossistema, pois as funções do ambiente garantem o equilíbrio e a sobrevivência do sistema. Deve-se haver área para preservar a biodiversidade e dar tempo suficiente a regeneração dos recursos, não apenas favorecer um subsistema.

A História revela que sem esse cuidado os sistemas colapsam.

Colapsos: povos mesopotâmicos, gregos, maias, romanos etc.

Desenvolvimento Sustentado: comunidades dos Andes, da Amazônia, agricultores da China, Coreia, Japão (4000 anos de operação).

16

Os sistemas usam energia potencial em padrões cíclicos cuja frequência e amplitude dependem de seu nível na hierarquia energética. Então, tem fenômenos biológicos que ocorrem rapidamente, por exemplo, o crescimento da grama. O crescimento do gado demora mais tempo, tempo médio, e os seres humanos, ou as civilizações, têm pulsos muito grandes e mostram um crescimento lento e um pulso de destruição rápida.

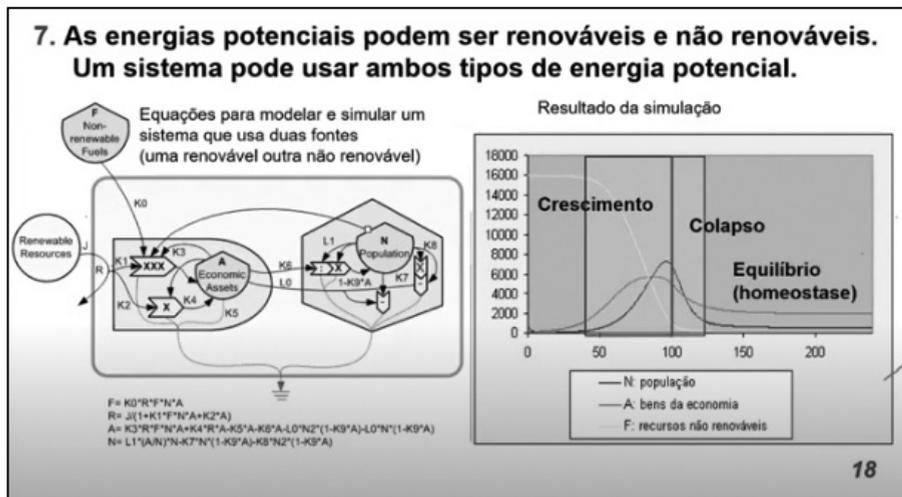
6. Os sistemas usam a energia potencial em padrões cíclicos cuja frequência e amplitude depende de seu nível na hierarquia energética.

Os gráficos mostram a energia (sej) utilizada ao longo do tempo (0 a 3200) para diferentes níveis da hierarquia energética. Os recursos dos acumuladores são representados por uma linha sólida e os recursos dos consumidores por uma linha tracejada.

- Pulsos pequenos:** Grama
- Pulsos médios:** Gado
- Pulsos grandes:** Seres humanos, Civilizações

Duração do ciclo de vida

17



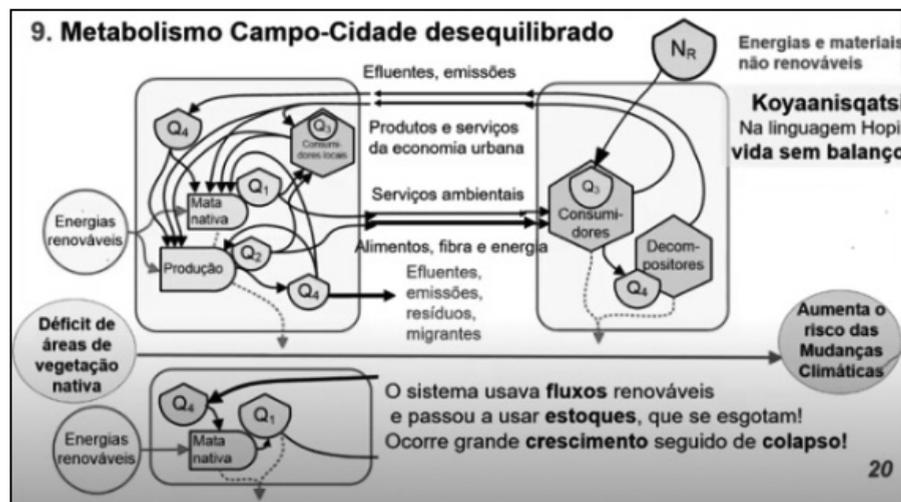
As energias potenciais podem ser renováveis e não renováveis. Um sistema pode usar ambos os tipos de energia potencial. Esse tipo de sistemas que usam renováveis e não renováveis podem ser modelado, simulado. E o resultado da simulação mostra um crescimento, um declínio dos recursos não renováveis, um crescimento e tanto da economia quanto da população. Depois disso, o sistema entra em colapso, ou declínio. E, finalmente, se pode chegar a um equilíbrio. Uma homeostase.

No caso da humanidade atual, que usa todos os recursos disponíveis na biosfera, produziu-se um período muito grande... o crescimento pode levar 2 milênios, mas depois ocorrerá uma queda catastrófica. Não temos o crescimento dos bens, a infraestrutura da população e da informação, e devido à conquista de territórios, mercantilismo seguido de industrialização capitalista, que usa energia fóssil. Hoje, estamos observando o clímax desse crescimento, com o perigo de que haja o colapso da civilização ocidental. Assim está para ser o declínio,



e depois, uma recuperação. Temos a crise de todos os subsistemas da biosfera e o colapso econômico e social. É necessário recuperar os ecossistemas, é necessária a recuperação social para poder conseguir um desenvolvimento sustentável que vai ter um padrão muito diferente do modelo atual.

Nós já tínhamos visto esse diagrama, remonta ao metabolismo campo-cidade, dessa vez, desequilibrado. E é desequilibrado por que? Por que está usando energias e materiais não renováveis que permitem um aumento da produção de alimentos, fibras e energia. Mas ao mesmo tempo produzem muito mais efluentes, emissões, resíduos e, migrantes, pessoas que não encontram mais trabalho no meio rural e tem que abandonar. Então, o fato de haver mais efluentes e emissões exigiria mais áreas para absorver os impactos. E se há uma população maior, também teria que haver uma área maior de área preservada para produzir maior quantidade de serviços ambientais. Está acontecendo o contrário, temos um déficit de áreas de vegetação nativa



e isso vai agravar as mudanças climáticas. Temos uma situação que algumas pessoas têm definido como Koyaanisqatsi, que na linguagem hopi significa vida sem balanço, vida em desequilíbrio. O sistema renovável usava fluxos renováveis e passou a usar estoques que se esgotam. Ocorre um grande crescimento que vai ser seguido de colapso.

A sobrevivência da humanidade depende de quatro capacidades sociais: adaptação ao uso de menos recursos, a recuperação dos ecossistemas para garantir a resiliência ecológica e, ao mesmo tempo, oferecer trabalho no campo enquanto decrescem as cidades. Deixar de usar recursos dos estoques que causam problemas ambientais e sociais e, finalmente, trocar de filosofia, mudar da filosofia da competição como exclusão para a filosofia da colaboração humana e da interação positiva com a natureza, com o uso coletivo dos bens comuns.

Se o ambiente muda, a humanidade deve mudar para se adaptar. O estudo da realidade biofísica pode demorar a perceber as grandes mudanças que estão ocorrendo. Essa demora coloca em risco a vida

10. A sobrevivência da humanidade depende de 4 capacidades sociais:

- a) A adaptação ao uso de menos recursos (10% da energia potencial usada hoje)
- b) A recuperação dos ecossistemas para garantir a resiliência ecológica, exigirá aumentar as áreas de vegetação nativa em 10 vezes (aprox.) e, ao mesmo tempo, oferecer trabalho no campo enquanto decrescem as cidades.
- c) Deixar de usar os recursos dos estoques que causam problemas ambientais e sociais.
- d) Trocar de filosofia: mudar da filosofia da competição com exclusão para a filosofia da colaboração humana e da interação positiva com a natureza com uso coletivo dos bens comuns.

http://tomejiltonavida.blogspot.com/2011/05/resiliencia-por-deus_10.html

do sistema. Somente se a percepção das alterações for rápida, o sistema terá condições de se reorganizar e se adaptar. Hipótese: a auto-organização promovida pelos pioneiros, no estudo e entendimento das mudanças climáticas, pode vencer a inércia social. Observa-se que, num sistema, quando os recursos são ambulantes, predomina a competição e a exclusão, porém na escassez, a sobrevivência exige a cooperação e a inclusão, todos são importantes. A competição deixa de funcionar. Aí está a foto do professor do HT Odum, que é o autor dessas duas frases, frases respaldadas por modelos de simulação de sistemas.

A competição promovida pelo capital nega os direitos dos povos da periferia e das classes sociais trabalhadoras. Isso leva ao conflito, ao saque, à perda dos bens comuns, à marginalização e à pobreza, à morte de muitas pessoas e à extinção das espécies. Então, a competição entre grupos ou espécies diferentes pode fazer com que uma extermine a outra. Então, uma mais organizada que usa mais recursos, pode acabar com outro grupo humano.

14. Observa-se que: se em um sistema os recursos são abundantes predomina a competição e a exclusão.

- Por outro lado, na escassez, a sobrevivência exige a cooperação e a inclusão (todos são importantes) e a competição deixa de funcionar.

HT Odum

24

Os sistemas humanos distribuem acúmulo em função de poder bélico e comercial dos países e das classes sociais. Os sistemas colaborativos acumulam pouco, os sistemas baseados na competição e na exclusão acumulam muito, e os benefícios se concentram no topo da cadeia. Em um caso, os acúmulos podem ser equilibrados, e no outro, há uma variação muito grande da riqueza para cada grupo.

16. Os sistemas humanos distribuem o acúmulo em função do poder bélico e comercial dos países e das classes sociais.

26

A informação orienta o sistema na sua auto-organização. Ela pode ser de boa qualidade ou de má qualidade. A biodiversidade é uma forma de informação. Ela manifesta a organização do sistema que foi desenvolvida ao longo de muitos anos para aproveitar os recursos disponíveis no ambiente. No decréscimo, a biodiversidade será uma informação vital, por que permitirá um ajuste mais rápido ao equilíbrio à homeostase.

15. A competição promovida pelo "capital" nega os direitos dos povos da periferia e das classes sociais trabalhadoras. Isso leva ao conflito, o saque, a perda dos bens comuns, a marginalização e a pobreza, a morte de muitas pessoas e a extinção de espécies.

25

17. Os sistemas colaborativos acumulam pouco. Os sistemas baseados na competição e na exclusão acumulam muito e o benefício se concentra no topo da cadeia.

27

A cultura humana muda com o tempo e o meio. Ela pode alternar entre modelos e comportamentos ecológicos e antiecológicos. A informação da cultura humana ecológica – os povos indígenas, as comunidades camponesas – é muito valiosa e deve ser defendida da agressão bárbara da civilização industrial. A diversidade cultural precisa ser valorizada, preservada, resgatada, sistematizada, protegida e mostrada a todos para servir de exemplo e ajudar na recomposição do equilíbrio biosférico. A resiliência, ou capacidade de recuperação ecológica do planeta, está ameaçada. A solução está na mudança do modelo de crescimento para o modelo de decrescimento. O novo modelo deve ter como base a recuperação da flora e da fauna nativas para que elas possam contribuir em processos agroecológicos que incorporem a população que deseja trabalhar com equidade e justiça.

Como a informação dominante atende os interesses de quem está no poder, países, empresas, bancos e classes sociais altas, essa cultura deve ser criticada e também deve gerar-se o conhecimento que permite superar essa informação obsoleta. Precisamos de um novo projeto cultural, político, econômico e ecológico. Não apenas econômico. É multidimensional. Esse modelo deve visar à criação de formas sustentáveis de produção, consumo e reciclagem. Num padrão básico como aquele modelo que comentamos no início. Que possa ser aplicado no mundo inteiro, porém atendendo às nuances locais e regionais.

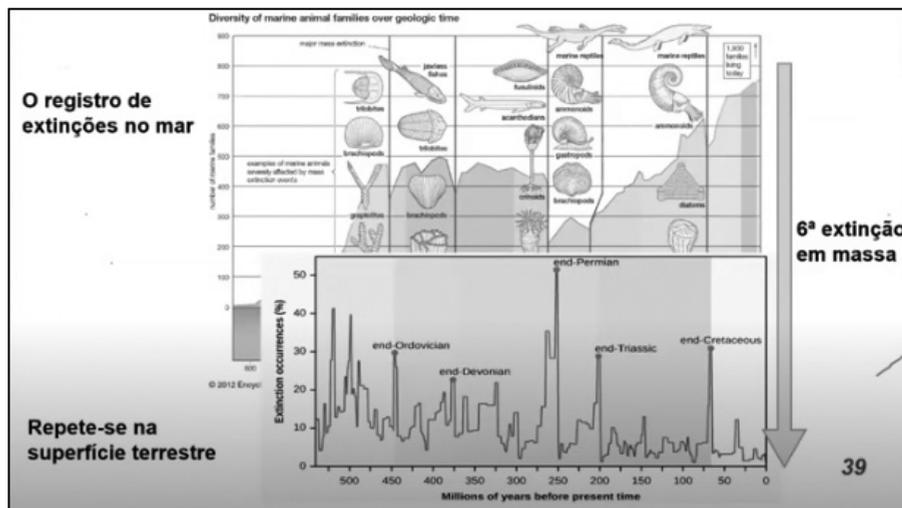
Devem articular-se parcerias entre os que questionam o modelo atual para criar outro modelo mundial com quatro objetivos: conseguir o decrescimento por meio da reestruturação da produção, do consumo, da reciclagem e das modificações das instituições sociais; recuperar os ecossistemas; mudar a forma de vida para um modelo ecológico e solidário e aprender a usar, de forma coletiva, os recursos da terra. Os grupos humanos dominantes continuam atuando de forma irresponsável, desmatando, destruindo recursos naturais, usando grandes

quantidades de energias fósseis e minerais que poluem o meio ambiente. Isso leva de volta à atmosfera o carbono que foi sequestrado durante milhões de anos pelos ecossistemas da terra para criar as condições ideais para o desenvolvimento da vida, da biodiversidade, para maximizar os fluxos biogeoquímicos, ou seja, para aumentar a produtividade geral do planeta. O impacto dos gases do efeito estufa está gerando condições dramáticas para a vida da humanidade. Temos que atuar!

Até aqui mostrei uma apresentação feita em 2011. Passados 9 anos, assim vejo, que a situação do ambiente político mudou muito as possibilidades de contar com o apoio do governo e da população diminuíram. A principal causa da mudança na sociedade foi o bombardeio de informações falsas organizado com apoio externo e interno. Essas informações oferecem uma visão fragmentada do mundo, apagam a memória social e anulam a discussão da perspectiva de longo prazo.

Principais problemas do país e do mundo: perda da biodiversidade – ao ponto de configurar uma extinção em massa de espécies – que poderá afetar a espécie humana, crescimento excessivo da população acima dos limites estabelecidos dela, capacidade de suporte renovável. Ideia de que o crescimento resolve tudo, sem considerar o assalto aos bens comuns à privatização, à concentração da riqueza, à intensificação do uso de energia fóssil e minerais na produção. Impacto ambiental do uso da energia fóssil e minerais e dos produtos tóxicos gerados a partir deles. Mudanças climáticas agravadas pela perda de resiliência ecológica e social. E, finalmente, desinformação e negação da ciência.

Vamos começar a falar disso iniciando pela perda de biodiversidade. Há um registro das extinções no mar e há também um registro das extinções na superfície terrestre. E tudo indica que estamos vivendo é a sexta extinção em massa do planeta. Na perspectiva do tempo de existência da terra, a humanidade ocupa um período muito curto lá no topo da montanha de resíduos. Mas o impacto sobre as outras



espécies e a biosfera é muito grande. O motivo físico disso é que a força humana é amplificada pela energia fóssil.

Houve grandes extinções no Ordoviciano, no Devoniano, no Permiano, no Triássico devido à competição entre as espécies. Mas recentemente, as extinções são devidas a eventos de grande impacto, como a queda de um asteroide que acabou com os dinossauros, 65

Grandes extinções. Competição entre espécies Eventos de grande impacto

(1) **ORDOVICIANO**
Logo depois que as primeiras plantas terrestres apareceram, formas de vida invertebrada marinha foram extintas
435 ma atrás

(2) **DEVONIANO**
Com o surgimento dos peixes vertebrados, os seres marinhos invertebrados sofreram uma extinção massiva
345 ma atrás

(3) **PERMIANO**
Os répteis passaram a ser os animais terrestres dominantes, e causaram a extinção de outros animais, como os trilobitas
250 ma atrás

(4) **TRIÁSSICO**
A evolução dos répteis em dinossauros favoreceu os dinossauros gigantes
195 ma atrás

(5) **CRETÁCEO**
A queda de um asteroide mudou a biosfera e levou a extinção dos dinossauros. Os mamíferos sobreviveram.
65 ma atrás

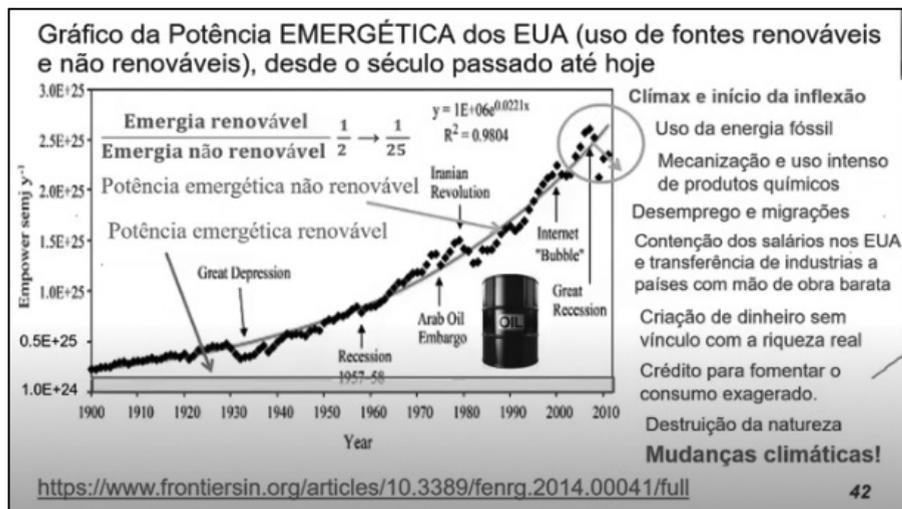
(6) **Holoceno**
A ocupação do espaço geográfico pelos seres humanos aumentou a taxa de extinção das outras espécies
Hoje

41

milhões de anos atrás, e hoje, no Holoceno, a ocupação de espaço geográfico pelos seres humanos, que aumentou a taxa de extinção das outras espécies.

Na página seguinte temos um gráfico muito interessante, nele se plota a potência emergética dos Estados Unidos, que se deriva dos recursos de fontes renováveis e não renováveis. Desde o início do século passado até hoje, o que vemos é que a potência emergética renovável é constante e a potência emergética não renovável vai aumentando. Em 1.900, eram quase iguais. A relação era 1 para 2: energia renovável 1, energia não renovável 2. Isso passou a ser 1 para 25, graças ao uso do petróleo. Hoje, estamos começando a ver outro tipo de comportamento, o início do declínio. Então, pode-se atribuir ao uso de energia fóssil uma série de transformação na economia mundial. A energia fóssil permitiu ativar máquinas, tanto nos processos de extração de minérios quanto nas indústrias e depois na agricultura. E também permitiu produzir produtos químicos que foram aplicados na lavoura.

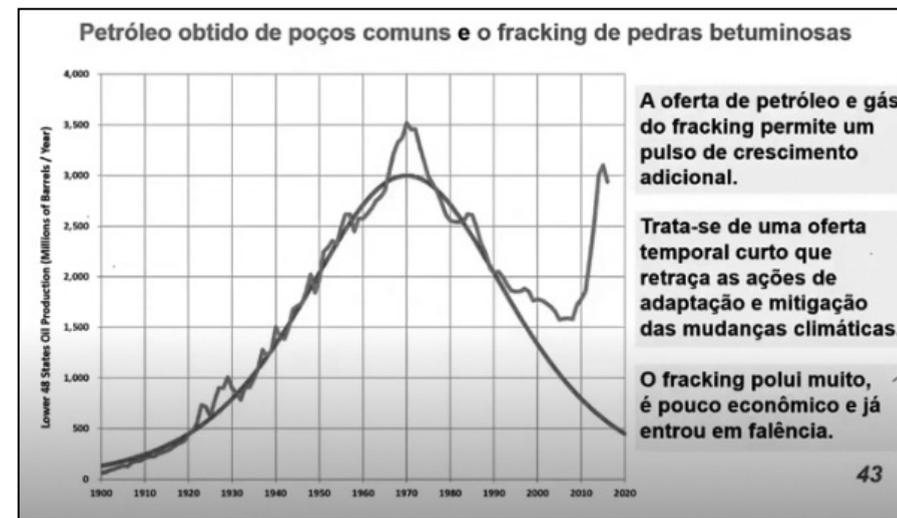




Isso quebrou os sistemas anteriores de produção de produtos agrícolas. Esses sistemas ficaram com menos oportunidade de trabalho, houve desemprego e migrações. Mas recentemente, houve contenção do salário dos EUA e transferência de indústrias a países com mão de obra barata. Houve uma crise econômica. Foi, então, gerado o dinheiro sem o vínculo com a riqueza real, distribuído entre as pessoas. Esse crédito fomentou um consumo exagerado e houve a crise motivada por esses dois últimos eventos. Além disso, tem a destruição da natureza e, finalmente, as mudanças climáticas.

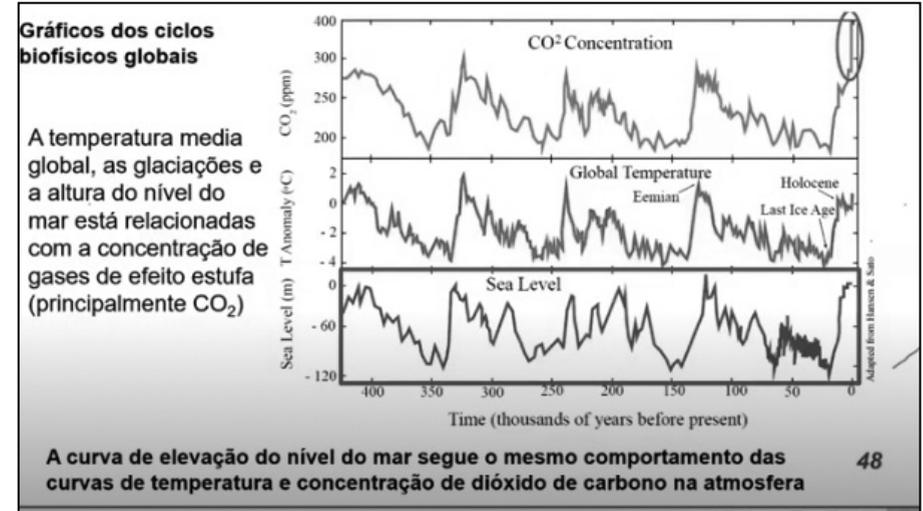
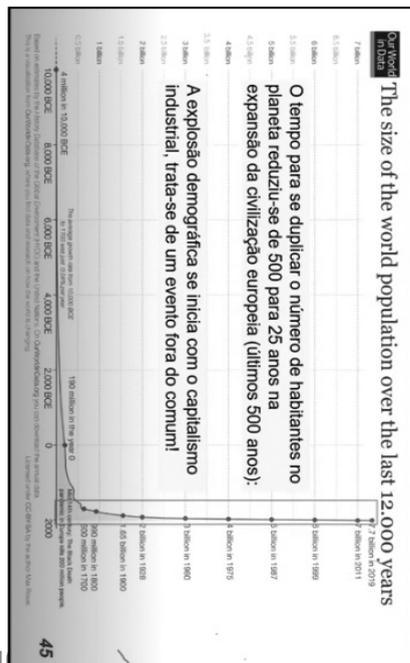
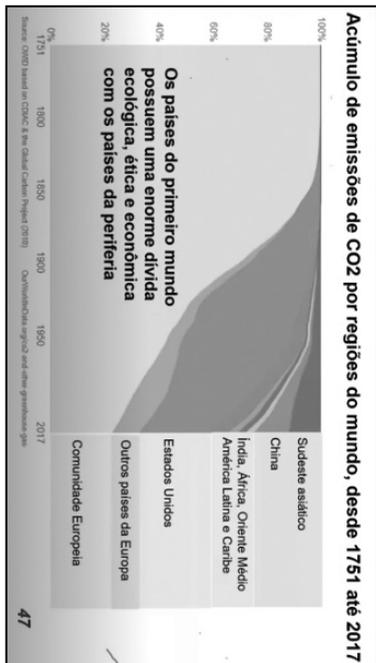
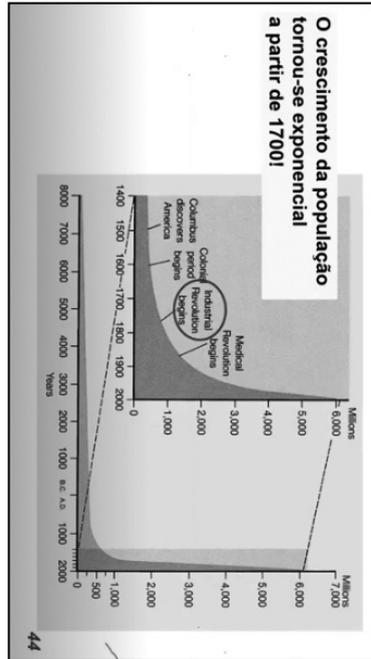
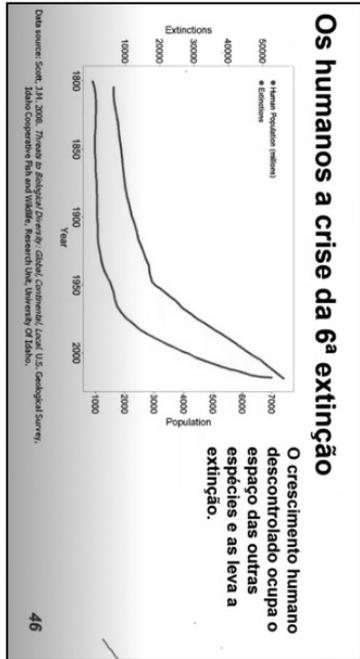
O petróleo obtido de poços comuns está na linha vermelha, está em declínio, mas do ano 2000 para cá, há uma oferta de petróleo e gás do *fracking* que permite um pulso de crescimento adicional. Mas trata-se de uma oferta temporal que atrasa as gestões e adaptações de mitigações de mudanças climáticas. O *fracking* polui muito, é pouco econômico e já entrou em falência.

Quando as pessoas percebem que há energia disponível, as pessoas se multiplicam. O crescimento da população tornou-se exponencial



a partir de 1700, época da revolução industrial. Na página seguinte, temos o gráfico do tamanho da população mundial, nos últimos 12 mil anos. Percebam que até 1500 estava crescendo muito lentamente, e de 1700 para cá, cresce muito rapidamente. Antigamente, era preciso 500 anos para duplicar a população, hoje, bastam 25 anos. É um evento singular. A explosão demográfica se inicia com o capitalismo industrial e cria um evento fora do comum. Muitas pessoas estão ameaçadas de não ter trabalho e sofrer muito no período próximo.

O crescimento humano descontrolado ocupa o espaço das outras espécies e as leva a extinção. Com isso se diminui a produção de serviços ecossistêmicos que regulam o clima do planeta. Os países do primeiro mundo possuem uma enorme dívida ecológica, ética e econômica com os países da periferia. Os países da comunidade europeia são os que usaram primeiro a energia fóssil, basicamente, carvão e petróleo, depois os EUA. Outros países da Europa, sudeste asiático e China crescendo muito, e o consumo e a produção de CO₂, da Índia, África, Oriente Médio, da América Latina e Caribe, é comparativamente menor.

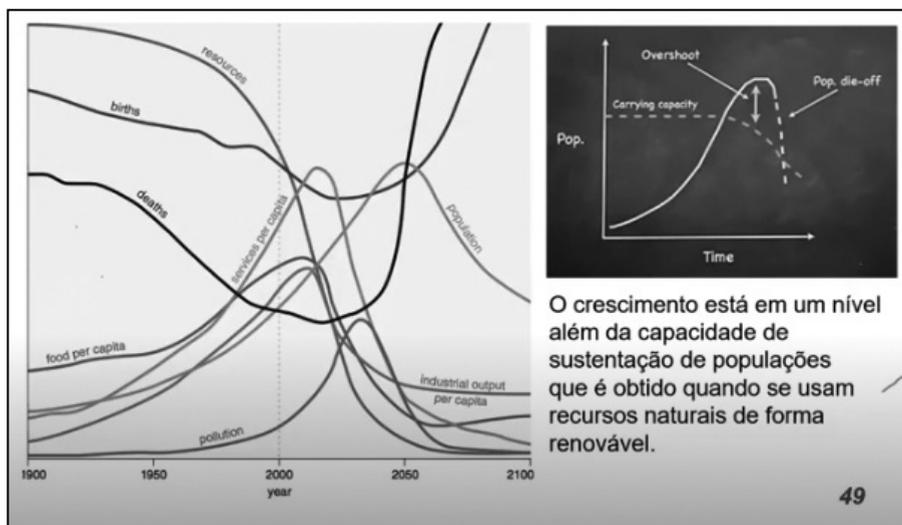


No gráfico dos ciclos biofísicos globais, acima, pode perceber-se que há uma relação entre a concentração de CO₂ na atmosfera, a temperatura média global e o nível do mar. Podemos ver que, recentemente, há um incremento da concentração de CO₂ na atmosfera, fora da situação normal. Isso vai repercutir no aumento da temperatura e no aumento do nível do mar.

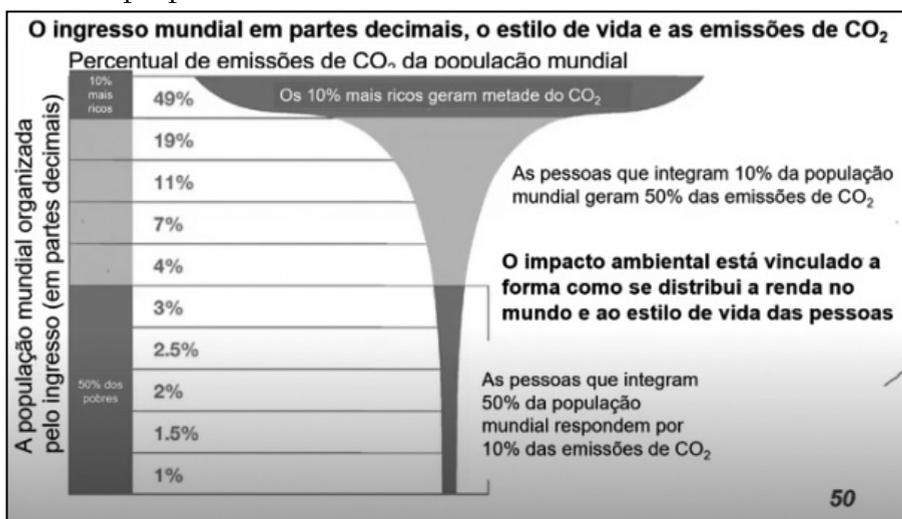
Na página seguinte temos um gráfico famoso solicitado do clube de Roma, que mostra o crescimento e o declínio. O crescimento está em um nível além da capacidade de sustentação de população, obtidos quanto se usa recursos naturais de forma renovável. Vivemos do petróleo, nossa comida é petróleo modificado.

O impacto ambiental está vinculado à forma com se distribui a renda no mundo e o estilo de vida das pessoas. Então, 10% dos mais ricos geram metade do CO₂, e 50% da população mundial respondem apenas por 10% das emissões de CO₂.

A evolução da população em tendências de futuro de acordo com as nações unidas. As nações unidas ainda não consideram o colap-

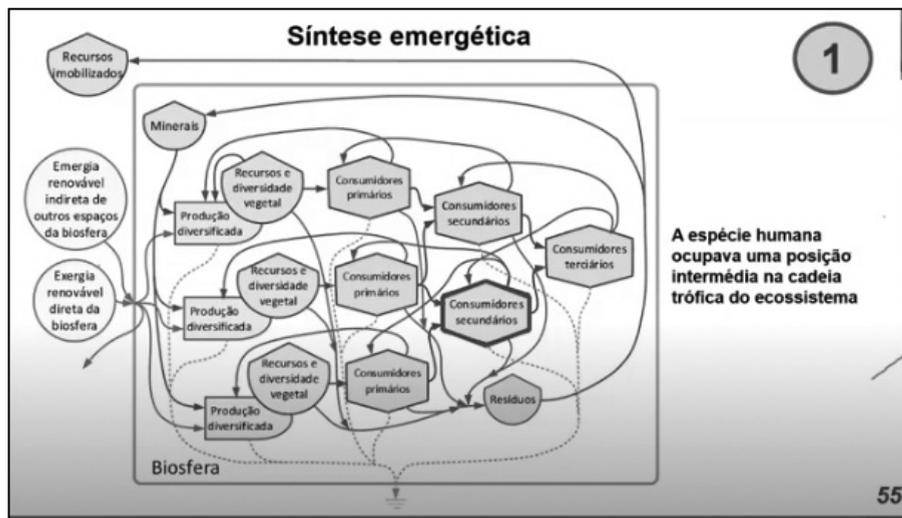


so, mas consideram a necessidade de ajuste da população. Então, a educação e a política devem visar objetivos coerentes, de crescimento, descentralização, resgate dos ecossistemas e sequestro de carbono, recuperação da cultura resiliente e da justiça, fim do uso da energia fóssil e da extração massiva de minerais, redução da desigualdade, preços e salários justos, reforma agrária ecológica, visão sistêmica crítica e propositiva.

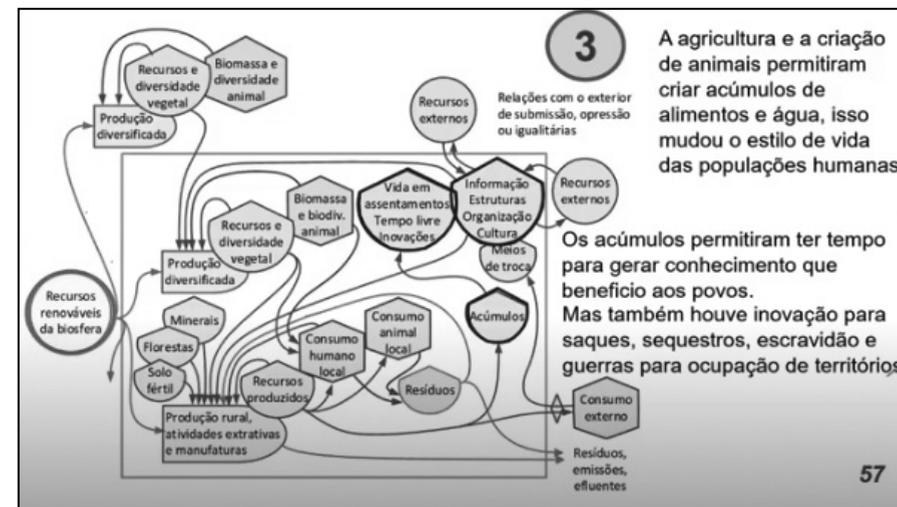
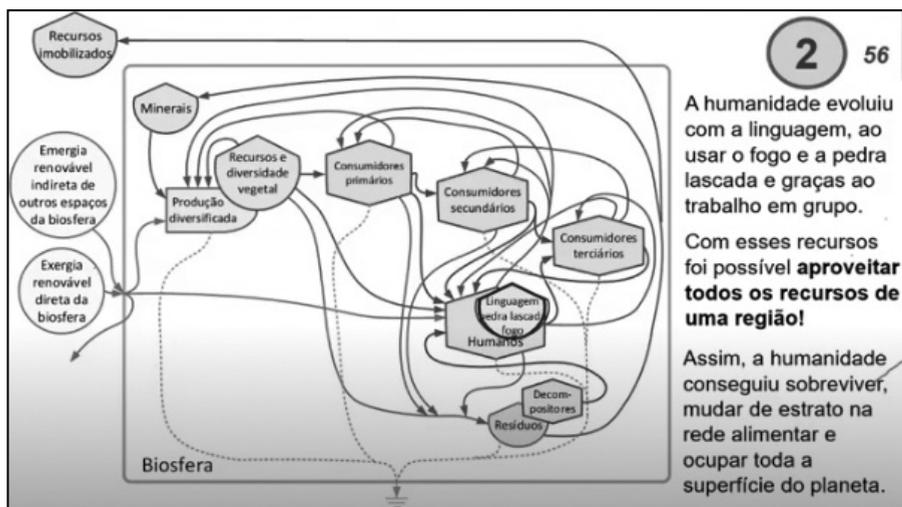


Estamos preocupados com a pandemia global, nesse momento, e devemos estudar suas causas e seus efeitos. Ao mesmo tempo, devemos estudar as próximas crises e seus desdobramentos para poder atuar de forma correta. A crise insolúvel do capitalismo é a grande ameaça colocada pela ação humana ao longo da história recente: as mudanças climáticas. Então, temos aqui ondas que ameaçam os nossos botes. Existem ondas de crescimento capitalista. Hoje, está sendo divulgada a sexta onda que já inclui sustentabilidade, desenho de sistemas integrais, de cunho ecológico, mas também forças que são ameaças para a humanidade. Como que se enfrenta a crise perante a COVID -19, a recessão econômica e a mudança climática? Primeiro, basta lavar as mãos e ficar em casa! Depois, nem o liberalismo nem o fascismo são soluções. Desde o capital, não há solução. E, finalmente, precisamos de informação científica de boa qualidade e articulação social.

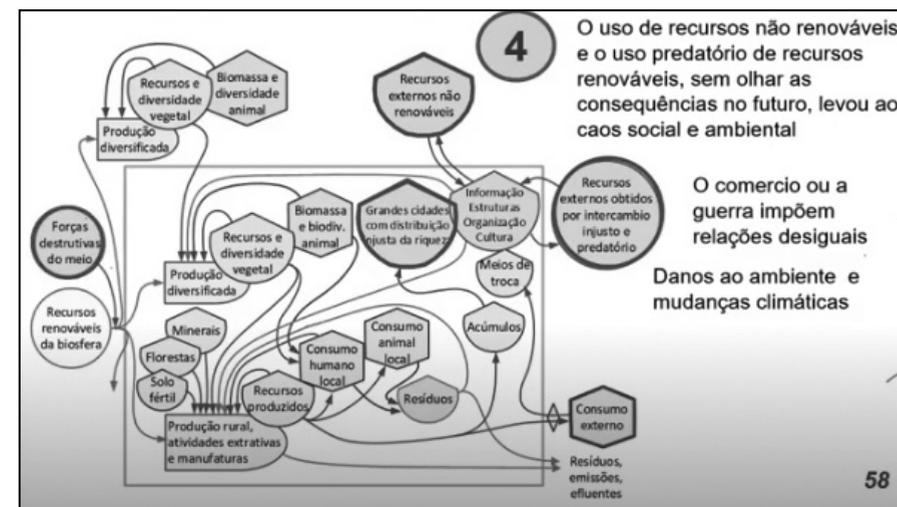
A economia ecológica desde a perspectiva da síntese emergética. Os sistemas e as socioeconômicas mudam, vamos ver de forma resu-



mida com 5 imagens a história da evolução humana para descobrir o conceito denominado síntese emergética. A síntese emergética nos permite ir além da visão da economia usada na análise dos atuais sistemas de produção e consumo para observar e entender a relação entre a natureza e os seres humanos ao longo da evolução, usando o conceito das ciências biológicas, exatas e sociais. Uma perspectiva ampla para analisar um fragmento do sistema. Temos, na figura 1,



uma cadeia trófica que já vimos, temos recursos renováveis sendo transformados pelas plantas e algas, a produção de biomassa vegetal e o consumo dos animais. A espécie humana ocupava uma posição intermediária na cadeia trófica do ecossistema. Na figura 2, vê-se que a humanidade evoluiu com a linguagem ao usar o fogo e a pedra lascada e graças ao trabalho em grupo. A humanidade passou a usar os recursos da vegetação dos consumidores primários, secundários,





terciários e minerais, tudo. E com esses recursos foi possível aproveitar todos os recursos de uma região. E assim a humanidade pode conseguir sobreviver, mudar de estrato da rede alimentar e ocupar toda a superfície do planeta.

A agricultura e a criação de animais permitiram criar acúmulo, alimentos e água, e isso mudou o estilo de vida das populações humanas. Então, com recursos renováveis é possível produzir acúmulos, e a existência desses acúmulos permite a vida em assentamentos e tempo livre para fazer inovações. E isso, então, gera informação, estruturas, organização e cultura. Os acúmulos permitiram ter tempo para beneficiar, para gerar conhecimento que beneficiou os povos. Mas também houve inovação para saque, sequestros, escravidão e guerras para ocupar territórios. Como pode ser visto na figura 4, o uso de recursos não renováveis e o uso predatório de recursos renováveis, sem olhar as consequências para o futuro, levou ao caos social e ambiental. Temos, agora, grandes cidades com distribuição injusta

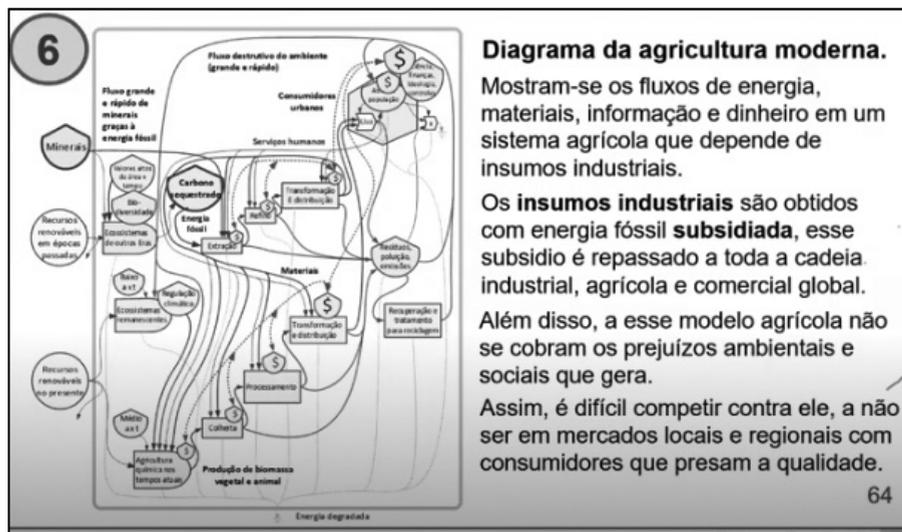
da riqueza, sistemas orientados a produzir para o consumo externo, recursos externos obtidos para o intercâmbio injusto e predatório, danos ao ambiente e mudanças climáticas que se constituem em forças destrutivas do meio ambiente.

Nessa figura 5, colo a visão da situação passada, a atual, e o futuro sustentável. No passado, os sistemas eram sustentáveis – a maior parte dos sistemas humanos. Isso mudou para sistemas baseados em recursos não renováveis e uso predatório de recursos renováveis, e isso gera uma crise. Para sair de crises, temos que ter como referência o modo como funcionam os sistemas sustentáveis.

Etapas do processo de solução. Entender o funcionamento da biosfera e da economia humana. Fazer análise crítica desse sistema em grupos de estudo. Isso é muito importante. Após a crítica, devemos estudar as opções, incorporando o conhecimento das ciências que são excluídas na tomada de decisão, ecologia, termodinâmica, antropologia, sociologia, história, geopolítica, psicologia social, ciência da biosfera, epistemologia da descolonização e também considerar o saber das comunidades ecológicas antigas e atuais. Promover o diálogo e criar articulações com as populações em todos os lugares. Não somente no Brasil, mas na América Latina e nos outros continentes para analisar os caminhos de solução das crises da biosfera, que incluem a dimensão social.

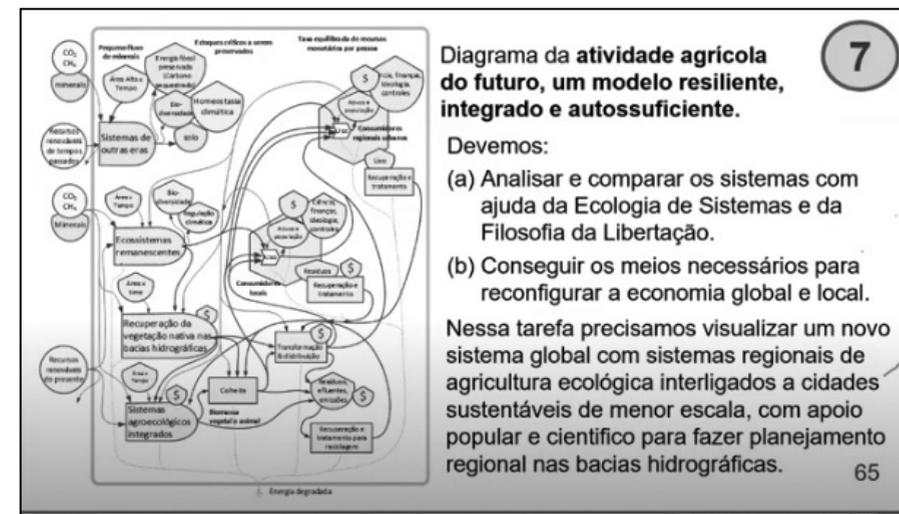
Existem muitos livros escritos sobre esse tema. São boas leituras para o grande esforço que devemos fazer¹. O resumo: para criar um projeto cultural, político, econômico e ecológico, temos que formar

1 Tais como: 1) ODUM, Howard T. e ODUM, Elisabeth C. *O declínio Próspero*. Petrópolis: Vozes, 2001. 2) FOSTER, John Bellamy. *A ecologia de Marx materialismo e natureza*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 3) DIAMOND, Jared. *Colapso*. Rio de Janeiro: Record, 2005.



grupos transdisciplinares para realizar trabalho em rede com os seguintes objetivos: análise da situação global e local, desenvolver o novo modelo social, ecológico, político e cultural. Pensar em estratégias e articulações e realizar ações específicas que se considerem convenientes, visando colocar o decrescimento e a regeneração ecológica e social como a melhor opção para todas as pessoas em todos os lugares. E as últimas duas figuras aumentei de 5 para 7 para discutir algumas coisas. Esse é o diagrama da agricultura moderna. Ela se baseia no uso de minerais e de carbono sequestrado, porque o petróleo, o gás, e o calcário, e outro recursos, não são mais que carbono sequestrado dos ecossistemas para melhorar o ambiente.

Então, forma-se uma cadeia muito longa de processamento, e em todas as etapas se usa muita energia fóssil. Vejamos, os insumos industriais e a própria energia são obtidos por energia subsidiada. Esse subsídio é repassado a toda a cadeia industrial agrícola, e comercial



global. Além disso, a esse modelo agrícola não se cobra os prejuízos ambientais e sociais que geram. Assim, é difícil competir contra ele, a não ser em mercados locais e regionais, com consumidores que presam a qualidade.

Diagrama da atividade agrícola do futuro, um modelo resiliente, integrado e autossuficiente. Devemos analisar e comparar os sistemas com a ajuda da ecologia de sistemas e da filosofia da libertação. Conseguir os meios necessários para reconfigurar a economia global e local. Nessa tarefa, precisamos visualizar um novo sistema global com sistemas regionais de agricultura ecológica, interligado a cidades sustentáveis de menor escala, com apoio popular e científico para fazer planejamento regional nas bacias hidrográficas. Nesse diagrama, deve ressaltar-se que há sistemas agroecológicos integrados na base, mas também há um trabalho de recuperação da vegetação nativa nas bacias hidrográficas para proteger a biodiversidade, e há um trabalho de proteger de forma especial os ecossistemas naturais remanescentes.

As atividades de agregação de valor dos produtos agrícolas devem transladar-se da cidade para o campo, gerar trabalho no campo e fazer muita reciclagem e, inclusive, reciclar os resíduos da cidade de forma adequada.

Leonardo Boff

Bom, vamos refletir hoje à tarde, da melhor forma que a gente pode, porque como nunca antes na história, diz até a Carta da Terra¹, o destino comum nos conclama a um novo começo. Não diz colocar mais esparadrapo, *band-aid* encima da terra, temos que recomeçar. Como está no livro², uma refundação do Brasil, refundação da nossa casa comum, caso contrário, nós vamos sofrer mais agressões que a própria Mãe Terra envia contra a humanidade.

Em primeiro lugar, deve ficar claro para nós que não podemos analisar o Coronavírus como um vírus isolado, e sobre ele toda a medicina, a tecnologia, os insumos e a busca desesperada por uma vacina, as máscaras, tudo isso é importante. Mas devemos reconhecer que esse vírus é consequência de uma forma de produção, uma

¹ As discussões para a criação da Carta da Terra tiveram início no encontro ambiental do Rio de Janeiro, Rio-92. O primeiro esboço na carta foi redigido em 1997, sob a coordenação de Maurice Strong (ONU) e Mikhail Gorbachev (Cruz Verde Internacional). Entre 1998 a 1999, ocorreu um amplo debate e discussão em todos os continentes e em todos os níveis, de escolas primárias a ministérios, 46 países e mais de 100.000 pessoas envolveram-se nas discussões. Entre 12 e 14 de março de 2000, em Haia, Holanda, a carta foi ratificada por mais de 4.500 organizações e países, inclusive o Brasil. Leonardo Boff é o representante da América Latina na Comissão da Carta da Terra. Mais informações em: https://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/CartaDaTerraHistoria2105.pdf. A carta da terra pode ser encontrada em: https://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.pdf

² Boff, Leonardo. *Brasil: Concluir a refundação ou prolongar a dependência?* Petrópolis: Vozes, 2018.

forma de organizar a sociedade que se chama capitalismo. Esse capitalismo inaugurou o antropoceno³. O antropoceno significa que o ser humano é o maior agressor e a maior ameaça à vida da natureza e da Mãe Terra. O vírus não pode ser visto sem essa conexão. E se a gente acompanha a Globo News, que está 24 horas por dia com seus vários analistas falando sobre o tema, quase nenhum deles fala sobre a natureza, falam do vírus como se ele tivesse caído do céu.

Não. O vírus – e aqui parto desse dado de ciência, que a terra é Mãe Magna, *Mater*, Pachamama, Mãe Gaia – o vírus é um super-ente vivo que organiza o químico, o físico, o biológico, o ecológico, todos os elementos, para sempre manter-se viva e produzir vida. Ela não só tem vida sobre ela, ela mesma é um superorganismo vivo que se organiza sistemicamente, colocando todas as coisas no lugar, para continuar a nos dar tudo aquilo que nós precisamos.

O que tem ocorrido é aquilo que o Papa diz na encíclica⁴ que, para mim, o subtítulo é a melhor definição: “sobre como cuidar da casa comum”, o Papa diz, como nunca antes na história, especialmente nos últimos dois séculos, que nunca agredimos e ofendemos a casa comum como agora. Nós fizemos uma guerra contra a Terra, a Terra viva, sem nenhuma chance de ganhar essa guerra, porque ela é muito mais forte que nós. Ela pode nos iluminar e continuar circulando ao redor do sol, com as florestas, com os rios, com os demais animais, e agora ela nos atacou a nós mesmos. Minha tese-base que está no livro “O Coronavírus como um contra-ataque da Mãe Terra contra

³ O termo antropoceno foi criado por Paul Crutzen, Prêmio Nobel de Química, de 1995, e significa era dos humanos. Para alguns cientistas, os humanos modificaram de forma tão intensa o planeta que, geologicamente, mudamos de era, deixando o holoceno e entrando no antropoceno.

⁴ Refere-se à encíclica do Papa Francisco: “*Laudado si* Sobre o Cuidar da Casa Comum”, publicada em 18 de junho de 2015.

a humanidade⁵”, contra um tipo de humanidade que se chama capitalismo, é que a Terra produziu uma arma que colocou de joelhos todas as potências militaristas. Elas têm centenas de ogivas nucleares, armas químicas, biológicas, que podem destruir a vida por 15 formas diferentes. Estão todos de joelhos, atacados por um vírus quase invisível. Ele tem 125 nanopartículas, praticamente invisível, só com grandes microscópios ele pode ser detectado. Então, todos eles estão derrotados, envergonhados, de joelhos, o que mostra que quem é poderoso é a Mãe Terra, é a natureza.

Eles se julgavam o Deus menor, Deus *minus* em terra, que organiza, tem poderes de fazer tudo. Tem poder, modificou a face da terra e nos trouxe grandes vantagens, o antibiótico, que salvou tantas vidas de crianças e idosos, criou todas essas mídias que nós estamos utilizando, muita coisa boa ele trouxe. Mas ele trouxe também uma máquina de morte, que pode destruir com armas químicas, biológicas, nucleares, toda a vida no planeta por várias formas diferentes.

A Mercedes Sosa e eu, que trabalhávamos juntos na Carta da Terra, sob a coordenação de Mikhail Gorbachev, éramos 25 pessoas. Trabalhamos oito anos consultando o mundo inteiro quais são os valores e princípios para garantir a vida na terra. Numa pausa de café, nós perguntamos ao velho Gorbachev: é verdade que você podia fazer uma guerra nuclear e colocar em risco a vida? E ele disse: olha, tem dois generais malucos que toda hora me falam no ouvido, vamos a um enfrentamento com o ocidente, vamos para a guerra. E ele, sorrindo, disse-nos: Mercedes Sosa, senhor Boff, só com as armas que nós temos, dispensando as americanas, francesas, inglesas, chinesas e outras, só com as nossas, nós podemos destruir tudo por 15 formas diferentes, sem deixar ninguém vivo para contar a história.

5 Esse livro estava para ser publicado quando essa palestra foi proferida, em 8 de setembro de 2020.

Então, quem produziu isso foi o capitalismo, que cometeu duas injustiças. Uma injustiça social. Vocês sabem os dados, a imensa pobreza que há no mundo. Dias atrás a articulação dos bancos suíços – lá para onde vai todo o dinheiro da corrupção – deu os dados que nos escandalizam. Dizem que 1% da humanidade possui, pessoalmente, 45% de toda a riqueza da terra, e 50% tem que se contentar com 1% da riqueza. São números, mas atrás disso há uma tragédia humana de pobreza, de morte, de crianças que morrem antes do tempo, sofrimento a mais no poder, uma via-sacra que tem mais estações do que aquela do filho do homem quando passou entre nós.

Essa é a humanidade crucificada, a injustiça social produzida por essa forma de produção: o capitalismo e a sua expressão política, o neoliberalismo da escola de Chicago, da escola de Viena, e produziu uma injustiça ecológica. Ela degradou, praticamente, todos os ecossistemas, poluiu os solos, os ares, jogou milhares de litros de agrotóxicos nos solos, agrediu a biodiversidade, e a terra está respondendo a essa agressão. Respondeu primeiro pelo aquecimento global, pelos eventos extremos, pelos tsunamis, pela ativação de quase todos os vulcões. Mas também nos atacou por vários vírus, a Zika, a Chikungunya, o Ebola, e outros. E todos eram regionais, eram sinais que a terra mandava.

Agora mandou um sinal grande que pegou todo o planeta, pegou toda a humanidade. É um sinal que nos diz: aprendam a lição. E o confinamento social que fazemos é uma espécie de retiro existencial para que a gente pense onde nós erramos? Como nós maltratamos a natureza e a Mãe Terra? Que sociedade nós queremos? Que mudanças devemos fazer em nós? Nas nossas relações e na forma de produção e de consumo? Que mudanças devemos fazer? E colocar a sério essa questão: vale mais o lucro, ou vale mais a vida? Vale mais colocar antes a produção de produtos, ou vale mais salvar as vidas humanas?

Eu diria que esse vírus caiu como um raio, como um cometa encima do capitalismo e do neoliberalismo, porque todos os mantras deles, tudo isso se invalidou. O principal, para eles, era o lucro, nós colocamos a vida. Eles colocaram a competição, um comendo o outro, nós colocamos a cooperação, e é ela que nos está salvando. Colocaram o individualismo, e nós colocamos a interdependência de todos com todos. Colocaram a agressão sistemática sem consideração da natureza, dos bens e serviços, e nós colocamos o cuidado dos bens e serviços, sem os quais nós não vivemos. Eles colocaram o mercado, que segundo a escola do Guedes⁶, é o único que tem direitos. Os pobres não têm direitos, os pobres são pobres por culpa deles, porque não venceram na competição, isso que eles aprenderam.

Ao invés do mercado, nós colocamos a sociedade humana, sociedade que se harmoniza, que faz um pacto social e que junto cria o bem comum. Bem comum é criar juntos o bem que é para todos, e não só para aqueles ricos, pouquíssimos, que estão colocando em risco o futuro da vida. Então, nesse momento, o sistema do capital está de joelhos, está envergonhado, mas não, não o menosprezemos – e aqui eu quero já entrar um pouco na análise do que nós podemos esperar e que alternativas estão sendo elaboradas no mundo. Há uma coisa que eu acompanho diuturnamente, porque temos tempo para isso: que coisa poderá vir depois do Coronavírus?

A pior coisa que poderá acontecer seria voltar ao que era antes à exploração, às duas injustiças (social e ambiental). E a China está dando o pior dos exemplos, está começando a superprodução de novo, poluindo a natureza, os solos, as águas. E essa fase, eles deviam ter aprendido que essa fase, ela traz desgraça para a natureza e para os

⁶ Paulo Roberto Nunes Guedes, economista, pós-graduado na Escola de Chicago, Ministro da Economia do Governo Bolsonaro, em 2020.

seres humanos. Nós vamos aprender algumas lições, mas os grandes miliardários, aquele 1%, a gente sabe por grandes analistas internacionais, como Noam Chomsky, e outros, que eles estão se articulando, entre eles, para impor à humanidade um capitalismo ainda mais feroz e terrível. Uma espécie de capitalismo radical despótico, um novo tipo de despotismo cibernético usando a inteligência artificial que pode controlar cada pessoa. Ela já existe. Eles estão gravando, assistindo o que nós estamos dizendo, eles sabem o desodorante que eu usei hoje de manhã, sabem o pouco de café que eu tomo, conhecem tudo. Seus aparelhos têm trilhões de algoritmos que acompanham toda a humanidade. E eles querem impor à humanidade um despotismo como nunca antes na história, fazer todos nós escravos, meramente produtores, para consumir aquilo que nós produzimos e para trabalhar para eles.

Lógico, contra todo o poder sempre surge um antipoder, não esperem eles que a humanidade irá aceitar esse despotismo. Haverá rebeliões, sublevações, resistências, rebeldias, mortes, guerras. E vejam, esses aparelhos cibernéticos criaram a inteligência artificial autônoma! É a coisa mais violenta que a humanidade inventou. Uma inteligência autônoma que não depende mais de nós, toma decisões por ela mesma achando aquilo que é mais interessante para o sistema. E pode agredir os países, esvaziar as bolsas dos países pobres, e pode, na loucura, entrar num arsenal nuclear, jogar as bombas nucleares. Ela desaparece e nós desaparecemos.

Quem adverte sobre isso é o Harari, aquele grande historiador que escreveu o *Sapiens*⁷, que deu uma bela entrevista ao *Roda Viva*⁸, dizendo: o risco dessa inteligência artificial autônoma não depende

⁷ Refere-se ao livro: HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Porto Alegre, L&PM, 2015.

⁸ Yuval Noah Harari esteve no programa *Roda Viva* da TV cultura, transmitido em 11 de novembro de 2019 e que está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pBQM085lxOM>.

mais do que você quer ou não quer, ela toma as decisões em função do sistema. A maior desgraça que nós podíamos imaginar é essa, eles querem usar isso para se impor à humanidade. É um dos problemas.

Um outro projeto é o chamado capitalismo verde, que já foi colocado na Rio+20. Já desistiram de falar de sustentabilidade, porque se deram conta que o sistema como tal é insustentável para nós, para eles, porque acaba com a natureza, aumenta a mortalidade. Então o capitalismo verde, ele tem um elemento bom de replantar todas as partes degradadas, preservar as florestas. Mas cuidemos, que é uma solução capitalista de transformar tudo em negócio. O negócio não é só vender o mel que a abelha faz, negociar também a capacidade de polinização que a abelha faz para outras plantas, colocar a natureza à venda. Não colocar nunca em questão as diferenças sociais de justiça e injustiça. É retirar tudo da natureza e fazer negócio da natureza.

Então, há formas de capitalismo. É uma trampa, é um engano, ele não é verde coisa nenhuma. Eles colocam o verde para poder lucrar mais, explorar mais, colocar no mercado. É o capitalismo verde. Aquele capitalismo que, de certa maneira, Marx foi um profeta, porque no ano de 1847, no livro *A Miséria da Filosofia*, ele disse: vai chegar um tempo que é o tempo da grande e geral corrupção, o tempo da venalidade universal, no qual todas as coisas que nós trocávamos e que não vendíamos, como a amizade, a ciência, a consciência, a informação, tudo isso que é comum, que você não encontra na bolsa, você não compra, você troca, tudo isso vai ser levado ao mercado e vai ganhar seu preço e virar mercadoria.

Então ocorreu uma grande transformação, como escrito por esse grande economista húngaro norte-americano, Karl Polanyi, no livro *A Grande Transformação*. O que é essa grande transformação? Que uma economia de mercado se transformou numa sociedade de

mercado. Então, tudo é mercadoria, teus olhos são mercadoria, teu fígado é mercadoria, tua íris é mercadoria. Se você quiser comprar um fígado, vai para o mercado do Cairo, se quiser comprar um coração, vai para o mercado de Londres. Se Marx soubesse que pedaços do ser humano são colocados à venda como mercadoria, eu acho que ele ia se suicidar de vergonha de tanta perversão! Porque para ele, o capital se faz pela exploração do trabalho, mas nunca vendendo parte da vida, dos órgãos do ser humano. Hoje, tudo virou mercadoria, e essa é a nossa grande desgraça.

Então, o capitalismo verde, eu não creio nele, creio só naquela capacidade que ele tem de recuperar as partes perdidas. E eu felicito vocês, do MST, que se propõem, nos próximos anos, a plantar 1 milhão de árvores⁹, que fazem campanha de solidariedade.¹⁰

É aquilo que Cuba diz, nós não damos o que sobra, nós damos o que temos. Vocês estão dando o que vocês têm, com generosidade, com profunda humanidade. Eu fico encantado por esse valor que é um valor mais profundamente humano e um valor profundamente da tradição de Jesus, que era solidário com os pobres, que curava, que fazia milagres, não para ser um mago, mas para devolver a vista, para devolver a fala, para curar os hansenianos.

9 “O nosso grupo aqui, eu, esses dias, fiz uma *live* com o MST, com a direção do MST do Rio Grande do Sul. Fiquei encantado como todos eles se propuseram a reflorestar. E mais que isso, cada família reservar um pedacinho de terreno para plantar e dar comida àqueles que precisam e passam fome. E plantar agora para dezembro ter, todo mês ter, mas para dezembro ter uma farta cozinha para os pobres. Só no Paraná deram 50 mil toneladas de alimento, mais de duas mil quentinhas para os pobres. E no Brasil inteiro, mais de 20 mil quentinhas, mais de 500 mil toneladas de alimentos orgânicos para aqueles que, nas periferias, estão pobres. E como o arroz está caro e o feijão cada vez mais caro, então essa solidariedade é a marca registrada de vocês”. (Trecho da fala do expositor).

10 Em função da Pandemia da Covid-19, doença causada pelo coronavírus, que assolou o mundo, em 2020, vários movimentos sociais organizaram campanhas de solidariedade. O MPA organizou, a partir de sua experiência com os problemas da fome, a campanha “Mutirão contra a Fome”.

Solidariedade. Vocês estão mostrando isso – a nova sociedade tem que se construir sobre a solidariedade. Nesse momento, no mundo inteiro, há uma grande discussão em todos os países: qual será a sociedade que vem depois? Que tipo de sociedade nós podemos levar avante e queremos? Então, tem uma quarta proposta, que é de alguns filósofos, especialmente franceses, alguns que vieram da parte leste do antigo comunismo, que repropõe o comunismo de terceira geração.

A primeira geração foi boa, socializou tudo, a segunda foi uma ditadura, foi um capitalismo de estado, não deu certo, caiu o Muro de Berlim. Eles têm essa ideia do comunismo, de colocar tudo em comum, uma organização central, plural, para garantir à humanidade tudo aquilo que ela precisa, e superar a divisão de classes. Só que essa proposta é tão desmoralizada pela tradição do comunismo real que conhecemos, que quase ninguém aceita. O Badiou, o Žižek, são alguns nomes de filósofos, mais do que economistas, eles têm uma outra proposta que é do ecossocialismo. Essa eu acho uma proposta importante, porque daqui a pouco todos nós vamos ser socialistas, não por ideologia, por matemática, porque só temos esses bens e serviços.

Os capitalistas falam em recursos, são materialistas. Os andinos falam nas bondades da natureza. Vocês, camponeses, falam assim, as bondades que a natureza nos dá.

O ecossocialismo propõe isso: fazer um pacto social na humanidade, que não existe. A globalização globalizou a economia, as finanças, mas não globalizou a solidariedade e a cooperação. Cada país tem a sua soberania, um contra o outro. E agora a nova Guerra Fria entre a China e os Estados Unidos disputando a América Latina, que é a grande reserva de bens e serviços naturais, de água, de mil outras coisas.

O ecossocialismo é uma proposta que tem sentido, tem sentido porque é o velho socialismo que diz: dá a cada um aquilo que ele

precisa, e cada um dá aquilo que ele pode, de tal maneira que todos tenham o suficiente e o decente para comer. Mas, para isso, precisamos de um novo pacto social mundial, em que a humanidade se encontre junta na mesma casa, e um centro plural de homens e mulheres de ONG's, de chefes de estado, de gentes da religião, de caminhos espirituais, de camponeses, de cientistas. Um grupo que pensa os problemas globais da humanidade e procura uma solução global para os problemas globais.

Isso é urgente, nós percebemos isso, que essa soberania é coisa passada. Nós temos que construir a terra, a casa comum, e não cada país. A Europa foi quase a pique por causa disso, um contra o outro, e a Alemanha entendeu, salvou centenas. Milhares de velhinhos que estavam condenados à morte foram levados para a Alemanha e lá foram salvos. Superaram essa velha ideia da soberania.

Queremos um país soberano, mas articulado com todos os demais, dentro da casa comum. Agora só a soberania, um contra o outro, pondo limites, essa coisa é superada. O vírus não respeitou limites, passou por cima de todo mundo. E só no ano passado, 3 bilhões e 400 mil pessoas viajaram de avião. Significa que mais da metade da humanidade viajou de avião. E viajar de avião é levar vírus, é levar doenças para todos os lados do mundo com nossa mobilidade.

O ecossocialismo é uma das propostas que eu acho que devem ser pensadas. E a outra é o *Bien Vivir*, dos andinos. O *Bien Vivir* é viver bem. Para nós, para um viver bem, muitos têm que viver mal. Não, o *Bien Vivir* deles é bem conviver, é harmonia. Harmonia começa em casa, com o marido e a mulher, com os filhos, harmonia com a natureza. Uma economia não da acumulação, uma economia da satisfação das necessidades. Porque parte desse pressuposto, que a terra é Mãe, é Pachamama, ela nos dá tudo que nós precisamos. E o nosso

trabalho é ajudar a Pachamama, porque às vezes ela fica precisando de água, algumas partes envelhecem.

Então, nós ajudamos e fazemos com alegria, juntos, ajudando a nossa mãe. É uma economia da harmonia, da subsistência, não da acumulação. Eles nem têm a palavra ‘pobre’, porque não têm excluídos, todos estão incluídos no bem viver. A Bolívia e o Equador são os únicos países do mundo que introduziram o constitucionalismo ecológico. É lindo ver a introdução da Constituição da Bolívia, na qual se diz em nome de Deus, em nome da Pachamama nossa mãe, em nome de nosso povo. Nós fazemos uma aliança para dar o bem viver a todos os cidadãos, a toda a natureza, a todos os animais, a todos os que vivem.

E a mesma coisa diz a Constituição do Equador, Constituição *Corpus Christi*, que diz: a natureza tem direitos, a Pachamama tem que ser respeitada e amada como mãe. E por isso a Constituição consagra o respeito, os direitos da natureza, os direitos da Mãe Terra.

O bem viver talvez seja meio utópico agora, mas eu acho que o dia em que a humanidade despertar do sono dogmático, do sono que é um verdadeiro pesadelo que está sobre ela, o dia que ela despertar e olhar para trás e dizer: que estúpidos éramos, que cruéis e sem piedade éramos destruindo a natureza, ofendendo a Mãe Terra, que tudo nos dá. E agora começa a se pacificar, sentindo-se filhos e filhas da terra, protegendo a Mãe, cuidando para que ela possa alimentar a todo o mundo.

E aí eles escalonam, no meu livro¹¹ escrevi sobre isso, é como dormir bem, como falar bem, como sonhar bem, como tratar bem um ao outro. E vão especificando esse *bien vivir* no concreto, como plantar

11 BOFF, Leonardo. *O bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Petrópolis: Vozes, 2016.

bem a planta, como jogar bem a água. Tudo isso detalhado numa cultura de integração de todos. E por fim, é aquilo que nós propomos, eu e outros tantos propomos, uma biocivilização autossustentável.

No livro *Brasil, concluir a refundação*¹², eu digo que nós temos que refundar o Brasil. Esse presidente [Bolsonaro] nefasto, cruel, inimigo da vida, foi fazer um rito de vassalagem ao mais estúpido que ele, que é o Trump. Esse grande economista, prêmio nobre de economia, Paul Krugman, que sempre alia a economia com a ecologia, disse: “de todos os presidentes da história americana, esse é o mais estúpido, e o mais manipulador, e o mais mentiroso”. E o nosso foi lá fazer reverência à bandeira deles e prestar um rito de vassalagem, de submissão a ele, com uma pena de não ter sido americano, vergonha de ser brasileiro. Por isso ele não se incomoda¹³.

Noam Chomsky nos diz que, no Pentágono, há 3 princípios básicos, que é bom a gente entender para entender o que ocorre no Brasil também. Um mundo e um império: Estados Unidos! Cobrir todos os espaços. Cobrir todos os espaços com 800 bases militares, quase todas elas com ogivas nucleares. Eles têm no mundo inteiro, não tinham na Argentina – estão construindo –, e agora nós cedemos Alcântara, lá no Maranhão. Eles querem dominar o mundo, dominar todos os espaços. E terceiro, destruir, perseguir, difamar todos os governos progressistas. Isolar seus ídolos, seus líderes, difamá-los, aplicar neles

12 Livro realizado a partir do material recolhido no trabalho de base feito por Boff, durante 30 anos, com as comunidades, nos quais se discutia: que Brasil nós queremos?

13 Refere-se à Bolsonaro que no “dia 7 de setembro de 2020 discursou por 2 minutos. Lula discursou por 22 minutos para os patriotas, homens e mulheres brasileiros. E nós vamos mandar hoje ao Papa, para o Papa ler isso, porque ele acompanha o Brasil, gosta do Brasil, gosta do Lula. Eu tenho contato direto, mando para ele. Amanhã ele vai ler esse discurso, para saber que temos um Brasil que tem esperança, que ama seu povo, e não alguém que larga o povo à sua própria sorte, que não tem nenhum projeto contra o Coronavírus, nem sequer um ministro da saúde tem. Quer dizer, entregou a nação. Porque está tudo ligado àquele lá de cima, Oxalá ele perca as eleições”. (Trecho da fala do expositor).

a *lawfer*, usar a lei contra aqueles que estão sendo julgados, e se possível pô-los na cadeia, o que fizeram com o Lula, com um crime até hoje nunca provado, que não está em nenhuma legislação do mundo, nem naquela de Hamurabi, que tem 3 mil anos, na qual se condena alguém por um crime indeterminado.

Isso não existe, isso é perseguição, isso é vontade de dominar, sabendo que Lula ia subir ao poder. Eles nunca aceitaram que um operário, que alguém que vem do andar de baixo fosse presidente. Ele chegou a ser presidente, e fez as reformas que nós conhecemos.

Então, nós queremos essa biocivilização, uma civilização que ponha a vida no centro, e a economia e a política a serviço da vida, na sua imensa diversidade. Vida humana, vida dos animais, vida, toda a comunidade de vida. Nós temos que fazer uma travessia. Eu acho que a essência dessa travessia é como passar de um capital material, que é finito, para um capital humano e espiritual, que é infinito, porque ele é feito de amor, de solidariedade, de cooperação, de compaixão, de capacidade de perdão, de abertura a todos os demais, de cuidado com o outro, cuidado com a natureza, abertura ao infinito até o próprio infinito de Deus.

Esse capital humano e espiritual, nós devemos sobre ele construir a nova civilização. O capital material foi praticamente esgotado. O dia 27 de agosto desse ano foi o dia da sobrecarga da terra¹⁴. O que significa isso? Que na dispensa da terra, todos aqueles elementos, que são 15, que sustentam a vida, estão se acabando; 5 deles já se acabaram ou estão em grande erosão, solos contaminados, águas poluídas,

¹⁴ O conceito de sobrecarga da Terra foi desenvolvido pelo instituto independente britânico de pesquisas *New Economics Foundation*. Desde 1961, a *Global Footprint Network* calcula a data na qual, naquele determinado ano, passamos a demandar mais recursos naturais e serviços ecossistêmicos do que a Terra é capaz de regenerar em um ano.

climas alterados. Os cientistas disseram, se nós não cuidarmos desses 15 elementos nos próximos decênios, dentro ainda desse século, 15/20 anos, vamos ter um colapso da civilização.

A terra não vai aguentar, e se nós queremos manter esse consumo de agora, fazemos violência contra ela, tirando aquilo que ela já não tem, o que acontece como resposta? Cresce o aquecimento global, crescem os tufões, crescem os eventos extremos, cresce a falta de água, diminui a fertilidade dos solos, aumentam as doenças. As crises sociais aumentam, porque somos uma grande unidade. Então, a terra se defende, e nos manda esse vírus, que é um sinal e uma lição para a gente pensar, e pensar diferente, mudar a mente, mudar o coração.

Nossa mente precisa ver a terra como Mãe Terra. A ONU definiu, no dia 22 de abril de 2009, o dia da Mãe Terra. Eu estava presente. Foi colocado em votação se seria o dia da terra ou o dia da Mãe Terra. Evo Morales fez um discurso que me comove até hoje, porque ele subiu à tribuna e disse: Irmãos e irmãs, eu venho de joelhos representando os povos humildes da terra. Venho pedir de joelhos a vocês, não sangrem mais a nossa Mãe Terra, porque ela está adivinhando. E então ele faz uma pausa e disse: ou nós acabamos com o capitalismo, ou o capitalismo acaba conosco e com a vida. Um silêncio sepulcral. Só socialistas aplaudiam, e eu aplaudia o mais que podia. Mas foi bem a votação: 192 países, unanimemente, reconheceram que a terra é Mãe Terra. E o argumento dele foi dizer: terra como solo, a gente pode cavar, comprar, vender, fazer mil coisas. Agora, Terra como Mãe, a gente ama, a gente venera, a gente cuida, a gente defende. Isso que nós fazemos para nossas mães, devemos fazer com a Mãe Terra para ela continuar mãe e dar tudo aquilo que nós precisamos.

Temos que incorporar essa visão na mente e no coração, datar o mundo do amor, da simpatia, da ética, e cuidado da terra, de todas

as coisas. Nós precisamos fazer essa travessia e ter algumas virtudes que estavam presentes, mas esquecidas, porque a dominação do capital criou a cultura do capitalismo dominando tudo. Nós precisamos reconhecer que somos vulneráveis. Não somos pequenos Deuses que nos defendem, que podemos estar expostos à imprevisibilidade, que todos nós somos interdependentes daquilo que o Papa, como fio condutor, diz na sua encíclica: todos estão ligados a todos, ninguém está fora dessa ligação. Junto com o irmão sol, a irmã lua, o irmão rio, a irmã terra, fazemos uma viagem maravilhosa, porque somos todos interdependentes, interligados. Tudo é relação, não existe nada fora da relação. Essa é a lei maior do universo.

Como nos dizem os cosmólogos, aqueles que estudam a história do universo, a astrofísica e a nova cosmologia, a interdependência é a relação de tudo com tudo. Solidariedade. A solidariedade é tão fundamental, que os neurolinguistas, neurologistas, especialistas em cérebro, analisando se deram conta – eu tenho vasta literatura sobre isso, no meu livro tem um capítulo inteiro, científico mesmo, que diz: o ser humano é, por essência, um ser de solidariedade, um ser de cooperação, por essência é um ser social. É um nó de relações em todas as direções.

A gente sabe pela bioantropologia que quando os nossos ancestrais saiam para catar alimentos, não comiam como faziam os primatas, os símios, lá entre eles. Eles traziam para o grupo, davam primeiro para os pequeninos, depois para os idosos, e então comiam juntos solidariamente. Foi a solidariedade, a cooperação, que nos permitiu o salto da animalidade para a humanidade. Aquilo que valeu ontem, vale hoje. Mais do que nunca temos que ser solidários. A solidariedade é que está nos salvando, é a cooperação um com o outro que está nos salvando.

Depois, é o cuidado essencial. Não quero falar muito sobre isso, que também é da essência do ser humano, porque todos nós, vocês e eu, somos todos filhos e filhas do infinito cuidado de nossas mães. Se ela nos tivesse abandonado no berço, nós não saberíamos buscar o alimento e morreríamos de fome. Somos todos filhos do cuidado infinito dela, cuidado da natureza, cuidado das águas, do solo, e no fim, sentir-se corresponsáveis todos nós. Todo mundo deve assumir a responsabilidade, não só em relação ao outro, todo mundo deve assumir a responsabilidade de salvar a vida e crer, como diz o livro da sabedoria. O Papa cita duas vezes, na encíclica, que Deus é o apaixonado, o amante da vida. Um Deus que é apaixonado, amante da vida, não vai deixar que nós pereçamos miseravelmente. Vai nos dar consciência, vai nos dar ideias, projetos diferentes para colocar a vida no centro, a sua diversidade, especialmente a vida dos marginalizados, e tomar alimentos saudáveis que vocês produzem, que a mãe terra produz, sem agrotóxicos, sem os venenos que vão lentamente envenenando nossas células. E no fim, uma palavrinha só, só uma palavrinha, porque a ponta da discussão ecológica hoje não está mais estudando a grande ecologia, está estudando o biorregionalismo, estudando a região, porque na região a gente pode ter a verdadeira sustentabilidade.

Não a região naquela divisão artificial que os municípios fizeram, aquela região que a natureza fez, com o tipo de montanhas, tipo de vales, tipo de florestas, tipo de rios, tipo de população. Quando a gente toma essa biorregião, a gente pode realizar um desenvolvimento com empresas menores, sem grande transporte, com uma agricultura familiar e orgânica, com escolas de qualidade, com hospitais, cultivando as tradições, as festas, a cultura daquele lugar.

Conhecer aqueles lugares, quando surgiram essas montanhas, quando apareceram esses rios, conhecer os nossos heróis, nossos san-

tos, nossos poetas, enriquecer essa realidade na região. Na região, nós podemos criar a verdadeira sustentabilidade que significa todo mundo pode viver e reproduzir a sua vida, com suficiência e com decência.

Atualmente, há 113 cidades no mundo que trabalham a biorregião, que é um verdadeiro pequeno paraíso. Podemos resgatar o jardim do Éden e cumprir nossa missão de guardar, cuidar dessa herança sagrada que o universo e Deus nos deram. Isso eu acho que é a grande mensagem, meus irmãos e minhas irmãs.

Levem essa mensagem, mudar a mente, mudar o coração, aceitar a terra como mãe, e cuidar dela. Fazer uma reinvenção da humanidade, porque esse tipo de mundo que está aí tem que desaparecer. Não o mundo, mas esse tipo de mundo capitalista tem que ser destruído por aquilo que vem de baixo, criado por vocês. Como o Papa sempre acentuou: criem a nova democracia participativa, a nova agricultura orgânica, a nova forma de participação. Criem em função da vida e não para o mercado, em função da justiça social, porque essa é a base da paz. E cuidem da Mãe Terra, porque se não cuidamos, nenhum projeto vale. Então, isso é uma mensagem de esperança. Eu acho que está nas possibilidades humanas fazermos essa travessia para o capital humano e espiritual. Já criamos a base material para todos poderem viver bem, desde que tenhamos boa vontade e redistribuímos. Portanto vivendo os valores do capital humano espiritual, da solidariedade, da irmandade, da fraternidade, da união de todos na mesma e única casa comum. Muito obrigado, meus irmãos.

Campesinato, soberania alimentar e abastecimento popular

Jan Douwe van der Ploeg

Sabemos que os últimos meses, o último ano e meio, têm sido um período muito difícil para muita gente. Temos vivido uma tragédia terrível com a Covid-19, a grande pandemia¹ que, em todo o mundo, ao norte, ao sul, está produzindo uma grande tragédia. E nessas circunstâncias difíceis temos feito observações bem importantes. Uma observação é que a agricultura camponesa tem sido capaz, muito mais capaz que a agricultura capitalista, de continuar a produzir alimentos e abastecer os povos. Onde a agricultura capitalista e empresarial baixou a produção, ou deixou de produzir completamente, por razões que depois vou explicar, a agricultura camponesa continuou confrontando os muitos problemas econômicos, sociais, de saúde pública, e outras questões. Vemos, então, a superioridade da produção camponesa.

Vemos também que as grandes cadeias de distribuição, em certas situações, não funcionaram bem, e por isso os mercados camponeses, os mercados territoriais em que estão envolvidos os camponeses,

¹ Refere-se à pandemia causada pelo coronavírus (SARS-COV-2), que gerou a doença Covid-19 e que assolou o mundo em 2020. Considerada a maior pandemia desde a gripe espanhola de 1918, em outubro de 2020 já havia levado a vida de 1 milhão e 100 mil pessoas no mundo. As medidas sanitárias para a contenção do vírus incluíram o fechamento do comércio e o isolamento social de toda a população mundial.

estão fazendo o que estavam fazendo antes e aumentando o fluxo de alimentos para as populações. Esses dois fenômenos vemos tanto no norte do mundo como no sul do mundo.

Como já disse, a grande agricultura capitalista e empresarial tem apresentado uma parada de produção em muitas partes do mundo. Isso ocorre em função da redução das taxas de lucros que faz com que já não fosse interessante para estas empresas capitalistas continuar a produzir. E também elas têm tido muitos problemas com seus trabalhadores, pois devido à precariedade em que vivem, são afetados pela Covid-19 e, portanto, incapacitados de continuar a trabalhar. Outros trabalhadores não puderam viajar de uma localidade para outra. Então, por tudo isso, há uma paralisação de partes de uma grande agricultura capitalista.

Ao mesmo tempo, a agricultura camponesa tem sido capaz de continuar a produção, mas não em todos os países. A agricultura camponesa depende muito dos mercados de insumos e tem tido problemas. Vamos falar disso mais adiante. Como sabemos, as grandes cadeias de distribuição nos supermercados e também da indústria alimentar, muito bem vinculadas com a grande produção em grande escala, têm tido também muitos problemas de continuidade. Há os problemas de oferta do arroz, problemas na oferta de carne, batatas, verduras, frutas, em geral. A fome no mundo tem crescido muito também devido a estes problemas.

Para fazer uma pequena ilustração, por exemplo, há uma cadeia importante na Europa, a cadeia da carne de terneiro. Os terneiros vêm da Polônia, da Irlanda, da Alemanha, da Holanda. Já crescidos, são transportados para a Itália e outros países para o consumo. Toda esta cadeia internacional entrou em paralisia, e os produtores, também os produtores leiteiros, sofrem as consequências. A grande dependência

e as grandes cadeias de distribuição são o ponto frágil da agricultura capitalista, da agricultura dominante. Em comparação com isso, os mercados territoriais, os mercados camponeses, como também se pode dizer, cresceram, aumentaram em muitos lugares na França, na Holanda, na Itália, com mais de 50% do seu fluxo de alimentos para o consumo popular.

Então, temos que nos perguntar por que a agricultura camponesa tem essa capacidade de enfrentar as crises econômicas, enfrentar a pandemia? Qual é a sua força interna? Quando falamos ‘agricultura camponesa’, temos que levar em conta a especificidade dessa agricultura. Não é uma agricultura qualquer, mas é uma agricultura bem precisa, bem específica. A agricultura camponesa está enraizada na natureza viva e no trabalho camponês, quer dizer, converte, através do trabalho camponês, a natureza viva em produtos alimentares. A terra, os alimentos, as sementes, a água, a energia solar, tudo isso é bem utilizado para converter em alimentos. O que está relativamente ausente é o capital e a tecnologia. Há técnicas e, evidentemente, temos os desenvolvimentos, a ajuda mútua. Mas a agricultura camponesa está enraizada, está construída como base da natureza viva e do trabalho camponês, que é sua força.

Implica também dizer que a agricultura camponesa usa pouco dos recursos externos. O uso de insumos externos é reduzido, usam-se, sobretudo, os recursos internos. Está também produzindo seus próprios recursos, não está apenas melhorando a qualidade do solo, está melhorando os animais, está melhorando, selecionando as sementes, está aprendendo, e assim a força de trabalho no campo tem maior qualidade.

Tudo isso indica menor uso de recursos externos e contribui para a autonomia da agricultura camponesa, a autonomia que é componente

de sua força. Não existem chefes que dizem a eles o que fazer, é outra coisa o lugar da família camponesa: são os camponeses, as camponesas que decidem, os velhos, os jovens, que decidem sua autonomia. Também no sentido material, com seus próprios recursos, não dependem de outros, e isso lhes permite produzir bem. E quando usam poucos recursos externos, também quer dizer que os gastos, os custos monetários são baixos. Ou seja, a parte que sobra, como se pode dizer, o ingresso é mais alto. Então usando menos recursos externos, há mais autonomia e há um ingresso melhor.

Vamos ver este retângulo ao lado, que está simbolizando a produção. Digamos, representa 100 litros de leite, ou representa uma tonelada de arroz, ou mil quilogramas de grãos.

Então, requer o valor da produção, a produção realizada num lugar camponês. Essa produção total está composta de duas partes: os gastos, quer dizer, os custos monetários que foram pagos, e o resto que é o valor adicionado, agregado. É o que através da história os camponeses chamam de parte limpa, a parte que fica para eles.

Agora bem, temos que ter isso em conta: que o valor agregado, esta parte que sobra, é fundamental para a agricultura camponesa. Na agricultura capitalista, o lucro, aqui, esse valor agregado, a sobra... Existe na ciência uma fórmula que é

a seguinte, uma fórmula muito forte para explicar os detalhes do ingresso na agricultura. Aqui, aparece outro valor agregado, o valor adicionado (VA), e o valor agregado por unidade laboral. Unidade laboral quer dizer o trabalhador, que é determinada por dois elementos, por dois mecanismos: é o valor agregado como parte da produção bruta – ou seja, a parte que sobra – e a produção total por pessoa. Existem dois mecanismos para sustentar ou aumentar o ingresso por pessoa: é possível aumentar, através de uma produção maior, produzir a escala mais ampla do que este elemento. Ou também se pode aumentar a parte que sobra para chegar ao mesmo resultado.

$$VA/VBP \times VBP/UT = VA/UT^2$$

Em que VA= Valor Agregado (VBP-C) = ‘parte limpa/renda’

C= (custos variáveis + depreciação) (‘o que se gasta’)

VBP= Valor Bruto de Produção (‘o que se vende’)

UT= Unidade de Trabalho

Então, a agricultura capitalista e a agricultura tipo revolução verde apontam muito a produção por pessoa, aumentando-a. Já a economia camponesa sempre apresenta um valor agregado como parte da produção total, ou seja, a parte que sobra e que tem sido fundamental. Sendo assim, o que se vê na prática – uma distribuição que está sendo sintetizada aqui, a linha tracejada – representa mais ou menos o mesmo nível de ingresso, ingresso por pessoa.

Na agricultura camponesa, esse ingresso por pessoa depende, especialmente, da parte que sobra. Tem-se menos produção por traba-

2 Essa equação reflete o algoritmo básico que fundamenta a análise comparativa da agricultura mundial feita por Hayami e Ruttan (1985). A principal diferença aqui é que incluímos os custos.

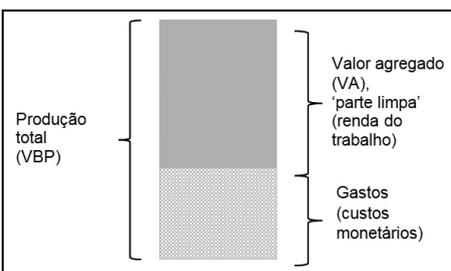


Figura 1
Produção considerando custos e a renda do trabalho (parte limpa)

lhador, mas a renda é mais alta, e na agricultura empresarial se vai baixando a remuneração, mas aumentando a produção total. E a agricultura capitalista, a grande produção, a grande escala, com um valor agregado, uma parte política, uma remuneração do trabalho, reduzidas. O que interessa ao capitalista, o mais interessante, é o lucro.

Nas últimas décadas, os movimentos sociais, os movimentos camponeses, sempre tiveram a agroecologia como método para aumentar mais a renda dos camponeses. Vamos ver um pouco como é isso na prática. Na fotografia na lateral, a imagem de uma granja leiteira. Essa granja leiteira é no norte da Holanda, mas poderia ser também na França, na Bélgica, na Alemanha, em partes da Dinamarca.

Aqui vemos o gado, as vacas, os terneiros, os recursos internos, os edifícios, os armazéns, vemos o prado com o pasto bem diferenciado, vemos a terra bem fértil, fertilizado com estercos, a base de recursos autônomos com que produzem. Essas granjas são estudadas economicamente. E aqui, na figura 4, tenho um exemplo da França, um estudo bem sério, feito por vários anos com um grande grupo de granjas, de granjas leiteiras.

Uma parte são granjas camponesas. Então, com todas as características já mencionadas, elas têm seus próprios recursos e poucos insumos externos. E as fazendas das granjas mais empre-

	EMPRESARIAL	CAMPONESA	DIFERENÇA
PRODUÇÃO/PESSOA	118,281€	86,837€	- 27%
VA/PRODUÇÃO (PARTE LIMPA)	33%	51%	+ 54%
VA/PESSOA	38,884€	44,179€	+ 14%
RENDA/PESSOA	15,797€	27,271€	+ 73%

Tabela 1
Comparação de unidades de produção leiteiras na França (Agroecológicas vs. convencionais)

sariais, que são muito mais integradas, muito mais dependentes dos mercados, têm que comprar grande parte do feno, da forragem. Também compram vacas ao invés de ter a produção e reprodução internas.

Estas fazendas empresariais produzem por pessoa mais que as propriedades camponesas, estas são maiores. Possuem muito com tecnologia alta que permite esta produção elevada. De fato, a granja camponesa produz 27% a menos, mas isso não quer dizer que não sejam inteligentes, ou eficientes. Pelo contrário, existe um segredo escondido, um segredo que não se vê imediatamente, não se vê de fora. O segredo é a força da produção camponesa. Enquanto na fazenda empresarial, a parte que sobra, o valor adquirido como porcentagem da produção total, é somente 33%, o resto vai em custos. A parte que sobra é muito mais elevada nas fazendas, nas granjas camponesas, 51%. Ou seja, aqui temos uma diferença positiva em favor da economia camponesa, mais de 50%. Isso eu quero dizer, e aqui vamos ao ingresso por pessoa: primeiramente, o valor adicionado, valor agregado por pessoa, que é mais alto na agricultura camponesa, 14% mais alto do que nas fazendas empresariais. Quer dizer, as fazendas camponesas são menores, produzem menos, mas ganham mais.

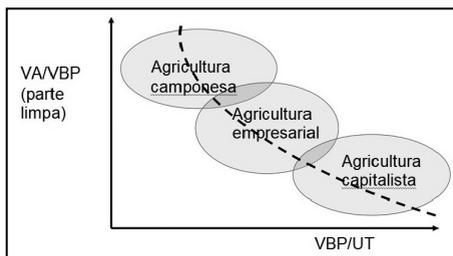


Figura 2
Ingresso por pessoa comparando os diversos tipos de agricultura.



Imagem 1
Granja leiteira no Norte da Holanda

Isso é muito inteligente, é mais inteligente. Isso é a superioridade que alguns não querem ver, mas está lá, é o coração forte da agricultura camponesa. E na renda por pessoa, no ingresso médio por pessoa, a diferença é ainda maior, é 73% maior.

Tabela 2
Comparação entre a agricultura capitalista e a camponesa, por critério, em países europeus

	CRITÉRIO	AE COMPARED TO AVERAGE
Holanda, 'agricultura econômica'	Labour income/100 kg. of milk	+ 110%
Holanda, Centro de Pesquisa em Agricultura Leiteira (PR)	Emprego gerado por volume de produção de 800,000 kg de leite	+ 100%
França, agricultura baseada em forragens	Renda familiar /trabalhador familiar	+ 73%
Alemanha, alimentação com baixo nível de concentrados	Renda por vaca leiteira	+ 60%
Suíça, agricultura orgânica	Emprego/estabelecimento	+ 27%
Itália, Rossa reggiana	Renda por hora	+ 15%
Polônia, pecuária leiteira	Renda segundo o nível de autoabastecimento de ração e forragens (0 comparado com 51- 99)	+ 53%
Irlanda, carne e leite	Margem bruta por hectare	Incremento da ordem de 75- 80% em um período de 3-4 anos
Reino Unido, Ovelhas	Valor agregado bruto/ovelha	+ 10%
Espanha, Cultivos mediterrâneos	Valor agregado bruto	+ 35%
Bélgica, plantio direto	Diminuição da carga de trabalho Diminuição dos custos da máquina	- 75 min/ha -60 Euros/ha
Bélgica, pecuária baseada em pastagens	Diminuição da dependência em subsídios	Os subsídios caíram de mais de 60

Não temos aqui nenhuma exceção. A quem interessa tudo isso? A política agrária favorece as fazendas empresariais, mas aqueles camponeses podem resistir, o custo por sua superioridade está escondido. Essa superioridade não é excepcional, não vou aos detalhes, mas vou demonstrar a vocês que, em dez diferentes países da Europa, na Holanda, França, Alemanha, Itália, Polônia, Irlanda, Inglaterra, Espanha, Bélgica, fizeram-se as mesmas comparações. E sempre, na coluna da direita, sempre se vê a força econômica da economia da agricultura camponesa.

Vamos ficar na prática. Na figura 3, vocês veem os ciclos agrônômicos mais importantes da zootecnia. Há os recursos internos, as vacas, o esterco, o solo que produz a forragem com que se alimenta a vaca, que dá leite, que dá carne. Esses são recursos internos. Mas também se pode usar recursos externos, fertilizantes químicos, concentrados industriais, como se pode ver na parte alta da figura. O que fizeram muitos agricultores, ao longo dos anos, foi baixar os custos externos, menos fertilizantes, e melhorar seus recursos internos, melhorar o esterco, melhorar a qualidade do solo, melhorar as forragens e melhorar a alimentação e, assim, chegam a um equilíbrio novo. Aqui, à direita, vocês veem o Taeke Hoeksma, um agricultor Holandês, produtor de leite. Vou demonstrar sua trajetória histórica.

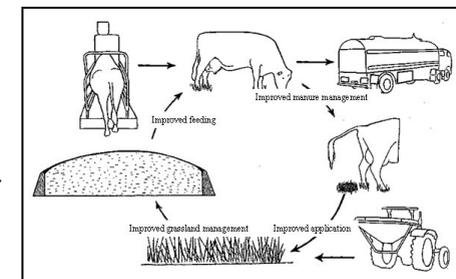


Figura 3
Baixando os custos (reduzindo o uso de recursos externos, aprimorando o uso de recursos internos)

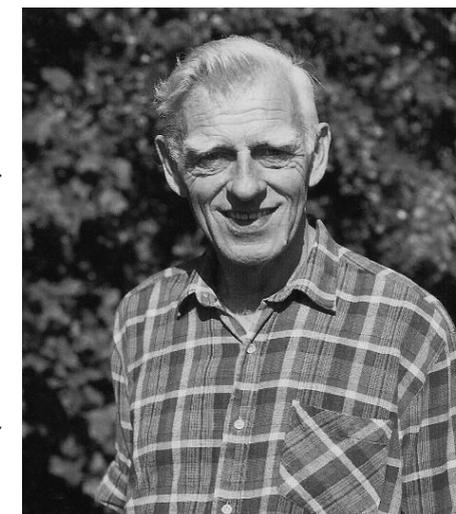


Imagem 2
Taeke Hoeksma

Aqui, na figura 4, há um gráfico que não é nada complexo, demonstra a quantidade de nitrogênio necessário para produzir 100 mil litros de leite. Os círculos, os pontos aqui, são os diferentes anos, começam em 1979, e atingem um ponto máximo em 1985. Naquele ano, não houve um consumo muito alto de nitrogênio. O nitrogênio vem de duas fontes, ele está nos concentrados industriais e está nos fertilizantes químicos.

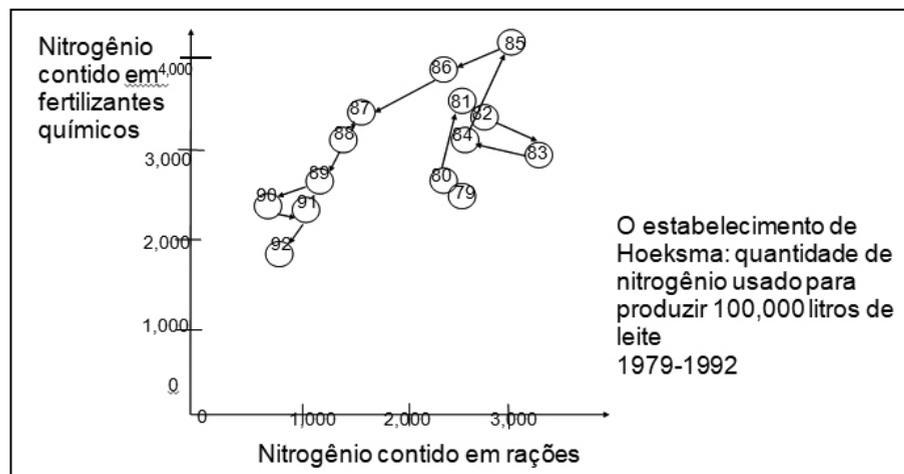


Figura 4

Usam o total de mais de 7 mil quilos para produzir esta quantidade de leite. Naqueles anos, eles viveram um susto muito grande, a qualidade de seus pastos estava piorando rapidamente, pois eles estavam degradando o solo. Então se buscou baixar um pouco o uso de nitrogênio de fontes externas, em 1986, e assim continua até 1992, sempre em pequenos passos. Eu gosto muito desse gráfico da figura 8, pois demonstra a luta diária do camponês, que a cada ano está buscando por melhorias, reduzindo o uso, neste caso, de fertilizantes químicos, e aumentando a qualidade do esterco, a qualidade do solo. Assim, a

produção das pastagens, da forragem, inclusive, estava melhorando.

É lindo que seus filhos... Tacke partiu, ele já não está entre nós, mas seus filhos continuam com a granja. Tenho aqui mais observações de 2013, 2014, até 2017, e se vê que os filhos continuam pela mesma estrada que começou seu pai. E entre 1985 e 2017, são mais de 30 anos, houve uma redução impressionante de mais de 85% de nitrogênio, baixou muitíssimo. Mas isso aconteceu através de pequenos passos, aumentando os rendimentos. Isso demonstra outra vez a importância de processos de aprendizagem, pois eles colaboraram, cooperaram com vizinhos, com a cooperativa, e assim indo em frente.

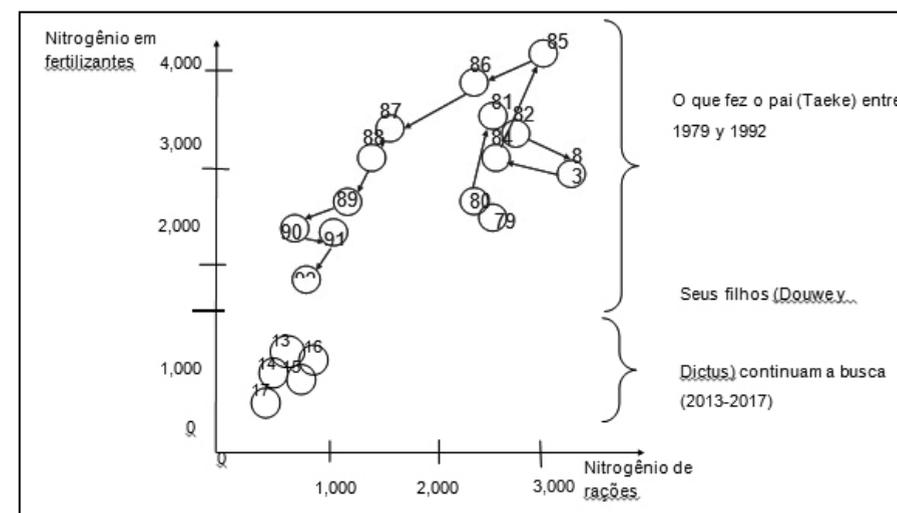


Figura 5

Então, aqui, temos uma dinâmica importante da agricultura camponesa, baixando os custos. Baixar os custos para aumentar os rendimentos, para assim resistir, melhorar a vida, melhorar as perspectivas para as crianças e reduzir os custos monetários, também para ter mais autonomia.

Essa não é a única resposta camponesa em momentos difíceis, mas também defender o nível de cima desse retângulo, da figura 6, assegurar as vendas, e isso inclui aumentar as vendas, evitar que haja a redução do preço de vendas sem que outros se apropriem dos rendimentos, sem que outros vivam sobre as costas dos camponeses.

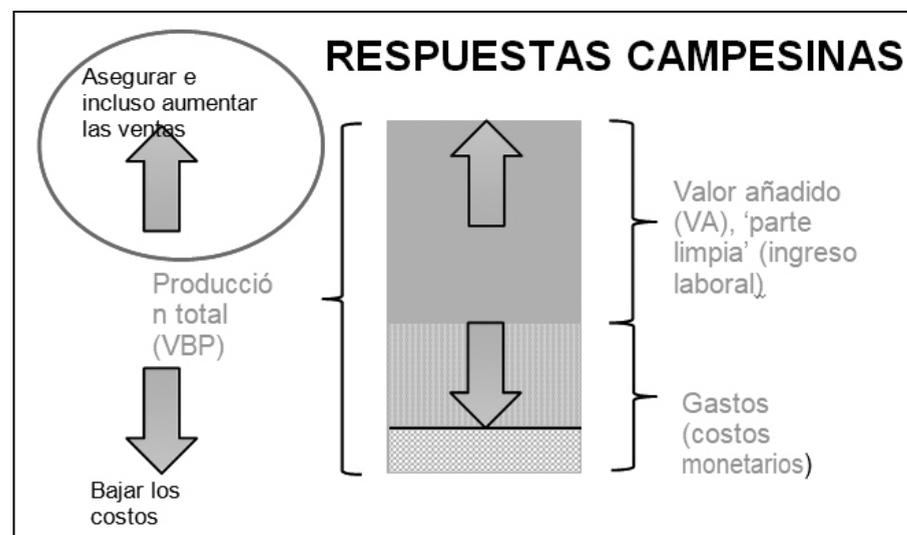


Figura 6

Então, ao lado de uma redução de custos, tem que se lutar para manter um nível aceitável de preços, e isso passa sempre pelos mercados territoriais. Temos aqui, na imagem 3, uma foto no coração da China, em Pequim, um grande mercado popular, um mercado territorial onde as camponesas e os camponeses vendem diretamente seus produtos. Aqui, na imagem 4, outra foto do mesmo mercado. E assim, por todos os lados existem pequenos mercados. Na imagem 5, outra foto de um mercado territorial, no mundo Árabe.

Na Europa, sempre temos mais mercados também, pois o fenômeno do mercado vivo, do mercado territorial, desapareceu um pouco.



Não havia uma harmonia da grande distribuição dos supermercados com os mercados territoriais. Mas em muitos lugares reaparece o mercado territorial, o mercado camponês, como aqui na Itália, na Roma, *mercati campesini*, imagens 6 e 7, são mais de 40 parece, sempre frequentado por muita gente como se vê aqui, um pessoal pegando seu número na fila.



E a importância estratégica desses mercados é que são mercados descentralizados. É um arquipélago de mercados que tem seu centro, e ao redor deles tem uma soma de abastecimento, como se vê na figura 7, na página seguinte.



São vinculados entre eles, como no Brasil se faz com o circuito da Ecovida³, que é uma experiência muito linda para mim. Esses mercados também têm um aspecto importante, como pode ser visto na Figura 8, pois o fluxo de alimentos



3 <http://ecovida.org.br/>

Imagens 3 a 7 em sentido horário

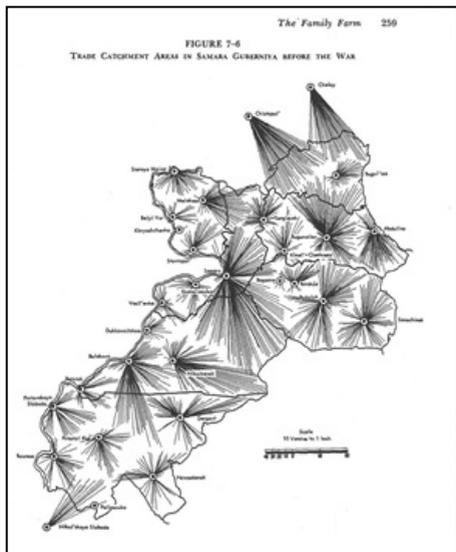


Figura 7

dos produtores até os consumidores já não passa, necessariamente, pela indústria alimentar e a grande cadeia de distribuição, ou seja, pelos impérios alimentares. Não é que os mercados são um atalho, como se diz em português, quer dizer, é que eles se sobrepõem aos impérios alimentares com o aspecto de que o consumidor paga menos e o produtor recebe mais.

Estes mercados são também um fenômeno de presença importantíssimo, que os movimentos sociais sempre valorizam melhor. E o que vejo é que, em todo o mundo, há lutas para conquistar esses espaços de mercado que são importantes, que são tão importantes para a defesa da agricultura camponesa. E este aspecto político atual que é o de que abastecem muito melhor os con-

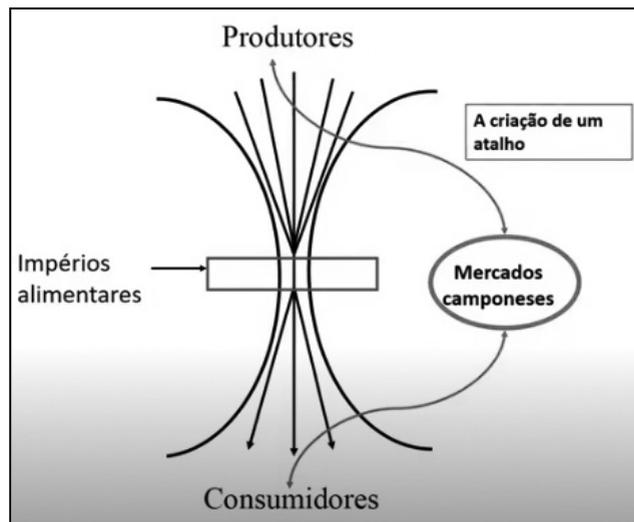


Figura 8
Fluxo do Sistema de Abastecimento

sumidores que os impérios alimentares. Os mercados camponeses têm funcionado melhor, trazido uma resposta melhor à pandemia da Covid-19 do que os impérios alimentares.

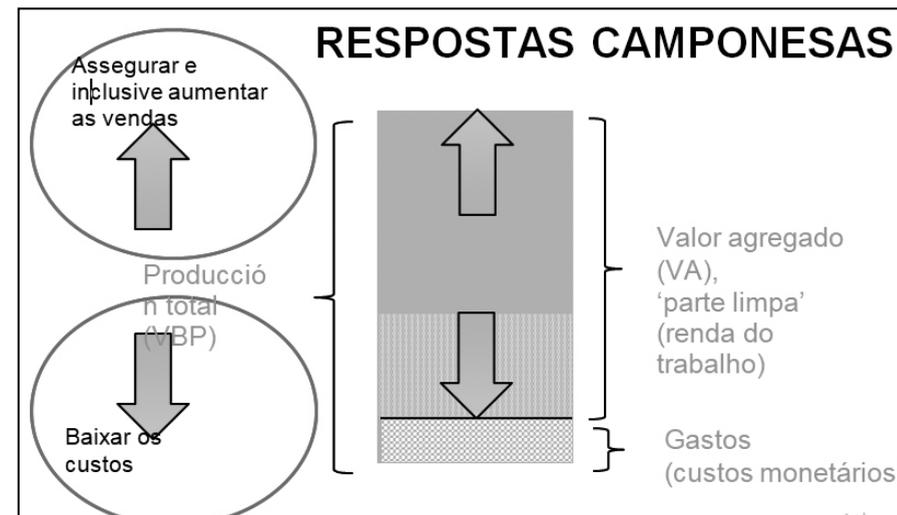


Figura 9

Faço agora uma breve síntese para não ser muito monótono para vocês. Indiquei que há duas respostas camponesas ao longo do tempo, a agroecológica e os mercados populares. Essas respostas que foram sumariamente demonstradas, são muito importantes nessa época difícil da Covid 19. Eu penso que, na agenda dos movimentos sociais e, especificamente, dos movimentos de produtores como vocês, do MPA, e dos demais, é muito importante preparar-se para ter mais clareza desses dois mecanismos de defesa. Eles também são mecanismos para construir as alternativas que podem fazer a realidade da soberania alimentar e que podem ser a segurança definitiva para o abastecimento alimentar popular.

Paulo Petersen

Vou dividir a minha exposição em três momentos. O primeiro momento, mais geral, sobre o debate da soberania alimentar, procurando dialogar com o título que vocês propuseram, de vincular campesinato, soberania alimentar e abastecimento popular. Esse é um desafio grande, não só do ponto de vista político, de entendermos cada um desses termos, mas também de entender cada um deles como conceitos analíticos, conceitos de análise da realidade, e talvez isso seja um dos grandes desafios nossos, de entender o próprio campesinato, entender o sentido do campesinato, a sua forma de existir, a sua forma de fazer as coisas no mundo. O campesinato é um grande invisibilizado. Nós sabemos disso.

O conceito de soberania alimentar é um conceito eminentemente político, mas ele também tem uma concepção analítica, que nós precisamos trabalhar. E essa proposta de abastecimento popular nós também precisamos trabalhá-la. E me permito, aqui, associar ao conceito que foi construído na nossa quinta Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, em 2015, que é o conceito de comida de verdade. Esse conceito também é uma construção política feita pelas organizações no Brasil, em diálogo, naquele momento, anos depois do programa fome zero ter sido instituído. Vimos que com um conjunto de políticas articuladas para a superação da fome e da desnutrição, nós vencemos a fome no Brasil, mas ganhamos novos desafios, que foram o problema do consumo de alimento ultraprocessado. Quer dizer, o ganho de renda que a população teve, muitas vezes não foi revertido em saúde, em qualidade de vida, mas em consumo de comida ultraprocessada. Então, daí emerge a necessidade de pensar e associar o abastecimento popular com a ideia de comida de verdade.

Segundo a própria conferência, comida de verdade é aquela que salvaguarda a vida humana e do planeta, reduz os efeitos das mudanças climáticas, garante direitos humanos, o direito à terra, ao território, a uma alimentação de qualidade e quantidade adequadas durante todo o curso da vida. Respeito ao direito das mulheres, à diversidade cultural, aos povos indígenas, aos povos tradicionais, às culturas alimentares, à sociobiodiversidade. Ou seja, aderido ao conceito de comida de verdade, você tem uma série de valores, princípios do entendimento, do modo como os sistemas alimentares devem se organizar.

Esse triângulo: campesinato, soberania alimentar e abastecimento popular com comida de verdade é um desafio muito grande. Tanto do ponto de vista político quanto, ao mesmo tempo, de se trabalhar com instrumentos analíticos para demonstrar, politicamente e cientificamente, a superioridade, como disse o Ploeg, dessa opção pelo campesinato. Como base social e cultural para a promoção dos sistemas agroalimentares soberanos, com abastecimento de comida de verdade.

Então, essa é a primeira ideia, muitos de vocês devem conhecer essa iniciativa de um conjunto de 14 organizações, “ação coletiva, comida de verdade e aprendizados em tempo de pandemia”. Qual é a ideia? É um grande mapeamento nacional de experiências como essas que o MPA vem fazendo: o mutirão da esperança camponesa, mutirão contra a fome, no sentido de retirar da invisibilidade aquilo que existe. É necessário colocar lupa, encontrar as experiências, analisar, e traduzir isso em capacidade política, em capacidade de convencimento. Nossa luta é uma luta contra a invisibilidade. Então esses conceitos são muito importantes, é o que se está aqui discutindo analiticamente. O que o Paulo Guedes¹, logo no início do governo disse? “Volto a de-

¹ Ministro da Economia do Governo Bolsonaro. Ver declaração em: <https://oglobo.globo.com/economia/paulo-guedes-volta-defender-corte-no-censo-tem-muita-coisa-que-nao-importante-23608613>

fender o corte no censo, porque tem muita coisa que não é importante, 25% de recursos no censo”. E depois disse: “se perguntar demais, você vai acabar descobrindo coisas que não queria saber”. Existe, na verdade, uma produção de ignorância institucionalizada, a forma como se lê a realidade, como se afirma e se produz as narrativas.

Então, discutir e entender o sentido e as formas como o campesinato atua, é uma disputa política, não é simplesmente uma discussão intelectual que se faz no plano acadêmico. É necessário, porque há esse entendimento de que, nesse momento da pandemia, existem várias redes que estão sendo chamadas de redes solidárias de abastecimento. Essa ideia da rede solidária dialoga muito com a ideia da economia solidária, no sentido de entender que existem outras economias. É possível organizar a sociedade com base em outras economias. É isso que sempre fez a agricultura camponesa, e sempre permaneceu à margem, escondida. Então, dar visibilidade é muito importante.

Mas nós não estamos falando aqui da solidariedade S/A, aquela que aparece na televisão, que as empresas, e muitas vezes empresas do ramo da alimentação, doando alimentos ultraprocessados, sendo claramente um marketing empresarial. Muitas vezes, como aconteceu no México, doando alimentos já em estoques vencidos ou prestes a vencer, e criando dependência na população do consumo de ultraprocessado, porque nós sabemos também que esses são produtos, esses são alimentos altamente viciantes pelo teor de sal, de açúcar e tudo mais. Então, vou ficar aqui nesse debate da visibilidade e invisibilidade, porque ele é chave no entendimento que queremos discutir.

Um dos grandes debates que se faz hoje², um exemplo atual, é exatamente a inflação nos preços dos alimentos. Existem duas maté-

² Essa fala foi proferida dia 15 de setembro de 2020.

rias³ que saíram na semana passada, que informam como acontece a inflação nos alimentos básicos. Hoje, a inflação, no Brasil, fala-se que é de 0,70%⁴ – seria mais uma vez a capacidade que determinados indicadores têm de esconder a realidade. Quando se vê que o feijão e o arroz, que são a base da alimentação, o feijão com 30% de inflação, o arroz com 20%. E isso no ano em que o país se orgulha de bater recordes de produção agrícola. E o argumento é: o agronegócio faz a economia girar, dinamiza a economia, e que essa inflação, foi o que a ministra disse na semana passada⁵, é um problema passageiro. O governo não precisa intervir, porque isso se deve à desvalorização do real. Os produtores estão preferindo exportar para a China, porque a China está recompondo seus estoques. E aumentando o poder de compra – isso é o mais absurdo –, aumento do poder de compra da população por conta do auxílio emergencial⁶. Ou seja, se a população não estava consumindo arroz porque estava com nível de renda tão baixo, quer dizer que existe uma demanda reprimida, o auxílio emergencial, simplesmente, fez o consumo de arroz aumentar. Então não é um problema conjuntural.

Discutir soberania alimentar significa discutir, entender, quais foram os processos que nos trouxeram a essa situação, que de nada é conjuntural. Tem-se o problema da destruição dos estoques públicos, a venda dos armazéns, com o argumento de que não geram lucro,

³ <https://outraspalavras.net/crise-brasileira/o-drama-do-arroz-expoe-as-miserias-do-agronegocio/> e <https://outraspalavras.net/outrasmidias/a-politica-agricola-que-pode-mergulhar-o-pais-na-fome/>

⁴ Esse índice de inflação ocorreu em meio à pandemia da Covid-19. O fechamento do comércio e o isolamento social influenciaram no índice de inflação.

⁵ Refere-se à Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias, ministra do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) do governo Bolsonaro.

⁶ Refere-se ao auxílio de R\$ 600,00 repassado pelo governo federal aos trabalhadores/as e camponeses/as para o enfrentamento à pandemia da Covid-19.

como se os armazéns públicos fossem estruturados para gerar lucro. Nós sabemos do papel dos estoques na política de garantia de preço mínimo. Esses são elementos mais de conjuntura, que tem muito a ver com a política ultraliberal que vem do Temer⁷ para cá. Mas não se pode achar que tudo se explica com o Temer e o Bolsonaro. Se olharmos mais para trás, vemos uma queda na área plantada com alimentos básicos, no Brasil. Apesar de todo apoio ao agronegócio, o agronegócio produz *commodities*, não produz alimento. E mesmo a política para a agricultura familiar, muitas vezes induziu a agricultura familiar a deixar de produzir alimentos e a se comportar como uma agricultura empresarial, o que nós chamamos, no Brasil, de agronegocinho.

Nos últimos 10 anos, a queda da área produzida de arroz diminuiu em 40%⁸. Fora isso, uma grande concentração da produção de arroz, no Rio Grande do Sul. Hoje, o Rio Grande do Sul produz 70% do arroz. Se você soma com Santa Catarina, isso vai a 80%. Como essa produção, esses produtores, não têm infraestrutura de armazenamento, o que acontece? Precisam entregar, depois da safra, para os grandes empresários, ou seja, é uma produção totalmente controlada pelo agronegócio, e com o estado se eximindo de sua responsabilidade. Mas além disso, essa concentração, vemos aqui na figura 1, na produção de arroz do Brasil, de 1990 e de 2016, há claramente um processo de concentração. E agora, mais recentemente, em 2019, 91,4 % da produção de arroz estão em 5 estados (Rio Grande do Sul, 70,5%; Santa Catarina, 10,2%; Tocantins, 6,%; Mato Grosso, 3,2% e Paraná, 1,5%), e com tendência a maior concentração.

7 Michel Miguel Elias Temer Lulia é um político, advogado e escritor brasileiro. É o 37.º Presidente do Brasil, de 31 de agosto de 2016 a 1 de janeiro de 2019, empossado após o golpe sobre a titular Dilma Rousseff.

8 Dados extraídos de “Projeções do Agronegócio”, no link: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/politica-agricola/todas-publicacoes-de-politica-agricola/projecoes-do-agronegocio/projecoes-do-agronegocio-2018-2019-2028-2029>

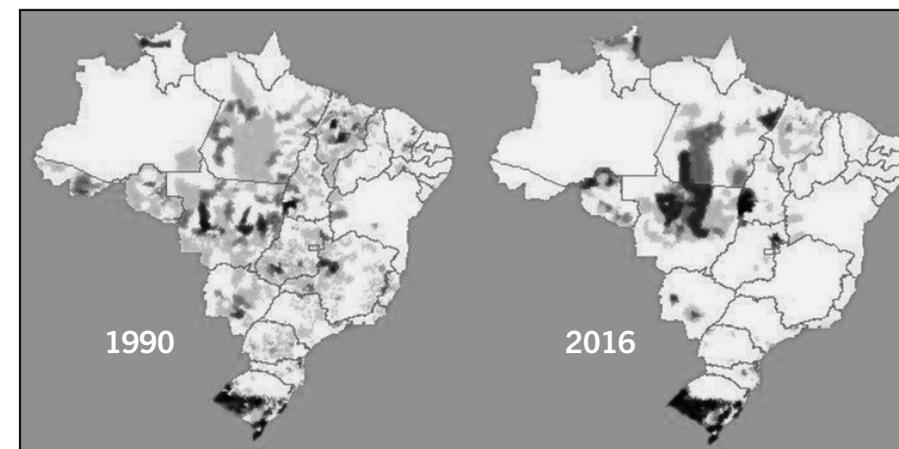


Figura 1
Produção de arroz
no Brasil.

Sabe-se que um pouco antes disso, o segundo produtor de arroz do Brasil era o estado do Maranhão. Era uma produção basicamente camponesa e histórica, ou seja, o arroz, sempre foi uma produção bem distribuída no território, de responsabilidade, por muito tempo, da própria agricultura camponesa, comercializado em circuitos locais. Agora, a produção está cada vez mais concentrada.

Então, com tudo isso, não é um processo conjuntural, mas é um processo histórico que vem de longa data, desde a década de 1980, com políticos dos seguidos governos, inclusive os governos do PT, facilitando, quer dizer, onde antes era produção de arroz, produção diversificada de populações tradicionais, hoje está ocupado por soja, no Maranhão. Então, não é à toa que nós estamos assistindo à inflação de preços de alimentos, hoje. Isso para falar do ponto de vista macro. Alguns obstáculos políticos, intelectuais, nós precisamos entender nesse debate da soberania alimentar para articular melhor com os debates do campesinato.

Primeiro, a agricultura é uma atividade econômica realizada a partir da contínua interação e mútua transformação com a natureza

viva. Isso significa que os próprios indicadores que são utilizados para medir a eficiência, a economia da agricultura, não se aplicam, ou não são adequados, ou não são suficientes para entender a forma como o trabalho e essa economia da agricultura funcionam. Normalmente, quando se fala em produtividade, as tecnologias são sempre voltadas a aumentar a produtividade do trabalho, e não a produtividade da própria natureza, dos fatores de produção da terra, dos animais. Ou seja, a natureza viva, ela em coprodução com o trabalho humano, ela gera a riqueza. Então, a necessidade de entender os sistemas agrícolas como sistemas econômico-ecológicos, eles se reproduzem na troca com a natureza, não é uma economia como uma indústria, que é uma lógica linear.

O trabalho camponês, ele é um trabalho de produção e reprodução ao mesmo tempo, reprodução ecológica e reprodução social. O crescimento econômico da agricultura pode se dar em duas trajetórias. Uma que é a dominante, hegemônica, que é a inovação dependente de recursos externos, insumos, equipamentos, é a Revolução Verde, através dos mercados. São recursos que chegam à agricultura através dos mercados e são desenvolvidos através da ciência institucionalizada. Agora, existe uma outra trajetória, que é típica trajetória camponesa, que é a inovação voltada a aperfeiçoar a coprodução, é um desenvolvimento endógeno. Significa que é conhecendo, como o exemplo do nitrogênio que o Ploeg acaba de apresentar, durante duas gerações numa família, experimentando, trabalhando com os recursos locais, para aperfeiçoar o processo de coprodução e baixar os custos de produção. Essa é uma trajetória que existe em todo lugar. Sempre foi assim na história da humanidade, mas de um tempo para cá se impôs a verdade de que o crescimento econômico depende dos mercados e das tecnologias.

O terceiro aspecto é o crescimento econômico na escala micro na unidade, na propriedade, que não necessariamente se reverte em crescimento econômico, e menos ainda em desenvolvimento na escala macro. Vemos isso, claramente, nos territórios onde avança o agronegócio. Onde avança o agronegócio se fala que o Produto Interno Bruto (PIB) cresce, mas o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), em geral, decresce. O índice de desenvolvimento humano, e todas as condições futuras para esse território, decrescem. Por quê? Quem cresce é a unidade individual. É um tipo de crescimento econômico que não está vinculado ao território. Então a lógica empresarial, a lógica capitalista, não está ancorada nos recursos locais, não está ancorada na sociedade local, está desvinculada por meio de fluxos verticais com os grandes impérios alimentares. Não é verdade que o crescimento da agricultura familiar por essa lógica de desenvolvimento gera desenvolvimento rural, ela não gera desenvolvimento rural. O desenvolvimento rural depende de uma perspectiva de ancoramento da agricultura no território, isso se chama agricultura camponesa.

As relações econômicas, por outro lado, as relações econômicas no nível macro, não determinam automaticamente as relações econômicas no nível micro. Essa é uma característica típica da agricultura camponesa, ela vive na economia de mercado, no capitalismo, mas ela não opera pela lógica capitalista. Por isso, essa relação macro/micro é muito importante nesse debate da soberania alimentar, porque a soberania alimentar, tanto no nível local quanto no nível de família, dos territórios, mas também ao nível nacional, é necessário entender que o crescimento da agricultura camponesa, no nível micro, representa o crescimento no nível macro, o que não acontece no caso do agronegócio. O crescimento num nível micro é apropriado privadamente pelas empresas e pelos produtores, e não há ganhos para a

sociedade, há perdas para a sociedade. É preciso ter o crescimento econômico, um crescimento econômico que ao mesmo tempo seja incluyente, que socialmente distribua e regenere as condições ecológicas das futuras produções.

Nós propusemos, então... na AS-PTA se vem fazendo um esforço, há muitos anos, de desenvolver um método que é exatamente no sentido de tentar, a partir desses conceitos, conceitos que foram apresentados por Ploeg, algumas ideias no sentido de entender como se pode ter um método que ajude a refletir junto com as famílias e junto com as comunidades todas essas relações econômicas e ecológicas, que permitem que se entenda quem ganha, quem perde, como é a lógica de organização.

Então, quais os pontos centrais desse método? Primeiro, é uma construção coletiva de conhecimento. A ideia de ter um método que seja uma forma de construção de conhecimento, que ao mesmo tempo dialogue com conhecimentos acadêmicos, mas dialogue com os conhecimentos populares locais e que as conclusões e as análises sejam compartilhadas, imediatamente, no ato da produção do conhecimento. Nós não vamos produzir conhecimento para depois devolver para a comunidade, nós vamos produzir conhecimento com a comunidade. Que o conhecimento é a maior fonte de empoderamento de emancipação.

Esse é um princípio básico do método, é de construir junto a partir da realidade que está sendo analisada.

Segundo, fazemos uma série de entrevistas semiestruturadas, mecanismos de representação. Essas fotos, abaixo, são na Bahia.

Segundo, é uma representação não convencional da economia agrícola. E aqui vou pegar emprestado a ideia básica do Ploeg, de entender que a representação convencional, a agricultura, é uma conversão de recursos em produtos. Só que toda a contabilidade é feita como se os recursos viessem dos mercados e os produtos se destinassem aos mercados, e toda a conta é feita, basicamente, encima desses fluxos. Dentro, há uma verdadeira caixa preta, você não sabe o que acontece nesses mecanismos de conversão.

Na verdade, a única coisa que interessa, nesse caso, é a rentabilidade financeira. E o que o Ploeg propõe é que a agricultura é um processo de trabalho, na qual existem os circuitos mercantilizados e os circuitos não mercantilizados. Então, basicamente, o Lume⁹ procura, no final, desenvolver um conjunto de indicadores que cheguem a esse tipo de síntese. Para a gente entender, como pode ser visto na figura 2, essa relação, que é o grau de dependência dos mercados para a reprodução do sistema, é uma relação que não interessa ao agronegócio. A relação B, que é a relação que interessa ao agronegócio, é a rentabilidade financeira. Para cada real investido, quantos reais eu vou recuperar?

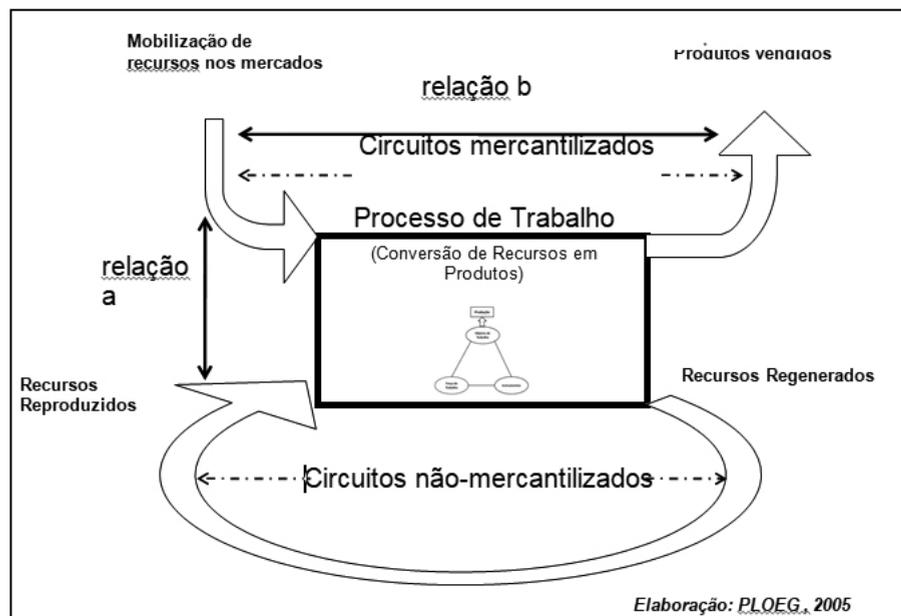
Vejam, aqui é como se fosse um iceberg, a economia agrícola está preocupada só com a parte de cima, mas existe uma parte oculta. Por isso, o método Lume joga luz naquela parte da economia escondida, mas que é exatamente a parte da economia que explica o campesinato. Sem entender a parte de baixo do iceberg, nós não vamos entender

9 Refere-se à metodologia de análise de sistemas agroecológicos nos aspectos econômicos e ecológicos.



Imagens 1 e 2
Fotografias de
trabalho de campo
na Bahia. AS-PTA

Figura 2
Relação de mobilização de recursos nos mercados, na produção camponesa e na produção do agronegócio.



como funciona a agricultura camponesa, qual sua lógica. E não entendendo essa lógica, as políticas públicas, as formas, as estratégias sempre estarão pensando somente nessa parte de cima.

Então, ponto três, o enfoque sistêmico. O agroecossistema como unidade de análise econômica ecológica, trazida da agroecologia. Entender o agroecossistema também como uma unidade econômica, que tem um grupo que faz a gestão, uma família, uma comunidade, que tem uma racionalidade.

Ponto quatro, análises qualitativa e quantitativa de atributos de sustentabilidade. O que é isso? O iceberg precisa ter uma série de características para se estabilizar no tempo. Não adianta crescer muito a parte de cima e ter uma queda na bolsa de Chicago, e o empreendimento vem abaixo. É preciso ter resiliência, é preciso ter autonomia,

é preciso ter vários critérios como a integração no próprio território, e é isso que dá sustentação à agricultura camponesa através do tempo. Quando diz que ela resiste, resiste porque ela tem esses atributos, e esses atributos são assegurados por quem? Pela parte de baixo do iceberg. Quer dizer, não está se dizendo que a parte de cima do iceberg não importa, ela importa e importa muito, mas a agricultura camponesa não cresce a parte de cima arriscando na próxima chuva, na próxima seca, na próxima mudança de mercado, ser extinta porque ela não tem mecanismos de defesa.

Então, os grandes atributos que se avalia no Lume, a autonomia, a responsividade que inclui a resiliência, a flexibilidade, a integração social desse agroecossistema no território, a equidade de gênero, que é um atributo chave para entender também o funcionamento e a sustentabilidade desse núcleo social e o protagonismo da juventude. O ponto cinco, agroecossistema, é lido como uma expressão de uma estratégia construída durante anos por uma família. Então não adianta nós tirarmos um retrato, hoje, como ele é. É preciso entender, hoje, em função do que ele foi no passado e as estratégias que foram sendo adotadas para resistir às forças que o negavam, que o oprimiam e, ao mesmo tempo, toda a sua criatividade de encontrar os caminhos com políticas públicas, com relações sociais.

O agroecossistema é muito baseado nas próprias ideias de Chayanov¹⁰, de entender os ciclos de vida, a construção histórica do campesinato, de dentro de um contexto específico, e não como uma

10 Aleksandr Vasilievich Chayanov, (1888 - 1937), agrônomo e economista russo, teórico do campesinato, suas contribuições estão, especialmente, ligadas à organização e à teoria da economia camponesa e sobre cooperativismo camponês. Ocupou a cadeira de economia agrícola, na Academia Agrícola Petrov, de 1913 a 1929. Sobre Chayanov, ver: CARVALHO, Horácio Martins (org.). *Chayanov e o campesinato*. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

abstração nos mercados. Então o que Chayanov diz, o camponês é um sujeito que cria a sua própria existência, não são os mercados e não são as tecnologias que determinam. Ele negocia com esses mercados, com essas tecnologias, mas ele cria a sua própria estratégia. E embora os estabelecimentos camponeses sejam condicionados e afetados pelo contexto capitalista, não são governados diretamente por eles, quem governa é a família e a comunidade. É evidente que isso acontece dentro de determinados níveis, mas a lógica camponesa é não se deixar governar, por isso a palavra chave para entender a economia camponesa é autonomia.

Aqui, na imagem 3, um assentamento, na Paraíba, em dois momentos: o primeiro, quando a família foi assentada, e alguns anos depois, uma representação da própria família de como foi estruturada uma base de recursos controlada por ela. Essa base de recursos também tem relações com a sua comunidade, com mercados locais, ou seja, são conjuntos de relações estabelecidas durante o tempo, então é uma expressão de estratégia. Na imagem 4, um agroecossistema.

Sexto ponto, o balanço entre variáveis internas e externas. Fazemos uma linha do tempo desses agroecossistemas, entendendo como ele foi mudando durante os anos, internamente e externamente, e que decisões estratégicas foram

sendo tomadas. Então, hoje, quando a gente lê o agroecossistema, a gente sabe que durante o ciclo de vida dessa família ou dessa comunidade, uma série de decisões estratégicas foram tomadas. Isso é muito importante, porque é exatamente nessa relação entre fatores internos e externos que os agroecossistemas vão sendo configurados.

Um ponto chave é a autonomia *versus* a intensidade. A lógica do desenvolvimento tecnológico é a intensificação. Só que, como falei antes, não adianta crescer a parte de fora do iceberg em detrimento da autonomia. A autonomia é a possibilidade de combinar a autonomia com intensidade. Veja, você tem uma série de estratégias tipicamente camponesas, redução de custos monetários, novas formas de cooperação local, circuitos curtos, mercados territoriais, e etc.

Economias monetarizadas e não monetarizadas. Existe uma boa parte da renda que não vai ao mercado, é a renda de autoconsumo, é o mecanismo de ajuda mútua dentro das comunidades, os mutirões, produtos que circulam sem a necessidade do dinheiro como mediador. É uma riqueza enorme que existe, mas que é totalmente invisibilizada, e é necessário valorar essa riqueza. Outro elemento é a reciprocidade com a natureza, quer dizer, nós tiramos e devolvemos à natureza, a reciprocidade não é só social, é uma reciprocidade também ecológica. O Ploeg já falou, mercados convencionais *versus* mercados territoriais. Na página seguinte, imagens 5 e 6, aparecem dois mercados, os dois orgânicos. Mas não estamos falando se a produção é orgânica ou não é orgânica, nós estamos falando aqui de relações sociais.

Quem ganha é quem define as regras, quem define a lógica de distribuição. O mercado como um bem comum, a confiança como um bem comum, e ali no supermercado, à esquerda, é orgânico, mas ninguém negocia, é impessoal, quem define a regra é o dono do supermercado, que é uma grande empresa.



Imagem 3
Assentamento na Paraíba, comparação entre dois momentos.



Imagem 4
Agroecossistema

Outro elemento refere-se às economias agrícolas e não agrícolas. Boa parte da renda vem da produção não agrícola de pluriatividade. E isso, muitas vezes, é tido como sinal de deterioração da agricultura familiar, absolutamente! Essa combinação de rendas e de participação em diferentes formas de geração de renda é fundamental.

Ressaltar também a economia feminista. Nela, buscamos entender que quem gera a riqueza é o trabalho, e existem diferentes esferas de trabalho dentro do agroecossistema, é o mercantil, é o autoconsumo. Mas também existem trabalhos domésticos de cuidados, a própria participação social e a pluriatividade. É necessário entender que, muitas vezes, as mulheres se sobrecarregam com trabalhos, sobretudo, domésticos, de cuidados. Sem esse trabalho doméstico de cuidados não existiria a renda gerada no agroecossistema. Então, nada mais certo do que dividir, no final do ano, o valor agregado pelo total de horas de todo mundo, homens e mulheres, para depois entender a contribuição das mulheres e a contribuição dos homens, à renda gerada no ano.

Finalmente, o décimo terceiro ponto, a economia política, a questão clássica da economia política, quem está sendo remunerado? Quais são as relações de poder? Estamos remunerando o trabalho ou estamos remunerando o capital? Essa fórmula, que a renda é igual ao trabalho mais

capital, nós podemos ter dois caminhos. O primeiro: pouco trabalho e muito capital, que é típico da forma empresarial ou capitalista; e o segundo, a valorização do trabalho com pouco capital, que é a lógica camponesa. A gestão empresarial tem a centralidade no capital, e a gestão camponesa, a centralidade no trabalho. Esses são os padrões de reprodução.

Mais recentemente se tem aplicado esse método em vários contextos. E se tem feito junto com o Pró-Semiárido, que é um programa do governo da Bahia em parceria com o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), na região semiárida da Bahia. Vou passar, rapidamente, os resultados. Nós estamos falando de uma região, isso é preciso ter muito claro, gente, que, em 1979/1983, teve uma grande seca. A Comissão Pastoral da Terra (PT), em conjunto com o Cepac e o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase)¹¹, fez um trabalho de identificação dos números de mortos nessa grande seca. Eles designaram esse período como genocídio do Nordeste. Em plena Ditadura Militar, estima-se que entre 800 mil e 1 milhão de pessoas tenham morrido nesse período por conta da seca. É isso a fragilidade da agricultura camponesa? Absolutamente! Isso significa o abandono, a não possibilidade de entender um processo histórico. E é exatamente nessa região que, há pouco tempo, aconteceu esse genocídio, pois agora nós atravessamos uma seca muito pior do que aquela. E nós não temos notícia de uma única morte de criança por conta da seca e dos efeitos da seca. Isso significa que, de lá para cá, tivemos um conjunto de ganhos de políticas públicas, de reconhecimento, de luta dos próprios movimentos sociais.

¹¹ Esse conteúdo pode ser encontrado no livro *O Genocídio do Nordeste (1979-1983)*, editado pela CPT, CEPAC E IBASE.



Imagem 5
Mercados
convencionais



Imagem 6
Mercados
territoriais
(localmente
regulados)

Vou, então, mostrar um pouco como é possível – que é uma coisa que a ciência institucionalizada tem muita dificuldade ainda de entender –, o caminho de intensificação, mantendo a autonomia de geração de renda, mantendo a autonomia. Quer dizer, isso se deve ao Programa de Cisternas, ao Pronaf, ao Luz para todos¹², um conjunto de políticas. O Pró-Semiárido é implantado, em 2015, atendendo em torno de 70 mil famílias. Essa região, aqui, na figura abaixo, no território do Sertão de São Francisco, foi em torno de 5.500 famílias.

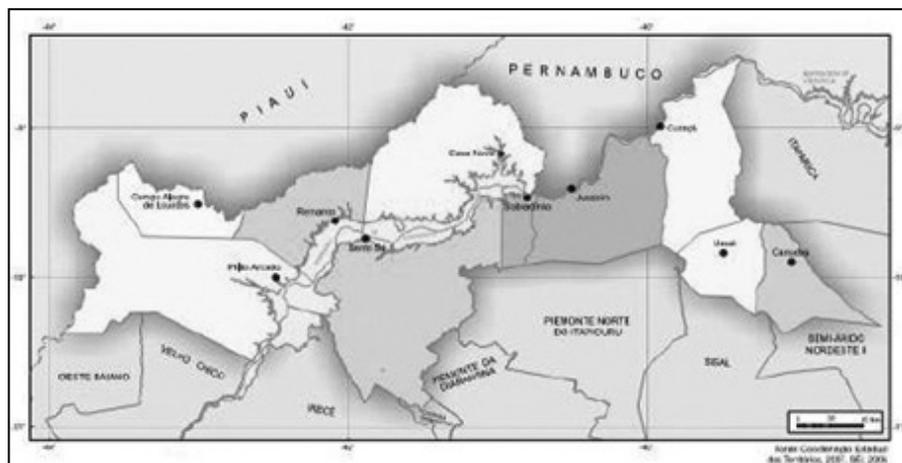


Figura 3
Território do Semiárido

Uma característica interessante desse programa: fala-se muito mal das políticas para a agricultura familiar. Pela sua concepção, as políticas, o crédito, não foram orientados ao entendimento da lógica econômica da agricultura familiar, empurrando-a para o precipício do agronegócio. Aqui foi exatamente o contrário, o entendimento que existe, a natureza camponesa na agricultura familiar é que precisa ser

12 Refere-se a programas federais de apoio à agricultura familiar realizados no período dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT).

reforçada. São tipos diferentes de investimentos: a forma de produção de conhecimentos, a parceria com a sociedade civil.

Vou apresentar um trabalho¹³ que informa sobre a média de 14 agroecossistemas, como pode ser visto na figura 4.

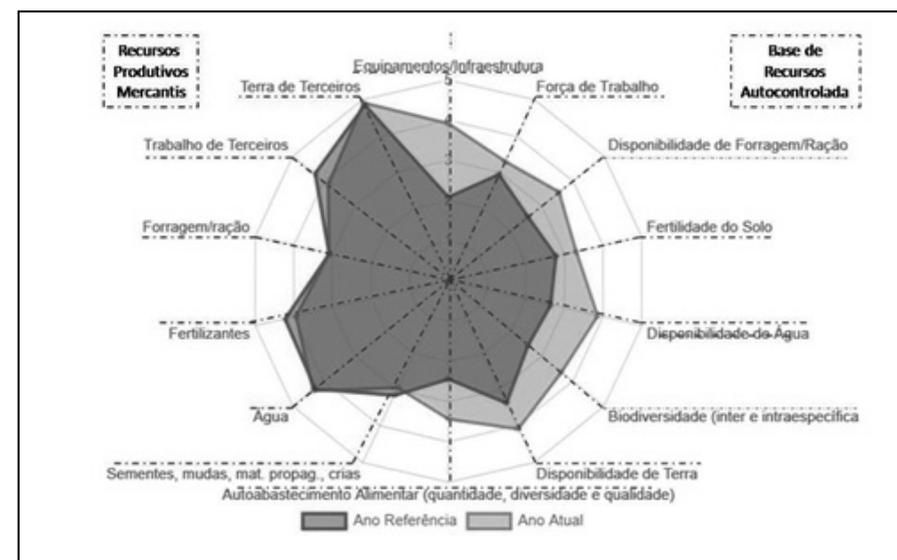


Figura 4
Estudo de 14 agroecossistemas acompanhados a partir do Programa Pró-semiárido.

O mais escuro que aparece aí é como eram esses agroecossistemas antes da incidência desse programa, e o mais claro é depois. Então se vê que a autonomia desses agroecossistemas, em média, cresceu, mas a autonomia passa a ser lida em dois lados. Por um lado, é do lado esquerdo da figura, os recursos produtivos mercantis: ele conseguiu intensificar a renda sem se tornar dependente de mercados. Ou seja, ele já era autônomo por falta de recursos, não por opção, agora ele continua sendo autônomo. Ou seja, ele não foi levado para uma lógica

13 Solicitei esses dados para mostrar a vocês o estudo de Vitor, Clérison e Denis, que será apresentado no Congresso Latino-Americano de Agroecologia, que ocorrerá em novembro de 2020, em Montevideu, Uruguai. (Trecho informado pelo expositor).

que, muitas vezes, o Pronaf leva, de fazer aumentar a renda aumentando a dependência do capital financeiro. Mas o outro lado, que é o lado que importa, é o crescimento da base de recursos autocontrolado, melhor força de trabalho, maior disponibilidade de forragem, melhor fertilidade do solo, mais disponibilidade de água, mais biodiversidade. Ou seja, vai crescendo a base de recursos locais sobre as quais essa economia é feita. Maior capacidade de resposta, que é mais biodiversidade, mais estoques, mais mercados acessados, maior diversidade de rendas, sistemas mais diversificados, mais estoque de insumos.

Tudo isso vai garantindo maior capacidade de responder às crises que chegam, como a seca, por exemplo. Então, como era antes, é o vermelho, e como ele cresceu, é o verde, essas são as análises que foram feitas. Primeiro, a integração social, isso é muito importante. A agricultura camponesa é uma agricultura territorial, e a sua integração no território é fundamental. O acesso às políticas públicas, a participação em organizações, a gestão de bens comuns, a participação em redes locais de aprendizagem, na lógica campesino a campesino. Ou seja, tudo isso vai mostrando como as políticas públicas podem aumentar a campesinidade da agricultura familiar. Outro elemento são as rendas, vimos que, em poucos anos, altera-se o produto bruto, em média, de 30 mil para 35 mil reais. Ou seja, o produto bruto au-

Figura 5
Contribuição de mulheres e homens à geração da riqueza nos agroecossistemas (antes e depois das inovações)



menta. Se olharmos a renda agrícola, ela passa de 12 mil, no ano de referência, para 14, quase 15 mil, no ano atual. São as inovações que foram incorporadas em 3, 4 anos, em pleno período de seca, é muito significativo. A agricultura camponesa responde rápido aos estímulos, quando os estímulos são bem feitos.

Outro aspecto interessante é a contribuição das mulheres e a contribuição dos homens, como pode ser visto na figura 5, antes e depois das inovações, e por esfera, mercantil, autoconsumo, doméstico. Vemos que o número de horas trabalhadas pelas mulheres, em média... e isso é um padrão da agricultura camponesa, essa também é uma luta política interna, que é a luta que as mulheres fazem por divisão justa do trabalho. Esse é um debate político extremamente importante para se entender que também as mulheres são duplamente penalizadas por uma sociedade que é classista e é patriarcal.

Aqui, nas figura 6 e 7, um caso, um agroecossistema, que teve uma trajetória totalmente diferenciada, que entrou numa lógica empresarial de inovação, não é resultado do programa, é um agroecossistema que se pegou como referência. Você vê o produto bruto de 108 mil reais, aqui coloco os dois comparados: do lado direito, é a média dos 14, e do lado esquerdo, esses que são induzidos pelas políticas públicas a irrigar, a usar

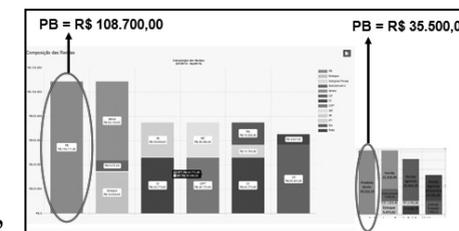


Figura 6
Comparação de produto bruto entre agricultura empresarial e camponesa.

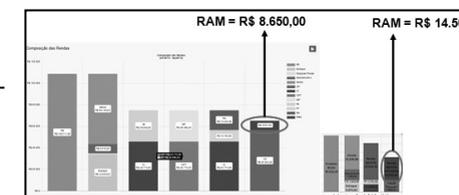


Figura 7
Comparação de renda entre agricultura empresarial e camponesa.

agroquímico, a produzir para exportação. Então vejam lá, do lado direito, é o produto bruto, é o valor bruto da produção, aquilo que vai para as estatísticas e que diz que essa agricultura, sim, essa é a consolidada e essa tem lugar. A agricultura camponesa, a média, veja, 35 mil reais. Mas quando vamos para a renda, na figura 11, aqui, na verdade, é a renda agrícola-monetária, que você vê, daqueles 180 mil, o que ficou para o empresarial e a renda que fica para a agricultura camponesa. Isso em média.

Aqui você vê claramente a rentabilidade da agricultura camponesa de 1.88. Quanto ele investiu, do lado esquerdo, de recursos produtivos, e quanto ele tira. Mas ao mesmo tempo você vê o índice de mercantilização, é de 0.25, quer dizer, é uma agricultura bastante autônoma. Na lógica empresarial, para cada real que ele investe, ele recupera 15 centavos, e o índice de mercantilização é de 0.94, ou seja, uma agricultura extremamente dependente dos mercados, praticamente não reproduz nada, nem no autoconsumo, reproduz quase nada.

Esses são alguns exemplos para mostrar que nós precisamos avançar nesse tipo de perspectiva analítica, porque elas nos permitem entender, no contexto em que as comunidades existem, a sua luta, que são lutas históricas de construção, de abrir espaços, construir uma base de recursos, construir mercados, construir economia solidária, construir os próprios territórios. E, ao mesmo tempo, lutar por políticas públicas que tenham sentido, quer dizer, que deem sentido ao conceito de soberania alimentar. E é disso que nós estamos falando aqui. Esses dados apresentados aqui mostram, exatamente, quem está do lado da soberania alimentar, porque boa parte dessa produção – do lado direito aqui do empresarial –, quer é o alimento.

Economia política da crise

Paulo Nakatani

O tema central parece que é compreender a crise atual do capitalismo e a inserção do Brasil no sistema mundial. Então eu vou procurar primeiro falar sobre o que a gente pode tratar a respeito da crise de hoje. Vou também acabar misturando um pouco os temas – vocês me desculpem se, às vezes, não ficar muito claro.

Bom, para entender a crise do capitalismo, hoje, nós temos que entender que o capitalismo funciona em um movimento contínuo do capital em geral, em períodos de expansão e períodos de crise. Essas crises, às vezes, são mais profundas e noutras não tão profundas assim.

Nas crises mais profundas, o pessoal tem o costume de dizer que é uma crise estrutural. Bom, a crise do capitalismo, hoje, está demonstrando as condições em que chegamos com todo o processo de desenvolvimento do capitalismo, que está explodindo em suas contradições principais. E a crise não é somente econômica, é uma crise múltipla, de múltiplas dimensões, é uma crise alimentar, é uma crise política, é uma crise social, uma crise do meio ambiente, que está colocando não só o Brasil, mas toda a humanidade dentro de um limite. E se a humanidade, dentro das diferentes sociedades, não conseguir superar o capitalismo, um dos riscos é que a barbárie, que já está instalada em várias partes do planeta, continue. E as condições da população, principalmente, dos trabalhadores, irão se tornar cada vez mais graves, mais difíceis.

Então, a crise do capitalismo, hoje, não é uma crise de hoje. Ao longo de décadas, o capitalismo vem acumulando as condições para essa crise. E a pandemia é, simplesmente, um adicional. O capitalismo estava caminhando para uma outra crise, bastante grave, antes mesmo da pandemia. O fundamental não é a pandemia, mas é claro que ela agrava todas as condições da crise.

Mas as condições que vem se acumulando há muitas décadas, vem daquilo que nós chamamos de superacumulação de capital. E vai se acumular, em particular, numa certa esfera que nós chamamos de esfera financeira. Mas vamos tratar com um pouco mais de detalhes.

No *Capital*, Karl Marx vai explicar para a gente o seguinte, que num nível mais geral ou mais abstrato podemos considerar o capital como uma totalidade em movimento. Uma equação que é famosa, creio que todos conhecem, é D-M-D', ou dinheiro que se converte em mercadoria – mercadoria na forma de meio de produção e força de trabalho –, e é convertida numa mercadoria diferente, e tem que se reconverter em dinheiro, com um excedente que Marx chamou de mais-valia. Esse movimento do capital implica também no que o Marx chamou de metamorfose do capital, ou seja, o capital vai se apresentar em formas. O Marx chama também de formas autonomizadas, que é o capital-dinheiro, o capital-mercadoria e o capital-produtivo. São as três formas que o Marx trabalha para mostrar como ocorre o movimento ou a metamorfose do capital.

Esse capital, que o Marx chama de capital em geral, é uma abstração da realidade. Na verdade, o capital vai aparecer para nós como unidades particulares de capital. Isso quer dizer o seguinte, cada unidade de capital particular a gente chama, hoje, de uma empresa. Pode ser pequena, média, grande, uma grande corporação. Dentro de cada uma delas, nós temos esse movimento contínuo, ou seja, diariamente,

cada unidade de capital tem que comprar meios de produção: força de trabalho, matérias-primas, materiais secundários, produzir mercadorias e vender.

Logo, a forma dinheiro se converte na forma mercadoria e, depois de vendida, volta à forma dinheiro. E a acumulação de capital pode se dar em qualquer dessas formas. O capital pode se acumular como capital-mercadorias. Num momento de crise, por exemplo, quando as empresas não conseguem vender, a produção se acumula em estoque de mercadorias.

Mas no movimento cotidiano, diário, todos os dias, cada unidade de capital terá uma parte dele convertida na forma dinheiro. Vocês podem imaginar uma empresa, podem pensar em uma loja, um restaurante, uma lanchonete, que diariamente tem que produzir mercadorias, seja na forma de um produto, ou de serviço, e vender. E vocês sabem, todos os dias, essas empresas vendendo, o resultado da venda será acumulado em depósitos bancários. E então nós temos um fenômeno interessante, que é o seguinte: os bancos, diariamente, pegam tudo que sobra desse dinheiro que foi depositado e o converte em capital, no dia a dia, geralmente, em título da dívida pública, todos os dias. E, no dia seguinte, volta para a forma dinheiro. Então, esse é o movimento do capital. Nós temos capital, em geral, em movimento, mas na realidade concreta, no dia a dia, são as unidades particulares, ou seja, as empresas.

Vejam bem: a Segunda Guerra Mundial fechou um grande ciclo de crise do capital, que se destruiu durante a guerra de forma enorme, de forma catastrófica, toda a massa de capitais acumulados, na Europa principalmente, mas também no Japão e em outras partes. A reconstrução disso levou a um período de expansão, relativamente longo: os chamados 30 anos gloriosos. E, na saída desse período, os Estados Unidos assumem a posição de principal país imperialista.

Fazendo um pequeno parêntese histórico, na história do capitalismo, nós temos impérios que se expandiram. No período de transição para o capitalismo, lá na Europa Ocidental, foram se formando unidades de capital, dentro de um processo histórico, o chamado período colonial, que era comandado, principalmente, por Espanha e Portugal e que, naquele momento, dividiram o mundo entre eles. Já podemos, então, inserir o Brasil dentro do ciclo do movimento do capital. E o mundo já começa a se reorganizar de uma forma, vamos dizer, hierarquizada, que vai chegar ao final da Segunda Guerra Mundial com os Estados Unidos no centro do sistema, como a maior potência.

Desde aquele período os Estados Unidos estão comandando e dando direção também ao movimento do capital em geral, em escala mundial. Claro que com resistências, com conflitos e crises. Após o período dos 30 anos gloriosos em que houve a reconstrução do capital, principalmente na Europa, os países da Europa... vejam, os países que nós conhecemos, hoje, não são os mesmos do século XVIII. Na transição do sistema feudal para o sistema capitalista, foram se constituindo também os países que nós chamamos de estados nacionais. Esse processo gerou conflitos internos na Europa, que também conduziu as duas guerras mundiais. Então, nós temos um movimento contínuo do capital em escala mundial, que vem desde o século XV até os dias de hoje, reestruturando os diferentes estados nacionais. Nós temos um período contínuo de movimento.

Passada a reconstrução europeia, a economia mundial entra em crise novamente. Mas nesse momento, nós temos um mundo dividido em duas grandes áreas: a área capitalista e a área socialista, essa última comandada pela União Soviética. E nesse momento também se desenrola uma guerra fria entre os Estados Unidos e seus aliados contra a União Soviética. Não temos como desenvolver toda essa dis-

cussão, mas é só para vocês terem essa informação como um ponto que é importante.

A expansão capitalista do pós-guerra ocorrerá também com os Estados Unidos tendo a sua moeda, o dólar, assumindo o papel de dinheiro mundial. Hoje, o pessoal chama de moeda de reserva. Só para esclarecer mais uma coisa, as reservas em dólares, a rigor, não são dólares, são títulos da dívida americana. O dólar, então, passa a ser aceito como dinheiro mundial, porque os Estados Unidos se comprometem a trocar dólares por ouro, ouro físico, ouro material, e isso vai durar até 1971. Também nesse período do pós-guerra, até 1971, organiza-se um sistema mundial. Foi criado o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial (BM), e depois a Organização Mundial de Comércio (OMC), que é uma variante de um acordo internacional de comércio. Essas instituições multilaterais passam também a ter um papel importante no sistema mundial.

Esse período de expansão do pós-guerra irá fazer com que tenhamos crises mais ou menos recorrentes. Nesses momentos de crise, o capital vai se acumular na forma de capital-dinheiro. Marx explica para nós o seguinte: o capital, na forma dinheiro, pode assumir uma outra forma, que é o capital portador de juros. A literatura atual, a discussão toda hoje, chama esse capital de capital-financeiro, mas essa não é uma categoria que o Marx trabalha. Para o Marx, é o capital portador de juros, o capital de empréstimo. Para ele, essa é a forma mais alienada do capital, na qual os capitalistas imaginam que o dinheiro vai criar mais dinheiro, ou seja, mais riqueza sem ter que passar pela produção. Aquela equaçãozinha que eu disse para vocês, o $D-M-D'$, será representada apenas como $D-D'$, sem o processo da passagem na forma dinheiro, e então para a forma mercadoria, para a forma produtiva, e para a nova forma mercadoria.

Então, com as crises recorrentes, nós vamos ter uma acumulação que vai crescendo, e vai se constituir e, posteriormente, irá se desenvolver. Um mercado chamado mercado interbancário de Londres, que começa a recolher esse capital monetário, ou portador de juros, ele vai reunir isso tudo e vai gerar empréstimos. Uma parte desse capital vem da recuperação das economias europeias, e foi chamado de eurodólares. O sistema bancário internacional, com sede em Londres, tem os Estados Unidos como um mercado financeiro extremamente importante. Vai começar a criar dívidas, mas como?

O Brasil, no início dos anos 1960, tinha uma dívida. Em 1964, no momento do golpe militar, tinha uma dívida em torno de 3 bilhões de dólares. No final dos anos 1960, por volta de 1970, a dívida externa brasileira atinge, aproximadamente, de 10 a 12 bilhões¹. O Brasil, por exemplo, começa a se endividar no início dos anos 1960. Agora, nos anos 1970, nós temos crises, crises que têm como estopim a guerra do Oriente Médio, que irá resultar, em 1972, no aumento do preço do petróleo: de 3 dólares, o barril subiu para 12 dólares. E continua. Apenas em 1979, o preço do barril de petróleo passou de 12 para 36 dólares, aproximadamente. O Brasil era um grande consumidor, importador de petróleo, de forma que a crise vai rebater no Brasil, primeiro fazendo com que o Brasil tivesse que usar suas reservas e acelerar seu endividamento para o pagamento do petróleo. Então, para o pessoal que é jovem e que não viveu esse período, é quando começa o Programa Nacional do Álcool, o Proálcool, programa de substituição da gasolina por álcool. Esse Programa faz com que a indústria automobilística comece a produzir motores a álcool, enquanto

1 “Os números são aproximados. Os números precisos existem, estão disponíveis, mas eu não vou me preocupar aqui em passar o número preciso, exato”. (Nota do expositor).

também se constrói uma rede de abastecimento de álcool. Foi uma das consequências da crise.

Aquele capital que estava acumulado na forma de eurodólares, com as crises que fizeram aumentar o preço do petróleo, começa a receber os depósitos dos saldos positivos da exportação de petróleo dos países exportadores, principalmente dos países árabes. Os eurodólares, então, passaram a ser chamados de petrodólares. Vejam, não só o Brasil, mas a América Latina, países da área socialista, endividaram-se nesse período. Temos, então, um avanço dessa forma financeira do capital: a forma do capital portador de juros, que vai aparecer como dívida.

No final dos anos 1970, nós vamos ter uma mudança no sistema internacional decorrente, primeiro, do fim de várias regulamentações que haviam no pós-guerra, que começam com o fim da conversibilidade, ou da troca do dólar por ouro. Depois, a taxa de juros que era relativamente estável, controlada, passa a flutuar mais. O movimento de capital, como investimento estrangeiro direto, também passa a ter mais liberdade, principalmente, aqui, na América Latina. No mundo ocidental, nós temos mudança no sistema. Com a crise, uma nova crise vai acontecer, com mudanças políticas internas, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Nós temos a eleição do Ronald Reagan², nos Estados Unidos, e a escolha da Margaret Thatcher³, na Grã-Bretanha, como primeira ministra.

Eles, ao contrário dos governos anteriores, eram muito mais simpáticos e favoráveis às políticas que nós chamamos de neoliberais, naquele período, em 1979. Mas em 1979, nós também vamos ter um outro caso particular, que foi a escolha pelo Jimmy Carter⁴, de um

2 40º presidente dos Estados Unidos da América, eleito em 1980.

3 1ª ministra do Reino Unido, de 1979 a 1990.

4 39º presidente dos Estados Unidos da América, eleito em 1977.

economista chamado Paul Volcker para ser o presidente do Banco Central americano. E para tentar retirar os Estados Unidos da crise na qual estava, começa a aumentar a taxa de juros internos, fazendo com que a taxa internacional de juros cresça. As dívidas que nós tínhamos eram dívidas com juros flutuantes, ou seja, pagava-se a taxa de juros no momento de pagar o juro. Então, nós temos, em escala internacional, um processo que vai gerar crises em todos os países, a partir de 1980, e vai durar toda a década de 1980 e princípio da década de 1990. Essa crise tem como estopim o aumento da taxa de juros, nos Estados Unidos, que vai afetar as economias endividadas. E como a gente está falando do Brasil, eu vou dar um exemplo para vocês.

O Brasil, no final dos anos 1970, por volta de 1979, tinha uma dívida mais ou menos de 50 bilhões de dólares. Em 10 anos, o Brasil tem que pagar de juros sobre essa dívida 100 bilhões de dólares, e no final dos 10 anos, o saldo devedor do Brasil, a dívida brasileira, era de 100 bilhões. O Brasil pagou para o sistema de crédito internacional, para os grandes bancos, o dobro do que devia em juros, e ficou devendo o dobro do que devia.

A maioria dos países endividados passaram por situações assim. Mas tem um detalhe que é importante dizer. Pouco antes do aumento da taxa de juros, a maior parte da dívida externa brasileira, em torno de 70, até 80% da dívida, eram dívidas das empresas, dos capitais particulares.

Em 1979, no Brasil, o Banco Central criou uma resolução para converter a dívida que era privada, das empresas, para dívida pública. E então, todo esse custo da conta de juros passou a ser um custo orçamentário do governo federal. O governo tinha que comprar dólares para pagar os juros da dívida. Nessa década de 1980, o Brasil fez um grande programa de apoio, de estímulo às exportações para conseguir

saldos, ou seja, exportar mais do que importava para receber dólares. Os exportadores vendiam para o exterior, recebiam em dólares e vendiam para o Banco Central. O Banco Central pegava esses dólares e pagava os juros da dívida externa. Isso desarranjou, totalmente, a economia brasileira, durante todo o período dos anos 1980, até 1994, quando se iniciou o Plano Real.

Então o Brasil se insere no sistema internacional, ou é inserido, primeiro como colônia, depois como um país subdesenvolvido e dependente. Com isso, eu quero dizer o seguinte, nesses 400 anos de história, 500 anos, a constituição do sistema capitalista criou também uma estrutura mundial em que os países estão hierarquizados. Primeiro a Grã-Bretanha, a Inglaterra, como país imperialista principal, no século XIX. Depois das grandes guerras, os Estados Unidos assumem essa posição.

O processo de industrialização brasileira foi o processo que os economistas chamaram de 'industrialização por substituição de importações'. O que isso significa? Que antes disso, o Brasil era um país primário exportador, ou seja, o Brasil produzia produtos primários da agricultura, da mineração, exportava e importava bens de consumo. O processo de industrialização por substituição de importações foi implantar aqui, no Brasil, empresas industriais para produzir as mercadorias que eram importadas.

Agora, nesse processo, ocorreu também o seguinte, parte dessas empresas que se implantavam aqui eram capitais estrangeiros que vieram com subsídios e estímulo do governo brasileiro. Nesse processo, o Brasil criou, entre a década de 1950 e a década de 1980, uma estrutura industrial na qual, sendo criada pelo estado brasileiro uma infraestrutura para transporte, comunicação, eletricidade, rodovias, ferrovias, pontes, etc. Além de produzir insumos básicos como a me-

talurgia. A outra parte dessa estrutura industrial que vai se constituir é formada por capitais estrangeiros que vieram atuar em setores mais desenvolvidos, com tecnologia mais avançada, com uma indústria automobilística, os produtos elétricos, bens de consumo duráveis em geral. E fica para os capitalistas brasileiros, ou nacionais, os setores de bens de consumo não duráveis. Na época era alimentação, vestuário, calçados, móveis, que não exigiam uma tecnologia tão avançada para a produção de bens de consumo duráveis.

Essa foi a estrutura que foi sendo criada nesse processo de substituição de importações, que entra em crise nos anos 1960, passa por um período da Ditadura Militar, que foi chamado do milagre econômico, entre 1968 a 1972, 1974, aproximadamente, volta a entrar em crise, e continua entrando, recorrentemente, em crise, desde essa época. O Brasil se insere no sistema mundial, ou faz parte do sistema mundial, com uma estrutura assim.

Com a mudança, a partir de 1979, na política dos Estados Unidos, a política da Grã-Bretanha, e a crise aguda que os países estavam passando, fazem avançar as ideias liberais que nós chamamos hoje de neoliberalismo. Ideias, ou seja, uma ideologia neoliberal que é convertida em políticas econômicas, controles, ou supressão de controles, para dar a ideia de que isso levaria o país a retomar a via de crescimento sustentável. Vejam, dentro disso, a estrutura que foi montada a partir dos anos 1950, ela vai sendo desmontada, principalmente, com uma enorme vaga de privatizações, em 1997, 1996 a 1998, quando a parte fundamental ou partes importantes do capital estatal foi todo privatizado. Nós temos, então, a saída da crise – esse processo de desenvolvimento das políticas neoliberais.

Nós chegamos ao período atual em que o capital portador de juros vai se converter – isso acontece desde a época de Marx, ele já

trabalhou isso – em formas fictícias do capital, a dívida pública, o mercado acionário, ou valor acionário, e os ativos bancários, que são formas fictícias do capital. Não vai dar para detalhar isso, mas são essas formas que vão constituir a massa do capital e, posteriormente, ou mais recentemente, outra forma se expandiu, que são os derivativos. E tudo isso expandindo também uma esfera financeira, na qual nós temos como principais agentes os grandes fundos de investimentos, as seguradoras, os fundos de pensão, que se internacionalizam em busca de lucro.

Isso faz com que, ao nível da produção, nós tenhamos o aumento da taxa de exploração da força de trabalho, uma precarização do trabalho, e nesse momento, o aumento de desemprego, como resultados, como consequências das contradições próprias do capital.

E o capital, como todos sabemos, só vai funcionar se produzir lucros. A lógica da esfera produtiva, que era a de produzir mercadorias e a mais-valia com a força de trabalho, passa a ser comandada também pela lógica da esfera financeira, que é a obtenção de juros e dividendos. Isso faz com que a própria organização da produção – o comportamento dos agentes –, passe a ser comandado por essa lógica. Soma-se a tudo isso, ao longo de todo esse período, uma pressão de queda na taxa de lucro. E os movimentos que contrabalançam essa tendência à queda estão levando a crises cada vez mais graves.

E para completar, parte da remuneração desses capitais fictícios passa a ser realizada também com a criação do que nós chamamos de lucros fictícios, de forma que nós vamos ter toda a mudança na base produtiva decorrente de todo o desenvolvimento científico, tecnológico, de invenções, que levaram o sistema capitalista a essa condição que nós temos, hoje, de crise múltipla. Até mesmo podemos dizer, uma crise civilizatória, em que o desenvolvimento civilizatório da humanidade

não é mais possível dentro do capitalismo. Então, a sociedade tem que transformar o capitalismo em uma forma nova, que vocês podem chamar de socialismo, comunismo, ou o nome que preferirem. Mas é a necessidade que se coloca, atualmente, para toda a humanidade.

Marcio Pochmann

Eu vou dividir a minha fala em duas partes principais. A primeira está relacionada a uma crítica à narrativa dominante acerca dos problemas brasileiros nesse início do século XXI. Qual é a narrativa que nós temos hoje, que domina o nosso campo, o campo dos progressistas, o campo da esquerda? Porque entendo que nós estamos com uma enorme dificuldade de compreender a realidade e, ao mesmo tempo, atuar sobre ela. E isso se deve, de certa maneira, a um processo de alienação que resulta da narrativa dominante acerca do quadro brasileiro. Então eu vou explicitar muito rapidamente essa narrativa, porque ela é conhecida por todos, para poder oferecer uma crítica a ela. Na segunda parte, eu queria tratar do que seria o entendimento da realidade para que nós possamos fazer uma intervenção decisiva sobre ela.

Essa primeira parte trata, portanto, de uma crítica à narrativa dominante sobre a realidade nacional. De maneira geral, o que nós podemos identificar? A narrativa do nosso campo é uma narrativa que parte do pressuposto que a sociedade brasileira, praticamente, não mudou, ou seja, a sociedade brasileira, dos últimos 40 anos, permanece a mesma. No entanto essa sociedade está sendo permeada, continuamente, por mudanças que vem de fora do Brasil. São mudanças, inclusive, que o país declara não ter governabilidade sobre elas. Portanto qual

tem sido a trajetória do Brasil nessas últimas 4 décadas? Tem sido uma trajetória de se adaptar, de se acomodar a esta sociedade que continua sendo a mesma, porém permeada de mudanças que vem de fora do país. Mas que mudanças eu estou identificando? Mudanças como a questão da globalização.

A globalização é uma outra forma de traduzir a trajetória imperialista do capital. Mas a globalização tem sido apresentada como um fenômeno que vem de fora do Brasil, um fenômeno que tem, em geral, a predominância de grandes corporações transnacionais, que se transformam cada vez mais, tornando-se mais poderosas do que alguns países. No ano passado, o Brasil foi considerado a nona economia do mundo, no entanto a Apple, por exemplo, essa empresa norte-americana, essa corporação transnacional, teve um faturamento superior ao PIB do Brasil.

Nós estamos falando, hoje, de grandes corporações com poder superior ao dos estados nacionais. Temos, atualmente, apenas 11 países que possuem orçamento público, orçamento dos governos, em suas diferentes esferas, que superam o faturamento de empresas privadas. Quer dizer, 150 países no mundo, hoje, tem um PIB menor do que as grandes corporações transnacionais. E essas corporações vão impondo a sua vontade. A justificativa dos governos é se acomodar a esta globalização, por exemplo, fazendo reformas. Temos que fazer reforma trabalhista, porque se não houver reforma trabalhista que reduza o custo do trabalho, essas grandes empresas desviarão seus investimentos, seus fundos de capitais, para outros países onde o custo do trabalho é menor.

Mas não é somente a globalização que nos tem sido apresentada para dizer que a sociedade segue a mesma, porém permeada de mudanças que vêm de fora. Também tem sido utilizada a própria

mudança climática, a crise ambiental, que faz com que alguns países subdesenvolvidos se adaptem à uma teoria que segue crescendo, que é a teoria do decrescimento. O país não comporta crescimento, ou seja, quem cresceu, cresceu, quem não cresceu, vai ficar de fora. Isso tem sido uma tensão recorrente que abre obviamente vários debates e que eu não quero aqui formular, mas apenas chamar a atenção sobre um problema que vem de fora e caberia à nossa sociedade adaptar-se a esta realidade.

E por fim, algo mais presente, que é a questão acerca da modificação tecnológica, do salto tecnológico, do progresso tecnológico, da revolução tecnológica, que nos é apresentada, como um momento de destruição dos empregos. Praticamente não vai sobrar emprego e, nesse sentido, a sociedade continua sendo a mesma. Mas diante dessa mudança, ela tem que se acomodar, ela tem que aceitar empregos ou direitos. Como diz o nosso ministro da economia, não tem emprego para todo mundo. As pessoas vão ter que estudar mais para poder disputar entre si, ou seja, acirrar a competição no mercado de trabalho para os poucos empregos que têm.

Para mim, essa é a narrativa dominante no Brasil, a narrativa que vai apresentando os fatos, vai descrevendo os fatos. Por isso, parte do pressuposto que a sociedade brasileira é a mesma. Então se é a mesma, as formas de organização da sociedade, os trabalhadores, os sindicatos, continuam sendo os mesmos. Só que elas estão perdendo efetividade, estão perdendo credibilidade. Então, a meu modo de ver, esta é uma narrativa inadequada, inaceitável para o nosso campo, porque ela nos faz cada vez mais passivos, cada vez mais acomodados a reconhecer que não temos muito o que fazer a não ser nos adaptar ao que vem de fora.

Então, feita esta crítica, obviamente superficial, porque também não tenho muito tempo, eu queria destacar a hipótese sobre a qual eu

trabalho para tentar entender a realidade. Em primeiro lugar, eu digo que nós estamos vivendo uma época excepcional no país. Uma época sem paralelo histórico, uma época que nos permite reescrever a história com nossas próprias mãos. O Brasil está diante de uma situação pré-insurrecional, ela só não é insurrecional porque as instituições de esquerda, o nosso campo, estão diante desta interpretação da realidade e projetam algo como uma espécie de tentativa de estancar a sangria.

Nós estamos diante do apodrecimento da república brasileira, de um sistema político que não nos representa. A representação parlamentar que nós temos é uma representação muito distante da realidade do país, em termos de presença feminina, em termos de presença de negros, em termos de presença de jovens. É um parlamento representado, na sua maior parte, pelo agronegócio, que representa 5% do PIB, um setor extremamente fragilizado, embora importante nas exportações. É um setor, portanto, que não produz tecnologia, ele depende da tecnologia externa, depende de sementes transgênicas que não são feitas no país, depende de agrotóxicos, depende de fertilizantes, tudo que vem de fora do país. E nem empresas nacionais de comercialização há no país, são todas estrangeiras.

Ou seja, a produção e a exportação, por exemplo, de café, ou de açúcar, que o Brasil teve durante a colônia, era mais organizada e mais avançada do que a atual produção do agronegócio brasileiro. Então, o que eu quero chamar a atenção é que esta forma de entender a realidade faz toda a diferença, porque a gente muda a realidade a partir da forma como nós a entendemos. Se nós entendemos que a sociedade é a mesma, vamos continuar fazendo a mesma coisa, porque os resultados que tínhamos, anteriormente, serão obtidos da mesma forma, o que é um grande equívoco. E estou dizendo isso porque não acredito, sinceramente, que a sociedade continue sendo a mesma, porém permeada por mudanças que vem de fora.

A minha hipótese de trabalho é que nós estamos vivendo, na verdade, uma mudança histórica de período. É uma outra sociedade que está em curso no Brasil. Há uma mudança de época que coloca na mão dos trabalhadores uma oportunidade inédita de mudar a realidade. Agora, a interpretação que nós temos é uma interpretação anestesiadora, é uma interpretação que faz com que, atualmente, a imensa maioria dos brasileiros esteja insatisfeito com a situação atual. Mas é uma insatisfação individual que não se transforma em uma insatisfação coletiva, organizada em torno de um projeto.

O que eu quero chamar a atenção aqui como mudança de época, como uma nova sociedade? Quando a gente olha a história do país, a gente vai ver que só tiveram duas gerações de brasileiros com uma oportunidade parecida com a que nós estamos tendo. E foram gerações que souberam fazer a sua parte na história. Hoje, dificilmente, nós estamos fazendo aquilo que deveríamos fazer, a começar pelo fato, por exemplo, da primeira oportunidade histórica que tivemos, que foi uma mudança de época do Brasil, na década de 1880.

Em 1880, houve uma mudança histórica no país. Nós estávamos há quase 4 séculos submetidos ao trabalho escravo, numa sociedade extremamente primitiva, uma sociedade muito difícil de organizar os interessados. Nela, a luta pela abolição da escravatura foi feita por abolicionistas, que eram filhos de senhores de escravos, que eram parlamentares cujo parlamento era dominado por senhores de escravos, que não tinham diálogo com os escravos. Nem o português falavam, já que a língua mais falada no Brasil, na década de 1880, era o tupi-guarani.

Imaginem organizar o que tínhamos de população para uma luta das mais importantes, talvez uma das mais importante do Brasil, que foi acabar com a escravidão. E isso foi feito. Obviamente que o sonho dos abolicionistas, como o de Rui Barbosa, por exemplo, ministro

do primeiro governo da República, que tentou construir, na verdade, um sistema de camponeses no país, de pequenas propriedades através do crédito e copiando, em certa medida, os Estados Unidos. Rui Barbosa foi, então, bloqueado pela aristocracia, pela oligarquia rural que era contra haver camponês, haver pequena propriedade no Brasil, porque isso dificultaria, certamente, a liberação da mão de obra para o trabalho assalariado.

Mesmo D. Pedro II que fez tentativas, inclusive de criar colônias de camponeses, no Brasil de camponeses, de certa forma, sempre foi constrangido, quando não evitado pelo poder dos senhores de escravos que eram contra a existência de um processo de democratização da terra. Então, o Brasil não constituiu as suas classes do campo com camponeses, porque na verdade, diferentemente dos Estados Unidos, quando você retira a figura do senhor de escravos, você tem a capacidade de auto-organização dos trabalhadores. O que não foi possível com os escravos que não tiveram acesso à terra, que não foram incluídos pela educação, como era o projeto original dos abolicionistas. O sonho dos abolicionistas era uma reforma agrária que incorporasse os ex-escravos, um sistema educacional. Esse foi um sonho que não se viabilizou, mas houve uma mudança inegável na correlação de forças que estabeleceu ali os resultados.

Um segundo momento fundamental do Brasil ocorreu na década de 1930, que é uma década magistral do ponto de vista de uma mudança de época. O Brasil era um país agrário, um país cuja expectativa média de vida do brasileiro, nos anos 1920, era de 34 anos de idade, um país condenado à mediocridade rural, agrária. E tem ali uma inversão a partir da revolução de 1930 e que, como Florestan Fernandes explicou, nem foi uma revolução burguesa clássica, mas inegavelmente uma mudança de curso do país.

A partir de 1930, um outro projeto de sociedade foi instaurado: uma sociedade urbana, industrial, sob outra lógica de funcionamento. É claro que no sonho dos tenentistas que lideraram esse processo com idas e vindas (se a gente pegar, por exemplo, o projeto de Osvaldo Aranha¹, no Clube 3 de outubro de 1932²), ali estava claro, por exemplo, ao dizerem ‘que bom, o país é um país capitalista, perfeitamente, é um país capitalista’. Precisa ter, então, a propriedade da terra, a propriedade privada garantida.

Mas para ser propriedade privada, precisa ter função social. Se a terra não tiver função social, ela não pode ser propriedade privada. Isso é de 1932, gente, e nós estamos em 2020, e sabemos – vocês mais do que nós – o quanto a estrutura fundiária brasileira não exerce função social nenhuma.

Também dizia Osvaldo Aranha no seu programa de 1932, no clube 3 de outubro, que esse é um país capitalista e que valoriza o lucro. Só que o lucro, para ser valorizado e validado, ele precisa pagar impostos. Se o lucro não paga impostos, não tem porque existir. Ora, nós estamos em 2020, e o Brasil é um dos dois únicos países do mundo que lucros e dividendos não pagam impostos ainda. Nós estamos em 2020!

Tudo isso para dizer o seguinte: o Brasil mudou muito a partir da década de 1930, mas não mudou como gostariam, como sonharam os tenentistas. Teve 1930, teve a guerra civil de 1932, dos paulistas

¹ Osvaldo Euclides de Souza Aranha foi um político gaúcho que participou ativamente das articulações para a Revolução de 1930 que levou Getúlio Vargas ao poder. Ocupou os cargos de Ministério da Justiça do governo provisório de Vargas e, em 1931, o cargo de Ministro da Fazenda.

² Os tenentistas eram uma das forças políticas articuladoras da Revolução de 1930, que ocorreu em 03 de outubro. Passados os primeiros momentos do governo, fundaram o Clube 03 de outubro com o intuito de influenciar o governo que se instaurava em uma relação de oposição às forças oligárquicas, que também apoiavam o novo governo.

se opondo a esse projeto novo dos tenentistas. Tivemos 1935, 1937, ou seja, uma época riquíssima de mudanças, de avanços e retrocessos. Ora, guardada a proporção, é essa situação que nós estamos vivendo, hoje, no Brasil.

O Brasil está diante de uma mudança absolutamente substancial na sua sociedade. Isso aqui não é uma análise de valor, se é boa ou ruim, eu estou dizendo que mudou a sociedade. A sociedade dos anos 1970, 1980, que criou a democracia, que criou os partidos políticos, de base operária, que recriou o mundo sindical, ou seja, os sindicatos, essa sociedade não existe mais.

Nós não temos mais uma ampla classe trabalhadora industrial, nós não temos mais uma burguesia industrial, nós temos uma outra sociedade. E a existência desta outra sociedade está, na verdade, na presença de novos sujeitos sociais. Sujeitos sociais que querem mudar o país, e, no entanto, não encontram nas instituições atuais, no partido político, sindicato, associação, associação de bairro, associação estudantil – o que nós temos de estrutura de representação democrática – que vem do Brasil urbano industrial, não dão conta, da forma como operam, de articular com essa sociedade.

Essa sociedade, na verdade, requer um outro tipo organizacional. Por quê? Porque na sociedade urbana industrial o que predominava era o trabalho material, o trabalho cujo esforço físico e mental do homem e da mulher resultava em algo concreto, palpável, tangível. Então, era na agricultura, um pé de alface; na pecuária, a criação de gado; na construção civil, a construção de casa, ponte, escada; na indústria, uma vestimenta, um calçado, um automóvel. Ora, atualmente nós temos o que? 4 quintos dos ocupados no Brasil, isso antes da pandemia, ok? 4 quintos dos ocupados, em 2019, estavam vinculados ao setor terciário do país, às atividades de serviços.

Ora, o serviço marca um tipo de trabalho, que é o trabalho imaterial, o trabalho que não produz, após o esforço físico e mental do homem e da mulher, algo concreto palpável, tangível. Não há concretude no trabalho de serviços. E esse trabalho, que continua sendo central na vida das pessoas, é um trabalho, na realidade, que não produz mais o pertencimento, a identidade.

O trabalho na indústria há 30, 40 anos, que predominava em várias cidades, esse trabalho gerava pertencimento. O que você faz da vida? Ah, eu trabalho na fábrica. Mas que fábrica? Ah, é metalúrgica. Ah, então você é um metalúrgico, você pertence ao sindicato dos metalúrgicos, você tem um acordo coletivo de trabalho, você tem identidade, tem pertencimento. Ora, você pergunta para alguém hoje, o que você faz? Ah, eu trabalho na Uber. Mas lá na Uber eu ganho tão pouco, eu preciso até continuar trabalhando, então eu trabalho de segurança num restaurante de um amigo meu, e no final de semana eu ajudo a minha companheira a vender produtos de embelezamento, ou seja, eu sou um trabalhador multifuncional. Mas o que você é? Eu sou qualquer coisa. Essa ‘qualquer coisa’ do trabalho não lhe dá identidade, não lhe dá pertencimento.

As organizações que nós temos, atualmente, são organizações cada vez mais insulares, organizações que falam para si própria, organizações que falam, basicamente, para um público restrito, uma bolha homogênea. Se a gente pegar o Facebook, pegar o Whatsapp, que é muito comum nas redes sociais, o que a gente vai ver lá? Só ficam nessas redes aqueles que pensam, praticamente, igual a gente. Se eu tenho uma rede de um time de futebol, quem for diferente do time de futebol, quem falar mal do time de futebol está fora. Ou seja, nós formamos redes homogêneas, nós nos tornamos cada vez mais difíceis de trabalhar com a diversidade.

Se a gente pegar 30, 40 anos atrás, como é que se formava a diversidade? Em primeiro lugar, ela se formava na família, nas casas das pessoas, que em geral tinham almoço, algum jantar com os filhos, pai, filho, mãe, que perguntavam o que aconteceu na escola no dia, naquele dia, que tinha almoços na casa do sogro, da sogra. Ou seja, permitia que o indivíduo tivesse uma diversidade de realidades. E com base nessa diversidade, diversidade de leitura, diversidade de escutar rádio, jornal, etc., uma diversidade que dava para ele escolher e formar a sua opinião a partir do diverso. Ora, o que nós temos hoje? Em primeiro lugar, uma sociedade cuja demografia se assenta cada vez mais em famílias monoparentais, famílias de um adulto e uma criança. E, geralmente, o adulto é uma mulher quando não um idoso. Não existe mais aquele jantar, aquele almoço, aquele diálogo em casa. Não há formação, portanto, da sociabilidade, em geral, na família. Não há os encontros depois na sogra, na casa da sogra e do sogro.

Então, o que acontece? Não há diálogo em casa, não há diálogo na escola que queira formar líderes, que queira formar vencedores. Então o que nós temos é o cidadão que vai procurar a assembleia do sindicato, vai buscar a assembleia da associação de bairro, de moradores, etc. Em todos esses lugares a pessoa vai para lá é para escutar, não é para falar. Ela não tem espaço para falar sobre os seus problemas, suas questões, seus desafios, seus anseios.

Na realidade, nós somos portadores de uma visão racional. O trabalhador vai à assembleia do sindicato, ele está desempregado, o dirigente sindical sabe explicar para ele a razão do desemprego. Esse desemprego é culpa desse presidente, desse governo, desses patrões insensíveis, estamos juntos. Mas não tem o que oferecer para esse trabalhador, não tem fraternidade, não tem solidariedade, não tem procura coletiva por trabalho, não tem esse acolhimento. O dirigente

sindical sabe explicar as razões do desemprego, se a pessoa perdeu o emprego, se tinha direitos, se tem que abrir um processo judicial trabalhista. E mais do que isso, ele não tem o que fazer.

O que eu quero chamar a atenção é como se dá a ascensão das igrejas. Igrejas, em geral, neopentecostais, e a ascensão do crime organizado. Essas instituições são muito mais contemporâneas com esta nova sociedade que estamos vivendo, são instituições que têm falas para o todo do indivíduo, e não para as partes.

Se você for a uma assembleia, e antes da pandemia 80 milhões de brasileiros iam pelo menos duas vezes por semana nas assembleias, por que vão às assembleias, que não são do partido, do sindicato ou de associações? São assembleias de Deus, por que? Por que lá tem um espaço para Deus? Possivelmente. Mas a questão fundamental é a identificação, eu pertencço a alguma instituição, lá eles me ouvem. Qual é a simbologia dessas igrejas? É a seguinte: ‘fale que nós o escutamos. Você está aqui para falar sobre os seus problemas, e nós estamos aqui para lhe dar esperança. Você veio aqui na nossa assembleia, você está desempregado, mas aqui você vai resolver o seu problema’. Nós vamos dar exemplo, ‘a dona Maria que está sentada ali. Levanta, dona Maria! Você estava desempregada semana passada, e aí o senhor João que trabalha no supermercado ficou sabendo que tem uma vaga, nos avisou, e agora a dona Maria está trabalhando. Aleluia!’.

Ou seja, são instituições que oferecem esperança, são instituições que têm fraternidade, que têm solidariedade. ‘Nesse final de semana nós vamos oferecer um curso para quem quer montar um pequeno negócio’. Então, são instituições que trabalham com estratégias, que têm obviamente uma articulação e um projeto para participar das eleições, para ganhar as eleições, são organizações que têm meios de comunicação, que têm empresas, têm bancos.

O crime organizado também é uma confraria voltada para si própria, que tem programa de auxílio, de ajuda àqueles que dependem do crime organizado. Quem é que paga a viagem? Quem é que paga a estadia? Quando uma família vai visitar o seu parente, o seu filho, o seu marido, em um presídio? Quem é que concede uma bolsa para que algum jovem estude, faça faculdade de direito? Depois, faça o curso para entrar na OAB, ou curso para entrar no poder Judiciário ou no Ministério Público, pertencente ao crime?

Isso tudo é articulado. É feito através dessas instituições, que são mais preparadas, mais coerentes, digamos assim, com este novo mundo, com essa nova sociedade de serviços. Então, ao meu modo de ver, essa é a questão que nós precisamos entender completamente, porque nós estamos ficando à margem disso. O momento histórico é um momento de mudança do país. Ele nos abre uma possibilidade inédita que tão poucas gerações, que vieram depois da década de 1950, tiveram condições de fazer. A dificuldade é que nós estamos operando num circuito diferente do que a realidade demanda.

Bom, para concluir, eu queria dizer também o seguinte, eu queria, na verdade, chamar a atenção para o fato de que nós continuamos sendo instituições que acreditam que é possível reformular o capitalismo. Então, nós vamos participar das eleições agora dizendo o seguinte, ‘olha, se a gente ganhar o governo, a gente vai fazer uma política social melhor, a gente vai dar um pouquinho mais de renda para vocês, nós vamos tentar melhorar aqui a educação, tentar melhorar a saúde, porque esse país vai se encaminhar e vai ter emprego para todo mundo’. Ora, vamos parar com isso, nós estamos vivendo a terceira fase do capitalismo brasileiro, é uma fase de declínio do capitalismo brasileiro.

Nós tivemos uma primeira fase após a longa transição de uma sociedade, de um modo de produção pré-capitalista, mercantil escravista, que predominou até a década de 1880, quando o Brasil se insere, ainda que tardiamente, no capitalismo, e se submete a uma hierarquia, o que o coloca como país periférico. Nós tivemos, praticamente, 40 anos entre 1890 e 1930, que foi uma fase basicamente de consolidação do capitalismo no Brasil. Era um modo de produção ainda que estava se instalando.

Tivemos uma segunda fase do capitalismo, entre as décadas de 1930 a 1970, que foram as décadas, eu diria assim, de modernização do capitalismo brasileiro. Modernização porque saímos de um modelo, de um complexo produtor e exportador de bens primários para a produção de bens industriais. Em 1930, praticamente, 100% do comércio brasileiro, de exportação brasileira, era baseado em produtos primários. Em 1980, na década de 1980, nós passamos a ter mais de 60% da exportação brasileira de bens industriais. Houve uma mudança significativa concomitante ao deslocamento da população do campo para as cidades. Em 1900, quase 90% da população morava no campo, 100 anos depois, em 2000, quase 90% da população morava nas cidades. Isso fez com que o Brasil se inserisse de uma outra forma no capitalismo mundial.

Em 1930, o Brasil representava menos de 1% da riqueza do mundo. Em 1980, o Brasil passou a representar 3,25% da riqueza do mundo. Ora, da década de 1980 para cá, nós estamos vivendo uma fase de declínio. O capitalismo brasileiro vive uma situação de estagnação da renda *per capita*. Nas últimas 4 décadas, nós acumulamos duas décadas perdidas. A década de 1980 e a década de 2010 foi uma década até razoável. Na primeira metade, cresceu 3,2% ao ano, entre 2010 e 2014. Tínhamos inclusão social, redução do desemprego, os direitos sociais melhoravam, uma certa democracia que avançava. Só

que a partir de 2015 entramos numa situação que é o inverso dessa, é de decréscimo econômico.

Em 2019, a economia brasileira estava quase 4% inferior ao que era em 2014. Em 2020, nós temos uma queda do PIB que, não sabemos muito bem, pode ser de 5, pode ser de 6, pode ser de 7%. O fato concreto é que, em janeiro de 2021, quando os prefeitos forem tomar posse, possivelmente a economia brasileira será 11 a 10% menor do que era em 2014. E diante disso, o atual governo diz que quer voltar ao normal da economia antes da pandemia. O normal da economia antes da pandemia era crescer 1%, 1,2%, até 1,3% ao ano.

Ora, se esse normal voltar a ser implantado, no Brasil, a partir do ano que vem, podemos dizer que o Brasil só volta a ser o que era em 2014, em 2030. Portanto serão 16 anos de catástrofe no país, não haverá emprego. Não há como sustentar a democracia nesse quadro. Portanto, a meu modo de ver, é um equívoco, um erro acreditar que esse capitalismo, esse modelo de capitalismo possa nos oferecer alguma saída. É preciso colocar na ordem do dia algo que supere o capitalismo, um pós-capitalismo, seja qual for o nome, mas fundamentalmente algo que as massas precisam se dar conta que aquilo nós temos hoje não oferecerá um horizonte melhor. Nós já estamos numa circunstância de, ao invés de dizer o seguinte, ‘olha, não tem saída, tem que mudar, a república é corrupta mesmo, é um apodrecimento dessas instituições’. Não é possível conviver com um poder Judiciário como esse que nós temos no nosso país, um dos mais caros poderes judiciários do mundo, que custa 0,6% do PIB anualmente.

Nos Estados Unidos, com um poder Judiciário muito mais complexo, ele não custa 0,2% do PIB. Não é possível conviver com o sistema eleitoral. Nós estamos indo agora como bois para o matadouro para votar nas eleições, e sabemos que esse sistema eleitoral é contrário aos partidos. As pessoas não vão votar no partido, vão votar no João, na

Maria, não vão votar nas ideias, vão votar porque a pessoa é bonita, porque é parente, porque não sei o quê mais. Isso não dá um país melhor, gente!

Portanto, a meu modo de ver, de certa forma incisiva e meio radical, é preciso reconhecer que, primeiro, nós estamos operando diante de uma identificação da realidade, diante de uma narrativa que não nos ajuda a interferir melhor na realidade. É como se a gente fosse a um médico, e ele fizesse uma série de diagnósticos equivocados e nos propusesse uma receita que não vai resolver. Ao mesmo tempo precisamos reconhecer que os instrumentos que nós utilizamos, a pauta que nós apresentamos, ela é inegavelmente inadequada, inadequada! Não é possível imaginar que estamos entrando numa fase, do empreendedor, de que cada um vai cuidar da sua vida, num processo de decadência absurda, de desconstrução do país.

Nesse sentido, parece importante uma reflexão como a que está sendo proposta aqui. Tivemos uma fala muito importante do professor Paulo que dá uma visão geral. E eu aqui já coloquei mais pimenta para chamar a atenção sobre a importância da nossa ação. Uma ação que foi fundamental, há 40 anos, para reverter a tragédia que era a Ditadura, para construir um horizonte democrático.

Mas passado esse tempo, parece que o que nós fazemos hoje, além de insuficiente, apresenta-se inadequado. Quero dizer com isso, e aqui concluo, que nosso espaço aqui é um espaço de ideias. Não sou dono da verdade, o meu papel aqui é estimular o debate. As ideias, elas não vão mudar a realidade, quem muda a realidade são as pessoas, individual, organizadas coletivamente. Mas as ideias podem mudar as pessoas, podem mudar a cabeça das pessoas, podem mudar a forma de ver a realidade. E se as ideias mudam a cabeça das pessoas, nós podemos mudar a realidade.

CAPÍTULO VII

Geopolítica

Monica Bruckmann

Eu queria iniciar parabenizando muito o MPA por esse labor tão importante que vocês têm feito ao longo dessa crise tão terrível que a gente está vivendo no Brasil, na América Latina, no mundo todo, a partir dessa atividade tão importante de distribuir alimentos saudáveis às comunidades, às favelas, às pessoas que nós mantivemos em isolamento durante longos meses. É realmente um labor de solidariedade, de compromisso com a vida, de compromisso com o cuidado do outro, extremamente importante. E eu acho que deve ser ressaltado e deve ser colocado no nível de centralidade que isso tem para poder enfrentar essa crise.

Dito isso, eu gostaria de apresentar aqui algumas ideias do que, na minha opinião, constituem as tendências do sistema mundial, da economia mundial. E como essas tendências estão sendo afetadas por essa crise que nós estamos vivendo desde o início da epidemia, que em pouco tempo se converteu numa pandemia. Eu trouxe aqui alguns dados para compartilhar, alguns mapas e alguns gráficos, pontualmente.

A primeira coisa que eu gostaria de colocar nessa análise é que essa crise tão profunda que a gente está vivendo desde, praticamente, o início de 2020, que segundo as análises econômicas é a crise mais forte que a gente vai ter desde a Segunda Guerra Mundial. Quer dizer, desde os anos 1950, e essa aqui é a crise mais profunda. E das 14 crises que teve a economia mundial, desde 1870, essa é a terceira

crise mais forte, só superada pela crise de 1929 e a crise da Segunda Guerra Mundial. Então, o impacto desse processo, do ponto de vista econômico, a gente vai ver ainda ao longo desse ano, ano que vem, uma retração, uma queda das economias a nível planetário, muito forte. Haverá um impacto sem precedentes no mundo do trabalho, ampliando as taxas de desemprego, as taxas de subemprego, etc.

Mas eu acho que talvez uma coisa das mais importantes nas quais a gente deve pensar, que essa crise nos revela e nos mostra a profunda crise de uma forma de ver o mundo, de uma visão de mundo. Talvez uma das coisas mais potentes que a gente tem verificado nesse processo de grandes tensões é, justamente, um profundo desprezo pela vida, que a gente tem visto a partir de alguns governos, a partir de muitas políticas públicas colocadas em prática em vários países da região. Quer dizer, o que está em crise não é apenas a economia, não é apenas o sistema de saúde, não. O que está em crise também tem a ver com uma visão de mundo, uma visão de mundo que despreza a vida. Uma visão de mundo que coloca uma falsa dicotomia entre economia e vida, como se fossem dois elementos separados, como se a economia não dependesse do cuidado com a própria vida, em todas suas formas, a vida humana e a vida em todas suas formas, inclusive o cuidado com a própria natureza.

Quando nos remetemos à terra, a gente pensa, realmente, o que significa esse legado dos nossos povos originários, dos nossos povos camponeses, indígenas, para quem a terra não é apenas um instrumento de produção. Claro que é também um instrumento econômico, de produção, mas é, sobretudo, o espaço onde a vida se cria, se recria, se reproduz. E na palavra dos próprios indígenas, um espaço onde a gente tem direito de construir essa vida e a felicidade. Por isso que, na maioria das línguas indígenas, Quíchua, Aymará, etc., existe aquela

terminologia de mãe-terra, a Pachamama. A mãe terra é aquela fonte de vida.

Eu acho que essa é uma visão que se contrapõe de maneira muito profunda à visão que instaura o capitalismo e a sua lógica de acumulação. O capitalismo que privatiza a natureza, que financeiriza a natureza, que converte os bens naturais em matérias-primas e essas matérias-primas em *commodities*, como gosto de chamar o sistema financeiro. Já não importa mais a economia real, mas sim a expectativa de preço de futuro, o mercado de futuros, que se baseia não em indicadores econômicos, mas em especulação. Desde 2008, os dados mostram que quase 70% do comércio mundial de matérias-primas, de *commodities*, estavam em mãos de especuladores, especuladores tradicionais e de novo tipo.

Então, nós temos uma das questões que essa crise mostra, que é essa contradição de visões de mundo. E eu acho que será um elemento central quando a gente pensa a recuperação econômica, pelo menos a recuperação desse ciclo que se inicia com a pandemia, porque ela vai colocar em tensão essas visões contrapostas: de um lado uma tentativa de reinstaurar um projeto neoliberal em toda a violência que esse projeto significa: diminuição dos serviços básicos de saúde, de educação, de saneamento, redução do estado, a ideia do mercado, a falsa ideia do mercado como regulador da economia, etc. E as consequências que esse projeto teve, no final do século passado, no início desse século, de uma outra visão, que é justamente essa de afirmação da vida como bem fundamental para pensar qualquer tipo de política. Um interesse que seja de esquerda, de direita, para passar qualquer tipo de possibilidade ao pensar uma sociedade humana, a defesa da vida como um elemento central. E a partir dessa defesa da vida que a gente constrói qualquer projeto de desenvolvimento, independente do conteúdo.

Só é possível pensar em projeto de desenvolvimento com uma premissa fundamental, que é a defesa da vida. Então, acho que essas visões estarão em choque e vão colocar em tensão projetos políticos muito diversos, que na nossa região, provavelmente, tenham uma dimensão de um novo ascenso das forças populares: as forças progressistas, as forças de esquerda comprometidas com esses projetos de desenvolvimento baseados na defesa da vida em todas suas formas.

Então, a primeira questão em relação à crise é, justamente, ver a profundidade que ela tem, desde o ponto de vista econômico. Vejam esse gráfico abaixo, que é muito interessante porque fica muito evidente que a crise, em 2020, é a terceira crise mais profunda desses 150 anos. E isso aqui é uma medição feita pelo Produto Interno Bruto por pessoa, *per capita*. São dados do Banco Mundial.

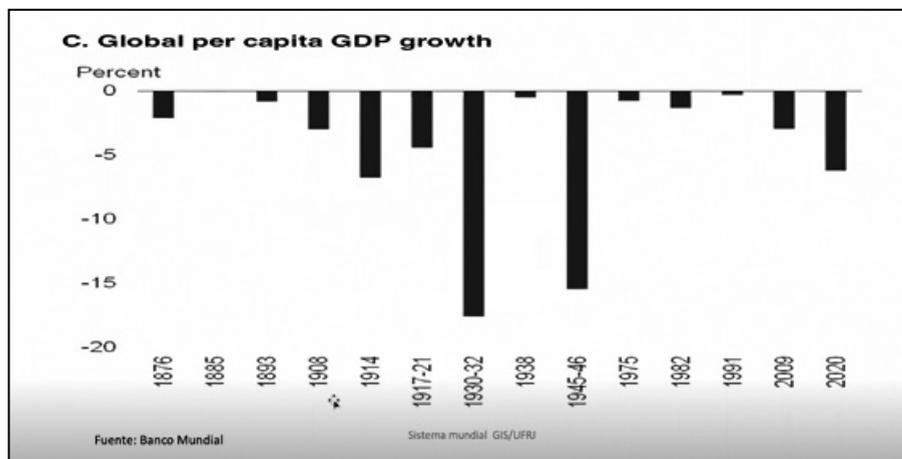


Gráfico 1
 As grandes crises de 1876-2020

Vejam, a coisa interessante nesse processo é que essa crise vai afetar de maneira muito diferenciada os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento. Vejam vocês esse gráfico, essa aqui é a queda do Produto Interno Bruto, quer dizer, tudo o que um país produz

em bens e serviços, ao longo de um ano, e essas medições ano a ano. Vejam essa barra que vai da linha horizontal para baixo. Essa aqui é a queda que vão sofrer as economias avançadas, até o final desse ano, chegando a 8, 9%, e as regiões mais afetadas, Estados Unidos e a zona euro, inclusive Japão e o Reino Unido. Haverá, portanto, um impacto muito forte nas economias avançadas.

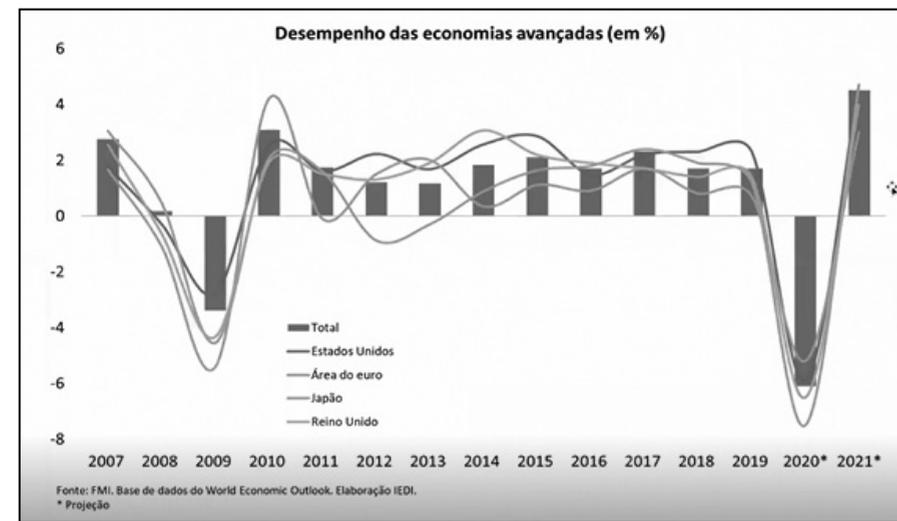


Gráfico 2

E a diferença é que esse impacto nas economias emergentes, se vocês veem no gráfico 3, a linha vermelha é onde está a China e as outras economias emergentes, que serão muito menos impactadas, inclusive a China. É uma coisa interessante, e isso eu vou retomar ao longo da apresentação. É o único país do mundo que, nesse momento de grande queda das economias, vai ter condições de crescer, segundo as previsões, até 2% esse ano. Esse gráfico foi atualizado. Aqui há uma previsão de crescimento de 0,5%, mas na verdade, a China terá um crescimento de 2% no mundo com uma retração econômica generalizada.

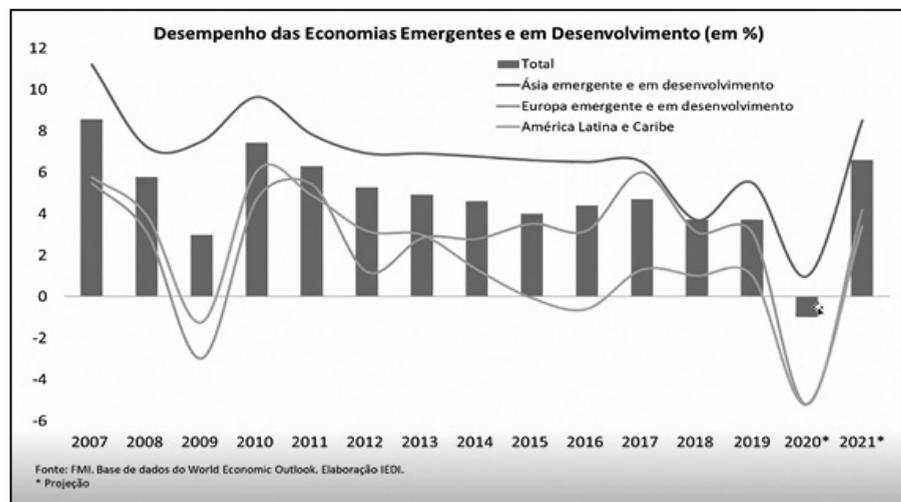


Gráfico 3

Se a gente vê as previsões de crescimento, as economias avançadas caindo em média 7%, a zona do euro caindo 9%, e as economias asiáticas, as economias emergentes asiáticas com a possibilidade de crescimento de até 2%, no caso da China, e um crescimento maior para 2021. O que esse gráfico mostra é que a crise vai impactar mais as economias avançadas e menos as economias emergentes. E, na verdade, esse é um processo anterior à pandemia. O que a gente estava observando, desde o começo do século XXI, é um deslocamento do dinamismo econômico, desde os países do norte desenvolvido, Europa e Estados Unidos, Ásia, para os países do sul. E desde os países de ocidente para os países de oriente, asiáticos e, principalmente, a China.

De fato, se a gente pensa como será a recuperação dessa economia mundial, em 2021, 2022, os horizontes estão sendo cada vez mais longos. As primeiras previsões de junho, maio, junho, julho desse ano, já pensavam que 2021 seria um ano de recuperação. Como a recuperação econômica depende muito da consolidação de uma ou mais

vacinas¹, e a possibilidade de vacinar a população mundial para retomar plenamente a economia, os horizontes estão se ampliando. Nós, aqui no Brasil, até há um mês e meio, dois meses,² a Fiocruz estava trabalhando com a ideia de que, em dezembro, começaria a produção da vacina, que agora em novembro terminaria a terceira fase de pesquisas da vacina de Oxford – a vacina com a qual está trabalhando a Fiocruz. E, em dezembro, estaria se iniciando a produção. E de fato essas previsões se afastaram no tempo. Agora estamos pensando que isso pode acontecer em abril, em maio, e é possível que a gente tenha todo o ano de 2021 ainda com essas aberturas e fechamentos da economia e da circulação das pessoas.

Nós estamos vendo, na Europa, o rebrote de uma segunda onda da Covid, que está assolando o continente europeu, e aqui na América Latina pode não ser diferente. Como isso está afetando os diferentes âmbitos da vida social? Eu acho que uma das questões mais preocupantes é como isso afeta o mundo do trabalho. Vejam vocês, quase todos os países da região e do mundo, nesse período de crise, criaram uma legislação especial. No caso do Brasil, nós declaramos uma situação emergencial, uma situação de guerra em alguns países. Algumas quarentenas, alguns isolamentos, como no caso do Peru, por exemplo, foram acompanhados de toque de recolher, coisa que os franceses estão fazendo nesse momento. Para enfrentar essa crise, os países caracterizaram essa situação como emergencial, como situação de guerra, como situação de calamidade pública, etc.

1 Vários centros de pesquisa se empenharam para desenvolver uma vacina capaz de conter o Coronavírus, dentre as mais importantes estão a desenvolvida pelo convênio Fiocruz-Universidade Oxford e a desenvolvida pelo convênio Instituto Butantan e o governo Chinês. Sem a vacina, a principal medida de contenção é o isolamento social e o controle do funcionamento do comércio, o que fez com que a economia mundial entrasse em recesso.

2 A exposição foi realizada dia 10/11/2020.

E essa situação emergencial permitiu uma série de procedimentos que, em condições normais, não seria possível. No mundo do trabalho, isso significou a interrupção unilateral dos contratos de trabalho, sem um cumprimento obrigatório das leis trabalhistas e os direitos dos trabalhadores, a diminuição da jornada de trabalho como a gente viu até em 70% com diminuição respectiva dos salários, o aumento das jornadas de trabalho a partir do trabalho remoto sem horário, sem feriado, sem final de semana. Quer dizer, essa desregulação do mundo do trabalho, produto de políticas de enfrentamento da quarentena, significaram uma perda gigantesca de direitos, de direitos sociais, que não foram direitos adquiridos mecanicamente, foram direitos adquiridos a partir de muita luta dos povos. O século XX todo foi um século de lutas para conseguir e consolidar esses direitos trabalhistas que, em um período tão curto de tempo, foram desestruturados. Num país como o Brasil, por exemplo, isso foi uma coisa muito acelerada.

E a minha grande preocupação é que, no momento pós-pandemia, digamos 2021, 2022, esse emprego fragilizado, esse subemprego, essa precarização do trabalho se incorpore na economia como parte de um processo permanente. Porque se você tem uma taxa muito alta de desemprego e o mundo vai chegar a 25% de desemprego, que são taxas sem precedentes na história recente da Europa, por exemplo, um país como a Espanha tem uma previsão de taxa de desemprego de 25%. A média da taxa de desemprego, em 2020, para a Europa, será de 17%, quer dizer, vai ser um desemprego altíssimo, como não se viu desde a Segunda Guerra Mundial, nos Estados Unidos também.

Na América Latina, isso não vai ser diferente. O Brasil já está próximo de 14% de desemprego. Observem que não estão contabilizados aqueles trabalhadores que não pertencem ao mundo do emprego formal, que foram muito mais afetados ainda. Então, a grande

preocupação é que essa situação de precarização da mão de obra do mundo do trabalho e a perda acelerada de direitos se imponha como uma nova normalidade no mundo pós-pandemia. Eu acho que a gente corre esse risco e talvez tenha que ser uma das questões que a gente tenha que debater, politicamente, com dados, na academia, a partir dos movimentos populares, a partir dos elaboradores de políticas públicas com muita seriedade. Quando a gente estiver avançando para uma fase de recuperação econômica, porque justamente é isso que estará em jogo, uma tentativa, desde meu ponto de vista, de incorporar isso como parte de um processo de funcionamento do mercado de trabalho e da economia.

Um segundo aspecto que eu queria chamar a atenção em relação à essa crise é a forma como os estados estão atuando nesse processo. Os fundos para combater os efeitos da Covid19 que se aprovaram nos Estados Unidos, que se aprovaram na União Europeia, em vários países da Europa, aqui no Brasil, em vários países da América Latina, eles têm tido um uso muito parecido para os nossos países. O que eu quero dizer com isso? Eu queria mostrar, na figura abaixo, esse dado, que é a ajuda emergencial da Covid19, nos Estados Unidos. A gente fez um acompanhamento, a partir do Congresso dos Estados Unidos, de todas as medidas que foram aprovadas em março, começo, final de março, início de abril. Os Estados Unidos destinaram 4,8 trilhões de dólares, quer dizer, isso equivale a mais ou menos 20, 22% do Produto Interno Bruto dos Estados Unidos. Tudo o que os Estados Unidos produzem num ano, 20%, 22% disso foi destinado para combater a Covid19. E quando a gente vai ver como é que se aplica esse investimento, a gente vê que quase 50% desse valor foi transferido para o setor financeiro e, sobretudo, concentrado nas grandes empresas. Desse valor, 20% foi para a ajuda emergencial direta, menos de 10%,

18% para a saúde, e apenas 0,5% para a pesquisa. Uma coisa interessante é verificar como um país que ocupou o centro da economia mundial, o país que, sobretudo, depois da Guerra Fria, hegemônizava o sistema mundial, hoje em dia tem uma capacidade de investimento tão reduzida como essa aqui, 2,2 bilhões em pesquisa, num momento em que o mundo depende das pesquisas na área da biomedicina e da descoberta da vacina.

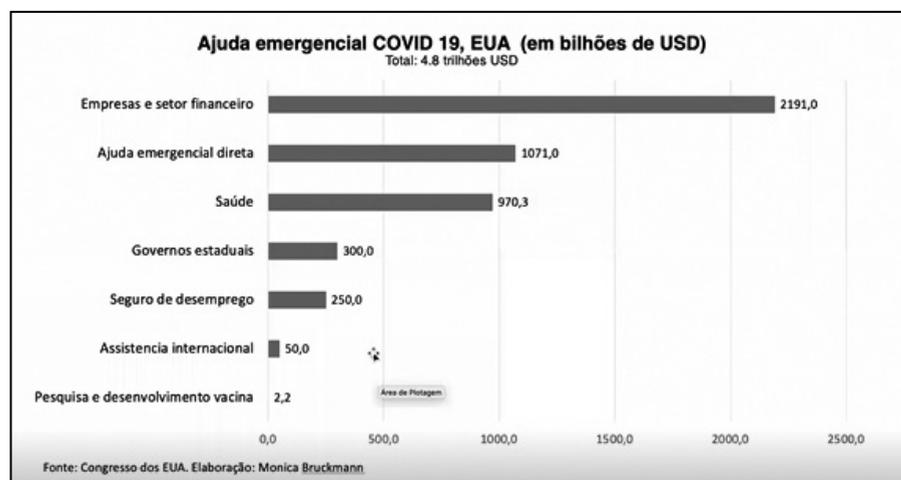


Gráfico 4

Se você compara isso com a China, por exemplo, o investimento que a China está fazendo em termos de pesquisa para o combate à Covid19, em termos de gestão da pandemia no seu território, isso significa investimentos muito maiores que os dos Estados Unidos. O que de fato coloca de maneira muito visível uma questão que gera uma tendência, desde inícios do século XXI, sobretudo, desde 2010, 2011, é quando a China começa a disputar as tecnologias de ponta. Nesse momento, a China é o país que mais investe em algumas áreas estratégicas tecnológicas, como energia renovável, novos materiais, tecnologias da informação e comunicação, etc.

Então, os Estados Unidos estão sendo obrigados pela crise econômica que esse país vive, a uma diminuição do investimento em ciência e tecnologia. Se a gente pensa em termos desse processo de debilitamento da economia dos Estados Unidos, nós poderíamos, por exemplo, lembrar que, para fins de 2019, os Estados Unidos eram uma das economias mais endividadas do planeta. O Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial nunca reclamaram de disciplina fiscal dos Estados Unidos. Mas se eles aplicassem o que eles recomendam para o resto do mundo, deveriam exigir que os Estados Unidos tivessem disciplina fiscal, quer dizer, que não gastassem mais do que têm. E os Estados Unidos gastam muito mais, sobretudo, desde que iniciou aquela política de guerra global contra o terrorismo, em 2001. É nesse momento que Estados Unidos começam a gerar uma crescente dívida pública, que até final de 2019 significava 110% do seu Produto Interno Bruto. Quer dizer, toda a produção de um ano, e hoje em dia, tem a possibilidade de acabar 2021 com uma dívida pública de 150%, justamente por esse tipo de gasto que está fazendo para enfrentar a Covid19. Quando a gente se pergunta, quem é o credor dessa dívida, que é uma dívida pública? Você vê que 40% da dívida é uma dívida interna, portanto os credores estão dentro dos Estados Unidos, e 60% é uma dívida externa. Quais são os principais países que detêm a propriedade dos bônus da dívida pública dos Estados Unidos? Em primeiro lugar, Japão, e, em segundo lugar, a China.

Portanto, e isso não se diz na imprensa, não se discute na opinião pública, mas qualquer decisão que a China tomar em relação à sua moeda, em relação à gestão da sua política, sobretudo, a política monetária, irá impactar na dívida dos Estados Unidos. Por isso que, desde o governo anterior ao governo Obama, durante o governo Obama, os Estados Unidos pressionaram muito para que a China mexesse na sua política monetária, porque isso impactava diretamente a posição

que os Estados Unidos teriam em relação à China, que é o segundo credor dessa dívida pública. Mas então, essa ajuda emergencial teve um impacto imediato na bolsa de valores. Só para vocês verem como é que essas medidas econômicas, imediatamente, têm um reflexo no mercado financeiro, e não é casual. A gente está vendo nos dados, a gente foi somando dólar a dólar o investimento que eles fizeram e onde eles estavam alocados. É evidente que o setor mais beneficiado foi o setor financeiro, e isso teve um reflexo direto na bolsa de valores. Vejam vocês, no gráfico abaixo, a recuperação da bolsa, exatamente no mês de março, quando se anunciam e se defendem esses fundos milionários para socorrer aos bancos e às grandes empresas.

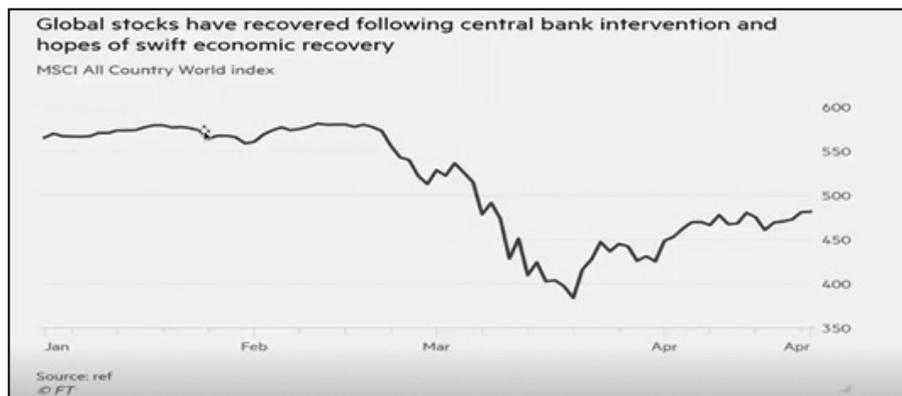


Gráfico 5
Recuperação global das bolsas após intervenção do banco central

Um dado que eu queria mostrar, compartilhar com vocês, é o que está acontecendo aqui no Brasil. A gente fez a mesma pesquisa no caso brasileiro. A gente fez um levantamento de tudo que o governo brasileiro aprovou em termos de gasto para combater os efeitos da Covid19. A imprensa fala de um valor muito menor que esses 2,55 trilhões de reais, porque aqui a gente está considerando não só os fundos que o estado brasileiro destinou para diferentes políticas, mas

também aqueles impostos que deixaram de ser cobrados, aquelas dívidas que foram jogadas para a frente. Quer dizer, todo esse pacote econômico que está registrado no Ministério da Fazenda, são dados oficiais. A única coisa que a gente fez foi ver todas as medidas aprovadas, quantificar e ver como elas serão distribuídas, e a partir disso a gente construir esses dados.

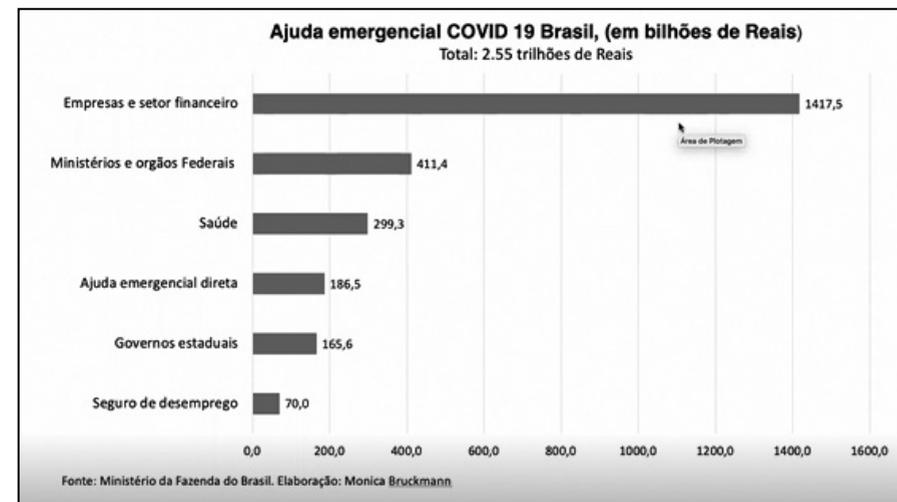


Gráfico 6

Vejam vocês, novamente esse comportamento se repete. De todo o dinheiro que o governo brasileiro está gastando para combater a Covid19 – esses são dados até julho desse ano – mais de 50% foi para o setor financeiro. Quer dizer, é dinheiro público do estado que está sendo alocado nos bancos privados, para que os bancos possam socorrer as pequenas e médias empresas. O que diz a política pública é que esses fundos são para salvar as pequenas e médias empresas. O que os bancos estão fazendo? Eles estão considerando que as pequenas e médias empresas oferecem um risco muito alto e estão alocando os fundos para as grandes empresas, que não são objeto da política

pública como receptores desses recursos, que são recursos públicos, não são recursos dos bancos, não é recurso da banca privada, são recursos públicos do Brasil. Então, mais de 50% desses 2,55 trilhões de reais estão sendo gastos concentrados no setor que não precisa, que são exatamente as grandes empresas. Se você vê a taxa de juros, quer dizer, os juros que são pagos no Brasil, nesse momento, a taxa Selic é de 2%, tem caído muito, já foi muito alta, 11, 12, 15. Nesse momento, está em 2%. Você diria que no momento de gravíssima crise como a que vive o país e o mundo, os bancos deveriam, no máximo, cobrar uma taxa de juros da Selic, de 2%. O que está acontecendo? Esses fundos públicos, que não são dos bancos, que estão sendo colocados nos bancos, estão gerando juros de 6 a 10%, a um nível muito superior do que está sendo praticado, segundo a comissão do Banco Central que regula essa taxa.

Então, não só os bancos privados estão lucrando ao receber recursos públicos para financiar as suas operações, pois está sendo permitido a eles cobrarem juros muito acima do que está sendo praticado a nível da economia brasileira em geral. Segunda questão que eu gostaria de destacar a partir desses dados: vocês lembram todo o debate que a gente teve a 3, 4 meses atrás, até 2 meses atrás, em relação ao impacto que teria a ajuda emergencial direta na crise brasileira. A ajuda emergencial direta era colocada como a grande vilã, como a grande responsável pelo aprofundamento da crise no Brasil. Não era isso que se dizia todos os dias nos jornais? Não, 600 reais, que se a gente suspendia... que se isso se prorrogava.... E o que a gente vê é que essa ajuda emergencial direta, em relação a todo o pacote de medidas adotadas pelo Brasil, não representa nem 7% do total de recursos gastos. Portanto é um mito pensar que o que está sendo gasto na ajuda emergencial direta, que está permitindo a sobrevivência exata-

mente aos setores mais vulneráveis, seja a causa da crise econômica no Brasil. Não é, até porque a proporção que ela significa, em relação ao montante total, é muito pequena.

E a gente vê quanto foi gasto em saúde, mais ou menos 12% desse valor total, num momento em que se supõe que a saúde pública deveria ser um dos saldos principais dessa política, o que vai nos permitir salvar vidas. Uma coisa interessante é que num momento em que os países que tem uma estrutura de saúde pública mais fortalecida têm respondido melhor a essa crise sanitária, o que nós deveríamos tirar como uma consequência desse fato é que uma forma de poder combater essa pandemia é, justamente, fortalecendo sistemas únicos de saúde, os sistemas públicos de saúde. O que está sendo feito, não apenas no Brasil, em vários países da América Latina, mas eu quero me referir ao que está sendo feito no Brasil, é uma transferência de recursos colossais para o sistema suplementar de saúde, para o sistema privado de saúde.

Então, isso explica, por exemplo, que ainda sob a gestão do ministro Mandetta³, o Brasil aprovou uma lei, através da qual o estado brasileiro, para ampliar o número de leitos de Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) para o tratamento da Covid19, está autorizado a pagar o dobro do que custa um leito de UTI no setor privado. Só para vocês terem uma ideia, um leito de UTI custa por dia, entre 60 e 80 mil reais. E nessa pandemia o governo brasileiro aprovou pagar o dobro desse valor por dia para poder ampliar o sistema de saúde público utilizando o sistema privado.

³ Luiz Henrique Mandetta foi Ministro da Saúde no governo de Jair Bolsonaro, entre 1º de janeiro de 2019 e 16 de abril de 2020, quando foi demitido após divergências com o presidente quanto à política de isolamento social, no período da pandemia de COVID-19.

O que a gente está vendo é que o que está sendo feito é criar mecanismos para fortalecer, de maneira colossal, os sistemas privados de saúde, a rede privada de saúde. Isso vai gerar toda uma série de contradições, momento pós-pandemia. Eu acho que isso é uma coisa importante a ser colocada também no debate político e nas lutas que a gente tem, e os desafios que a gente tem pela frente, porque eu acho que a defesa dos sistemas públicos de saúde, o SUS, é fundamental. E o que está sendo feito é fortalecer os sistemas privados de saúde num momento de crise como a que estamos vivendo. Então, eu acho que esses dados são interessantes para a gente ter um panorama do que está acontecendo e um panorama do que vem pela frente em termos de disputas, de projetos, em termos de possibilidade de colocar uma agenda política e uma agenda de luta para os movimentos populares, não só urbanos, mas também rurais.

Nesse contexto todo, eu quero considerar essa crise no contexto dessas mudanças da geopolítica mundial. Eu queria me referir aqui a um processo que está mudando não apenas o comércio mundial, não apenas a economia mundial, mas está mudando a possibilidade de pensar um mundo com outra forma de gestão hegemônica. Muitos analistas estão falando da possibilidade de uma hegemonia multipolar, uma hegemonia compartilhada, uma hegemonia muito diferente do que significa esse processo de domínio dos Estados Unidos no sistema mundial, sobretudo, depois da Segunda Guerra Mundial. E aqui eu queria me referir a um projeto sobre o qual já temos conversado com alguns de vocês, em vários eventos, que é aquele projeto em pleno processo de expansão que a China propõe, em 2013, chamado ‘a nova rota da seda’.

Se vocês observarem o mapa abaixo, esse mapa é interessante porque mostra o que era a velha rota da seda, que surge 200 anos

antes de Cristo e se prolonga até mais ou menos final do século XVII. Quer dizer, tem uma duração de 1800 anos, que uniu oriente e ocidente. Vejam vocês esse mapa, que apresenta toda uma continuidade comercial entre o norte da China, mais ou menos nessa região de Beijing, que atravessava toda a Ásia Central, todo o Oriente Médio, para ter como destino final de comércio a Europa, sobretudo, a região do mediterrâneo. A Itália, de fato, era uma região muito importante, porque foi o centro financeiro desse sistema mundial, onde a China era o centro mais desenvolvido, porque a China exportava os produtos, as manufaturas mais elaboradas para uma Europa que não tinha um estado como força política para organizar a economia e a sociedade. Uma Europa que precisava importar os tecidos, todo o consumo suntuoso das monarquias e as aristocracias europeias, elas se abasteciam da manufatura chinesa e indiana.

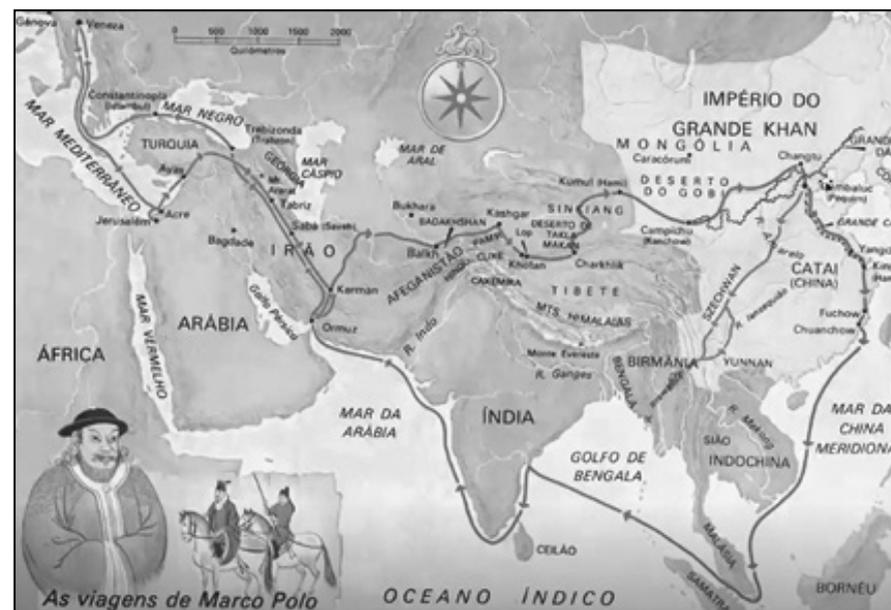


Figura 1
A rota da seda
(200 AC - 1200 DC.)

A China, há mais de mil anos, era um grande produtor de algodão, de tecidos de algodão. E vejam que coisa curiosa, hoje em dia a Índia continua a ser um grande produtor de algodão, e produtos de algodão e tecidos de algodão, só para que vocês tenham uma ideia de como essas capacidades se acumulam ao longo dos séculos. E aqui vocês têm, nessa parte no mapa, a linha vermelha para baixo, o que foi a rota oceânica da seda, que contornava todo o sudeste asiático, a Índia e entrava pelo oriente médio novamente para ter como destino final a Europa.

Esse foi o projeto da velha rota da seda, com gestão da China, e depois dos Mongóis, quando eles invadem a China. Foi na época, na verdade, do império dos Khan, de Gengis Khan⁴, que é a nova rota da seda pelo século XIII, XIV, que alcança, atinge o seu maior desenvolvimento.

O interessante é que essa velha rota da seda vai ser uma inspiração para a nova rota da seda, que a gente propõe 1800 anos depois. Em 2013, a China propõe a nova rota da seda, que vocês podem ver que tem uma similaridade muito grande com aquela velha rota da seda. Na verdade, é uma inspiração de todo um processo histórico milenar para pensar a política externa chinesa, a política comercial e econômica para o século XXI.

No mapa a seguir, essas linhas pretas, descontínuas, são os grandes corredores de infraestrutura, grandes estradas, trem de alta velocidade que vai partir de Beijing e em poucos dias vai chegar até Madrid como destino final. São aqueles trens de alta velocidade que atingem 350 quilômetros por hora, 380 quilômetros por hora, e que já estão

⁴ Gengis Khan (1162-1227), imperador Mongol, conquistou a maior parte da Ásia em suas guerras expansionistas.

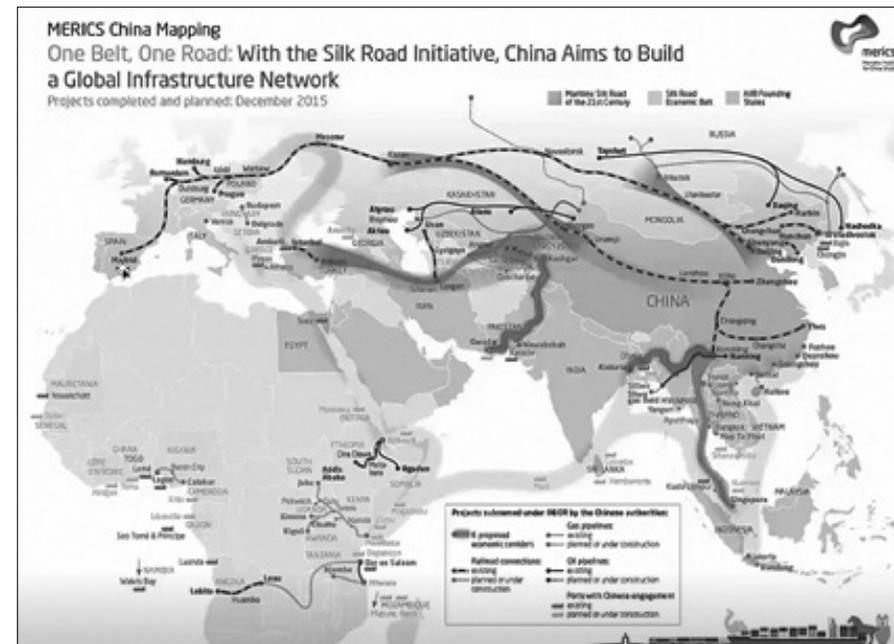


Figura 2
Atual rota da seda

unindo grande parte das cidades chinesas. A China tem uma grande malha ferroviária com esses trens de alta velocidade. Essas linhas verdes são gasodutos, as linhas pretas são oleodutos, para trazer os recursos energéticos, petróleo, gás, da Rússia para o consumo chinês. E aqui, essa linha difusa azul, vocês têm o desenvolvimento da nova rota da seda marítima que segue o mesmo percurso que aquela velha rota da seda, vai contornar o sudeste asiático, a Índia. Nesse caso, a diferença da velha rota da seda vai incluir a África toda.

O continente africano está sendo cada vez mais parte desse projeto da nova rota da seda. E o interessante, e eu gostaria de chamar atenção para isso, porque tem a ver com um sentido contrário ao que nós estamos fazendo na América Latina, a África recupera a sua visão pan-africana, a sua visão continental para poder negociar com a China.

Ela senta na mesa de negociações, em 2017, em que a China apresenta o projeto da nova rota da seda para a África, como continente, desde uma perspectiva de integração regional. E ela consegue o que jamais conseguiria se cada um dos países negociasse com a China de maneira individual. Ela consegue um fundo de investimento da China de 60 mil milhões de dólares, com empréstimos que terão 3 tipos de pagamento. São empréstimos e investimentos que a China vai fazer na África, e a África vai pagar uma parte desses investimentos em um período de 20 a 40 anos, com uma taxa de juros zero, quer dizer, não terá taxa de juros. Uma outra parte será paga com recursos naturais que, em grande medida, é o que realmente a China procura na África. E um terceiro grupo de investimentos será, a fundo, perdido. Mas a África está conseguindo condicionar essa relação com a China através da nova rota da seda, a partir da criação de projetos e industrialização na África, fundos para diminuir o impacto ambiental da atividade econômica e extrativa, fundos para a reparação da devastação ambiental acumulada anteriormente. Em grande medida, os projetos de minerações chinesas causaram uma devastação ambiental colossal, sobretudo, na África do Sul.

Isso tudo está sendo conseguido a partir de uma negociação regional. Eu acho que isso é interessante para nós, porque, para uma região como a nossa, que obteve avanços tão grandes em termos de criação de novos espaços de integração regional no nosso continente, como foi a União de Nações Sul-Americanas (Unasul) criada em 2007, é ratificada, em 2008, e uniu os 12 países da América do Sul à comunidade dos estados da América Latina e o Caribe. Pela primeira vez, consegue reunir todos os países da América Latina sem a participação dos Estados Unidos e Canadá, com uma visão de soberania, de autodeterminação, e da possibilidade de pensar o desenvolvimento

a partir dos interesses dos nossos povos e dos nossos países, e não a partir dos interesses econômicos das transnacionais que operam no setor de recursos naturais, ou dos interesses estratégicos de potências extracontinentais, como Estados Unidos, Europa, ou inclusive a própria China.

Eu acho que o momento que a América Latina viveu, os primeiros 15 anos do século XXI, foi de grande afirmação de uma visão de soberania e de colaboração entre os nossos países. Porque uma coisa que tinha sido uma tradição na visão geopolítica da América Latina, quando a gente vê como vai se construindo esse campo de problematização chamado geopolítica, ela se constrói a partir da visão dos militares e das políticas de defesa. Imaginem vocês que, nessa visão clássica, que surge no começo do século passado, nos anos 1920, de 1930, se consolida nos anos 1950. Para um país como o Brasil, por exemplo, os vizinhos eram potenciais ameaças e inimigos, era assim que eram vistos desde a política de defesa. Não era diferente na visão dos outros países da América Latina.

Eu me lembro de uma reunião, que foi uma reunião muito interessante do Conselho de Planejamento de Infraestrutura da União de Nações Sul Americanas (UNASUL)⁵. Um desses projetos que eu fazia menção e que se criou, em 2008, em 2012 ou 13, uma das reuniões desse conselho, iria avaliar a possibilidade de unificação da malha ferroviária chilena e argentina. Esse é um dos grandes projetos para permitir um comércio mais intensivo entre os dois países e o CONESUL do continente, etc. Quando foi apresentado o projeto, era

5 “A UNASUL chegou a ter 12 conselhos ministeriais com a participação dos ministros de todos os países em diferentes áreas. Acompanhava mais ou menos a divisão ministerial dos países, tinha o conselho de finanças, da economia, de cultura, educação superior, e um desses era o conselho de planejamento e infraestrutura”. (Trecho da Exposição)

interessantíssimo ver que ele era, praticamente, inviável do ponto de vista econômico, porque significava construir uma nova malha ferroviária ou no território argentino, ou no território chileno, porque era impossível unificar as duas malhas ferroviárias que tinham sido construídas em tecnologias diferentes, de propósito, por quê? Porque o objetivo era impedir que os trens argentinos circulassem no Chile, e vice-versa.

Então, essa era a visão que dominou todo o século XX, de ver no vizinho o inimigo, ou uma ameaça, um potencial inimigo. Tanto que a gente teve várias guerras entre os países, produto de redefinição de fronteiras e tudo mais. E na Unasul, isso foi um processo muito interessante, porque esse paradigma de inimigo como ameaça é quebrado. Isso impõe um outro paradigma, que é o vizinho como colaborador. E começa a se discutir esse conjunto de projetos que aprofundava a colaboração científica, tecnológica, comercial, e as relações econômicas entre os nossos países. Isso ocorreu para desgosto dos Estados Unidos, porque vamos lembrar que uma das coisas que os Estados Unidos propuseram com muita força, no começo do século XX, foi um projeto chamado Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), onde os Estados Unidos teriam uma relação com cada um dos países, a partir da sua visão estratégica.

Quando esse projeto fracassa – e no lugar dele surgem esses processos de integração de uma perspectiva de soberania, de autodeterminação dos países – isso se converte num grande problema para os Estados Unidos. E os Estados Unidos iniciam um combate sistemático a esses processos de integração, tanto que, em 2013, criam a aliança do pacífico para rivalizar com a UNASUL, da qual formava parte Colômbia, Peru, Chile, alguns países da América Central, México, exatamente os países cujos governos, nesse momento, estavam ali-

nhados com a visão dos Estados Unidos. Então, esses processos de integração foram um grande, e continuam a ser, um grande campo de disputa entre duas visões, a visão hemisférica dos Estados Unidos, que busca reorganizar seus interesses no nosso continente. E a visão de afirmação soberana dos nossos países, que nesse momento teve um desenvolvimento importante com a participação do presidente Hugo Chávez, da Venezuela, Lula, aqui no Brasil, Néstor Kirchner, na Argentina, Evo Morales, na Bolívia, Rafael Correa, no Equador, Fernando Lugo, antes do golpe no Paraguai.

Então, o que a gente vê é que, nesse momento, nessa nova onda conservadora que se inicia em 2015, inicia também um processo de destruição desses projetos de integração que foram grandes conquistas do começo do século XXI. Conquistas populares, conquistas dos governos progressistas de esquerda, mas que deixaram um legado, deixaram um legado que acho que terá que ser retomado no momento em que a região começa a pensar seriamente o desenvolvimento, porque não é possível pensar o desenvolvimento e uma participação maior da região, nesse mundo de profundas mudanças, se uma política de fortalecimento de todos os países a partir desses processos de integração. E por que eu estou dizendo isso? Porque vejam vocês, quais são as grandes metas estratégicas dessa nova rota da seda, as prioridades de cooperação? Na figura 3 na página seguinte estão as 7 prioridades de cooperação.

Em primeiro lugar, a produção de eletrônicos, quer dizer, a nova rota da seda se propõe a produzir eletrônicos para abastecer todos os países que formam parte desse acordo. Em 2014, eram 21 países que formavam parte da nova rota da seda, dentre eles, a China, alguns países da Ásia central, a Rússia, que é um aliado estratégico fundamental, alguns países da Europa. Em 2019, mais de 110 países do

mundo formaram parte desse acordo. Isso significa mais de 70% da população mundial. E essas 7 prioridades de colaboração são eletrônicos, a indústria aeronáutica, a indústria automobilística, a engenharia em maquinarias, as tecnologias de comunicação, a energia elétrica e os trens de alta velocidade. São os que irão orientar esse processo de produção e de reconstituição do continente euroasiático, porque esses grandes corredores de infraestrutura são corredores de transporte de pessoas, de matérias-primas, mas também de comércio entre os vários países.

E aqui o que nós estamos vendo é que estão se criando o que a economia se chama cadeias de valor regional, quer dizer, uma produção dividida com participação de vários países, de vários centros de produção que se articulam para montar uma única linha de produção de qualquer produto tecnológico, ou da engenharia, ou etc. Então, as cadeias de valor regionais e globais estão marcando essa nova dinâmica de produção da indústria da economia mundial. E quando a gente vê essas prioridades, nós podemos observar o potencial de crescimento dessa produção mundial, numa China que está aumentando seu consumo interno.

Vejam vocês, até há alguns anos, a China promovia um decrescimento demográfico ao limitar apenas um filho por família, tem um conjunto

de políticas públicas que desincentivavam o segundo filho por família. Desde a crise de 2008, eles flexibilizaram e não só flexibilizaram, mas hoje em dia, estão promovendo o crescimento demográfico, estão promovendo que as famílias tenham mais de um filho. O objetivo: não só o crescimento demográfico em si, mas, sobretudo, o crescimento do mercado interno, porque em 2008, a China foi muito afetada pela crise mundial, teve uma perda de 20 milhões de empregos. E eles apostaram, a partir desse momento, no crescimento do mercado interno, como uma medida de ser menos vulnerável às crises da economia mundial. Então você tem um crescente mercado interno na China, que além do mais, no último congresso do Partido Comunista chinês, se eu não estou errada, em final de 2017, o partido, o que se converteu imediatamente em uma política de estado, decidiu que, para 2020, a China ia acabar com a miséria e a pobreza no país. De fato, eles já anunciaram que acabaram com a miséria. Na China não tem mais miséria, nem urbana nem rural, e eles estão próximos de zerar as taxas de pobreza.

Isso significa uma ampliação da capacidade de consumo de uma população que não é pequena, é a maior concentração de população do mundo junto com a Índia, de 1 bilhão e 400 milhões de pessoas. Então, quando a gente se pergunta, quando essa nova rota da seda esteja em pleno desenvolvimento, em plena fase de expansão, atendendo ao crescente mercado interno chinês, o crescente mercado asiático, indiano e africano, de onde virão os minerais estratégicos, os recursos naturais indispensáveis para o desenvolvimento dessas 7 linhas de produção, dessas 7 linhas estratégicas?

Se você faz um mapa da distribuição de minerais estratégicos e reservas de recursos naturais a nível global, você vai ver que a nossa região América Latina e, principalmente, a América do Sul, é fonte



Figura 3
Prioridades da atual rota da seda

dos principais minerais estratégicos que essa nova rota da seda vai precisar para se desenvolver. Nós temos as principais reservas de lítio, que é um insumo fundamental para a produção de baterias recarregáveis desses dispositivos eletrônicos portáteis que constituem uma das 7 prioridades de cooperação econômica e de produção. Nós temos as principais reservas mundiais de cobre, entre Chile e o Peru temos mais de 40% das reservas mundiais de cobre. Temos a principal reserva de petróleo do planeta, a nível de país, que é a Venezuela, com 19% das reservas mundiais. Temos as principais reservas de água doce do mundo, 28, 29% das reservas de água doce do mundo estão no nosso continente sul-americano, nos grandes aquíferos, as reservas de água subterrânea e água superficial. Vivemos num mundo em que cada vez mais se aposta na transição energética, de energia produzida a partir de petróleo, gás e carvão, para energia produzida a partir de fontes renováveis, como água, sol, vento, energia hidroelétrica, a energia solar, energia geotérmica. Então, a grande concentração de recursos hídricos no nosso continente nos converte num centro de disputa, não apenas pelo próprio valor da água doce como fonte de vida, mas também como fonte de energia primária para a principal energia renovável, nesse momento, a nível da produção energética mundial.

Estamos em um momento em que as estruturas de poder mundial estão mudando, que a hegemonia está se deslocando do ocidente para o oriente. E tem na China, um país central, a China está conduzindo esse processo. Portanto é um momento de transição que gera algumas oportunidades para nossa região de estabelecer uma relação, como os chineses chamam, de igual a igual, de benefício compartilhado, etc. A nossa região está desaproveitando totalmente essa oportunidade, porque nós estamos reproduzindo a nossa relação de dependência e de subordinação, a mesma que a gente teve com os centros das colônias,

com a Inglaterra, posteriormente, com os Estados Unidos. Estamos repetindo o mesmo padrão de inserção dependente subordinada com a China.

Vejam o que a gente está fazendo em relação à China. Esse gráfico ao lado mostra a composição das exportações da América Latina para a China, segundo o componente tecnológico, quer dizer, segundo o valor agregado ou o nível de industrialização. Essas barras azuis são os produtos primários, matérias-primas sem valor agregado. Se em 1995, 37, 38% do total das exportações da América Latina para a China eram matérias-primas sem valor agregado, em 2008, mais de 65% são matérias-primas sem valor agregado.

Vejam, exatamente no momento em que a China emerge como grande demandante de matérias-primas na economia mundial – e que nós poderíamos, a partir dessa disputa hegemônica entre China e Estados Unidos, criar condições, ou melhorar as condições de negociação da região com a China – nós estamos fazendo, exatamente, o contrário, estamos reprimarizando as nossas exportações, que cada vez mais tem um conteúdo de matérias-primas sem valor agregado.

Isso é o que o Brasil está fazendo em plena pandemia. Vejam vocês, essa figura abaixo é a comparação das exportações brasileiras para a Ásia do primeiro trimestre de 2019, em relação ao primeiro trimestre de 2020. Surpreendentemente,

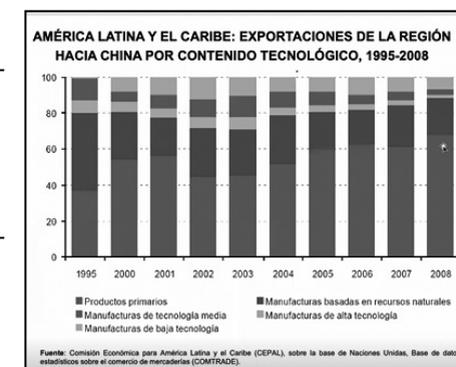
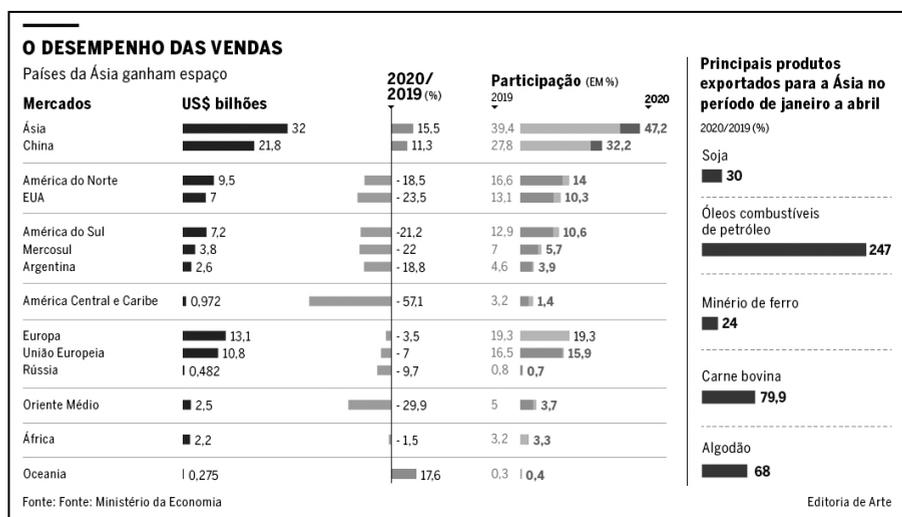


Gráfico 7

no momento em que a economia do mundo para, as cidades param, tudo fica afetado pela pandemia. O Brasil aumentou 30% as suas exportações de soja para a Ásia. E quando falo Ásia, principalmente da China, 247%; os óleos combustíveis de petróleo tiveram um aumento de 247%, quer dizer, mais de duas vezes e meia o que se exportava no mesmo período do ano passado, 24% a mais de minério de ferro, 80% a mais de proteína, sobretudo, carne bovina, e 68% a mais de algodão.

Gráfico 8
Exportações do Brasil para Ásia, 2019/2020



Quer dizer, num momento de crise, o Brasil tem aprofundado ainda mais a sua condição de exportador de matéria-prima sem nenhum valor agregado. E nós sabemos que esse modelo econômico reproduz e amplia a pobreza e a miséria em nossos países. Onde há grandes projetos de mineração, há devastação ambiental, há inclusive devastação ambiental com consequências sociais muito fortes, porque quando você contamina os territórios, quando você queima a Amazônia, a floresta amazônica, quando você contamina os recursos hídricos, você está retirando a possibilidade de reprodução da vida das comunidades

que moram exatamente nessas regiões de grande riqueza de recursos naturais, minerais, não minerais, etc., que são geralmente populações camponesas e indígenas.

São aquelas que são expulsas desses territórios para ir engrossar os cordões de miséria e pobreza das cidades. No caso dos países andinos, um país como o meu, o Peru, por exemplo, isso é um processo muito violento, um processo de expulsão dessas comunidades dos seus territórios tradicionais que não são, como dizíamos no começo, não são apenas fontes de produção agrícola, são instrumentos econômicos. Mas, sobretudo, são espaços onde as comunidades podem conviver, reproduzir a memória histórica, a memória coletiva. Quer dizer, esses povos têm um sentimento de pertença a essas terras, que definem sua identidade. Então, você está retirando condições de reprodução econômica e da vida, e condições de reprodução da própria memória e da própria identidade dessas populações. Eu acho que esses são fenômenos extremamente violentos que não têm nada a ver com o desenvolvimento, não têm nada a ver com o crescimento econômico. Pelo contrário, eles indicam um processo de sucateamento das condições de reprodução da vida, e de empobrecimento, e de destruição da vida humana e da natureza.

Então, eu acho que o que nós estamos fazendo é reproduzir esse modelo em escala ampliada. E se a gente continua essa inserção de dependente, especialmente com a China, como a gente fez com as outras potências hegemônicas no passado, nós vamos ampliar ainda mais esse processo. Penso, então, que essas são questões que a gente tem que pensar com seriedade, desde uma perspectiva de defesa de soberania, soberania nacional, soberania dos povos, soberania desse ponto de vista continental, e construir o direito de pensar o nosso futuro com essa visão de autodeterminação.

Eu acho que essa é uma questão fundamental, e essa é uma questão que será objeto de grandes disputas. Assim que a gente começar a pensar a retomada da economia, assim que a gente começar a pensar esse processo pós-pandemia, vão surgir novamente essas contradições de projetos de desenvolvimento e de visões de mundo. Então, nós temos grandes desafios pela frente, nós temos uma situação extremamente complexa, mas nós temos potencialidades que nos poderiam fortalecer e que, nesse momento, não estão sendo aproveitadas. Cabe, portanto, ao campo da esquerda, e dos setores progressistas, e dos setores populares, colocarem uma nova agenda política nos nossos países, na nossa região. Uma agenda política realmente comprometida com a defesa da vida e com a possibilidade de pensar os nossos futuros e o nosso desenvolvimento desde os interesses dos povos, e não desde os interesses financeiros ou das grandes empresas transnacionais.

Elias Jabbour

A minha primeira publicação sobre a China foi em 1996, o que daria 24 anos de atividade quase ininterrupta voltada a um objeto de pesquisa que, na verdade, não é a China em si, meu objeto de pesquisa é o socialismo. Marx e Engels deixavam muito claro que o socialismo era uma ciência e deveria ser tratado como tal. E a grande questão que eu tento responder na minha vida intelectual, na minha atividade intelectual, é se o socialismo é um projeto de sociedade com alguma plausibilidade no sentido econômico. No campo das emoções, no campo das ideias, no campo da vontade, no campo da sociabilidade, ou seja, nós tratamos muito o socialismo nesses campos, muito mais

como mecanismos de defesa em relação ao mundo cada vez mais mercantilizado, individualizado, fetichizado pela mercadoria, do que do ponto de vista das possibilidades reais de construção do socialismo.

Existe uma lacuna intelectual a ser preenchida nesse tema. Se eu fosse resumir a minha militância política seria nesse campo, no campo do debate das ideias sobre a plausibilidade do socialismo. Do ponto de vista político, eu sou militante do PCdoB, do Partido Comunista do Brasil, desde 1991. Eu me filiei ao Partido Comunista do Brasil quando eu fiz 16 anos de idade, em 1991. Então, eu já entreguei a minha idade aqui, tenho 44 anos, vou fazer 45 agora em dezembro¹, e eu sou do comitê central do PCdoB, ou seja, da direção nacional do PCdoB, desde 2013. Já fazem 7 anos que eu fui eleito nos últimos dois congressos do PCdoB. Eu fui eleito, alçado ao comitê central dessa organização, onde eu trabalho, basicamente, também nessa área de formação e nesse tema de fronteira que é o socialismo.

Nós encaramos no PCdoB essa temática da China, essa temática do socialismo, como tema de fronteira, ou seja, um tema que tem um campo a ser desbravado. Existe um travamento teórico em torno disso. Muito se fala em socialismo, mas pouco se define o que é socialismo, pouco se cientificiza sobre esse conceito, sobre essa teoria, sobre esse corpo de análise que se sintetiza sobre o conceito do socialismo. Tanto é que socialismo, hoje, é um tema que qualquer um usa, desde gente de direita até esquerda fala em socialismo das mais diversas formas. Enfim, a minha preocupação é exatamente essa: é dar um caráter científico para uma proposta de sociedade que todos nós carregamos nos nossos ombros e nas nossas militâncias. Eu vou tentar apresentar de forma bem tranquila, de forma que todos compreendam bem.

¹ Palestra proferida em 24 de novembro de 2020.

Eu lanço aqui algumas anotações sobre socialismo de mercado e a nova economia do projetamento, que são duas linhas de pesquisas que eu trabalho, que são entrelaçadas e que, no decorrer da minha apresentação, vai ficar claro do que isso se trata.

Na verdade, é um trabalho intelectual que não tem sido fácil para mim levar isso adiante. Há outras pessoas que também trabalham comigo nesse projeto, que têm colaborado bastante, enfim. Vou explicar para vocês, durante a minha apresentação, do que se trata essa questão do socialismo de mercado e da nova economia do projetamento.

Eu parto de um pressuposto quando eu falo de nova economia do projetamento, ou socialismo de mercado. A China atingiu um patamar de crescimento econômico, um nível de desenvolvimento tal que, sob o meu ponto de vista, a capacidade de interpretação teórica daquele fenômeno, que é o fenômeno chinês, pode ter chegado ao limite.

Ou seja, as teorias, elas surgem, muitas vezes, como reflexo também do nível de desenvolvimento das forças produtivas. Então, existem as teorias sobre o desenvolvimento agrário, que abarcam a agricultura em seus diferentes pontos, níveis de desenvolvimento. A mesma coisa com a questão industrial, não é? E o mesmo se refere aos modos de produção. Então, o capitalismo cria as teorias correspondentes aos seus estágios de desenvolvimento. E o socialismo é um modo de produção que ainda demanda a criação de uma teoria para explicar sua prática, a sua prática corrente.

Uma coisa é a proposta dos clássicos do marxismo sobre o socialismo. Uma outra coisa é teorizar encima de uma história que está sendo escrita em algum lugar do mundo. E no caso da China, sob meu ponto de vista, é o lugar do mundo onde essa história está se escrevendo de forma mais original e mais desenvolvida. Então, a crise de 2008, todos aqui se lembram, ela pegou todo mundo de surpresa.

No caso da China, o que aconteceu foi a constatação, por parte daqueles que estudam a China, de que existia um estado poderosíssimo naquele país, ou seja, um setor estatal da economia muito poderoso, formado por várias empresas: 96 grandes conglomerados empresariais, um sistema financeiro também estatal, que hoje conta com cerca de 30 bancos de desenvolvimento. É como se a China tivesse 30 bancos com a proposta que o BNDES tem no Brasil. Então, a China não teria só um BNDES, a China tem cerca de 30 BNDESSs, ou seja, bancos voltados ao financiamento de longo prazo. E um corpo empresarial imenso cujo núcleo deles são 96 grandes conglomerados empresariais estatais.

Esse grande setor privado e setor estatal da economia, que fica muito claro para os olhos das pessoas no pós-crise de 2008, na minha cabeça passa a demonstrar que, a partir de 1978 até hoje, a China foi se transformando e foi se consolidando naquilo que eu chamaria de nova formação econômico-social. E essa nova formação econômico-social eu daria o nome de socialismo de mercado. A formação econômico-social é um conceito marxista para designar as totalidades, uma totalidade objetiva de dada sociedade, ou seja, os elementos mais gerais de uma sociedade. Por exemplo, existem as formações econômico-sociais de tipo capitalista. Então, os Estados Unidos é uma formação econômico-social de tipo capitalista. O Brasil também é uma formação econômico-social de tipo capitalista, só que de tipos e tipologias diferentes. Sob o ponto de vista particular, o socialismo também é uma nova formação econômico-social. E o caso da China – dentro do espectro dessas formações econômico-sociais, orientadas ao socialismo como Cuba, Coreia do Norte, Laos – conforma-se com a primeira experiência de uma nova classe de formações econômico-sociais, que é o socialismo de mercado.

Cuba também é uma formação econômico-social não capitalista, mas ela não faz parte dessa classe da qual a China faz parte, que é o socialismo de mercado. Cuba é um outro tipo de formação econômico-social, Cuba, Coreia do Norte. Outro país que caminha para ser uma continuação, mais um país que forma essa classe nova de formações econômico-sociais, além da China e do Vietnã, que é o Laos, e que também tem uma economia que se desenvolve com formas históricas semelhantes as da China e do Vietnã.

Outro ponto que para mim deixa um tanto quanto claro que a capacidade teórica de se compreender a China chegou a um limite foi o contínuo progresso técnico que emana nos grandes conglomerados empresariais estatais. Aqui, a ideia dessas palestras do MPA é falar de estratégia, ou seja, a estratégia brasileira, né? E essa questão de estratégia passa, basicamente, pelo papel que as empresas, que as grandes empresas têm no país, sejam estatais, ou privadas. Ou seja, as grandes empresas são um elemento fundamental de uma estratégia nacional. Na China, quem cumpre esse papel são esses grandes conglomerados empresariais estatais.

Eu passo a perceber, há algum tempo, que esses conglomerados empresariais estatais alcançaram um nível tal de desenvolvimento técnico, ou seja, de lá, sai 5G, sai a inteligência artificial, sai o *Big Data*. Essas novas plataformas que surgem por ali, no mundo real, ao se aplicar ao mundo real, ao absorver a economia real, elevam a capacidade de planificação econômica a patamares superiores.

Um outro elemento de estratégia a ser estudado pelos movimentos de esquerda, no Brasil, é o papel do planejamento. Qual é a importância que daremos à planificação econômica com um projeto popular no Brasil? E eu acredito que a China, nesse aspecto, ela nos traz muitas lições. A China é uma formação econômico-social cuja característica fundamental é um estado com uma capacidade de planejar cada vez

maior. E não somente capacidade de planejar, mas de executar grandes empreendimentos ao mesmo tempo. Ou seja, eles têm um braço financeiro muito poderoso, e um braço estatal no setor produtivo muito poderoso. Aqui, imaginem vocês, um país com 96 empresas do porte da Petrobrás, por exemplo, com o princípio da Petrobrás, ou seja, empresas que cumprem papel de estado, cumprem papel de executar estratégias de estado. A China tem 96 empresas com essa característica. Empresas públicas, empresas voltadas a executar tarefas de estado, vamos dizer assim.

Juntando esses elementos todos que eu estou colocando aqui, sendo bem telegráfico, eu acredito que a China alcança um outro patamar de desenvolvimento. E é justamente esse patamar de desenvolvimento que as teorias correntes são incapazes de explicar. E esse novo patamar de desenvolvimento que a China alcança eu nomeei de nova economia de projetamento. A meu ver, é o grau mais avançado de desenvolvimento, a engenharia social, vamos dizer assim, mais avançada que existe no mundo hoje. É o que há de mais avançado dentro daquele modo de produção socialista, anexado àquela formação econômico-social, ou seja, o que há de mais avançado naquela formação chinesa é essa nova economia de projetamento.

Essa questão da China, a natureza do fenômeno chinês... existe um senso comum que fala que a China é um país capitalista. Ou seja, isso acontece desde a direita até a esquerda, um senso comum de que a China é um país capitalista e não existe nem discussão sobre isso. O debate é um tanto quanto travado. Quem pensa diferente como eu, por exemplo, não tem tanto espaço para falar o contrário. É capitalismo e acabou. Isso inclusive no nosso campo político.

Do meu ponto de vista, eu acredito, como disse aqui, que em 1978, a China inaugurou uma nova classe de formações econômico-sociais. Uma característica dessa nova classe de formações econômico-sociais é

que a China, em 1978, cria instituições que levam o país a se reencontrar com as suas raízes mercantis. A economia de mercado na China, a economia de troca na China, tem 3600 anos. O que acontece que ao se criar instituições que levaram a China a se reencontrar com as suas raízes mercantis, aquela pequena produção camponesa voltada ao mercado, por exemplo, levou a China a um ciclo que dura até hoje de crescimento mercantil virtuoso.

E não somente isso, eu polemicamente falo que esse reencontro da China com as suas raízes mercantis levou o socialismo chinês a se reinventar, a partir dessas instituições. Daí essa questão, esse conceito de socialismo de mercado. É porque através do mercado que o socialismo acabou se reencontrando e se reinventando, na China, a partir de 1978. Eu quero deixar bem claro com vocês que a minha visão de socialismo é uma visão muito aberta. Eu não tenho uma visão fechada, eu acho que o socialismo ainda é uma forma histórica, é algo a ser construído historicamente. Então, não cabe muito o que deve ser, o que será. Eu acho que é algo que está sendo construído historicamente. O dever de todos aqueles que estudam as possibilidades do socialismo é acompanhar o desenvolvimento dessa experiência, no caso da China.

E também esse reencontro com as raízes mercantis, o crescimento mercantil virtuoso, levando o socialismo à sua autoinvenção, leva, vamos dizer assim, àquilo que os chineses chamam de socialismo com características chinesas. São as características mercantis, o reencontro com o passado milenar mercantil, com instituições milenares; um mix de marxismo com confucionismo e taoísmo, ou seja, o pensamento nacional chinês. Todo esse mix que se fala quando o assunto é a China é a base que leva os chineses a se autoatribuir como socialismo com características próprias. No caso, socialismo com características chinesas.

Vejam vocês, todo esse caldo de cultura que nós acumulamos e que os movimentos populares acabam sendo protetores desse caldo cultural brasileiro, vai ser parte da construção do socialismo no Brasil, com certeza. E será algo que vai dar cor ao nosso socialismo. Sobre essa nova formação econômico-social, eu trabalho com a possibilidade, com a ideia, de que esse processo de desenvolvimento que vai dando contorno a essa nova formação econômico-social é mediado por ondas de inovações institucionais. O que quer dizer isso? Por exemplo, o estado vê um problema, no caso brasileiro, por exemplo, um problema sério de abastecimento alimentar, então, o governo vai lançar uma onda de inovações institucionais para poder levar a quê? Levar a uma superação desse problema de abastecimento alimentar. Isso pode ser tanto pelas vias de uma reforma agrária – isso é inovação institucional – quanto pelas vias do estado como comprador de primeira instância dos produtos da agricultura familiar, por exemplo. Ou seja, é uma inovação institucional.

As inovações institucionais são meios pelos quais o estado vai criando e recriando. Falando em termos marxistas, o estado vai harmonizando as relações de produção, como as forças produtivas postas na sociedade. Esse é o papel das inovações institucionais, que é o de adequar as forças produtivas e as relações de produção ao nível comum de ambos. Então, por exemplo, a primeira onda de inovações institucionais [na China] é uma grande reforma agrária, em 1978, ou seja, é o que eu chamaria de segunda reforma agrária. Houve uma primeira, em 1949, e uma segunda, em 1978, e uma terceira, em 2013. A segunda é marcada, por exemplo, pelo surgimento, a partir da agricultura, de empresas não capitalistas orientadas ao mercado. Essas empresas não capitalistas, eu enquadraria aqui, também, milhares de pequenos camponeses. Cada unidade familiar seria uma empresa

não capitalista. O fato de não ser capitalista, por exemplo, não quer dizer que ela não seja orientada ao mercado. Eu posso me orientar ao mercado sem ser capitalista.

Na China, surge uma gama de empresas não capitalistas orientadas ao mercado. Essas empresas vão desde essas pequenas unidades familiares até grandes empresas coletivas no interior do país. Essa é uma onda de inovação institucional, que é interessante, e dentro dessa onda de inovação institucional surgem as ondas econômicas especiais no começo da década de 1980.

Uma outra onda de inovações institucionais surge, em 1994, com as reformas fiscais de 1994, que foram uma série de medidas que aconteceram a partir daquele ano. Uma delas, duas delas, que eu acho importante colocar aqui, primeiro, foi o processo de transformação daquelas grandes empresas de tipo soviéticas. São milhares de empresas de tipo soviético transformadas em empresas corporatizadas. Ou seja, são um processo de fusões e aquisições, levou ao surgimento, à época, de 199 conglomerados empresariais estatais. Uma outra parte é privatizada – que inclusive está mais para o surgimento de um setor capitalista no país – e uma outra parte faliu, literalmente faliu.

Surgiram esses 199 conglomerados empresariais estatais, que hoje são 96, reduziu-se desde então a 96. Ou seja, houve uma reforma profunda no setor empresarial da economia chinesa. E a principal característica dessa reforma foi orientar os conglomerados empresariais a agir dentro das leis de mercado, ou seja, são empresas estatais, são parte do pilar fundamental de um estado que se diz socialista. Mas em um mundo que é marcado por relações capitalistas de produção e de troca, essas empresas têm que se adaptar a esse mundo. Então elas passaram a ser orientadas ao mercado, e geradoras de valor. Quando eu falo geradoras de valor, eu estou falando de empresas que são voltadas à geração de valor, ou seja, de lucro, inclusive.

Uma outra onda de inovação institucional traz para os chineses o surgimento de uma instituição, que é a SASAC², uma instituição que é colada ao conselho de estado. O papel dela é regular essas empresas estatais corporatizadas e cuidar dos interesses do estado nessas empresas. Ou seja, a SASAC passou a ser, a ter um papel modernizador; primeiro, desburocratizador na relação entre empresas e estado, ou seja, ela substituiu 9 ministérios que compunham, que mediavam a relação entre empresas e estado, e ela coloca metas a essas empresas estatais para que elas se transformem cada vez mais orientadas ao mercado, mais competitivas e mais globais. Eu costumo dizer também que essa instituição, a SASAC, ela é a *manager* de mercado, é a gerente. Ou seja, é aquela grande instituição que dá um contorno quase que definitivo a esse tal de socialismo de mercado.

Sobre essa questão da economia do projetamento, eu gosto muito de dizer que não é uma invenção minha, não estou trazendo aqui nenhuma novidade para ninguém sobre isso. O que eu faço é perceber que a China havia alcançado um estágio de desenvolvimento que as teorias que estavam à disposição, não explicavam, em sua plenitude, aquele processo. Vou buscar em um autor brasileiro, em um livro escrito em 1959, algumas indicações ou leis gerais que me levaram, vamos dizer assim, a encontrar uma explicação mais plausível para o processo que estava ocorrendo na China.

O Rangel, que é um autor brasileiro que poucos conhecem, ele escreveu um livro, em 1959, chamado “Elementos de Economia do Projetamento. É um livro muito difícil, um livro de microeconomia, escrito para engenheiros. Eu, por exemplo, só fui começar a entender o que o Rangel estava querendo dizer nesse livro na minha oitava ou

² *State-owned Assets Supervision and Administration Commission of the State Council (SASAC)*, conforme sigla em Inglês. Comissão de Supervisão e Administração de Ativos Estatais do Conselho de Estado, em português.

nona leitura. Ou seja, não é uma leitura tranquila, quem for ler esse livro leia uma vez, duas vezes, três vezes, quatro vezes... eu estou na nona vez e toda vez que eu leio aparece uma coisa nova, algum elemento novo de análise.

Aqui, eu trago uma citação de uma figura que, inclusive, tem me orientado muito nesses estudos sobre economia do projetamento, que diz o seguinte: *“a leitura do conteúdo do livro do Rangel revela o objetivo do autor, construído a partir do acervo da ciência econômica, com todas as suas escolas e distintas abordagens, uma teoria econômica da economia do projetamento. Entendida essa como a economia que o processo histórico estava desenhando no século XX, a partir do capital financeiro, do keynesianismo e da planificação soviética”*. O que existe em comum nessa citação e que eu queria trazer para vocês é que o keynesianismo e a planificação soviética são duas faces da mesma moeda. São duas faces por que? Porque uma é sinônimo de capitalismo e a outra de socialismo. Só que é a mesma moeda no sentido de que são duas formas de gerir uma economia em que o ser humano acaba tendo, vamos dizer assim, o domínio sobre o processo objetivo.

Então, no caso aqui, o sistema financeiro é voltado para fins produtivos, a especulação financeira é regulamentada, ou seja, era possível haver a regulamentação financeira. Constrói-se um estado de bem-estar social na Europa. No lado soviético, a centralização dos meios de produção possibilita que o estado soviético seja capaz de empreender grandes projetos. Eu estou querendo dizer com isso que existem pontos de encontro entre o que ocorria na Europa Ocidental, na década de 1950, que é o processo de reconstrução europeia, com o que ocorria na União Soviética. Eu tenho certeza que o Rangel escreveu esse livro querendo compreender como os soviéticos alcançaram a proeza de lançar o primeiro ser vivo ao espaço, o projeto *Sputnik*. E ele,

o Rangel, ao ler, ao compreender esse processo que estava ocorrendo na União Soviética com mais objetividade que na Europa Ocidental, ele chega a uma nova abordagem econômica que, sob meu ponto de vista, pode se formar até um novo modo de produção. Então, ele cria uma teoria do projetamento, ele cria uma teoria de uma economia de projetamento, que basicamente é uma economia cuja mediação se dá pela via da execução de grandes projetos.

O Rangel coloca no livro dele as categorias fundamentais do projetamento. Eu vou explicar isso direitinho para vocês. São duas categorias fundamentais que ele coloca, custo e benefício. Até aí, isso aqui é uma operação contábil, isso aqui não tem nenhuma novidade também. Qualquer projetista, engenheiro de projeto, economista de projeto, vai partir desses dois pontos de abstração. Agora, relendo e relendo o que ele escreve, notamos também que ele tinha um problema, o Rangel escrevia para ele, não para os outros. Então, é um problema de pessoas que escrevem para eles, e o Rangel tinha esse problema. De uma frase despretensiosa dele eu retiro muitas consequências, *“aqui, toda a teoria do projetamento não passa, em última instância, de um esforço para precisar esses dois termos, custo e benefício, para com eles construirmos uma razão”*. Aqui, razão está em negrito porque eu conheço Aristóteles um pouco, e eu tenho certeza que o Rangel também leu Aristóteles. Mais adiante eu vou explicar o porquê desse negócio aqui. Essa frase está solta no livro do Rangel, só que eu puxo essa frase e dela extraio muitas consequências. Então, *“razão”* não está aqui em negrito à toa, inclusive, se vocês forem perguntar para mim o que é socialismo, hoje, eu vou relacionar socialismo com isso aqui: com razão.

“A missão do projetamento econômico consiste em encontrar a denominação comum para os dois termos da razão benefício/custo sob o ponto de vista econômico”. Até aqui, também não tem nenhu-

ma novidade, nada que não seja de fácil compreensão. Agora, essa linha do livro dele, para vocês terem uma ideia da forma como eu li esse livro, ele traz uma definição de riqueza, “*riqueza é a qualidade que têm certas coisas de serem úteis à sociedade humana*”. Eu tive certeza que ele leu Aristóteles, porque esse conceito de utilidade é de Aristóteles, ou seja, essa definição de riqueza é aristotélica. E é isso que, em certa medida, sob o ponto de vista particular, que pode vir a ser socialismo. É a transformação da riqueza na qualidade que têm certas coisas de serem úteis à sociedade humana. Ou seja, é uma palavra que está solta no livro dele e que eu acho fundamental. Eu sempre desconfio de pessoas que falam que leem um livro por semana, um livro por mês, eu acho que ninguém lê um livro por semana e um livro por mês, sabe. Eu acho que, para ler um livro, de verdade, demora anos. Até hoje eu leio esse livro do Rangel. Aqui tem uma discussão que é um tanto quanto filosófica.

Existe uma confusão, para quem não está familiarizado com o debate na economia, no que se refere à utilidade, pois existe um conceito na economia neoclássica, que é o da utilidade marginal. Quando eu falo neoclássico, imaginem um economista liberal ou neoliberal como ele raciocina: ele raciocina no sentido de maximizar a chamada utilidade marginal, ou seja, quer o lucro. Já a utilidade, como o Rangel coloca, é outra coisa muito distinta. Para Rangel, utilidade seria a métrica pela qual uma economia de projetamento altamente desenvolvida seria usada como referência. E uma sociedade como a que nós vivemos no capitalismo, a métrica é o valor. Uma economia de projetamento é diferente de uma economia capitalista. Ainda que a economia capitalista e a socialista de mercado sejam baseadas na geração de valor, a transição para uma economia de nível superior passa de uma economia referenciada na geração de valor para uma

economia referenciada na geração de utilidade, utilidade vista como riqueza. Vamos voltar aqui: riqueza como a qualidade que têm certas coisas de serem úteis à sociedade humana.

Eu vejo a economia do projetamento como uma economia em que existe um processo de maxirracionalização da produção. Isso significa que a razão acaba se transformando no elemento que conduz a economia e a construção econômica. Ou seja, o contrário de uma economia capitalista, que é governada, muitas vezes, pela anarquia da produção. Uma economia de projetamento é o oposto nesse aspecto. Acho que a China está demonstrando isso, é uma sociedade completamente guiada pela ciência. E a questão é que a mudança em uma economia desse tipo, de projetamento... existem convites à mudança, e os convites à mudança ocorrem a partir dos efeitos globais específicos que o projeto tem sobre a economia, por exemplo, vamos fazer uma barragem. Existe um movimento dos afetados por barragens. A construção de uma usina hidrelétrica vai trazer problemas, vai trazer contradições, como todos aqui sabemos. E essas contradições são efeitos globais específicos do projeto, e isso enseja o que eu chamaria de convite à mudança. Esse convite à mudança ocorre pela via da tecnologia. Novos aportes tecnológicos demandam novas racionalidades do processo e a solução de novos problemas anexos à questão tecnológica e também à luta de classes.

A luta de classes aponta um convite à mudança. Você constrói uma usina hidrelétrica, você vai desalojar várias pessoas, e isso é gasolina na fogueira da luta de classes, é parte da luta de classes. Então, essa questão levantada por esse problema acaba sendo o motor do processo de desenvolvimento, porque eu trabalho também com a hipótese de que não existe ponto de equilíbrio em economia. A economia é algo que está saltando o tempo inteiro de um ponto de desequilíbrio a ou-

tro. Não existe uma zona de conforto. Na minha visão de economia, não existe o equilíbrio.

Então, um projeto chega ao planejamento, ou seja, o projeto media a relação entre o concreto e o planejamento, no sentido filosófico da palavra, via saltos de um desequilíbrio a outro, até o momento em que a tecnologia se transforma em instrumento fundamental à tração que a razão pode exercer sobre o processo produtivo.

Eu vou dar um exemplo disso que eu estou colocando aqui para vocês, para sair da questão teórica. A China tem um problema muito sério de trabalhadores de carvão, que descem naquelas minas de carvão, retiram carvão e voltam. Isso dá um problema de saúde pública, condições trabalhistas horrorosas, tudo isso que vocês sabem que envolve a extração de carvão. Os chineses, a partir da utilização da plataforma 5G, que é a chamada tecnologia, e da inteligência artificial, estão implantando formas alternativas de extração de carvão. Nesse caso, nessas experiências que estão sendo feitas na China, o que está acontecendo? O cara que descia até o fundo do negócio, lá no buraco e subia, ele fica em casa e ele passa a operar uma máquina que faz o serviço que ele faria. A máquina passa a operar o que ele fazia manualmente lá em baixo. Ou seja, a tecnologia transformou-se em um instrumento fundamental à tração que a razão pode exercer sobre o processo produtivo.

Há uma outra questão que eu trago, e que também tem a ver com a nossa estratégia. Nós socialistas, comunistas, ou que pensamos uma estratégia de caráter socializante, nós temos que trabalhar com uma noção de uma economia que deve superar o desemprego enquanto circunstância. Inácio Rangel deixava muito claro que o desemprego era uma circunstância circunscrita ao capitalismo, e que o socialismo deveria ser o projeto de sociedade a superar esse estado de coisas.

Então, o projetista, ao decidir entre duas técnicas, vejam bem, projetista é aquela figura que está lá sentada, estudando os projetos, estudando a aplicação de projetos, executando projetos, elaborando projetos; é economista, engenheiro, geógrafo, é cientista social, ou seja, uma gama de profissionais voltada à elaboração e execução de projetos. Vamos lá, “*o projetista, ao decidir entre duas técnicas, deve sentir-se agente da sociedade, o que exige que nada aceite sem exame*”. Isso aqui não é qualquer citação pessoal, isso aqui, para mim, é fundamental. “*Sua ação deve ser orientada por um plano mestre geral, e esse plano será diferente, segundo haja ou não desemprego*”. Olha o tom aqui, “*a ele deve subordinar-se toda sua ação, como tático do desenvolvimento que é*”. O projetista é um tático, ou seja, ele é o cara da tática do planejamento. “*Se há desemprego, deve trabalhar para induzir o emprego pleno. Alcançando este, deve buscar a gradual retirada do trabalho entre fatores de produção*”. Ou seja, o poder que a razão tem sobre o processo de produção deve ser colocado à disposição para gerir uma sociedade que supere o desemprego enquanto circunstância.

Para mim, é uma visão revolucionária, do ponto de vista da ciência econômica. E é isso aqui, em certa medida, o que a China está fazendo hoje. Agora, saindo da velha economia de projetamento rangeliana para a nova economia do projetamento.

Eu coloco três níveis fundamentais de análise, o primeiro nível, sobre a nova economia de projetamento, essa antiga que o Rangel viu que tinha acabado, quando acabou a União Soviética e a financeirização passou a ser o elemento dominante de acumulação no mundo, as economias de projetamento quebraram, deixaram de existir. E também os Estados Unidos, ao se transformarem em Keynesianismo militarizado, também suplantaram a ideia de economia do projetamento.

É aí que eu percebo que isso ressurgiu na China com força, quando eu fui analisar o pós-crise de 2008. E eu sugiro 3 níveis fundamentais de análise, a formação dos grandes conglomerados empresariais estatais sob controle da SASAC, isso é um marco fundamental de análise. A evolução das políticas industriais chinesas desde o décimo plano quinquenal, 2001 a 2005, e a planificação e as diferentes faces históricas da China. Então, são 3 marcos fundamentais de análise.

A nova economia do projetamento é resposta a desequilíbrios. Então, quais são os desequilíbrios e os desafios que levaram a China a empreender esse novo nível de desenvolvimento, esse novo patamar de desenvolvimento. Primeiro, essa relação de estagnação secular, ou seja, o mundo capitalista, não cresce mais. Há muito tempo, a financeirização esgotou as possibilidades de crescimento econômico do capitalismo, ou seja, a geração de emprego, a distribuição de renda. E a China é o oposto, o desafio chinês é continuar crescendo absurdamente. O outro ponto que tem a ver com os planos quinquenais, pós 2001, tem a ver com os novos paradigmas tecnológicos que surgiram na China, que é o 5G, *Big Data* e a inteligência artificial. Isso é a alma da economia de projetamento, porque é isso que possibilita que a razão seja o elemento fundamental para gerir uma sociedade como aquela, e também a luta pela fronteira tecnológica. Então, são dois elementos que estão interligados nos planos quinquenais pós 2001. Por que? Porque a partir de 2001 percebe-se que um crescimento chinês pautado por uma complementariedade tecnológica com o Japão e os Estados Unidos tinha chegado no limite.

Então, desde 2001, a China tem políticas mais proativas em matéria de desenvolvimento industrial, ou seja, surgem as marcas próprias da China, surgem essas tecnologias. Essas novas plataformas são resultado dessa nova abordagem, matéria de desenvolvimento a partir

de 2001. E também a exaustão de uma dinâmica de desenvolvimento com altos custos sociais ambientais.

Todos sabem que a China é um país que polui absurdamente. É o segundo maior poluidor do mundo, e isso coloca um desafio ambiental ao governo chinês. E também é um país que cresceu gerando muita desigualdade social. Aliás, falando nisso, ontem, uma notícia que saiu nos jornais Chineses, foi declarado o fim da pobreza extrema na China. Eu acho que é a maior notícia dos últimos 20 anos no mundo sobre... Aqui no Brasil, ninguém irá falar nisso, mas é a notícia mais auspiciosa dada que o mundo pode ter nos últimos 20 anos, que foi o país – com 1,4 bilhões de habitantes – a encerrar a pobreza extrema, dar um fim a isso. Mas é um país muito desigual, ou seja, também é um país que, para enfrentar essa desigualdade e superar essa desigualdade, demanda novas formas de organização de produção, ou essa questão que eu coloco da razão, o papel da razão sobre o processo de produção, enfim, são os desafios.

Eu já coloquei aqui, em certa medida, a corporatização dos grandes conglomerados empresariais estatais, que colocaram na linha de frente do progresso técnico a gestão de novas e superiores formas de planificação, perceptíveis pela incorporação do progresso técnico da economia real. Ou seja, a incorporação do 5G e a inteligência artificial, para melhorar a vida daquele cara que ficava doze horas por dia embaixo da terra tirando carvão de lá. Isso é planificar num nível superior, já que estamos falando de estratégia, se quisermos compreender o século XXI, temos que dominar a ciência da planificação econômica.

O grande desafio que eu acho para as esquerdas brasileiras, do ponto intelectual, é dominar a ciência da planificação econômica. Ou domina essa ciência, ou estamos fora do *game*, vamos ser movimentos de agitação, de propaganda, de contestação à ordem, do anti-bolso-

narismo, tudo isso. Mas se nós não tomarmos para nós certas tarefas intelectuais, nós não nos colocaremos à altura do desafio brasileiro. O segundo ponto que eu queria trazer aqui é que a China se transforma numa economia baseada cada vez mais em grandes projetos voltados à construção de valores de uso. Ou seja, é uma economia que ainda é altamente voltada à geração de valores de troca, só que ela vai transitando. E é nesse processo que surge a nova economia de projeto, uma economia cada vez mais voltada à construção de valores de uso, que é o estágio primário de uma economia baseada na utilidade. Ou seja, uma economia que substitui o valor enquanto métrica do processo de produção. Quando vai chegar esse ponto em que a utilidade vai superar totalmente o valor? Somente quando o socialismo alcançar um nível que jamais foi alcançado por nenhuma experiência passada ou presente. Ou seja, é muito tempo ainda, e eu não coloco uma data de vida para isso, não. Essas coisas não se datam, mas eu acho que 100, 200, 300 anos, eu acho que esse processo se completa.

Valores de uso eu coloco ferrovias de alta velocidade, estradas, toda essa infraestrutura médica que ficou muito clara durante a pandemia, que os Chineses conseguiram construir, ou seja, marcos institucionais que possibilitaram, que deram condições, para que o país fizesse esse salto. Tudo isso é capacidade de construir grandes valores de uso. Em palavra corrente, eu definiria a China, hoje, como uma economia baseada na construção de grandes bens públicos. Eu acho que esse é o nome mais palatável, menos rebuscado.

E aqui eu trago dois processos, um que é a chamada incerteza keynesiana. A incerteza keynesiana é um lucro do capitalismo, ou seja, é aquela sensação, aquela expectativa de um empresário privado, investir ou não. Isso acaba dando contorno e conteúdo ao capitalismo, tudo gira em torno da decisão do empresariado de investir ou não.

Se o empresário privado decide não investir, derruba o governo, é o caso da Dilma, isso é muito claro. Mesmo na Alemanha – um país que tem uma economia de baixa financeirização e onde o estado tem um papel muito grande na economia –, é o setor privado que decide se vai investir ou não. O estado pode fazer encomendas, pode fazer uma série de políticas keynesianas, evidentemente, para diminuir a incerteza, mas a incerteza continua, porque lá é o setor privado que vai decidir se vai investir ou não, e não o estado.

Na China, não. A China, ao construir um poderoso setor estatal da economia, retirando poder de decisão do investimento primário do setor privado, e também contando com o setor público muito poderoso na finança, a China começa a indicar a possibilidade da superação da certeza keynesiana. Em tese, do ponto de vista estratégico, é a superação do capitalismo. Então, a China está criando essa nova economia do projeto, que cria condições para a superação desse drama que nós vivemos no capitalismo, que é se o empresário vai investir ou não. Até porque o maior empresário da China é o estado.

O segundo processo que eu queria trazer, o Che Guevara, que é o processo de planificação do processo de destruição criativa. O que é esse processo? Esse processo é aquele processo em que uma economia vai tendendo, vamos dizer assim, a incorporar, a elevar a sua composição orgânica do capital, ou seja, a aumentar o volume de máquinas em vez de pessoas no processo de produção. A troca do trabalho vivo pelo trabalho morto, feito de forma não planejada e que gera uma massa de desempregados, o capitalismo, ele vai deixando para trás. Se o processo não tiver continuidade, isso pode ir ficando para trás.

O que acontece aqui? A China já cresceu 8%, passou a crescer 6,5%, uma queda de 1,5%. É muito crescimento ainda, mas deixou de crescer como antes. É um olhar intuitivo sobre a realidade econômica

chinesa vai demonstrar que a tendência é gerar desemprego estrutural, por quê? Porque a economia está com a composição orgânica do capital cada vez mais alta, inclusive na agricultura. A China está passando a transformar sua agricultura em agronegócio. Vamos dizer assim, a China caminha para esse momento da história da sua agricultura.

Mas o que acontece é que, apesar desse crescimento econômico ter caído, e a industrialização continuar sendo poupadora de mão de obra, o número de empregos urbanos gerados até aumentou. Ou seja, atualmente, está na casa de 13 milhões de empregos urbanos anuais gerados. Então, isso significa que, nos últimos 10 anos, a China incorporou mais de 150 milhões de pessoas nas cidades, e arrumou emprego para essas pessoas. É aí que entra o papel do projetista. O Che Guevara falava do novo homem sobre o socialismo, aquela coisa toda que a gente sabe. O argentino, ele é movido por sentimentos de amor, o Che Guevara era um argentino. Mas para mim, o novo homem que o Che Guevara está falando é, exatamente, esse projetista aqui. É a pessoa que trabalha o dia inteiro em um *think tank* (laboratório de ideias) chinês, em uma instituição pública. Atualmente, são 2 milhões de pessoas que são ocupadas em dar um jeito nesse processo. Vai ter a destruição, vai ter criação, mas não vai ser tão destrutivo assim.

Então, a China se caracteriza por uma massa de pessoas que pensam o tempo inteiro em como gerar 13 milhões de empregos urbanos por ano. Para mim, isso é revolucionário, no mínimo revolucionário. Se alguém perguntar para mim o que é um novo homem sobre o socialismo, e tal, eu acho que são esses projetistas chineses. Então, essa também é uma característica fundamental de uma economia do projetamento, que é a planificação do processo de destruição criativa.

Um exemplo da economia do projetamento são os processos de substituição de importações no setor ferroviário chinês. Nos últi-

mos anos, as empresas estatais passaram a ser os novos veículos que conduziam o país à fronteira tecnológica. É o caso proeminente do desenvolvimento de ferrovias de alta velocidade. A China começou a importar a fronteira tecnológica, ou seja, passou a importar cadeias produtivas de fronteira tecnológica nesse setor de ferrovias de alta velocidade, em 2004, com objetivos de construir trens de 200 quilômetros por hora, no primeiro estágio, e 250 quilômetros por hora, em 2009, no segundo estágio. Esses objetivos não foram somente alcançados, mas as empresas chinesas não somente assimilaram totalmente essa tecnologia importada, como também as melhoraram. Eu lembro que, em 2004, eu fui à China e não tinha um trem de alta velocidade, eu fui a Xangai num trem de 14 horas. Hoje, essa viagem é feita em 4 horas, algo assim. Em 2010, um pequeno número de ferrovias foi posto em operação com velocidades alcançando entre 250 e 350 quilômetros por hora. Em 2011, toda uma cadeia produtiva interna de trens foi capacitada para projetar trens de alta velocidade, de 500 quilômetros por hora. Isso significa o seguinte: hoje, a China tem 3 vezes mais trens de alta velocidade, lá dentro, do que tem no resto do mundo.

Para falar da vida do trabalhador, em 2009, foi a minha terceira viagem à China, quando eu fui terminar o doutorado. Eu fui a uma fábrica, mas não me lembro se era de celulares ou de tablets, não sei, só sei que eles fabricavam metade de um certo produto eletrônico consumido no mundo naquela fábrica. Eu perguntei para o trabalhador, na conurbação urbana de Xangai, eu perguntei: e aí, você demora quanto tempo para chegar em casa? Ele falou: duas horas para ir e duas horas para voltar. Igual no Brasil. A última vez que eu estive na China foi em 2018, e eu voltei a perguntar qual era o tempo que se demorava para chegar da casa ao trabalho. De duas horas passou a ser 7 minutos. A China conseguiu construir todo um esquema de

trens de alta velocidade ligando a conurbação urbana de Xangai, por exemplo, que melhorou absurdamente a mobilidade urbana e, conseqüentemente, o nível de vida dos trabalhadores. São 4 horas a mais para poder viver com a família, fazer o que quiser.

E esse processo histórico... 1/5 dos carros elétricos do mundo, em 2017, foram vendidos em apenas 6 cidades da China. Em 2025, projeta-se a venda de 11 milhões de carros elétricos, sendo que, desse montante, 19% serão vendidos na China, 14% na Europa e 11% nos Estados Unidos. No ano de 2040, a previsão é que 40 milhões de veículos elétricos estejam rodando na China. Tem um projeto, *belt and road initiative*, que é o cinturão de uma rota que tem mais de 2 mil projetos envolvendo 135 países, com investimentos de 4 a 8 trilhões de dólares, projeto *made in China, 2025*, de 1,5 trilhões de dólares.

Atualmente, a China planta duas vezes e meia mais árvores dentro do próprio país do que o resto do mundo. A China, em 2060, vai ser uma economia de baixo carbono. Isso é promessa, nenhum país do mundo fez uma promessa tão ousada. Então, somente uma economia pautada, como eu coloquei aqui, pela razão, pela maxirrationalização, voltada à geração de valores de uso, é capaz de alcançar esses objetivos. E para terminar a minha apresentação, eu coloco uma frase do Márcio Henrique Monteiro de Castro sobre o Rangel e a economia do projetamento: “É uma antropologia filosófica que pensa o homem em sua afirmação racional”, razão, pessoal, de novo aqui. “*Sem fetiches e senhor do seu destino, a crença no progresso e traços prometeicos na relação com a natureza completa uma visão que tem raízes no racionalismo clássico*”. Eu acho essa frase fantástica, “*o socialismo não é um fato fortuito, é um devir esperado que está sendo construído historicamente*”. Enfim, eu fico por aqui.

Tratarei da geopolítica global, ou geopolítica do sistema internacional, entendendo genericamente a questão da geopolítica como um estudo das relações entre território, geografia e poder – entre território, geografia, conflitos, lutas pelo poder e pela riqueza internacional. E, em particular, nesta altura do século XXI, uma luta entre um conjunto de unidades de poder territorial que constitui um sistema que a gente chama de internacional, ou interestatal, porque ele é formado, constituído por unidades de poder, que são os estados nacionais com as suas economias nacionais. Esse, digamos, é o sistema que nós estamos nos referindo nessa apresentação, é sobre ele que queremos conversar. Que sistema internacional é esse? Que sistema mundial é esse? Que sistema interestatal é esse?

O que a gente sabe, inicialmente, é que ele se distribui sobre o que conhecemos como o mapa mundial. Ele não existiu sempre, pelo contrário, nem sempre os conflitos, as relações, as disputas, as lutas de poder, as lutas pela riqueza neste mapa mundial submeteram-se às regras desse negócio que a gente chama de sistema internacional ou interestatal.

Então, por isso, a primeira questão que eu gostaria de expor e compartilhar com vocês é menos geopolítica, que é uma expressão que teve muito na moda no século XIX, depois, no século XX ficou escondida, e agora reapareceu. Usa-se muito, usa-se para tudo, mas bem, o que é o sistema que a gente quer falar? Que sistema é esse no qual a gente vive, formado por estados? De onde vem esse sistema? Onde nasceu esse sistema? Qual é a dinâmica, como se formou?

E como, afinal, chegou a ser um sistema que, nesta altura do século XXI, talvez possamos chamar de global, mas que não foi sempre global.

Então, comecemos por isso, quer dizer, o que é, afinal, esse sistema interestatal, enquanto forma de organização das sociedades humanas, e das relações entre essas sociedades humanas, a partir, ou em torno, de centros de poder territorial que foram se constituindo lentamente até se transformarem, depois de muitos séculos de processo, de constituição, de centralização, de lutas e derrotas, enfim, até se transformarem em estados nacionais. E quando nascem como estados territoriais, e que a gente chama, hoje, de estados nacionais – no início não se chamavam assim – eles já nascem como um sistema, por isso é um sistema interestatal. Isso já é uma condição, é um elemento essencial da nossa reflexão. Isto é, não há como pensar um estado, separadamente, enquanto estivermos tratando das relações geopolíticas. Elas apenas são pensáveis enquanto unidades que nasceram sistemicamente, como um conjunto de unidades parecidas, análogas, e que são inter-relacionadas e funcionando como um conjunto. Isso é uma questão essencial.

Ou seja, o sistema interestatal, já veremos isso, ele vai nascer na Europa, e só na Europa, em nenhum outro lugar. Depois, ele vai se expandir, que é uma coisa diferente. Mas ele vai nascer, o sistema interestatal, nesse pedacinho de terra que é o Oeste da Europa, e não no resto todo do universo, ou do mundo, ou da terra, não. É naquele pedacinho de território da Europa, ali, que vai nascer, e quando nasce, já nasce com um pequeno conjunto de unidades que são complementares entre si, mas ao mesmo tempo, e isso talvez seja a marca desse sistema, são altamente competitivas, e são altamente bélicas, desde um primeiro momento, quando elas nascem, e já pudemos datar algo em torno do século XVI, XVII. Mas as origens últimas desse sistema

dentro do próprio território europeu vão mais atrás, e vão se formando em processos que a gente poderia chamar de belicosos de centralização do poder e de organização da atividade econômica a partir de um mundo extremamente fragmentado, que é o mundo europeu, depois do final do império de Carlos Magno, da última tentativa de unificação da Europa, no século IX. A Europa se estilhaça e se fragmenta, é o que vamos chamar depois de Europa Feudal, com pequenos territórios de poder extremamente fragmentados e extremamente atrasados em relação ao resto do mundo.

Mas é nesse pedacinho de terra que surgirão essas pequenas unidades territoriais de poder altamente competitivas, e chamo atenção para isso, porque o próprio nascimento a partir do século XII, XIII, o próprio movimento de centralização do poder levará uns 400 anos até chegar a assumir, no século XVI, XVII, a forma das monarquias absolutas, e, finalmente, no século XVII, XVIII, a forma dos estados nacionais. É uma coisa muito recente, é uma criança muito recente.

Agora, uma marca desse sistema – não que a guerra, o conflito, seja uma originalidade desse sistema interestatal europeu. Até onde alcançam as pesquisas antropológicas e arqueológicas, as mais contemporâneas, indicam que sempre existiu, mesmo entre os Chimpanzés e antes mesmo do Homo Sapiens, o conflito. Não a guerra, porque a guerra demanda um grau de organização e de estratégia que já era uma fase mais avançada do desenvolvimento do Homo Sapiens. Mas digamos, o conflito, a violência, a crueldade, a destruição mútua, é uma coisa que parecera ser tão antiga quanto o próprio Homo Sapiens, ou mesmo anterior, muito anterior ao Sapiens.

Vejamos, nesse sistema interestatal, que é muito recente, como vocês podem ver, tem 500 anos, no máximo. A partir do século XVI, XVII, a pesquisa indica que houve, aproximadamente, uma nova

guerra a cada 5 anos na história desse sistema, desde que o embrião se formou.

Aliás, na verdade, a gente poderia dizer que o Big Bang desse sistema interestatal, que se dá em torno do século XIII... XII, XIII, XIV, o Big Bang já é – voltaremos a isso um pouco mais a frente – já é belicoso, já é guerra. As guerras expansivas, as cruzadas, as guerras internas, enfim, a origem já é bélica. E isso é muito importante entender para poder pensar o presente, o futuro. Esse sistema interestatal não é nenhuma maldade própria dos norte-americanos, nem dos chineses, nem dos russos, nem de quem seja lá. É como se fosse um parafuso essencial dessa máquina, que é o sistema dos estados nacionais junto com as suas economias nacionais, instrumentos de poder desses estados. No conjunto dessa máquina de acumulação de poder e riqueza, a guerra é como um parafuso essencial, essencial do próprio funcionamento da máquina e da acumulação do poder.

Então, se sempre houve guerra entre Chipanzés e Homo Sapiens, nesse sistema que nasceu na Europa, eu acho que é uma maldade dizer que foi inventado pelos europeus. Ele não foi inventado, porque não havia essa intencionalidade, mas ele cresceu, nasceu ali. A intensidade nos primeiros séculos desse sistema indica que 95% mais ou menos do tempo e do orçamento desses reinos, dessas dinastias, dessas monarquias absolutas e, finalmente, desses estados, eram dedicados à guerra. Não há como enganar-se sobre isso, não é uma marca contemporânea, talvez a marca contemporânea esteja na forma, na intensidade, no tipo de guerra. Mas não a existência e a centralidade para bem ou para mal, certamente mais para mal do que para bem, da guerra nesse tal de sistema de estados ou interestatal. E o próprio exercício continuado da guerra – e isso é que vai ser talvez a coisa mais paradoxal do sistema inventado pelos europeus – é que a própria guerra irá impedir, por

um lado, que esses estados se unificassem, como aconteceu na China, e como acontecerá mais tarde na Rússia, no próprio espaço otomano, enfim, onde se construíram impérios.

Esse movimento de centralização de poder que se dá naquela pequena península, que depois veio a se chamar de Europa, poderia ter culminado num império. Carlos Magno tentou construir ali um império que não deu. Os Habsburgo, Carlos V, Filipe II, tentaram fazer um império, e foram barrados. Por que eles foram barrados? Exatamente pela força competitiva entre essas unidades territoriais que foram definindo fronteiras e se transformando em estados soberanos, onde uns bloqueavam o caminho dos outros. E esse talvez seja o terrível paradoxo da Europa. Por que esse é um pouco um dos grandes paradoxos dessa invenção europeia? É porque a conflitividade, a competitividade e a belicosidade que impediu que o poder se centralizasse, fosse na forma de uma monarquia universal comandada pela igreja, no século XII, XIII, fosse na forma de um império igual ao chinês, o persa, o romano, ou sei lá o que, comandado pela dinastia Habsburgo, que é a mais perto que chegou disso, ou mais tarde, por Bonaparte, ou mais tarde, por Hitler, em distintos momentos da longa história desse pequeno continente.

Mas essa guerra que impediu a centralização também é, talvez, uma das explicações do imenso sucesso que esse sistema teve enquanto uma máquina expansiva de conquista, poder e riqueza. Essa ambiguidade trágica dessa invenção europeia. Houve unidades que foram na frente, sempre existem unidades que lideraram o movimento expansivo do conjunto como um todo, quer dizer, o conjunto do sistema. Brigando internamente, expande-se, e brigando internamente, hierarquiza-se desde a primeira hora. Sempre foi hierárquico esse sistema, sempre foi assimétrico. E sempre todas as unidades tentaram imitar

as unidades que vão na frente ou estão por cima, ou são mais ricas e são mais poderosas, como foram os ibéricos no século XIII, XIV, XV, como depois foi Holanda, depois foi França, depois foi Inglaterra, em algum momento foi a Suécia. Mais à frente, a própria Rússia em algum momento, enfim, 6 ou 7 estados ou unidades de poder que sempre comandaram esse sistema desde o início. Esse tal de G7¹ que existe hoje, ele poderia ter sido usado em 1500, 1600, 1700, quase invariavelmente seriam sempre G7, os 7 mais poderosos, que no fundo lideraram a expansão e ao mesmo tempo ordenaram para dentro a hierarquia e a ordem relativa dentro de um sistema em movimento contínuo. Então essa é uma ideia central para pensar esse sistema lá no início, no século XVI, XVII, hoje, no início do século XXI. Há uma metáfora que sempre gostei de usar, não só pela minha paixão pela cosmologia, mas porque, de fato, esse sistema lembra muito um universo em expansão contínua. Não há a possibilidade desse universo optar por parar, estagnar, desacelerar. Não existe essa possibilidade nesse sistema. Pelo contrário, esse sistema cada vez mais acelerou a sua expansão com base nos seus conflitos, nas suas disputas e na fuga para fora do espaço europeu.

As guerras internas e as conquistas externas, movidas pela competição entre a Inglaterra e a França, entre a Espanha e a França, entre o império Germano Cristão e o império Otomano, enfim, sempre essa disputa que moveu o sistema, por isso é muito complexa a discussão ética sobre o problema da paz dentro desse sistema, porque ela bate de frente com as regras constitutivas do sistema, que não tem nenhuma intencionalidade, nenhuma.

1 O Grupo dos Sete (G7) surgiu em 1975 por iniciativa do governo francês. É formado por Alemanha, Estados Unidos, Itália, Japão, Reino Unido, Canadá e França.

Do meu ponto de vista, é um sistema que se expande sem nenhuma direção teleológica, ele não está indo em direção nem à, sei lá... ao céu, ao inferno, ao apocalipse, ao socialismo, não. Não. Ele expande-se, expande-se como acumulação de poder, como hierarquização, como disputa. Ele expande-se. Basta vocês verem o seguinte: na virada do século XVIII para o XIX, na época das guerras bonapartistas, talvez esse sistema não tivesse mais que... não saberia contar exatamente, teria uns 20, talvez menos estados nacionais. Nesse sentido, mais rigoroso em relação ao conceito tal como conhecemos hoje.

Até porque também há que ter em conta que nesse processo de competição e disputa interna entre eles, é desse processo que nasce o capitalismo. É nessa luta, entende, que vai fazendo com que esses poderes desenvolvam formas de delimitação de suas economias como instrumentos de poder. É ainda a época do mercantilismo, das políticas, bom, *avant la lettre*, não existia isso, nacionalistas, todos eram mercantilistas: proteger, delimitar, criar fronteiras, fechar. E esse movimento do poder expansivo, e da guerra, e da preparação para a guerra, incentivou, como até hoje, uma atividade produtiva que foi se desenvolvendo até gerar um modo de produção que se chama de capitalista.

Economias de mercado são muito mais antigas. Mas a marca desse sistema não é a economia de mercado, é muito mais antiga. A marca desse sistema é esse negócio que corretamente vários chamaram – o Marx como o mais conhecido – de modo de produção capitalista, associado a essa disputa dos estados, e como instrumento de poder dos estados. A economia nacional nasce quando se afirma com uma economia nacional no século XVII... XVI, XVII, XVIII, ela se afirma como instrumento de poder dos estados na sua disputa dentro do sistema interestatal. Depois, evidentemente, tem a autonomia da

atividade privada, isso não quer dizer que a economia esteja sempre aos pés do soberano, não, não. Não é assim. É uma relação bem mais complexa, mas é inseparável o casamento dos dois, o que não quer dizer que eles sempre estejam juntos, não.

Talvez a grande descoberta, a grande originalidade dessa descoberta, dessa criação, é exatamente uma atividade econômica que se move por objetivos e leis que lhe são até autônomas de certa maneira, mas em última instância, elas são sempre associadas, de uma forma ou outra, a um movimento de acumulação de poder dentro desse sistema que os europeus inventaram e que, às vezes, a gente chama de sistema. Por isso chama, aliás, sistema interestatal capitalista, para chamar a atenção para o tipo de economia própria que esse sistema interestatal gerou, criou, como forma, como instrumento de poder. Além do que pode ser depois um instrumento de lucro, e de sei lá o quê da iniciativa privada.

Agora, como eu dizia para vocês verem a velocidade de expansão desse sistema, e em outras palavras, a velocidade de expansão conquistadora dos europeus sobre a totalidade do mundo. É que na altura de Bonaparte, na virada do século dezenove, a Europa não teria mais do que 20 estados nacionais. Na altura da Segunda Guerra Mundial, em 1945, anteontem, do ponto de vista da história de longo prazo. Vocês tinham um total... acho que é a carta de São Francisco², ou o acordo de Bretton Woods³, eles foram assinados por 40, 50, 60 estados no máximo. E, no entanto, depois do fim da Guerra Fria,

² Refere-se à carta de fundação da Organização das Nações Unidas (ONU), assinada na cidade de São Francisco, em 1945.

³ Conferência entre nações aliadas, realizada em 1944, na cidade de Bretton Woods, Estados Unidos, com o objetivo de construir acordos e regras comerciais e financeiras entre as nações participantes. Esse acordo foi quebrado, em 1971, pelos Estados Unidos.

e depois da desconstrução belicosa ou não, dos impérios coloniais europeus, esse mesmo sistema interestatal virou o milênio com 195 estados com direito a acento nas Nações Unidas, o que significa que, no total, pode-se falar amplamente que algo em torno de 200 estados nacionais soberanos, hoje, fazem parte, constituem esse tal de sistema mundial ou global.

Quer dizer, num lapso de aproximadamente 50 anos, até menos, um sistema que nasce na ponta Oeste da Europa, em uma pequena parte da terra – para entender a força expansiva, explosiva desse sistema que se alarga pelo mundo inteiro – e se alarga como um sistema interestatal, e não global, no sentido de algo sem fronteiras. Não. Ele se alarga com as regras do sistema com fronteiras, com soberanias competitivas, hierarquizadas, umas têm mais, outras têm menos, umas são mais soberanas, outras menos.

Mas esse sistema, digamos, a partir de 1950, 1960, toda a parte da África que era colônia europeia deu origem a algo em torno de – agora não me lembro direito, são 56 estados que tem a África. E também a Ásia inteira, e tudo isso foi sendo posto para dentro do sistema interestatal. Quer dizer, a primeira onda expansiva desse sistema para fora desse pedacinho de terra que é o Oeste da Europa, entende, nasceu também da conquista dos europeus e da descolonização dos seus territórios, na América, no início do século XIX. A independência da América, digamos, aumenta em torno de, sei lá, 15, 20 estados novos, entre a independência norte-americana, em 1776, até 1922, 1923, que foi a última independência sul-americana, entende?

Esse bloco entra em uma espécie de anexo europeu, e é a primeira grande expansão do sistema interestatal. Depois da Primeira Guerra Mundial, há uma expansão na região que era o antigo Império Otomano, Império Austro-Húngaro. Esses impérios se decompõem e dão

origem a um bloco de outros estados. Depois da Segunda Guerra, com a descolonização, toda a África e parte da Ásia, esses territórios todos viram estados nacionais. Isso é, a rapidez é cada vez maior.

Não sei se consigo passar essa ideia para vocês de um universo que se move com uma energia político-econômica extremamente competitiva e bélica em todos os planos, e que vai conquistando o mundo, e vai incluindo dentro desse sistema e suas regras, definidas de certa forma a partir da Paz de Vestfália, em 1648⁴, nós vamos voltar a ela daqui a pouquinho, e vai incluindo e incluindo e incluindo, como que tragando e tragando e tragando. Não por uma somatória simples, nem por uma somatória diplomática, não. Com muita violência, muita destruição, não apenas dos índios latino-americanos, americanos, norte-americanos, mas dos povos africanos, dos povos asiáticos, enfim. A violência com a qual os europeus foram levando esse sistema a todos os cantos do mundo, incluindo a África, a Ásia, e dentro da expansão asiática, não há como não chamar atenção, primeiro aos números. Nós vamos terminar essa minha primeira intervenção com um aspecto mais qualitativo, mas mesmo quando falamos em termos de números, é absolutamente impressionante a explosão que acontece nesse sistema, expansiva, com a entrada para dentro do sistema, por exemplo, depois da independência e do fim do império britânico – da Índia, que hoje tem 1 bilhão e 200 milhões de habitantes.

Depois, com a revolução comunista, mas, sobretudo, no final do século XX, com a adesão completa da China às regras do sistema interestatal e da economia capitalista, é mais 1 bilhão e 300 mil habi-

⁴ Também conhecida como Tratados de Vestfália, diz respeito a um conjunto de 11 tratados assinados ao longo de 1648, que colocaram fim à Guerra de 30 anos. É considerada o marco da compreensão internacional dos Estados-Nação soberanos.

tantes. Se vocês incluírem nisto aí, em matéria de território, a entrada da Rússia depois do fim da União Soviética, do Império Russo, na Primeira Guerra, depois da União Soviética, em 1991, 1992, e, finalmente, a Federação Russa, um estado nacional como os outros, não é que ela tenha grande população, mas ela tem o maior território de um estado nacional no mundo. Portanto é como se vocês tivessem incluído de supetão em termos de território, de população, quase o dobro do que era o sistema. É uma intoxicação! De repente, o sistema sofreu de uma intoxicação de gigantismo súbito e, provavelmente, muitas das dificuldades, problemas, conflitos que estão em curso, e dos que virão para frente, tem algo a ver com essa explosão gigantesca, expansiva do sistema com a entrada dos povos asiáticos. E também, sim, para uma outra chave, outra porta, dos povos africanos, que são quase 1 bilhão também de seres humanos que passam a participar desse sistema.

Agora, é interessante observar que o tal do sistema mundial, o sistema interestatal “inventado”, criado pelos europeus e expandido a partir desse núcleo europeu, sempre digo aos meus alunos, é como se a Europa detivesse até hoje – dependendo dos seus problemas contemporâneos – o software desse sistema global. Foram eles que inventaram esse negócio, como eles inventaram a tal da democracia, eles inventaram o tal do capitalismo. Não é ‘inventaram’, o conceito não é adequado, mas é nesse espaço, que veio a se chamar Europa, onde essas coisas nasceram e a partir daí e da explosão expansiva dessas pequenas unidades competitivas e altamente bélicas conquistadoras, que o sistema se globalizou, no final do século XX, início do século XXI, antontem.

Então, nesse sentido, e vou chamar a atenção de vocês, no final, as dificuldades, os problemas, os desafios que hoje esse sistema enfrenta, e que o mundo enfrenta, têm algo a ver com o que já aconteceu nos

últimos 300 anos, mas uma história muito curta, e há coisas que são inteiramente novas. Uma coisa foi botar para dentro do sistema as colônias americanas inteiramente europeias com populações indígenas destruídas, ou inteiramente submetidas, com território gigantesco e praticamente vazio. Outra coisa é você botar para dentro do sistema a China, a Índia, a Ásia inteira. Coisas muito diferentes.

Mas antes disso, eu queria fazer um breve *flashback* para dimensionar um pouco em termos da longa duração histórica, desse tal sistema europeu, do sistema interestatal capitalista, que nos parece, assim, uma coisa... como se a gente só conseguisse ver isso pela frente e por todo o lado. Então, já dizia para vocês, é um sistema que, no máximo, na melhor das hipóteses, enquanto estados, tem 400 anos, 500 anos. Tem um processo de formação que é mais longo, tem uns 800 anos, mas digamos, enquanto sistema interestatal propriamente dito tem 300, 400 anos. Agora, para pensar o presente, é útil colocar isso numa tábua do tempo, numa régua do tempo, para ter uma ideia do que que nós estamos falando.

Em grandes linhas, sem querer complicar mais ainda a cabeça da gente, só para vocês lembrarem, certamente, muitos têm mais isso na cabeça, outros menos. Eu, volta e meia, esqueço, porque é muito difícil pensar que a formação do planeta Terra tem 4 bilhões de anos e meio, 4 bilhões de anos e meio! Que a vida dentro desse planeta tem 3,8 bilhões de anos, aproximadamente. E depois você dá um salto gigantesco de bilhões de anos para encontrar na altura de 6 milhões, que já parece pouquinho, milhões de anos, o mais antigo ancestral dos humanos e dos chimpanzés. E você dá um salto gigantesco até 200 mil anos, o quê, do ponto de vista histórico, já seria a semana passada, surge o Homo Sapiens, na África Oriental. E 70 mil anos atrás, 70 mil anos atrás, é onde os historiadores, os teóricos da evo-

lução costumam localizar a revolução cognitiva, alguns chamam de revolução cognitiva.

O próprio Teilhard de Chardin tem uma expressão para se referir a esse momento, que é o momento do surgimento da consciência, da autoconsciência do ser humano, como alguém já disse, é a hora em que surge a linguagem ficcional. É quando o Chimpanzé, o Homo Sapiens, consegue um desenvolvimento complexo, enfim, consegue formular mitos, hipóteses, teorias, alternativas, histórias. Digamos, é quando a história se separa da biologia, da evolução da espécie, tem 70 mil anos. Então, o Homo Sapiens começa a achar o seu movimento de conquista do mundo. Ele vai chegar na América há 16 mil anos, e atenção, porque ele se aproxima de uma coisa muito próxima da experiência de vocês, que é a chamada segunda grande revolução, ou revolução agrícola.

A revolução agrícola, situada em torno de 8 a 10 mil anos atrás, é quando o homem consegue domesticar plantas, domesticar animais. E por que eu falo disso? Porque é muito importante, é porque é em função disso que o homem consegue domesticar-se a si mesmo, no sentido que ele deixa de viver em pequeníssimas tribos caçadoras e coletoras, que viveu milhões de anos assim, milhares de anos assim, e começa a viver como pequenos agricultores. Com todas as consequências gigantescas disto aí, entre outras, é a que nos interessa para essa conversa, não caberia ficar falando sobre a própria evolução da revolução agrícola, que é uma coisa que começa há 10 mil anos, e vai até uns 4, 3 mil anos atrás. Pensem, com 7 mil anos, o que o pessoal chama de revolução agrícola, a cada mil anos, digamos, a cada 500 anos, houve domesticação de uma nova planta, ou de um novo animal.

Talvez de todas a que mais se universalizou e mais importante virou através dos tempos, tenha sido o trigo, mas não só. Talvez a mais

popular, a mais universal, tenha sido a galinha e seus ovos, mas não só. Os rebanhos, as ovelhas, os bois, tudo isso vai passando num período de 10 mil até uns 4 mil... são 6 mil anos. Toda a história chamada cristã ou pós-cristã, ou sei lá o quê, tem 2 mil anos.

Mas eu chamo a atenção para essa revolução agrícola, não apenas em homenagem a vocês, mas pelo fato de que foi ela que permitiu a sedentarização das populações e do poder. O fato de começar a viver junto em torno de plantações é que vai começar a colocar o problema da organização hierárquica interna dessas sociedades. Aí está o primeiro gérmen daquilo que, no final, vai se chamar de estado nacional, com uma de suas formas. As primeiras formas vão ser cidades, vão ser reinos, na altura de 3 mil anos, 3 mil e 500 anos atrás. A primeira forma de organização do Egito como reino data de 3 mil e 200 antes de Cristo, ou seja, 5 mil e 200 anos atrás mais ou menos. Então, essa territorialização, essa vinculação das pessoas ao território é o primeiro grande passo dessa história que nós estamos falando do sistema mundial.

Aí começam, digamos, os conflitos que existiam entre as tribos nômades, que nunca tinham mais do que 100 pessoas, e, portanto, tinham baixo nível de organização hierárquica, de poder, de justiça, de disciplinamento. Isso muda radicalmente na altura de 3 mil anos com o aparecimento dos sistemas de escrita, o aparecimento das religiões politeístas. Antes, basicamente, os homens eram animistas, surge o dinheiro, surge a troca.

O primeiro império vai surgir na altura de 2250 anos antes de Cristo, o Império Acádio de Sargão, e que tinha milhares de pessoas. E depois vocês vão vendo que essa forma de organização do poder territorial chamada império começa a ser dominante. O primeiro, esse império chamado Acádio de Sargão, depois foi ter o Império Hitita,

vocês vão ter o Império Egípcio, o Império Babilônico, o Império Persa, até os anos 800 antes de Cristo.

Depois, 300 antes de Cristo, começam os impérios clássicos, o Império Romano, 200 antes até 500 depois de Cristo, o Império Romano, o Império Chinês, o Império Han, o Império Persa. Isso tudo vai até 400, 500 anos depois de Cristo, já estamos quase chegando para cá. E mesmo depois, quando vocês seguem à frente, vocês verão que a forma dominante de poder serão os impérios. Até mais recentemente, o Império Otomano, que nasceu Islâmico por volta de 1300, durou até a Primeira Guerra Mundial.

O Império Russo, que se configura a partir do século XV, e passa a ser dirigido pela dinastia Romanov, vai até a Primeira Guerra Mundial. O grande Império Chinês, que acumulava 2 mil anos de história contínua, ainda que sob várias dinastias, ele vai até 1911, com a Revolução Republicana, e depois, em 1949, com a Revolução Comunista. Esses grandes impérios do qual vai nascer a Rússia, do qual vai nascer a Turquia, do qual vai nascer a China moderna, o próprio Império Britânico, na Índia, vai durar até 1947. Ou seja, meus caros amigos, a verdade é que nesses 3 mil, 5 mil, nessa história gigantesca de 100 mil, 200 mil anos, há 5 mil anos apenas que os homens têm algum tipo de organização do poder territorial. E tem uns 4 mil anos que os homens começam a construir impérios para, inclusive, organizar sua defesa contra os povos agressivos, os povos predadores, os povos nômades.

E essa forma imperial de organização do poder, às vezes, as pessoas ficam chocadas. Não, o Império Americano não pode, isso já passou! Não, não, não. A forma imperial de organização do poder territorial entre os Homo Sapiens nesses 4 mil anos em que o Homo Sapiens se deu algum tipo de organização hierárquica e disciplinada da sua sociedade e da sua forma de defesa contra outras sociedades,

e de expansão e agressão contra outras sociedades, desses 4 mil anos, digamos assim, 3 mil e 500 são império, para não falar dos impérios que chegaram até o século XX. Isto é, a forma de organização do sistema interestatal é absolutamente minoritária do ponto de vista da história do Homo Sapiens e do seu poder territorial, é extremamente recente, é uma criança.

O sistema interestatal, tal qual nós o conhecemos, ou muito próximo do que nós o conhecemos, tem 300 anos, 400 anos. Então, a longa trajetória pode ter uma leitura mais evolucionista, de execução, mas não, ele foi, em termos de formas de organização, digamos, a forma dominante que os homens tiveram foi o império. Mas depois aconteceu, num dos seus territórios mais atrasados, que era essa península, Europa, uma explosão, como se ali tivesse nascido um tumor, um câncer com uma capacidade expansiva que vai liquidando tudo, incluindo os velhos impérios coloniais e não coloniais. O velhíssimo império otomano, o velhíssimo império chinês, o antigo império russo, vai tudo para o espaço. Não vamos nem falar em império austro-húngaro porque isso aí já é uma coisa muito pequena ao lado do que estamos falando.

Agora, para vocês verem, é para a gente ter uma linha do tempo, ter um pouco mais de modéstia. Às vezes, quando a gente fala dos nossos problemas, extraordinariamente únicos: o mundo está à beira do precipício final. Devagar com o andar! A humanidade, o Homo Sapiens, já passou por uma porção de coisas e essa historinha que a gente está contando aí é uma historinha, assim, ainda está em fraldas. Por isso mesmo, talvez, também não seja muito fácil prever o futuro, não tem, assim, um... tem alguma coisa... mas não uma história tão acumulada, será por aqui, ou será por ali. Não. Entre outras coisas, pela razão que vou falar quando terminar essa minha intervenção. Mas

há três pontos que eu gostaria de chamar a atenção nessa trajetória, só observações, não são exaustivas nem exclusivas, só um comentário.

Um primeiro comentário interessante, importante para entender a relevância do poder territorial, e depois da geopolítica, e dessa relação entre poder e território, é exatamente o que eu falava antes, isso é, durante os milhares de anos em que o homem foi predominantemente nômade, tribal e caçador ou coletor, ele nunca viveu em grupo com mais de 150 pessoas, segundo os estudos cada vez mais atuais, antropológicos. E já no primeiro reino egípcio, em 3100, junto ao Nilo, ele já tinha milhares de pessoas organizadas. Realmente é uma espécie de milagre, dos grandes milagres da humanidade esse salto gigantesco. O primeiro império, o tal de Sargão, tinha 1 milhão de súditos. Os impérios do oriente médio, da mesopotâmia, hititas, babilônicos, persas, esses tinham muito mais milhões de súditos, e milhares de soldados. O império romano estima-se em torno de 100 milhões de súditos, e alguma coisa variável no tempo entre 250 e 500 mil soldados. Sem internet, sem avião, sem helicópteros, sem nada, para pensar o desafio do poder territorial de comandar estrategicamente. O império Han, chinês, estima-se em 40 milhões, uma capacidade de tributação gigantesca que tinha o império romano, o império chinês.

A relação que há entre a sedentarização do poder, a organização do poder territorial como forma de defesa, como forma de ataque contra os predadores, e de organização e disciplinamento da própria população, sempre o poder tem esses dois vértices, para fora a defesa, para dentro a ordenação, a hierarquização, a subordinação, a submissão. Elas vão junto, o aparecimento do poder territorial e a viabilização da construção de sociedades humanas. Milhares de pessoas que começam a viver juntas, isso é um milagre espantoso, porque durante milhares e milhões de anos não viveram assim.

E alguém já levantou essa ideia, não é original, mas enfim, é interessante que uma das coisas fundamentais para que essas pessoas pudessem chegar a viver juntas, não foi apenas a revolução agrícola que permitiu produzir alimentos, estocar alimentos e, portanto, garantir o futuro contra os ataques e contra o mau tempo. Mas também, e fundamentalmente, a revolução cognitiva a qual Teilhard atribui tanta importância, isso é a capacidade do homem de construir mitos, de construir fantasias, inclusive fantasias sobre a sua unidade, a sua identidade.

Eu sou um egípcio, era um orgulho espantoso para 100 milhões de pessoas se considerarem cidadãos do império romano, e 2 mil anos antes, as pessoas viviam em tribos de 50 pessoas, não tinham ideia de que império! Que romano! Como é que surgem essas identidades, essas unidades que permitem às pessoas viverem juntas? Por exemplo, o fato de nós acreditarmos que somos brasileiros, a despeito de extraordinárias dissimilaridades que a gente possa ter, por exemplo, com relação aos nossos governantes e coisas desse tipo. E, no entanto, a gente... deixa, eu sou brasileiro... eu sou flamenguista, ou sei lá... várias coisas. Pode ser católico, enfim, invenções mitológicas, religiosas, de qualquer tipo que seja, ideológicas, que permitem construir e juntar essas pessoas e começar a exercer esse poder que vai acabar no sistema interestatal, afinal, mais recentemente.

Uma segunda observação que eu acho muito importante, tanto no que diz respeito à construção ideológica das unidades quanto à territorialização do poder, com certeza, foi a intersecção, duas intersecções entre o poder e o mundo da formulação intelectual. A primeira delas acontece nessa história dos impérios lá pela altura de 600 antes de Cristo, que muitos já chamaram, digamos assim, um momento de uma espécie de uma revolução ética, onde o Homo Sapiens começa

a se colocar perguntas e questões que nunca tinham sido colocadas sobre o destino da vida, sobre a função, o que é a felicidade, a liberdade, o governo.

Eu não vou entrar nisso, mas isso é uma coisa extraordinária, porque de fato aconteceu, simultaneamente, na China, com Confúcio, com Lao Tsé, depois com Buda, vai ser com Zoroastro na Pérsia, vai ser com a filosofia grega, depois com o pensamento jurídico romano. É assim em vários lugares, em várias linguagens surge o problema ético na convivência coletiva. Como alguém diria, surge uma certa dúvida de que existe livre arbítrio, ou liberdade, ou possibilidade de alternativas. Não é casual, mas esse é meu ponto de vista, eu até já escrevi sobre isso, que seja nessa época, que seja escrito, finalmente, sintetizado, vários mitos mesopotâmicos na forma do mito do gênesis, onde o que está em questão, o exercício da liberdade, da escolha, da submissão, da obediência, ou não obediência. Mas há um outro momento nessa história fundamental para pensar os destinos futuros, não pensem que eu estou contando história para passar tempo, não, nós vamos chegar a um ponto.

Um outro momento fundamental nessa intersecção entre poder, império, expansão do poder e formulações identitárias da mente, mitológicas de qualquer tipo, de todo o tipo, e cada vez mais as religiões politeístas e, finalmente, com as religiões monoteístas. Esse é um momento importantíssimo na história, e vai repercutir pesadamente na história do sistema interestatal e neste momento que nós estamos vivendo da conjuntura atual. Eu diria pelo menos duas grandes convergências de poder e construção religiosa, teológica, ou mitológica, sei lá, o que cada um possa achar, cada um tem suas visões. Uma é a do império romano com o cristianismo, no século III, IV depois de Cristo, 320, 325, com Constantino, depois 389, 390 quando o

cristianismo é assumido como religião oficial do império, até o início das invasões chamadas bárbaras, e talvez uma das respostas mais importantes para várias coisas posteriores da discussão de guerra e da paz no sistema internacional, que foi a obra de Santo Agostinho. E, particularmente, a Cidade de Deus, que escreveu em 414, 415, enfim, que era exatamente uma resposta aos que diziam que o império romano tinha sido destruído por conta do Cristianismo.

Depois disso, quando o império romano se dissolve, junto com ele o seu irmão gêmeo, o império persa, que também conecta muito antes com o monoteísmo de Zoroastro, mas que do meu ponto de vista tem um efeito menor na orientação expansiva do poder territorial, do que veio a ter, posteriormente, particularmente, depois da visão de Agostinho, e da guerra justa, e da guerra santa, na conexão entre Cristianismo e império romano. Igual a essa do ponto de vista da propulsão das ideias sobre a expansão do poder, só o Islamismo com Maomé na altura do século VII, 640, 650. E o início do movimento expansivo aí já nasce junto, diferente do Cristianismo, digamos, a expansão do poder, e a expansão chamada fé, é uma religião que é missionária, é expansiva, é conquistadora, assim como o Cristianismo é monoteísta, igual ao Cristianismo, e que em 100 anos conquista o território, que vai do atlântico até quase o pacífico do outro lado. Vai da Espanha até a Índia, e depois segue em direção ao oriente. É uma velocidade espantosa, uma das expansões mais rápidas, mais efetivas e mais duradouras da história da humanidade, muito mais do que foi a do Gengis Khan. Muito mais, que foram rápidas, mas depois se dissolveram, foi a expansão do poder territorial associada ao islamismo. Primeiro, na forma de califados e emirados, e depois na forma do império turco, Seljúcida, em 1200, 1100 e, finalmente, na forma do império otomano, em 1300, que durou até a Primeira

Guerra Mundial. Essa combinação da religião com o poder me parece que foi absolutamente fundamental para história que nos interessa. E por que foi fundamental para a história que nos interessa? É porque exatamente essa expansão islâmica na altura de 600, 700, e que vai tomar por todos os lados, vai cercar aquilo que, posteriormente, irá se chamar de Europa.

O grande historiador francês Fernand Braudel, uma vez usou essa figura, que eu acho estranhamente sugestiva, quem converteu os europeus ao Cristianismo foi o Islã, transformando aquela península pobre, atrasada, que era periférica do império otomano, entende, numa espécie de uma península cercada. Por um lado, uma tomada da Espanha, e que vai parar na famosa Batalha de Poitiers⁵, em 732 depois de Cristo, no Sul da França, que será um pouco a primeira fronteira do Cristianismo Europeu. Esse negócio que muito mais tarde e hoje – e provavelmente vamos falar disso daqui a pouquinho –, o presidente Biden vai chamar uma reunião dos países democratas, ocidentais e cristãos, vai ser isso aí, começa a se definir aí. E eu diria que se o Islã deu um abraço pela esquerda na Espanha, e foi derrotado pelo Charles Martel, que depois vai acabar no império do Carlos Magno, em 800. Essa é a última tentativa europeia de criar um império que não deu certo, de qualquer maneira ficou com uma aliança entre a Igreja e o poder territorial com Carlos Magno. Digamos, esse abraço vai, de certa forma, fechar, em 1452, se não me falha a precisa memória, com a tomada de Constantinopla pelos Otomanos e, portanto, a liquidação do império romano do oriente e a derrota do chamado Cristianismo Ortodoxo enquanto poder territorial, que havia se separado do cato-

⁵ A Batalha de Poitiers ou Batalha de Tours, nomes das cidades francesas próximas à batalha, é considerada a batalha que conteve a expansão islâmica no continente europeu.

licismo romano, em 1054. Então aí, vamos dizer assim, é como se o Islã – vocês já vão perceber porque que eu estou chamando a atenção para isso – é como se o Islã tivesse abraçado esse pedacinho de terra, que é a península ibérica, em geral muito pobre, muito árida, muito atrasada, rigorosamente periférica com relação ao império islâmico, isto é, o império otomano, islâmico, certamente. E é dentro desse território abraçado, que depois vai ser atacado pelos Vikings, vai ser atacado pelos magiares, vai ser atacado pelas tropas do Gengis Khan, vai ser atacado por várias coisas que sempre vêm do oriente, por isso que ficou sempre essa ideia que o pecado vem do oriente, a desgraça vem do oriente, o cisne preto sempre vem da Rússia.

Toda a geopolítica do Mackinder parte dessa ideia que o ataque vem de lá. E de fato esse pedacinho de terra foi, digamos, é como se quem bateu o bolo do sistema interestatal a partir de 900, depois 1000, 1100, foram essas pressões externas, esses ataques externos, e a necessidade de se defender. Fossem os bispados, os bishops, como dizem os ingleses da igreja, que talvez fosse uma das estruturas de poder mais extensas que havia na Europa.

Depois, associado a era dos templários, as ordens religiosas militarizadas, os teutônicos, os templários e várias outras, depois vêm os hospitalários. Essas ordens vão nascendo e tudo isso vai nascendo como criação de uma musculatura interna que junta o poder fragilizado nesse momento do Vaticano, da Igreja Romana, Latina Romana, com o poder territorial dos normandos, dos germânicos, enfim, que vai criando o amálgama, a massa da qual vai nascer a danada da Europa e logo em seguida o seu vitoriosíssimo sistema interestatal e capitalista.

Então, isso é uma coisa fundamental para entender a história desse pedacinho de terra cercado por todos os lados e, além disso, em guerra interna – tem a centralidade desse negócio da guerra nesse

mundo que os europeus inventaram – porque nesse mesmo período em que os europeus estão como que cercados pelos islâmicos por todo o lado, também o Braudel⁶ em algum momento fala disso – a Europa é como se fosse uma ilha cheia de canhões voltados para o mediterrâneo, contra os navios do Suleiman –, enfim, e dos imperadores otomanos que de fato controlavam o mediterrâneo, era um mar islâmico, depois de ter sido romano, passou a ser islâmico. Até vir a ser no tempo do Carlos V, que ainda era permanentemente derrotado pelos otomanos.

Então, dentro do território, entretanto, começa uma reação tentando empurrar para fora, que é aquilo que os espanhóis vão chamar de guerras de reconquista na Espanha, contra os mouros, que vão ser expulsos em 1492, as guerras de reconquista em Portugal, ou mesmo as guerras religiosas dos cavaleiros teutônicos contra a Rússia, em 1200, depois os cruzados atacando a Palestina. Enfim, é como se o Vaticano, junto com o poder dos Feudos e financiando os senhores feudais, vai empurrando, tentando empurrar para fora, digamos, seja a barbárie dos germânicos, dos que vêm do oriente, seja a heresia de Maomé entre os islâmicos.

Mas esse abraço – e isso eu queria dizer a vocês como pano de fundo da conversa –, esse abraço, vamos chamar, entre cristãos e islâmicos, do meu ponto de vista, é absolutamente essencial para entender o que nasceu na Europa e a própria modernidade. Não apenas pelos detalhes das obras da filosofia grega que chegam na Europa pela mão dos Árabes, não é a questão. É porque até 1700 a chamada Europa era inferior ao mundo islâmico-otomano, era uma periferia econômica dos islâmicos- otomanos, era inferior militarmente aos islâmicos-otomanos. Mas é como se fosse uma, mas também uma

6 Fernand Braudel, historiador francês.

relação monoteísta entre ego e alter ego, que perpassa a história desse mundo que nós estamos falando, Europa e o seu entorno, com a exceção da China que corre separado, do ponto de vista do seu debate ético, da sua filosofia confuciana, da sua arreligiosidade, é um debate separado, é uma outra matriz.

Enquanto que esta do Islamismo e do Cristianismo monoteístas são como – e eu acho que não cabe aqui fazer referência ao Judaísmo, o Judaísmo é uma religião monoteísta ligada a um povo pequenininho e irrelevante que era o povo israelita naquele então. Enquanto que essas outras não, particularmente, o Cristianismo de São Paulo, que é um Cristianismo imperial, é uma religião imperial expansiva e universal, e universalizante. É exatamente esse conceito de universalidade, universalidade dos conceitos, universalidade dos valores, universalidade dos critérios científicos do conhecimento, é uma coisa que vai nascer do universalismo filosófico grego, com o universalismo ético cristão. E esse vem até hoje, na coisa do debate dos direitos humanos, exatamente alicerçado por essa origem.

Pois bem, vamos nos aproximando do final. Essas guerras internas cercadas sempre pelo abraço carinhoso islâmico, que segue até hoje. Vocês percebem, eu estou um pouco contando isso e também sublinhando algumas coisas para vocês verem que são as longas durações da história, há umas permanências que transcendem. Frente a essas longas durações a nossa historieta é uma titica em termos de tempo. Para entender, hoje, a explosão da religiosidade conservadora e fundamentalista que está no mundo, é muito importante entender a raiz desse sistema que se alargou com a conquista europeia. Esse fundamentalismo religioso que está no mundo não é só no mundo islâmico, é entre os ortodoxos russos, entre os sunitas turcos, os xiitas persas, e os europeus idem.

Essa xenofobia nacionalista, cristã, religiosa dos poloneses, dos húngaros, e que está na Europa inteira, é a mesma coisa. É o fundamentalismo religioso agressivo e defensivo contra essa explosão de fundamentalismos que está por todo lado, incluindo aqui, que esse neopentecostalismo é uma espécie de fundamentalismo religioso norte-americano, de matriz americana, que está lá e está aqui, é uma cópia disso aqui.

Pois bem, na história desse sistema europeu, eu acho que tem um momento fundamental, e por isso falava em 300 anos, é porque essa massa que vai se adensando dentro da pequena península europeia passa pela reforma. Eu estou sublinhando essa questão religiosa porque eu acho que também tem a ver com vocês. Qual a importância disso? Passa pela reforma protestante de 1517, e a partir daí a fragmentação do território europeu que já era por feudos e por reinos, confirma-se na hora do nascimento dos estados nacionais, nas guerras religiosas que vão separar o Norte da Europa, do Leste da Europa, da Inglaterra, anglicanos, calvinistas, luteranos. Os povos reformados e os povos contrarreformados, Espanha, Portugal, França. E as guerras religiosas que vão tomar conta do século XVI até a Guerra dos 30 anos no século XVII. Essa guerra, de certa forma, não por acaso, é considerada uma guerra fundacional do sistema interestatal.

A Guerra dos 30 anos que ocorre no território alemão, hoje Alemanha, que envolve uma espécie de guerra, a primeira guerra mundial europeia, envolve todo o mundo, e cujo tema inicial é a questão religiosa entre protestantes, luteranos e os demais. Mas que acaba na paz de Vestfália colocando a questão da soberania. E é no momento em que os 140, 150 poderes de todo tipo que havia na Europa, não estados nacionais, poderes de todo tipo, bispos, isso, aquilo, aquilo outro, conseguem chegar a um acordo, que é a eliminação do poder

da Igreja por cima do poder territorial. Por isso, não é por acaso, mais por essa razão do que pela data ou documento específico que o pessoal assinou a paz de Vestfália, que é considerada a data do nascimento do sistema interestatal dos estados nacionais. Por quê? Porque é o momento em que as principais potências e todos os demais aceitam a ideia, acabou-se! Ninguém mais intervém na soberania do outro, ninguém mais tem poder. E esse ‘ninguém’ é, fundamentalmente, a Igreja Católica e o Império Germano Cristão.

Quer dizer, eram os Habsburgo, e naquele momento a Espanha e a Áustria, que eram afastados, não têm mais poder de intervir aqui, nem o Papa. E portanto, cada um está entregue a si mesmo. Eis que nasce, então, em sentido rigoroso, o sistema interestatal europeu. E não é casual que a partir daí, digamos, esse sistema entra com estado de guerra, é quase contínuo, por uma razão que um teólogo e jurista holandês do século XVII, chamado Hugo Grócio, captou na primeira hora quando ele disse, nesse novo sistema que está nascendo, é muito difícil definir o que é uma guerra justa ou injusta. O que é uma guerra santa ou não santa. Porque nesse novo sistema todos são inocentes, do seu ponto de vista, é óbvio. Todas as questões que estão em disputa dentro desse sistema, todo mundo se considera com a razão, e quem é que arbitra? Dentro de um estado territorial você tem, supostamente, enfim, o estado nacional que arbitra. Mas nesse sistema que os europeus estavam criando, quem arbitra? E não vai ser para atender essa função que surgirá o *hegemon*, o hegemônico, ou a potência dominante, não.

A potência dominante dentro do sistema será da luta entre esses estados pelo poder global. E essa potência dominante que foi na maior parte do tempo da história desse sistema, primeiro a Inglaterra, ou se vocês quiserem para ir um pouco mais atrás, primeiro a Espanha, os

Habsburgo, depois a Inglaterra ou Grã-Bretanha, e depois os Estados Unidos, ponto. E essa é uma questão essencial. Esses 3 países não foram eleitos para serem árbitros, nem para serem governantes. De certa forma, eles cumpriram a função de governantes simplesmente porque ganharam na guerra e passaram, portanto, a administrar os seus interesses e o mundo em função dos seus interesses, pronto. Isso o pessoal chamou de hegemonia, e que os Americanos, enfim, depois da Segunda Guerra Mundial, passaram a ser a potência dominante, no fim da Guerra Fria.

Muito bem, para chegar ao fim. Qual é a grande novidade desse momento do conflito entre China e Estados Unidos? Quer dizer, muitos acham que a China vem substituir os Estados Unidos, a China vai ser o novo *hegemon*, vai ser a nova potência dominante. Isso tudo se baseia na experiência da passagem da Inglaterra para os Estados Unidos, que era mais ou menos da mãe para o filho, mais ou menos daquela senhora velhinha para aquele príncipe orelhudo, como vai passando de pai para filho, a Inglaterra e os Estados Unidos.

É uma coisa inteiramente diferente dos criadores do sistema interestatal, isso é, os europeus e seu filhote americano, passarem a supremacia do sistema para uma outra civilização que não nasceu daí, que não vem dessa matriz. Por isso eu contei essa história para vocês, e sempre fui deixando de lado sem precisar detalhar a trajetória da China, porque a China não pertence a essa matriz, não vem dessa matriz monoteísta, não vem dessa matriz greco-romana, não vem de matriz judaica, mas quer falar, então não tem nada a ver com isso. O que não quer dizer que eles não sejam um povo, do ponto de vista filosófico e ético, extremamente conservador, extremamente ético.

Eu acho que o Confúcio é extremamente mais conservador do que qualquer conservador greco-romano, ou cristão, mas pertence a uma

outra matriz. Então, encerro com isso, em boa parte, esse agigantamento do sistema interestatal e dos seus problemas contemporâneos, que muitos veem apenas nesses conflitos Estados Unidos e China, eu diria que transcende muito esse conflito. Na verdade, de alguma maneira, o sistema não está apenas se enfrentando com mais uma Alemanha, ou com mais uma Rússia, que vem incomodar e desafiar os anglo-saxões, que sempre mandaram. Não, não, não. Na verdade, o que você está vendo é uma espécie de um reaparecimento dos velhos grandes impérios, civilizações, na forma de estados nacionais.

E mais, todos eles, sejam os turcos, sejam os chineses, sejam os indianos, todos aceitaram as regras do sistema capitalista e do sistema interestatal. Ninguém, hoje, fala mais a linguagem multilateral do sistema interestatal do que Xi Jinping, o chinês, pela paz, pela convivência, pela harmonia entre os povos, pela colaboração, pela tentativa de eliminação da miséria, enfim. Ninguém mais tem, sobretudo, nesse período desse senhor Trump, esse que, enfim, era agressivamente contra tudo isso. O que, entretanto, permanece com uma dificuldade de ser pensada, é porque esses povos, os Chineses, de certa maneira, eles aderiram às regras do jogo de acumulação de poder e capital do sistema interestatal capitalista. A ideia da soberania, a ideia disso, na multilateralidade, sistemas que são comuns, os regimes, eles foram aderindo a isso, mas eles têm uma matriz ética diferente.

E para que você tenha uma nova ordem mundial, ou qualquer ordem mundial, impõe-se a existência de uma espécie, eu chamaria, de segunda cultura ética-jurídica que seja mais além da de cada um. Não basta você estar de acordo com as regras do jogo econômico capitalista e do jogo de poder interestatal. Para você ter uma ordem, é necessário algo mais que foi possível, perfeitamente, entre os ingleses, os americanos, os alemães, ou mesmo os russos. Que todos comparti-

lhavam, de alguma forma, uma matriz, em última instância, se vocês quiserem, até mesmo Cristã, Greco-Romana e Cristã.

Os Chineses não são Greco-Romanos, não são Cristãos, não são Ortodoxos, não são Luteranos, não são Calvinistas, não são reformados, não são monstros, não são como dizem, nem muito menos. Mas eles têm, por um lado, eles são um povo que está vencendo o jogo do poder e da acumulação do capital, do sistema interestatal, com uma capacidade gigantesca e uma velocidade absolutamente sem precedentes. Mas ao mesmo tempo eles são um povo que preserva algo acima de qualquer coisa, os valores da sua civilização. E isso exatamente na hora em que os próprios europeus enfrentam uma crise gigantesca, tanto por tentarem criar uma união europeia se desfazendo da velha máquina que eles inventaram, de acumulação de riqueza e poder baseada na competição entre os estados, sem conseguir chegar lá. Porque como já em vários outros lugares tentei discutir, se eles chegassem lá, eles perderiam a própria vitalidade. Então, eles estão sofrendo um processo de decomposição nesse momento do projeto europeu, exatamente nessa hora em que você tem uma espécie de avanço de um grande membro do grande sistema que os europeus inventaram, mas que tem uma civilização – vem de uma civilização diferente.

Autoras e autores

CAPÍTULO I

Virgínia Fontes Historiadora, com mestrado na UFF (1985) e doutorado em Filosofia - Université de Paris X, Nanterre (1992). Atua na Pós-Graduação em História da UFF. Integra o NIEP-MARX - Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o marxismo. Coordena o Grupo de Trabalho e Orientação-GTO (www.grupode-trabalhoeorientacao.com.br). Trabalhou na Fiocruz, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio-EPSJV, onde também coordenou e participa de curso de Especialização. Em atuação conjunta entre Escola Nacional de Saúde Pública-ENSP, a EPSJV e o Ministério da Saúde, coordenou coletivamente e atuou no mestrado profissional “Trabalho, Saúde, Ambiente e Movimentos Sociais”. Principais áreas de atuação: Teoria e Filosofia da História, Epistemologia, História do Brasil República, História Contemporânea. Autora de Reflexões Im-pertinentes (2005), de O Brasil e o capital-imperialismo: teoria e história (2010), co-autora de Hegemonia Burguesa na Educação Pública (EPSJV, 2018) e de inúmeros artigos em periódicos nacionais e internacionais. Docente da Escola Nacional Florestan Fernandes-MST. Coordenadora do GT História e Marxismo-Anpuh. Integra diversos conselhos editoriais no país e no exterior.

CAPÍTULO II

Cézar Maranhão Professor Associado I, do Departamento de Políticas Sociais e Serviço Social da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Doutor em Serviço Social pela

Universidade Federal de Pernambuco (2009). Tem experiência na área de conhecimento do Serviço Social, com ênfase no estudo e pesquisa da tradição marxista e da relação entre Trabalho e políticas sociais no Brasil. Pesquisador do Núcleo de Estudos Marxistas - NEPEM/UFRJ e Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFPE.

CAPÍTULO III

Henrique Vieira Teólogo, pastor, ator, pesquisador da arte do palhaço, professor, cientista social, historiador e escritor. Tem se dedicado no combate ao fundamentalismo religioso no Brasil. Pastoreia a Igreja Batista do Caminho, comunidade de fé itinerante que realiza suas celebrações em Niterói e Rio de Janeiro. Integra o Coletivo Esperançar, que reúne evangélicos na relação entre Evangelho e Direitos Humanos e respeito à diversidade. É Membro do Conselho Deliberativo do Instituto Vladimir Herzog. Atuou no filme Marighella, com direção de Wagner Moura. Em maio, lançou o seu primeiro livro “O amor como revolução” pela editora Objetiva.

Mauro Iasi Professor Associado I da ESS da UFRJ. Departamento de Política Social e Serviço Social Aplicado. Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1983), mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo (1999) e Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (2004). Participa do Núcleo de Estudos e Pesquisas Marxistas (NEPEM- ESS - UFRJ). Educador popular do NEP 13 de Maio. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Teoria Sociológica, Sociologia Política e Sociologia do Trabalho. Concentra sua atenção, atualmente, nos seguintes temas:

ideologia, consciência de classe, classes sociais, processos políticos, partidos, educação popular e teoria do Estado. Integrante do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

CAPÍTULO IV

Marildo Menegat Possui graduação em Filosofia (UFRJ - 1992), mestrado em Filosofia (UFRJ - 1995); doutorado em Filosofia (UFRJ - 2001) e pós-doutorado em Filosofia (USP- 2010). Atualmente é professor Associado IV, lotado no Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos Humanos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NEPP-DH). É professor do Programa de Pós-graduação de Políticas Públicas em Direitos Humanos. Tem experiência na área de Teoria Crítica, atuando principalmente nos seguintes temas: crítica da economia política da barbárie, militarização do cotidiano e crítica da cultura.

Enrique Ortega Rodriguez Possui graduação em Engenharia Química pela Universidade Nacional Autônoma do México (1967), Mestrado (1970) e Doutorado (1987) em Engenharia de Alimentos pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é professor na Faculdade de Engenharia de Alimentos da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de Ecologia de Sistemas, Economia Ecológica e Engenharia Ecológica. Realiza pesquisa em análise emergética de sistemas agrícolas e agroindustriais, diagnóstico de bacias hidrográficas, modelagem de sistemas hídricos e terrestres, desenvolvimento de software para certificação de sistemas rurais, medição da sustentabilidade na produção de alimentos, estudo de ecounidades (sistemas integrados de produção de alimentos, energia e serviços ambientais), cálculo do valor dos serviços ambientais e das externalidades negativas na agricultura.

Leonardo Boff Filósofo, teólogo, doutor em Teologia e Filosofia pela Universidade de Munique-Alemanha, em 1970. Durante 22 anos, foi professor de Teologia Sistemática e Ecumênica, em Petrópolis, no Instituto Teológico Franciscano. Professor de Teologia e Espiritualidade em vários centros de estudo e universidades, no Brasil e no exterior, além de professor-visitante nas universidades de Lisboa (Portugal), Salamanca (Espanha), Harvard (EUA), Basel (Suíça) e Heidelberg (Alemanha). Esteve presente nos inícios da reflexão que procura articular o discurso indignado frente à miséria e à marginalização com o discurso promissor da fé cristã, gênese da conhecida Teologia da Libertação. Foi sempre um ardoroso defensor da causa dos Direitos Humanos, tendo ajudado a formular uma nova perspectiva dos Direitos Humanos a partir da América Latina, com “Direitos à Vida e aos meios de mantê-la com dignidade”. É doutor *honoris causa* em Política, pela universidade de Turim (Itália), e em Teologia, pela universidade de Lund (Suécia). Foi ainda agraciado com vários prêmios no Brasil e no exterior, por causa de sua luta em favor dos fracos, dos oprimidos e marginalizados e dos Direitos Humanos. Site: <https://leonardoboff.org/>

CAPÍTULO V

Jan Douwe van der Ploeg Professor em sociologia rural na Universidade de Wageningen/Holanda e consultor do Ministério da Agricultura da Itália. Tem liderado pesquisas e redigido livros e artigos sobre os temas do desenvolvimento rural, processos de reforma agrária, campesinato, estilos de agricultura, mercados agrícolas e alimentares, assim como os impactos das mudanças tecnológicas.

Paulo Petersen Agrônomo, coordenador executivo da AS-PTA - Agricultura Familiar e Agroecologia, membro do núcleo executivo da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia)

CAPÍTULO VI

Paulo Nakatani Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Paraná (1971), D.E.A. em *Système de L'économie Mondiale* - Université de Paris X, Nanterre (1981), doutorado em Ciências Econômicas - Université de Picardie (1982), e pós-doutorado na Université Paris XIII (2002). Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Espírito Santo, atuando no Departamento de Economia e no Programa de Pós-Graduação em Política Social, professor colaborador da Escola Nacional Florestan Fernandes, membro do Conselho Editorial da Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política e da Crítica Marxista, ex-Presidente da SEP - Sociedade Brasileira de Economia Política, membro do Observatório Internacional da crise e do Fórum Mundial de Alternativas. Tem experiência na área de Economia, com ênfase em Estado, Política Monetária e Fiscal do Brasil, atuando principalmente, nos seguintes temas: capitalismo contemporâneo, Socialismo, política econômica, política monetária, setor externo e política fiscal.

Marcio Pochmann Graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1984), pós-graduação em Ciências Políticas pela Associação de Ensino Superior do Distrito Federal, doutorado em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas (1993) e concursos de pesquisador do Centro de Estudos

Sindicais e de Economia do Trabalho (1989), de professor (1994), Livre Docente (2000) e Titular (2014) pela Unicamp. Atualmente é professor colaborador voluntário no Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de Economia, com ênfase em Economia Social e do Trabalho, atuando, principalmente, nos seguintes temas: desenvolvimento, políticas públicas e relações de trabalho.

CAPÍTULO VII

Monica Esmeralda Bruckmann Maynetto Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Bacharel em Ciências Sociais. É Professora do Departamento de Ciência Política e do Programa de Pós-Graduação de História Comparada - PPGHC da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Diretora de Pesquisa da Cátedra e Rede da UNESCO sobre Economia Global e Desenvolvimento Sustentável (REGGEN), Coordenadora do Grupo de Trabalho Geopolítica, integração regional e sistema mundial do Conselho Latinoamericano e Caribenho de Ciências Sociais (CLACSO), Coordenadora do Núcleo de Pesquisa da UFRJ sobre Geopolítica, Integração Regional e Sistema Mundial-GIS/UFRJ, Vice-Presidente da Agência Latino-americana de Informação (ALAI), membro permanente do claustro de orientadores do Doutorado de Ciências da Administração da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), pesquisadora associada do Centre Tricontinental (Bélgica) e pesquisadora da Rede de Estudos de Economia Mundial (REDEM), com sede na Universidade de Puebla/México. É membro da diretoria do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para

o Desenvolvimento (Brasil), membro do comitê editorial da revista Social Change (Índia), da Revista Passagens e da Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica.

Elias Marco Khalil Jabbour Possui graduação em Geografia pela Universidade de São Paulo (1997), mestrado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (2005), e doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (2010). É professor Adjunto da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCE-UERJ), do Programa de Pós-graduação em Ciências Econômicas (PPGE-FCE-UERJ) e do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais (PPGRI-UERJ). É subchefe do Departamento de Evolução Econômica da FCE-UERJ. É bolsista do Programa de Incentivo à Produção Científica, Técnica e Artística (PROCIÊNCIA) da UERJ. Foi entre abril de 2006 e fevereiro de 2007 – Assessor Econômico da Presidência da Câmara dos Deputados (Brasília-DF). Tem experiência na área de Geografia e Economia com ênfase em Geografia Humana e Econômica, Economia Política, Economia Política Internacional e Planejamento Econômico, atuando, principalmente, nos seguintes temas: China, Categorias de Transição ao Socialismo, Estratégias e Experiências Nacionais e Comparadas de Desenvolvimento, Categoria Marxista de Formação Econômico-Social e Pensamento Independente de Ignacio Rangel.

José Luis da Costa Fiori Professor titular de Economia Política Internacional do Instituto de Economia, e do Núcleo de Estudos Internacionais da UFRJ, e professor titular de Medicina Social (aposentado) do Instituto de Medicina Social da UERJ. Atualmente, é Coordenador do Grupo de Pesquisa do CNPQ/UFRJ, “O Poder Global e a Geopo-

lítica do Capitalismo”, e do Laboratório “Ética e Poder Global”, do PPGBIOS e do PEPI/UFRJ. E professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional - PEPI/UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva e Bioética, PPG-BIOS/UFRJ.

Esta publicação foi projetada e diagramada no Rio de Janeiro em novembro de 2020 e impressa em papel Pólen Soft 80 g/m² pela gráfica Corprint em São Paulo, em fevereiro de 2021. O texto foi composto em Sabon 11,5/15,7pt em página de 170x225mm. A tiragem é de mil exemplares.

Esta versão digital ampliada foi finalizada em fevereiro de 2021.

capítulos

Crise das democracias liberais e poder de Estado

Mundo do trabalho

Ideologia e ascensão conservadora

Ecologia e luta de classes

Campesinato, soberania alimentar e abastecimento popular

Economia política da crise

Geopolítica

textos de

César Maranhão

Elias Jabbour

Enrique Ortega

Pastor Henrique Vieira

Jan Douwe van der Ploeg

José Luis Fiori

Leonardo Boff

Márcio Pochmann

Marildo Menegat

Mauro Iasi

Mônica Brukmann

Paulo Nakatani

Paulo Petersen

Virgínia Fontes

ANAC
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DA
AGRICULTURA CAMPONESA



**FUNDAÇÃO
ROSA
LUXEMBURGO**

ISBN 978-65-87389-08-0

